

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - PROFIAP**

RUI ERNESTO RIBAS ZANCHET

**O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO.**

**DOURADOS
2019**

RUI ERNESTO RIBAS ZANCHET

**O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional (PROFIAP) da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração Pública.

Orientador: Prof. Dr. Luan Carlos Santos Silva.

**DOURADOS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Z27c Zanchet, Rui Ernesto Ribas

O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO. [recurso
eletrônico] / Rui Ernesto Ribas Zanchet. -- 2019.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: LUAN CARLOS SANTOS SILVA.

Dissertação (Mestrado em Administração Pública)-Universidade Federal da Grande Dourados,
2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Empreendedorismo. 2. Educação Empreendedora. 3. Competências Empreendedoras. 4.
Formação Profissional. I. Silva, Luan Carlos Santos. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



UFGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO FINAL DE Mestrado APRESENTADA POR **RUI ERNESTO RIBAS ZANCHET**, ALUNO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM REDE NACIONAL, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA".

Aos trinta dias do mês de setembro de dois mil e dezenove, às 14 horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Trabalho de Conclusão Final de Mestrado intitulada "O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO", apresentada pelo mestrando **Rui Ernesto Ribas Zanchet**, do Programa de Pós-Graduação em ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. Luan Carlos Santos Silva/UFGD (presidente - orientador), Prof.^a Dr.^a Kellcia Rezende de Souza/UFGD (membro titular - interno), Prof.^a Dr.^a Josiane Fujisawa Filus de Freitas/UFGD (membro titular - externo), Prof. Dr. Antônio Carlos Vaz Lopes (membro titular - externo) e Prof. Dr. Élcio Gustavo Benini/UFMS (membro titular - externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer o candidato e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação do Trabalho de Conclusão Final. Após o candidato ter apresentado o seu Trabalho de Conclusão Final, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido o candidato considerado aprovado, fazendo jus ao título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. Os membros da banca abaixo assinados atestam que o Prof. Dr. Élcio Gustavo Benini participou de forma remota desta defesa de dissertação, considerando o candidato aprovado. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados, 30 de setembro de 2019.

Prof. Dr. Luan Carlos Santos Silva

Prof.^a Dr.^a Kellcia Rezende de Souza

Prof.^a Dr.^a Josiane Fujisawa Filus de Freitas

Prof. Dr. Antônio Carlos Vaz Lopes

Prof. Dr. Élcio Gustavo Benini

(Participação Remota)

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

ATA HOMOLOGADA EM: __/__/__, PELA PROPP/ UFGD.

Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
Assinatura e Carimbo



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM REDE
NACIONAL - PROFIAP
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO À DISTÂNCIA - SÍNCRONA - EM BANCA DE
DEFESA DE MESTRADO/ UFGD**

Às 14h do dia 30/09/2019, participei de forma síncrona com os demais membros que assinam a ata física deste ato público, da banca de Defesa de Dissertação do candidato **Rui Ernesto Ribas Zanchet**, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Administração Pública em Rede Nacional.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pelo candidato, formalizo para fins de registro, por meio deste, minha decisão de que o candidato pode ser considerado: **APROVADO**.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Élcio Gustavo Benini
Universidade Federal De Mato Grosso do Sul / UFMS

Dedico este trabalho a Jesus Cristo, meu senhor e salvador, a meu amado pai, Rui (*in memoriam*), e meu querido avô, Vicente (*in memoriam*), e, não menos importante, a minha amada esposa e filho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza, pelo sopro de vida, fonte de inspiração e por permitir essa conquista.

Ao meu orientador Prof. Dr Luan Carlos Santos Silva por aceitar conduzir este trabalho de pesquisa, por sua colaboração e paciência em todos os momentos deste processo.

A todos os professores do curso pelos conhecimentos compartilhados ao longo deste período de formação.

Ao meu filho Miguel, por ser uma benção do Senhor e fonte de alegria em minha vida.

Ao meu avô Vicente Ribas, por ter mostrado desde a minha infância o quão importante é a educação.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que se tornasse possível a realização deste sonho

E especialmente à minha amada esposa, Esther, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos de nossa jornada, nunca deixando de acreditar no meu sucesso.

*Prepara o teu cavalo para o dia da batalha,
mas é o Senhor que dá a vitória (Provérbios
21:31)*

RESUMO

As mudanças ocorridas nas últimas décadas nas relações do trabalho, da produção e do consumo impulsionadas também pelas tecnologias da informação e comunicação impactaram a sociedade e passaram a exigir dos indivíduos novos conhecimentos, habilidades e qualificações com a finalidade suprir o mercado de trabalho dinâmico e imprevisível. A introdução de disciplinas sobre empreendedorismo no âmbito acadêmico visa a adequação do ensino universitário a esta nova realidade social. Esta nova forma de educação pode ser uma ferramenta auxiliar de aperfeiçoamento acadêmico e profissional com a finalidade de contribuir para acurar a criticidade, flexibilidade, iniciativa, capacidade técnica e de inovação capacitando-os a lidar com os novos desafios exigidos pelas organizações. Com o objetivo de avaliar o desenvolvimento do ensino voltado ao empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD, analisou-se o processo de institucionalização de ensino na universidade através do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e dos Projetos Pedagógico dos Cursos (PPC) de graduação do universo selecionado. Também se identificou junto as Pró-reitorias os principais projetos de desenvolvimento, ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão com foco no empreendedorismo. Além disso, buscou-se compreender como o ensino do empreendedorismo é percebido pelos coordenadores de cursos de graduação e mapear as principais políticas públicas adotadas pelo Governo Federal. Foi realizado um estudo bibliográfico sobre o tema empreendedorismo e posteriormente como base no Estudo de Caso realizou-se a análise dos PPC de cada curso de graduação, os projetos desenvolvidos pelas Pró-reitorias de Graduação, de Pós-graduação e Pesquisa e de Extensão e Cultura e a aplicação de questionário aos coordenadores de cursos do universo selecionado. Por fim procedeu-se a Análise da Cadeia de Valor do Cliente cujo objetivo é identificar as partes interessadas pertinentes, suas relações uns com os outros, e seu papel no ciclo de vida do produto. Na quarta parte desta dissertação foi realizada a análise dos dados obtidos durante a pesquisa, utilizando-se das entrevistas, os dados dos documentos coletados e a Análise da Cadeia de Valor do Cliente. Por fim recomenda-se mudanças organizacionais e documentais com vistas a tornar o ensino voltado ao empreendedorismo dentro da UFGD mais efetivo.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Educação Empreendedora; Competências Empreendedoras; Formação Profissional.

ABSTRACT

The recent changes of the past decades in work relationship, production, and consumption brought by the new information technology and communications processes have had a huge impact on the whole society, demanding from personnel new abilities and qualifications to attend this same unpredictable and dynamic working market. The introduction of entrepreneurship classes in college departments aims at the adequacy to this new social reality. Such groundbreaking form of education can be an auxiliary tool to the professional and academic refinement contributing to making sharp criticality, flexibility, initiative, and the technical capacity of innovation, allowing students to face the challenges of these postmodern organizations. To evaluate the development of the content of entrepreneurship in College degree courses at UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), it was analyzed the institutionalization of the teaching process that came through the Institutional Developmental Plan (PDI) and through the Courses Pedagogical Projects (PPC) respective to ones which included this new curriculum. It was also identified in a search at the Dean office the main development projects which focused on entrepreneurship; the spectrum of analysis covered graduate curriculum, research, and post-graduate and extension. The present research has investigated how the disciplines related to entrepreneurship are being perceived by graduate coordinators; as part of the research it was also mapped the main public policies adopted by the Federal Government concerning the theme. The Study Case was structured as having the first step the bibliographical analysis of the entrepreneurship theme, followed by the PPC analysis of each degree course, having as support each of the projects developed by the dean faculties on graduate and post-graduate courses, research and extensions, and also the appreciation of a survey questionnaire filled by the coordinators of the specific universe in analysis. At last, it was applied the analysis of the Value Chain which objective is to identify the stakeholders, their relationships with each other, and their role in the product life cycle. In the fourth part of this dissertation the data obtained during the during the research was analyzed, it consisted of the results of survey questionnaire, the bibliographical data from the institutional bureaucratic and legal documentation, and the analysis of the Client Value Chain. At last, recommendations concerning organizational changes and related to documentation were given, all of them intending to a more effective teaching of entrepreneurship at the UFGD.

Keywords: Entrepreneurship; entrepreneurial education; entrepreneurial skills, professional qualification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Competências por trajetória de carreira - organização privada.....	45
Figura 2 - Teoria do Comportamento Planejado	62
Figura 3 - O processo empreendedor segundo definições adotadas pelo GEM 2016.....	65
Figura 4 - Etapas de um Estudo de Caso	109
Figura 5 - Análise da Cadeira de Valor do Cliente	117
Figura 6 - Ensino, Pesquisa, Extensão, NIPI, EJ, Incubadoras e o NIPem	137
Figura 7 - Organograma do NIPem	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participação percentual dos gastos nas atividades inovativas das empresas industriais, que implementaram inovações de produtos ou processo – Brasil – 2011/2014.	56
Gráfico 2 - Características empreendedoras extraídas da análise dos PPCs e entrevistas com os coordenadores de cursos de graduaçãoNota: Elaborado pelo autor	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definições de Competências	32
Quadro 2 - Comparação entre aprendizagem de crianças (pedagogia) e adultos (andragogia)	38
Quadro 3 - Categorias de Competências Empreendedoras e suas características	42
Quadro 4 - Principais Competências Empreendedoras - SEBRAE	46
Quadro 5 – Programas do Governo Federal voltados ao Empreendedorismo	49
Quadro 6 - Tese e Diretrizes para PNEN.....	52
Quadro 7 - Tipos de Inovação	55
Quadro 8 - Definições de Empreendedorismo.....	63
Quadro 9 - Estágios de evolução de ensino do empreendedorismo em uma IES	77
Quadro 10 - Empresas Juniores (EJ) constituídas na UFGD	82
Quadro 11 - Atividades de extensão com caráter empreendedor desenvolvidas pela PROEX	83
Quadro 12 - Pesquisa, Extensão, Inovação e Integração Nacional e Internacional - UFMS	85
Quadro 13 - Principais características dos cursos de graduação do universo selecionado.	107
Quadro 14 – Coordenadores dos Cursos de Graduação da UFGD entrevistados	112
Quadro 15 – Participantes do Grupo Focal.....	114
Quadro 16 - Etapas seguidas para construção e elaboração da análise CVC.....	116
Quadro 17 – Cursos de Graduação da UFGD que possuem a disciplina de empreendedorismo.....	121
Quadro 18 – Questionário utilizado para entrevistas com os Coordenadores de Cursos de Graduação.....	127
Quadro 19 – Distribuição dos Cursos de Graduação por Faculdade	127
Quadro 20 – Síntese da análise dos PPCs e entrevistas com os Coordenadores de Cursos de Graduação	128
Quadro 21 - Informações extraídas da realização do Grupo Focal.....	131

Quadro 22 - Pressupostos que norteiam a criação do NIPEm	134
Quadro 23 - Matriz Lógica para o Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras.....	136
Quadro 24 - Portfólio de Competências Empreendedoras desejáveis aos profissionais Do Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPEm) da UFGD	138
Quadro 25 - Catálogo de possíveis atividades desenvolvidas pelo NIPEm e seus integrantes.....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principal responsável pelo desenvolvimento da inovação implementada, segundo as atividades da indústria, do setor elétrico e gás e dos serviços selecionados Brasil – período 2012-2014.....	57
Tabela 2 - Taxas de empreendedorismo segundo o estágio dos empreendimentos – Brasil – 2015/2016	66
Tabela 3 - Taxas específicas de empreendedorismo inicial (TEA) e estabelecido (TEE) segundo nível de escolaridade – Brasil 2016.....	67
Tabela 4 - Distribuição do número de empregados com carteira de trabalho assinada por porte de empresa na RAIS – Brasil	68
Tabela 5 - Números da INOVA sobre Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia e Empreendedorismo - 2017.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS

- AGINOVA** – Agência de Desenvolvimento, Inovação e Relações Internacionais
- CEUD** – Centro Educacional de Dourados
- CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CPD** – Centro Pedagógico de Dourados
- CVCA** – Customer Value Chain Analysis (Análise da Cadeia de Valor do Cliente)
- DIEESE** – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
- EKOa** – Incubadora Cultural da UFGD
- EJ** – Empresa Júnior
- EMPRETEC** – Programa de Empresários e Futuros Empreendedores
- FACE** – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia
- FACET** – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia
- FADIR** – Faculdade de Direito e Relações Internacionais
- FAEN** – Faculdade de Engenharia
- FCA** – Faculdade de Ciências Agrárias
- FCBA** – Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais
- FGV** – Fundação Getúlio Vargas
- GDTEc** – Incubadora Tecnológica da UFGD
- GEM** – Global Entrepreneurship Monitor (Monitor Global de Empreendedorismo)
- GF** – Grupo Focal
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICT** – Instituição Científica e Tecnológica
- IES** – Instituição de Ensino Superior
- INOVA** – Agência de Inovação da Unicamp
- ITESS** – Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da UFGD
- MDIC** – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
- MEC** – Ministério da Educação
- MIT** – Massachusetts Institute of Technology – Instituto Tecnológico de Massachusetts
- MPE** – Micro e Pequenas Empresas
- NIPEm** – Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras
- NIPI** – Núcleo de Inovação e Propriedade Intelectual

NIT – Núcleo de Inovação Tecnológica

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

ONU – Organização das Nações Unidas

PDAC - Product Definition Assessment CheckList (Lista de Verificação de Avaliação e Definição do Produto)

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PIB – Produto Interno Bruto

PINTEC – Pesquisa de Inovação

PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio

PNE – Política Nacional de Educação

PNEE – Programa Nacional de Educação Empreendedora

PNEN – Plano Nacional de Empreendedorismo e Negócios

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

PPI – Plano Pedagógico Institucional

PRAD – Pró-Reitoria de Administração

PROAE – Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis

PROAP – Pró-Reitoria de Avaliação Institucional e Planejamento

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas

PROGRAD – Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

PROPP – Pró-Reitoria de Ensino de Pós-graduação e Pesquisa

Protec – Sociedade Brasileira Pró-Inovação Tecnológica

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

SEBRAE – Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas

TCP – Teoria do Comportamento Planejado

TEA – Taxa de Empreendedorismo Inicial

TEE – Taxa de Empreendedorismo Estabelecido

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

TTE – Taxa Total de Empreendedorismo

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
1.1.	JUSTIFICATIVA	25
1.2.	QUESTÕES-PROBLEMA.....	27
1.3.	OBJETIVOS	28
2	REFERENCIAL TEÓRICO-NORMATIVO	29
2.1.	EDUCAÇÃO POR COMPETÊNCIAS.....	29
2.1.1.	Pedagogia das Competências	35
2.1.2.	As diferentes Gerações (Baby boomers, X e Y) e o ambiente de aprendizagem	39
2.1.3.	Competências Empreendedoras.....	41
2.2.	POLÍTICA EDUCACIONAL EMPREENDEDORA NO BRASIL.....	47
2.2.1.	Inovação	53
2.2.2.	Empreendedorismo.....	59
2.2.3.	Empreendedorismo acadêmico.....	69
2.2.4.	Educação Empreendedora	74
2.2.5.	Cultura Empreendedora.....	77
2.3.	EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA UFGD	80
2.3.1.	Pró-reitorias	81
2.3.2.	Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI.....	84
2.3.3.	Divisão de Incubadoras da UFGD.....	86
2.3.4.	Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE.....	88
2.3.5.	Faculdade de Ciências Agrárias – FCA.....	90
2.3.6.	Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais – FCBA.....	93
2.3.7.	Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia – FACET	96
2.3.8.	Faculdade de Direito e Relações Internacionais – FADIR.....	99
2.3.9.	Faculdade de Engenharia – FAEN	101
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	106
3.1.	ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.....	106
3.2.	ESTUDO DE CASO	110
3.2.1.	Análise documental	111
3.2.2.	Elaboração e aplicação do questionário.....	111
3.2.3.	Grupo Focal.....	114
3.2.4.	Análise da Cadeia de Valor do Cliente (CVCA).....	115

3.3.	PROPOSTA DE PROJETO ORGANIZACIONAL	117
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	119
4.1.	DAS QUESTÕES-PROBLEMA	120
4.2.	GRUPO FOCAL	131
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - MODELO CONCEITUAL DO NÚCLEO INTEGRADO DE PRÁTICAS EMPREENDEDORAS - NIPEM.....	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	146
	APÊNDICE – A	160
	APÊNDICE – B	161
	APÊNDICE – C	199
	APÊNDICE – D	209

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre o empreendedorismo em número de artigos científicos cresceu nos últimos anos, principalmente por representar, segundo a visão de alguns pesquisadores, um elemento indutor do desenvolvimento econômico e social de países. O empreendedorismo repercute nas mais diversas áreas do conhecimento mas quando o tema é educação a universidade passa a ter um papel preponderante na formação de profissionais aptos a explorar oportunidades e aproveitar social e economicamente o conhecimento científico produzido (ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 1995; 2000; MARTINS, 2014; SANTOS, 2017; DORNELAS, 2017; DORNELAS, 2018).

A educação voltada para o empreendedorismo gera fortes embates ideológicos entre defensores determinados e críticos ferrenhos. Os adeptos defendem que é a única forma de geração de riqueza duradoura e sustentável, contribuindo para redução da desigualdade social, promovendo o desenvolvimento econômico e social, auxiliando uma melhor distribuição de renda e estimulando a inovação e a oferta de novos serviços e produtos (FILION, 1999; DOLABELA, 2011; ETZKOWITZ, 2013; DORNELAS, 2018). Por outro lado, os críticos afirmam que o empreendedorismo além de ser fruto de uma política neoliberal, institui a ideia de sucesso ou fracasso econômico e social, exclui a proteção do trabalhador, retira a sensação de realização profissional por meio do emprego convencional, intensifica a competição promovendo o individualismo mascarando, desta forma, as fragilidades do sistema capitalista (LIMA, 2008; DREWINSKI, 2009; BONDAN, 2016).

Acredita-se que o empreendedorismo é um dos elementos que pode auxiliar a alavancagem econômica, social, tecnológica e educacional de um país. A educação voltada ao empreendedorismo surgiu em meados do século XX, na *Harvard Business School*, ocasião que professores incluíram uma disciplina específica sobre o tema nominada ‘gerenciamento de pequenas empresas’. Contudo, foi a partir da década de 1980, que esse tema teve maior destaque no campo educacional principalmente nos Estados Unidos, Canadá e França com pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais aplicadas. Estes estudos buscavam solucionar problemas

relativos a mortalidade de novos empreendimentos e tentavam articular o relacionamento entre universidades e empresas (DRUCKER, 1987; FILION, 1999; COAN, 2011; SANTOS, 2017).

Seguindo a tendência canadense, francesa e norte-americana a Fundação Getúlio Vargas – FGV – em 1981, foi a primeira instituição de ensino superior no Brasil a incluir em sua grade curricular uma disciplina voltada ao empreendedorismo no curso de Administração com o nome de ‘Novos Negócios’ (CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006; COAN, 2011; DOLABELA, 2011). A partir desta experiência ocorrida com a FGV outras Instituições de Ensino Superior – IES – no Brasil aderiram a este novo viés educacional buscando promover o empreendedorismo e o intercâmbio de conhecimento científico com a sociedade, estimulando a criação o desenvolvimento e alicerçando a cultura empreendedora (COAN, 2011; PEREIRA, 2001).

Partindo da premissa que o perfil empreendedor pode ser tanto uma característica inata do ser humano quanto também pode ser despertado, estimulado ou incentivado por meio da educação e, ainda, percebendo a importância do tema principalmente para as universidades o objeto de estudo da presente dissertação é o empreendedorismo ou educação voltada para o empreendedorismo nos cursos de graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Tomou-se como base pesquisadores que defendem o processo de formação e ensino do empreendedorismo em todos os níveis educacionais e, principalmente, no âmbito acadêmico (PEREIRA, 2001; DOLABELA, 2011; DORNELAS, 2018; DOLABELA e FILION, 2013; DRUCKER, 1987; FILION, 1999).

Para Peter Drucker (1987) o empreendedorismo abarca um conjunto de ações, regras e práticas voltadas para uma administração sistêmica e organizada com o objetivo de preparar profissionais para atuar em empreendimentos de pequeno e médio porte, transformando a cultura tradicional de administração de grandes empresas, a partir da concepção da pequena empresa. O autor ainda destaca que o pequeno empreendimento, assim como grandes empresas, exige de seu administrador uma estratégia empreendedora com práticas e critérios inovadores voltados para o mercado (DRUCKER, 1987; GOMES, 2005; MEDEIROS, 2012).

Filion (1999, p. 21, 19) explica que o “campo do empreendedorismo pode ser definido como aquele que estuda os empreendedores” e que empreendedor é a “pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”. Estas conceituações sintéticas são resultado de diversas concepções sobre empreendedores que Filion (1999, p. 19) traz em sua obra, tais como: o empreendedor “é uma pessoa criativa”, “marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos”, “que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios”, “que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios”, “que toma decisões moderadamente arriscadas” e “que objetivam a inovação” (FILION, 1999).

Para Dolabela (2011, p 43) o empreendedorismo designa a pessoa que se “dedica à geração de riqueza, seja na transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em áreas como marketing, produção, organização, etc.” Alguns pesquisadores acreditam que o empresário empreendedor pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento econômico, geração de emprego e distribuição de renda não só na localidade onde está inserido mas também de forma regional (GOMES, 2005; SCHUMPETER, 1934; DOLABELA, 2011; DRUCKER, 1987; DORNELAS, 2018).

Dornelas (2018, p. 8) enuncia que empreendedores “são pessoas diferenciadas que, possuem motivação singular, são apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado”. Pode-se dizer que o empreender está relacionado a sensação de autorrealização e de satisfação pessoal. Dornelas (2018) acredita que pessoas possam ser educadas ou estimuladas a se tornarem empreendedoras, ou seja, o empreendedorismo não é apenas uma característica inata (que nasce com a pessoa), mas que pode ser ensinada, aperfeiçoada e aprimorada (DORNELAS, 2018; DOLABELA, 2011; DRUCKER, 1987).

O ensino voltado ao empreendedorismo expandiu-se principalmente a partir da criação de cursos de especialização e pós-graduação nas diversas áreas do conhecimento (economia, comportamento humano, engenharia, finanças, gerenciamento e marketing) buscando novas abordagens que pudessem acompanhar as recentes mudanças tecnológicas, as quais passaram a

ditar o ritmo dos negócios. A pedagogia empreendedora é desafiadora para mestres e alunos, principalmente pelo fato de os primeiros terem a incumbência de despertar em seus aprendizes a capacidade criativa para inovar e transformar o cenário no qual estão inseridos (DRUCKER, 1987; DOLABELA, 2011; DORNELAS, 2018; ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016; BONDAN, 2016; COAN, 2011; D'ALBERTO, 2005; MARTINS, 2010).

A educação, de maneira geral, apresenta-se como uma maneira de promover a cidadania, potencializar o pensamento crítico, compreender políticas econômicas e sociais suas diferenças e questionar desigualdades, ou seja, é primordial para efetivação de direitos e para prática da cidadania (NUSSBAUM, 2010; ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016). O conceito de educação para a cidadania vem sendo associado a formação de cidadãos proativos, inovadores e empreendedores de forma a estimular o desenvolvimento guiado pela união social e econômica. Para Albuquerque, Ferreira e Brites (2016, p. 1035) a educação empreendedora visa o “estímulo a respostas inovadoras e ao envolvimento dos cidadãos na construção de alternativas sociais e económicas para os problemas individuais e/ou coletivos elementos basilares na concepção da chamada ‘cultura empreendedora’ ” (ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016).

No entanto a educação empreendedora não deve ser vista como uma resposta milagrosa para solução de problemas estruturais de um país, mas sim como a oportunidade de melhoria das capacidades do indivíduo e de grupos de indivíduos em suas habilidades empreendedoras. Este tipo de educação deve estar voltada para estimular a propensão à iniciativa, ao diagnóstico crítico e a cooperação, Albuquerque, Ferreira e Brites (2016, p. 1036) complementam que a educação empreendedora deve procurar desenvolver “a chamada ‘pedagogia empreendedora’ como atitude perante a vida...” e que o poder público deve gerir políticas públicas capazes de oportunizar ambiente favorável ao empreendedorismo (ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016)

Esta forma de educação é fruto das transformações proporcionadas pelas revoluções tecnológicas que modificaram drasticamente as relações sociais, econômicas, políticas e de consumo no mundo globalizado (COAN, 2011; D'ALBERTO, 2005). Outros fatores como

crises econômicas, elevados índices desemprego e trabalho informal também contribuíram profundamente para introdução desta nova maneira educacional, a qual é apresentada como capaz de adaptar novos profissionais as mais diversas condições de mercado e também como um elemento redutor destes fatores adversos (LIMA, 2008; DREWINSKI, 2009; COAN, 2011; D'ALBERTO, 2005).

A partir do início da década de 1990, algumas políticas educacionais voltadas ao empreendedorismo começaram a ser difundidas dentro das universidades por meio da implantação de disciplinas ligadas ao empreendedorismo. Os cursos de Administração foram os primeiros contemplados com estes programas que procuravam despertar, fomentar e encorajar o perfil empreendedor do acadêmico. O indivíduo com este perfil deve ser um profissional com capacidade de adaptabilidade ao mercado, multifuncionalidade, iniciativa, análise crítica, inovador, competitivo, criativo, autoconfiante, responsável, ter capacidade para identificar oportunidades, estar disposto a mudanças e ser proativo entre outros (FILION, 1999; D'ALBERTO, 2005; CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006; DANIEL, CERQUEIRA, *et al.*, 2015; DOLABELA, 2011; DORNELAS, 2018; ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016; COAN, 2011; PEREIRA, 2001).

A UFGD possui diversos objetivos, entre eles estão: gerar o crescimento e a formação profissional, promover o desenvolvimento regional, social e ambiental, com inclusão social, através do ensino, pesquisa e extensão. Tem como missão ainda “Gerar, construir, sistematizar, inovar e socializar conhecimentos, saberes e valores, por meio do ensino, pesquisa e extensão de excelência, formando profissionais e cidadãos capazes de transformar a sociedade no sentido de promover desenvolvimento sustentável com democracia e justiça social” (BRASIL, 2005; UFGD, 2018).

Observa-se que o empreendedorismo não figura explicitamente como objetivo, tampouco como uma de suas missões, no entanto, implicitamente entre os principais verbos acima elencados encontram-se características como ‘construir’, ‘inovar’ e ‘promover o desenvolvimento’ que, pode-se inferir, são aspectos de acadêmicos, profissionais e instituições empreendedoras.

1.1. Justificativa

As competências empreendedoras podem ser aprendidas, ensinadas, assimiladas ou estimuladas, não mais acredita-se que o empreendedorismo somente seja uma característica congênita. Desde que se iniciou o ensino do empreendedorismo dentro das universidades, na década de 1980, nas escolas norte-americana e canadense, ocorreram mudanças nos paradigmas disciplinares fazendo com que se diferenciasssem das pesquisas atuais. À época buscava-se criar um relacionamento entre universidades e empresas na tentativa de assegurar a sobrevivência de novos empreendimentos, atualmente busca-se ensinar, estimular o acadêmico a empreender. (COAN, 2011; BONDAN, 2016; CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006).

Filion (1999) expos que as aptidões empreendedoras inicialmente eram investigadas sob duas perspectivas: a corrente econômica e a corrente comportamentalista. A teoria econômica relaciona o empreendedor ao manuseio dos recursos, à inovação, ao desenvolvimento econômico, ao gerenciamento inteligente dos negócios, à capacidade crítica e analítica, a assumir riscos calculados e a encontrar oportunidades com perspectiva de lucro. E a teoria comportamentalista afirma que o empreendedor está atrelado a questões de motivação, atitude, comportamento, necessidade intrínseca de poder, autorrealização, reconhecimento e valorização do sucesso nos negócios (D'ALBERTO, 2005; FILION, 1999; DOLABELA, 2011; SCHUMPETER, 1934; FILION, 1999).

Atualmente as pesquisas sobre empreendedorismo são diversificadas, abrangendo várias áreas do conhecimento como as ciências sociais aplicadas, engenharias, tecnologia da informação entre outras. O estudo do empreendedorismo preocupa-se com assuntos ligados ao desenvolvimento econômico e social sustentável, a formação de novos empreendedores, ao impacto na redução das desigualdades sociais e a maior geração de renda (AMARO e BRUNSTEIN, 2013; BONDAN, 2016; FILION, 1999)

Percebe-se que o assunto é multidisciplinar havendo uma diversidade de definições e conceitos conforme as premissas de cada área analisada. Independentemente da definição relacionada à disciplina a educação voltada para o empreendedorismo emergiu das novas

necessidades impostas pelo mercado de trabalho moderno. Fenomenologicamente o mundo passa por um processo de reestruturação dos fatores de produção em que cada vez menos se utiliza mão-de-obra em setores como o industrial e agrário devido a diversos fatores entre eles avanços científico-tecnológicos, utilização intensiva das TICs, automação, competitividade e aumento do comércio internacional, mas em contrapartida a necessidade de pessoal cresce em outros setores como o de prestação de serviços (ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016; AMARO e BRUNSTEIN, 2013; OLIVEIRA, MELO e MUYLDER, 2016).

Buscando atender às novas demandas do mercado de trabalho, a promoção do desenvolvimento econômico, a diminuição das desigualdades sociais locais e regionais, aos novos ambientes culturais empresariais extremamente competitivos, preparando profissionais comprometidos e aptos a lidar com pressão no mundo globalizado os bancos escolares incorporam em suas grades curriculares disciplinas voltadas a educação empreendedora (FILION, 1999; PEREIRA, 2001; CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006; TESTAS e MOREIRA, 2015; AMARO e BRUNSTEIN, 2013; ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016; COAN, 2011).

A geração de emprego apresenta-se como um dos maiores desafios para os governos de qualquer país, principalmente com a reestruturação dos postos de trabalho, ou seja, o emprego formal como é conhecido está ameaçado pelas novas formas de ocupação. Conceitos como flexibilidade, sustentabilidade, competência, autonomia, adaptabilidade, negócio próprio, inovação, próatividade e criatividade passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Nesta esteira a universidade como instituição formadora de profissionais aptos a promover o desenvolvimento econômico, social, ambientalmente sustentável e com o compromisso de buscar a difusão do conhecimento exerce papel preponderante na formação do indivíduo empreendedor (PEREIRA, 2001; D'ALBERTO, 2005; SANTOS, 2017; BONDAN, 2016; COAN, 2011).

A importância do ensino do empreendedorismo mostra-se evidente acerca dos diversos aspectos atinentes ao acadêmico, relacionando-o tanto ao mercado de trabalho convencional, com um emprego formal/usual, como proporcionando-lhe educação empreendedora de tal

forma que o indivíduo detenha em suas mãos a opção de criar seu próprio negócio ou descobrir uma nova oportunidade, adaptando-se a novas tendências do mercado de trabalho.

Diante do exposto, buscou-se realizar um estudo sobre o ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD que disponibilizam disciplinas ligadas ao tema, contribuindo desta forma para o avanço no estudo do empreendedorismo e sua aplicabilidade nos diversos cursos em questão.

1.2. Questões-Problema

Os avanços tecnológicos, a utilização intensiva das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) somados as mudanças de paradigma nas relações trabalhistas, a redução da quantidade dos postos de trabalho formal decorrente de novas formas de automação contribuindo para o aumento do número de desempregados, a intensificação de atividades relacionadas à prestação de serviços, as novas necessidades impostas pelo mercado consumidor, as crises econômicas e as novas políticas de consumo são fatores que de alguma maneira contribuíram para a intensificação de políticas sobre educação empreendedora. Alguns objetivos desta nova forma de ensinar podem contribuir para geração de emprego, capacitar acadêmicos e egressos a lidar com situações de forte estresse, serem proativos e críticos.

Estes fatores contemporâneos vêm estimulando dentro das universidades atividades voltadas a inovação e ao empreendedorismo, o que levou a algumas questões-problema:

I – Existe uma política institucional voltada para o ensino do empreendedorismo dentro da UFGD?

II – Como o tema ‘empreendedorismo’ é compreendido e ensinado nos cursos de graduação da UFGD?

III – Existe uma agenda de pesquisa e extensão de ensino voltado ao empreendedorismo na UFGD? e

IV – Quais metodologias são utilizadas pelos gestores (coordenadores de curso de graduação e pró-reitores de graduação, de pós-graduação e de pesquisa e de extensão) da UFGD para implantar, estimular e intensificar uma educação voltada para o empreendedorismo?

1.3. Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo geral propor um modelo conceitual do Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras para o estímulo do ensino voltado ao empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD.

Para atingir o objetivo geral serão seguidos os seguintes objetivos específicos:

- I. Analisar o processo de institucionalização da educação voltada para o empreendedorismo na UFGD;
- II. Identificar junto as Pró-reitorias os projetos de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão com foco no empreendedorismo;
- III. Compreender como o ensino do empreendedorismo é percebido pelos coordenadores de cursos de graduação do universo selecionado;
- IV. Mapear as principais políticas públicas de ensino do empreendedorismo do Governo Federal; e

A próxima seção se trata do Referencial Teórico-normativo que traz uma pesquisa sucinta sobre educação por competências, a pedagogia por competências e as principais competências exigidas dos empreendedores. Trará também conceitos de inovação, empreendedorismo, empreendedorismo acadêmico, educação empreendedora e cultura empreendedora e, ainda, as principais políticas públicas com o objetivo de estimular o empreendedorismo dentro do meio educacional. Por fim, traz uma análise pormenorizada da realidade da educação empreendedora dentro da UFGD e a percepção dos coordenadores de curso do universo selecionado sobre o tema dentro da universidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-NORMATIVO

O presente capítulo está dividido em três seções principais, sendo: Educação por Competências, Política Educacional Empreendedora no Brasil, e Educação Empreendedora na UFGD. A primeira seção traz uma abordagem sucinta sobre a educação por competências, conceitos de pedagogia das competências e competências empreendedoras. A seção que trata de política educacional empreendedora no Brasil dispõe sobre as principais políticas educacionais realizadas pelo governo federal além de conceitos sobre inovação, empreendedorismo e empreendedorismo acadêmico, educação empreendedora e cultura empreendedora. Por fim, a última seção remete à educação empreendedora dentro UFGD fazendo um registro de como são implementadas práticas e/ou disciplinas empreendedoras pelos órgãos internos e alguns documentos internos da universidade.

2.1. EDUCAÇÃO POR COMPETÊNCIAS

As grandes transformações ocorridas nas últimas décadas nas relações de trabalho, de produção e de consumo trouxeram novos desafios aos cidadãos, exigindo cada vez mais um maior e mais complexo número de competências individuais que os tornem aptos a lidarem com esses desafios cotidianos da vida moderna. O mercado de trabalho contemporâneo é, sem dúvida, dinâmico e imprevisível exigindo do profissional criticidade, flexibilidade, iniciativa, capacidade técnica e de inovação. Novas qualificações profissionais se tornaram necessárias para fazer frente as novas necessidades do mercado (BURNIER, 2001; MENINO, 2006; NUNES e BARBOSA, 2009).

A adequação do ensino a nova realidade social é objeto de discussão não só a nível nacional, mas também internacional. Essa discussão iniciou-se nos Estados Unidos a partir da década de 1960, quando se observou o distanciamento entre o ensino acadêmico e a realidade social e laboral da população. Contudo, foi com a publicação do artigo *Testing for Competence Rather than Intelligenc* de McClelland em 1973, que houve a intensificação do debate sobre a educação por competência. McClelland propôs que se investigasse os fatores de sucesso de pessoas que tiveram desempenho profissional superior às demais e a partir disto determinar

quais destes fatores poderiam ser ensinados a outras pessoas. Aos elementos de êxito McClelland chamou de ‘competências’ (BURNIER, 2001; DUTRA, 2017; FLEURY e FLEURY, 2001; MCCLELLAND, 1973; OIT, 1999).

A partir da década de 1980, nos Estados Unidos, houve a preocupação, principalmente nos cursos de graduação, em formar profissionais capazes de acompanhar as rápidas mudanças do mercado de trabalho com conteúdo disciplinar que aproximasse a teoria da prática. No Brasil essa mudança no viés educacional ocorreu a partir da publicação Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), lei nº 9.394/1996, que concedeu às universidades públicas autonomia didático-científica e financeira. Este fato permitiu, pela própria universidade, a modificação curricular visando a formação de profissionais dinâmicos aptos a responder as novas necessidades do mercado de trabalho (SIQUEIRA e NUNES, 2011; MCCLELLAND, 1973; BRASIL, 1996).

A LDB no Art. 53 e seu parágrafo primeiro assegura às universidades públicas brasileiras diversas atribuições e recursos orçamentários com a finalidade de garantir sua autonomia.

Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino;

II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes;

§ 1º Para garantir a autonomia didático-científica das universidades, caberá aos seus colegiados de ensino e pesquisa decidir, dentro dos recursos orçamentário disponíveis, sobre:

III - elaboração da programação dos cursos (BRASIL, 1996);

Infere-se do artigo acima transcrito que a universidade possui autonomia para criar, organizar e extinguir cursos e programas, fixar currículos de seus cursos, ter disponibilidade orçamentária e o poder de elaborar a programação de cursos. Estes fatores contribuíram para o início da adoção da educação voltada ao empreendedorismo dentro das universidades no Brasil (BRASIL, 1996).

Documento de igual importância é o Plano Nacional de Educação (PNE), promulgado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, com vigência por dez anos que dispõe sobre diretrizes e metas do plano. Destaca-se entre as diretrizes, aquela que pode ser considerada de estímulo ao empreendedorismo, “a formação para o trabalho e para cidadania”. Entre as metas estabelecidas pela referida lei evidenciam-se as metas 12.11 e 12.14, *in verbis* (BRASIL, 1996; BRASIL, 2014):

12.11) fomentar estudos e pesquisas que analisem a necessidade de **articulação entre formação, currículo, pesquisa e mundo do trabalho**, considerando as necessidades econômicas, sociais e culturais do País;

12.14) mapear a demanda e fomentar a oferta de formação de pessoal de nível superior, destacadamente a que se refere à formação nas áreas de ciências e matemática, **considerando as necessidades do desenvolvimento do País, a inovação tecnológica** e a melhoria da qualidade da educação básica (grifo nosso).

A importância da formação para o trabalho, a necessidade de desenvolvimento do País e inovação tecnológica são apenas alguns fatores que contribuíram para introduzir o modelo de educação por competências. Este modelo procura desenvolver no aluno capacidades de resolução de problemas concretos, compreensão de conhecimentos gerais e profissionais de maneira que estas competências possam ser mensuradas por meio da realização de tarefas específicas (BURNIER, 2001; NUNES e BARBOSA, 2009; SIQUEIRA e NUNES, 2011; MCCLELLAND, 1973; BRASIL, 1996; FLEURY e FLEURY, 2001).

Esta nova forma de educação, com base em competências, é defendida por diversos estudiosos como Philippe Perrenoud (2000), Guy Le Boterf (2003), Philippe Zarifan (1999), Marise Ramos (RAMOS, 2006), Joel Dutra (2001), Carlos Hilsdorf (2014) entre outros. Existem diversos significados para palavra ‘competência’, entretanto quando relacionada a educação ou formação pessoal e profissional pode-se dizer que é “uma capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles” (PERRENOUD, 2000, p. 4). Afirma o autor que ter competência significa ser capaz de

... identificar e mobilizar conhecimentos científicos pertinentes no momento certo, em situação concreta, que evidentemente, não costuma apresentar-se como ‘um problema proposto em aula’ para o qual bastaria encontrar a ‘página certa em um livro’ e aplicar a solução preconizada (PERRENOUD, 2000, p. 4)

Com o objetivo de trazer maior esclarecimento sobre o conceito de ‘competência’ foi construída o quadro abaixo com definições de diversos autores.

Quadro 1 - Definições de Competências

Autor	Definição de Competência
(PERRENOUD, 2000; PERRENOUD, THULER, <i>et al.</i> , 2002)	Competência é a capacidade de empregar recursos intelectuais com objetivo de superar determinada situação. Competência é a aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizando de forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, micro-competências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio.
(RAMOS, 2006)	A competência deve ser conformada pelos conhecimentos, habilidades, destrezas, compreensão de atitudes, que podem ser identificadas na etapa de investigação das competências profissionais para o desempenho competente em uma determinada função produtiva.
(FLEURY e FLEURY, 2001)	Competência é um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo. Competência é o conjunto de conhecimentos, habilidade e atitudes (isto é, conjunto de capacidades humanas) que justificam um alto desempenho, acreditando-se que os melhores desempenhos estão fundamentados na inteligência e personalidade das pessoas.
(DICIO, 2019)	Competência é a capacidade decorrente de profundo conhecimento que alguém tem sobre um assunto. Conjunto de habilidades, saberes, conhecimentos.
(MCCLELLAND, 1973)	Competência é uma característica implícita a uma pessoa relacionada com capacidade de realização de determinada tarefa de maneira superior a de outras.
(DUTRA, HIPÓLITO e SILVA, 2000)	Competência é a capacidade de a pessoa gerar resultados dentro dos objetivos estratégicos e organizacionais da empresa, traduzindo-se pelo mapeamento do resultado esperado (<i>output</i>) e do conjunto de conhecimento, habilidades e atitudes necessários para o seu atingimento (<i>input</i>).
(ZARIFIAN, 1999)	Competência é a conquista de iniciativa e de responsabilidade do indivíduo sobre as situações profissionais com as quais ele se confronta. Competência é uma inteligência prática das situações que se apoiam sobre os conhecimentos adquiridos e os transformam, com tanto mais força quanto a diversidade das situações aumentam. Competência é a faculdade de mobilizar os recursos dos atores em torna das mesmas situações, para compartilhar os acontecimentos, para assumir os domínios de corresponsabilidade.
(LE BOTERF, 1995)	Competência é a sinergia de uma pessoa com sua formação educacional e sua experiência profissional. É o agir com responsabilidade mobilizando, integrando e transferindo conhecimentos, recursos e habilidades num determinado ambiente de trabalho.
(HILSDORF, 2014)	Competência é a qualidade de ser adequado e bem qualificado física e/ou intelectualmente frente a desafios. É a capacidade de tomar decisões bem informadas e coerentes. Comtempla grupos de habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para a realização de tarefas. Refere-se a ações e comportamentos identificados pelas lideranças como efetivas contribuições

	na implementação de mudanças: estes comportamentos são necessários para um desempenho satisfatório ou excelente em qualquer profissão.
(VARGAS, CASANOVA e MONTANARO, 2001)	A competência é entendida como a real capacidade de uma pessoa para atingir um objetivo esperado em um dado contexto de trabalho, aparecendo intimamente ligado a inovação em tecnologias leves e ao novo perfil de qualificações.

Nota: elaborado pelo autor

A educação ou formação por competências deve trabalhar no sentido de proporcionar ao educando a construção prática de operações mentais que o tornem capaz de agir concatenando seu saber, sua perícia e sua visão sobre determinada situação a qual está inserido, logrando êxito em relação à questão ou problema enfrentado. Neste tipo de educação há a mudança do foco ‘de reprodução de conhecimento’ para ‘desenvolvimento de competências’, ou seja, a capacidade de aplicar conhecimentos em novos contextos e situações concretas (PERRENOUD, 2000; SIQUEIRA e NUNES, 2011).

Para Le Boterf (2003) a competência do indivíduo é aferida no desempenho de uma situação real, ou seja, é implementar atitudes para solucionar problemas quer sejam nas relações de trabalho ou da vida pessoal. O sujeito que desempenha determinadas competências é capaz de resolver tarefas enfrentando adversidades como limitações de recursos materiais, pessoais, de tempo ou dinheiro. Pode-se dizer que somente existe competência quando é derivada de uma ação por parte da pessoa, desta forma a competência é a ação de saber ser e saber mobilizar conhecimento em múltiplos cenários (DUTRA, HIPÓLITO e SILVA, 2000; DUTRA, 2017; LE BOTERF, 2003; LE BOTERF, 1995)

McClelland (1973) ao investigar os fatores de sucesso em profissionais que eram referência em suas áreas de atuação, também propôs novas maneiras de avaliar as competências que os tornaram dignos de respeito. Segundo Hilsdorf (2014) competência é a composição de três critérios mensuráveis sendo o conhecimento uma qualificação (saber conceitualmente), a habilidade uma experiência funcional (saber fazer) e a atitude uma capacidade de obter resultados (saber agir). Ou seja, a competência é a soma do saber, do saber fazer e do saber agir (MCCLELLAND, 1973; HILSDORF, 2014; BOSCHETTI, 2014; BURNIER, 2001; DUTRA, 2001; PARRY, 1996).

Observa-se que a competência é o somatório de conhecimentos, habilidade e atitudes (CHA), ou seja, o conjunto de capacidades formadas pelo estoque de recursos aprendidos como inteligência, personalidade e experiência das pessoas, que em última análise são responsáveis pelo elevado desempenho de determinados indivíduos. Contudo Dutra, Hipólito e Silva (2000) ressaltam que se determinada pessoa detenha aptidões para desenvolver uma dada tarefa não existe garantia de que ela entregará o que lhe é exigido (FLEURY e FLEURY, 2001; DUTRA, HIPÓLITO e SILVA, 2000).

Correlacionando o pensamento de alguns autores verifica-se que o conceito de competência está relacionado a verbos como: “saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber engajar-se, assumir responsabilidades, ter visão estratégica” (FLEURY e FLEURY, 2001, p. 185). As competências, inicialmente, foram definidas de forma inerente ao indivíduo, ou seja, características pessoais responsáveis por levar o indivíduo a ter uma performance superior (MCCLELLAND, 1973). Contudo, estudos posteriores passaram a questionar quais seriam as competências necessárias ao indivíduo para proporcionar vantagem competitiva dentro de uma organização, este tipo ficou conhecido como competência organizacional (PRAHALAD e HAMEL, 1990).

Os Conhecimentos, Habilidades e Atitudes tratam-se de competências individuais que quando postas em ação devem gerar valor econômico para organização. Para Vargas, Casanova e Montanaro (2001) a *“La educación a lo largo de la vida requiere de mecanismos que permitan ese continuo formativo y entre ellos está adquiriendo mucha relevancia el "movimiento de la competencia laboral" que está causando na verdadera transformación en la forma de concebir la educación”*¹. (VARGAS, CASANOVA e MONTANARO, 2001)

¹ Tradução: A educação ao longo da vida requer de mecanismos que permitam uma contínua formação e entre eles está adquirindo muita relevância o “movimento de competência laboral” que está causando uma verdadeira transformação na forma de conceber a educação.

Inicialmente os temas eram estudados de maneira autônoma, divididos em competências individuais e competências organizacionais. Ocorre que atualmente existe um consenso entre pesquisadores e que estes conceitos devem ser tratados de maneira complementar, visto que as competências organizacionais somente se materializam pelas ações de pessoas e suas competências individuais (LUSTRI e MIURA, 2014; DUTRA, 2001; LE BOTERF, 2003).

Segundo Parry (1996) as Competências Individuais e Organizacionais são atributos que podem ser objeto de desenvolvimento, capacitação e/ou treinamento para uma melhor aptidão de desempenho na realização de tarefas relacionadas a função ou cargo assumido junto a empresas. Zarifian (1999) extrapola o conceito de qualificação inicialmente proposto por McClellande focando, principalmente, nas mudanças ocorridas nas relações trabalhistas. Para Zarifian (1999) estas novas relações mais complexas e imprevisíveis exigem do indivíduo ações dinâmicas, fazendo com que sua competência individual se torne uma extensão da competência na gestão das organizações (PARRY, 1996; DUTRA, HIPÓLITO e SILVA, 2000; ZARIFIAN, 1999; FLEURY e FLEURY, 2001).

Percebe-se a necessidade crescente de aproximação entre a educação e a realidade laboral do indivíduo, para estreitar esta relação a pedagogia, ciência que estuda o processo de aprendizagem, torna-se uma importante ferramenta. Na próxima seção será abordado como a pedagogia das competências pode auxiliar de maneira produtiva a formação de cidadãos proativos, empreendedores e com competências necessárias ao mercado de trabalho atual.

2.1.1. Pedagogia das Competências

A pedagogia é a ciência que estuda o processo de aprendizagem, ou seja, é a ciência do ensino (ou educação) e se ocupa em aperfeiçoar as práticas, métodos e princípios de aprendizagem por meio da análise, estruturação e construção do conhecimento. O termo 'pedagogia' teve sua origem na Grécia antiga, quando à época o escravo (*poi*) conduzia (*agein*) crianças (*paidos*) à escola (BOSCHETTI, 2014).

A pedagogia das competências não poder ser resumida simplesmente como a união do conceito de pedagogia ao de competências. Como já demonstrado no item anterior o conceito

de competências não é simples tampouco unânime entre os pesquisadores, quando somado ao conceito de pedagogia, a definição ou conceituação desta expressão objeto de estudo se torna uma tarefa ainda mais árdua. Para Ramos (2006) a ‘pedagogia das competências’ é aquela que

em vez de se partir um corpo de conteúdos disciplinares existentes, com base no qual se efetuam escolhas para cobrir os conhecimentos considerados mais importantes, parte-se de situações concretas, recorrendo-se às disciplinas na medida das necessidades requeridas por essas situações (RAMOS, 2006, p. 221).

Esta nova forma de ensino adquiriu defensores, principalmente, a partir do final da década de 1980, com a mudança do paradigma de produção Fordista/Taylorista para o Toyotismo. O primeiro modelo cujo foco é baseado na produção migra paulatina para o modelo Toyotista com foco na demanda. Basicamente o padrão de produção Fordista/Taylorista buscava a racionalização e maximização da produção, Ford e Taylor foram os principais responsáveis pela sistematização, organização e divisão técnica do trabalho. Já o sucessor deste modelo foi desenvolvido pela Toyota e se preocupava em variar a produção conforme a quantidade demanda (BOSCHETTI, 2014; PENA, 2019; FRANCISCO, 2019).

A principal consequência na mudança do paradigma de produção foi nas relações trabalhistas, sendo que no modelo Fordista/Taylorista o funcionário da fábrica era um especialista, desempenhava uma única função, a maior parte das vezes repetitiva. Entretanto, no modelo desenvolvido pela Toyota, denominado acumulação flexível, o trabalhador passa a desempenhar diferentes funções dentro da fábrica, conforme a necessidade da empresa, outra característica trazida por este modelo foram as terceirizações nos processos de produção (FRANCISCO, 2019; PENA, 2019).

Diante desta nova realidade trazida pela migração dos modelos de produção, da complexidade das novas formas nas relações do trabalho, das inovações tecnológicas e organizacionais, dos ambientes empresariais altamente competitivos novas competências passaram a ser exigidas dos trabalhadores para que fossem aptos a ocupar os novos postos de trabalho. Características como: níveis educacionais mais elevados e/ou especializados e habilidades mais complexas dos trabalhadores, passaram a ser cada vez mais exigidas e segundo

Ramos (2006, p. 237) a “Teoria do Capital Humano associou a capacidade produtiva e competitiva das empresas à qualificação, conferida pela escolaridade, de seus recursos humanos.” (RAMOS, 2006; BOSCHETTI, 2014; FERRETTI, 2002; BURNIER, 2001; DUTRA, 2001).

Segundo Leiva, Hill e Frites (2014) a pedagogia das competências tem no currículo uma perspectiva epistemológica sócio-construtiva, buscando abordar assuntos sob o ponto de vista global e interdisciplinar, mas também traz um enfoque didático colocando o educando diante de situações concretas para resolução de problemas, enfatizando as práticas pedagógicas. A pedagogia das competências reforça o desenvolvimento de programas de estudo, primeiro por meio de situações problemas e, segundo pelo conhecimento resultante do desempenho competente, utilizando-se de uma variedade de recursos contextualizados à situação problema (LEIVA, HILL e FRITES, 2014).

Defensores da pedagogia das competências acreditam que o aluno empenhado, comprometido e engajado é muito mais produtivo dentro do processo de aprendizagem. Para Burnier (2001) o professor deve despertar a necessidade de aprender para que o processo de construção do conhecimento seja efetivo. A autora ainda defende que a formação de trabalhadores críticos, criativos e autônomos depende da participação contributiva em seu processo de formação, e que esta formação traga a noção de aprendizagem globalizada, concepção valorizada dentro da pedagogia das competências (BURNIER, 2001).

Perrenoud (2000) é um dos maiores defensores da ‘pedagogia das competências’, em sua obra ‘10 Novas Competências para Ensinar’, ele divide as novas competências em dez grandes famílias ou grupos, sendo eles

1 – organizar e dirigir situações de aprendizagem; 2 – administrar a progressão das aprendizagens; 3 – conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; 4 – envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; 5 – trabalhar em equipe; 6 – participar da administração da escola; 7 – informar e envolver os pais; 8 – utilizar novas tecnologias; 9 – enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; 10 – administrar sua própria formação contínua (PERRENOUD, 2000, p. 14).

Estas dez famílias elencadas por Perrenoud (2000) evidenciam competências compatíveis com o novo viés de renovação no modelo educacional, adequado a evolução das novas formas de relações de trabalho e emprego e do papel do professor, tendo sido eleitas, pelo autor, como competências prioritárias. Estas competências priorizam o enfrentando de situações-problemas em casos concretos, são direcionadas para uma avaliação formativa, procuram educar para cidadania, tendem a diversificar a formação do aluno, introduzem ciclos de aprendizagem e estimulam a transferência de conhecimento. Ainda segundo o autor esta nova forma de pedagogia tornará mais fácil o aprendizado ativo e deve ser posto em prática desde a formação inicial (PERRENOUD, 2000; BOSCHETTI, 2014).

Como já demonstrado a pedagogia é o termo que se refere à educação de jovens e crianças, mas quando se trata de educação de adultos o termo adequado é andragogia. A evolução do ser humano desde a infância até a idade adulta deve ser considerada no momento em que forem escolhidas as ferramentas educacionais, contudo como salienta Cavalcanti (1999, p. 1) “a mesma pedagogia é usada em crianças e adultos, embora a própria origem da palavra se refira a educação e ensino das crianças (do grego *paíós* = criança).” O significado da palavra ‘andragogia’ também de origem grega pode ser entendida como guiar (*agogus*) o adulto (*andros*) ao aprendizado (CAVALCANTI, 1999; CARVALHO, 2016).

Quadro 2 - Comparação entre aprendizagem de crianças (pedagogia) e adultos (andragogia)

Características de aprendizagem	Pedagogia	Andragogia
Relação professor/aluno	Professor é o centro das ações, decide o que ensinar, como ensinar e avalia a aprendizagem	A aprendizagem adquire uma característica mais centrada no aluno, na independência e na autogestão da aprendizagem
Razões de aprendizagem	Crianças (ou adultos) devem aprender o que a sociedade espera que saibam (seguindo um currículo padronizado)	Pessoas aprendem o que realmente precisam saber (aprendizagem para aplicação prática na vida)
Experiência do aluno	O ensino é didático, padronizado e a experiência do aluno tem pouco valor	A experiência é rica fonte de aprendizagem, através da discussão e da solução de problemas em grupo
Orientação da aprendizagem	Aprendizagem por assunto ou matéria	Aprendizagem baseada em problemas, exigindo ampla gama de conhecimentos para se chegar a solução

Fonte: (CAVALCANTI, 1999)

Questão interessante levantada por Cavalcanti (1999) se refere a educação universitária, o autor problematiza que este grupo específico, objeto deste estudo, salvo poucas exceções, não se enquadra nem como crianças tampouco como adultos. O autor ainda adverte para o fato de que a utilização de técnicas pedagógicas (voltadas para crianças) podem resultar no retardo da maturidade do aluno pelas razões exposta no quadro acima (coluna da pedagogia). Tanto Cavalcanti (1999) quanto Carvalho (2016) defendem, para o ambiente universitário, a introdução de conceitos andragógicos para disseminação do conhecimento (CAVALCANTI, 1999; ANDRADE e TORKOMIAN, 2001; CARVALHO, 2016).

2.1.2. As diferentes Gerações (Baby boomers, X e Y) e o ambiente de aprendizagem

O estudo sobre os tipos de geração tem como marco teórico inicial o sociólogo Karl Mannheim (1952). Para o autor, define-se como geração um grupo de indivíduos, que mesmo sem proximidade, apresentam determinadas características culturais e/ou sociais comuns decorrentes de determinado período histórico (MANNHEIM, 1952; SILVA, 2013).

Howe e Strauss (2007) entendem que além do conceito trazido por Mannheim (1952) deve adicionar que as gerações continuam a ser moldadas à medida que envelhecem, ou seja, não estão apenas sujeitas ao que acontece nos anos iniciais de suas vidas (HOWE e STRAUSS, 2007).

Existem algumas classificações geralmente aceitas pela academia para diferenciar as gerações, ater-se-á neste tópico a apenas três, sendo elas: os Baby Boomers, a geração X e a geração Y, cada qual possui suas peculiaridades (HOWE e STRAUSS, 2007; SILVA, 2013; NOVAES, 2018; WELLER, 2010; WESTERMAN e YAMAMURA, 2007).

A geração Baby Boomers (nascidos entre 1945 - 1967), são denominados desta forma devido à explosão demográfica ocorrida após o final da Segunda Guerra Mundial, possuem valores tradicionais relacionados ao trabalho, educação, família e segurança. Acreditam em emprego para vida toda, são resistentes a mudanças, procuram trabalho em equipe, são motivados e otimistas. Lutas pelos direitos civis, econômicos, políticos e movimentos pela liberdade, pelo feminismo e pelos direitos dos homossexuais e dos negros fazem parte do

momento histórico desta geração. Observa-se que estas características não são uma regra para todas as pessoas (WESTERMAN e YAMAMURA, 2007).

Os indivíduos da geração X (1968 – 1979) possuem maior preparo acadêmico, experiências internacionais, não tem o mesmo compromisso dos Baby Boomers em relação ao trabalho, são desconfiadas em relação as organizações. Possuem características empreendedoras, buscando muitas vezes trabalho informal e independência, valorizam a qualidade de vida e horários flexíveis. Os principais momentos histórico desta geração foram a Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim (SMOLA e SUTTON, 2002).

Individualistas e propensos a adiar compromissos como casamento, filhos, casa própria etc. as pessoas da geração Y (1980 – 2000) apresentam dificuldade em lidar com autoridade, hierarquia e organizações. Buscam mais flexibilidade e autonomia que seus antecessores, sabem operar com destreza novas tecnologias e desejam estar à frente de projetos, na gestão de atividades, sempre procurando novos desafios muitas vezes em áreas diversas dentro da empresa (COIMBRA e SCHIKMANN, 2001).

Estas características, peculiares de cada geração, influenciam diretamente o ambiente de aprendizado, ou seja, requerem aptidões diferentes para que o processo de aprendizagem tenha o melhor resultado possível. A eficiência no processo de criação do conhecimento depende do contexto ao qual o educando está inserido, logo um ambiente que favoreça a aprendizagem e considere aspectos ligados ao perfil de cada geração atendendo aos seus anseios é mais propenso a estabelecer um maior comprometimento do educando (KROGH, ICHIJO e NONAKA, 2000; NONKADA e TAKEUCHI, 1997; SENGE, 1990; TANNENBAUM, 1997).

Percebe-se que as diferentes gerações de pessoas terão maior familiaridade com determinadas competências. Da mesma forma o mercado de trabalho exige competências que foram se alterando e/ou se especializando conforme o avanço tecnológico. Estas alteração do ponto de vista das novas demandas sociais passaram a influenciar o políticas públicas, o sistema educacional, o ambiente organizacional e a competitividade das empresas (BONDAN, 2016; CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006; COAN, 2011).

2.1.3. Competências Empreendedoras

O estudo das competências passou a ser objeto de pesquisa principalmente após o início das mudanças nas relações do trabalho, com a substituição do paradigma fordista/taylorista pelo toyotista. Foi David McClelland (1973) um dos primeiros pesquisadores a levar em consideração as competências humanas no desempenho de trabalhadores e na ocasião propôs a mudança na forma de aplicação de testes de avaliação de estudantes (MCCLELLAND, 1973; ARNAUT e PCCHIAI, 2016).

Inicialmente, McClelland (1961), identificou três grupos de competências empreendedoras: próatividade, orientação para resultados e comprometimento. Contudo, foi Schumpeter (1934) quem relacionou o empreendedorismo (ou competências empreendedoras) a inovação e a capacidade de transformar um elemento já existente ou dar-lhe nova utilização, até mesmo uma reorganização no processo produtivo seria considerada inovação. O autor trouxe à baila o termo “destruição criadora” o qual está relacionado a inovações tecnológicas e ao desvio de comportamento usual de pessoas empreendedoras (SCHUMPETER, 1934; MCCLELLAND, 1961; ARNAUT e PCCHIAI, 2016; OLIVEIRA, MELO e MUYLDER, 2016; PEREIRA, 2001).

Posteriormente McClelland (1987) utilizando-se de estudos realizados por Hal Pckle (1964), Hornaday e Bunker (1970), Instituto de Tecnologia e Desenvolvimento do Centro Leste-Oeste (1976) e McBer e Co. (1986) elegeu as características ou competências empreendedoras mais frequentemente mencionadas pelos pesquisadores, chegando a seguinte lista: 1. Confiança; 2. Perseverança; 3. Energia, diligência; 4. Desenvoltura; 5. Criatividade; 6. Previsão; 7. Iniciativa; 8. Versatilidade, conhecimento do produto e mercado; 9. Inteligência; e 10. Percepção. McClelland (1987) ainda ressalta que autoconfiança, versatilidade, criatividade e energia são as características mais desejáveis para um empreendedor e que entre os dez atributos acima citados nem todas são determinantes para o sucesso (MCCLELLAND, 1987; ARNAUT e PCCHIAI, 2016).

Parry (1996) referiu-se a competências como uma correlação entre conhecimento, habilidades e atitudes. Baseados em estudos anteriores Man e Lau (2000) inovaram ao criar uma categorização de competências empreendedoras: Competências de Oportunidade, de Relacionamento, Conceituais, Administrativas, Estratégicas, de Comprometimento, de Aprendizagem e de Construção Pessoal (PARRY, 1996; ARNAUT e PCCHIAI, 2016; AMARO e BRUNSTEIN, 2013; MAN e LAU, 2000).

Quadro 3 - Categorias de Competências Empreendedoras e suas características

Competência	Características relacionadas
Competências de Oportunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar oportunidades de negócios; • Avaliar o ambiente econômico e oportunidades de negócios; • Conduzir atividades de pesquisa e marketing para novas oportunidades; • Obter informações sobre clientes potenciais e sobre o mercado a partir de diversos meios.
Competências de Relacionamento	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver redes de relacionamento e relacionamentos interpessoais de longa duração; • Utilizar-se das redes de relacionamento com diversos objetivos (novos negócios, melhoria de habilidade, busca de informações, novas contratações de pessoal especializado); • Negociar com pessoas, administrar conflitos e comunicar-se com eficácia e eficiência.
Competências Conceituais	<ul style="list-style-type: none"> • Ter perspicaz senso intuitivo para avaliar e tomar decisões; • Demonstrar alta capacidade de observação; • Analisar determinada situação de diferentes pontos de vista; • Capacidade para avaliar riscos e de inovação.
Competências Administrativas	<ul style="list-style-type: none"> • Planejar negócios e operações; • Obter, de forma eficiente, recursos e habilidades para a organização; • Organizar, desenvolver, motivar, liderar e gerenciar os recursos humanos; • Delegar tarefas e monitorar o desempenho dos funcionários.
Competências Estratégicas	<ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer e desenvolver a missão da empresa; • Determinar novos objetivos; • Elaborar planos de negócios; • Elaborar estratégias competitivas para empresa, compatíveis com orçamentos e estudos de viabilidade econômica.
Competências de Comprometimento	<ul style="list-style-type: none"> • Comprometer-se com os objetivos de curto, médio e longo prazo da empresa; • Responsabilizar-se pelos negócios da empresa e reconhecer como importante os valores e crenças da empresa; • Manter-se obstinado em alcançar os objetivos, não conformando-se com o fracasso.
Competências de Aprendizagem (suporte)	<ul style="list-style-type: none"> • Ser seletivo no processo de aprendizagem; • Utilizar as diversas formas de aprendizagem para agregar valor; • Próatividade, continuidade e qualidade na aprendizagem devem ser levados em consideração; • Os conhecimentos e habilidade devem ser adaptáveis a situações concretas;

Competências de Construção Pessoal (suporte)	<ul style="list-style-type: none"> • Vida pessoal e profissional devem estar em equilíbrio; • Administrar o tempo, relações e o estresse no ambiente de trabalho; • Buscar o desenvolvimento pessoal e a integridade.
--	--

Competências empreendedoras

Fonte: (MAN e LAU, 2000; ARNAUT e PCCHIAI, 2016)

O desenvolvimento das competências empreendedoras é uma das formas de colaborar com a redução de mortalidade de empresas nascentes, trazer vantagem competitiva, gerar inovação, reduzir as desigualdades locais e regionais e, ainda, promover a justiça social. Martins (2010) advoga que para se tornar um empreendedor basta qualificação pessoal e profissionalmente e a educação (básica, tecnológica ou acadêmica) pode ser um fator determinante para o empreendedorismo (AMARO e BRUNSTEIN, 2013; MARTINS, 2010; FILION, 1999; DRUCKER, 1987; COAN, 2011).

Peter Drucker (1987) em sua obra *Inovação e Espírito Empreendedor* traz o conceito de “diretrizes empreendedoras”, para o autor o administrador deve ser “um ganancioso por coisas novas” e a ganância pela inovação deve ser estimulada dentro da empresa, ou seja, para Drucker (1987, p. 210) “inovação deve ser parte essencial do rotineiro...”. Mas para implementar diretrizes empreendedoras é necessário que o administrador siga um conjunto de “diretrizes específicas”, sendo elas: 1. Inovação (a inovação deve ser apresentada como agradável e benéfica para a organização e os administradores); 2. Importância da necessidade de inovação (a inovação deve ser apresentada como relevante, com prazos e dimensões bem definidas); 3. Ter um plano de inovação (os objetivos do plano devem ser específicos, claros e bem estabelecidos) (DRUCKER, 1987).

Além dessas diretrizes Drucker ressalta a importância de práticas empreendedoras: 1. Visão administrativa em oportunidades; 2. Encontros, reuniões, seminários, palestras e eventos com grupos de funcionários estimulando o espírito empreendedor em todo o grupo; 3. Sessão informal, (DRUCKER, 1987, p. 216) “mas programada e bem preparada, na qual um membro da alta administração reúne-se com o pessoal júnior de pesquisa, engenharia, marketing, contabilidade e assim por diante” com o objetivo de ouvir as aspirações, oportunidades, ameaças, ideias para novos negócios, novos produtos e maneiras de alcançar novos mercados para a organização (DRUCKER, 1987).

Na tentativa de identificar as principais competências empreendedoras Filion (1999) procurou descrever e discutir o universo empreendedor sob o ponto de vista de estudiosos comportamentalistas e economistas, tentando eleger as principais características (ou competências) empreendedoras. Utilizando-se trabalhos anteriores encontrou diversas características em duas perspectivas: a primeira sob a ótica dos economistas: criatividade (criação, desenvolvimento e gerenciamento de novas empresas); buscam novas oportunidades de negócios com finalidade de lucro; inovadores; administração racional de recursos; correm riscos calculados. A segunda é sobre o ponto de vista comportamentalista: inovação; liderança; riscos moderados; independência; criatividade, energia; tenacidade; originalidade; otimismo; orientação para resultados; flexibilidade; habilidade para conduzir situações; necessidade de realização; autoconfiança; envolvimento a longo prazo; iniciativa; tolerância a incerteza; capacidade de aprendizagem; dinheiro como medida de desempenho, entre outros (FILION, 1999; MCCLELLAND, 1961; SCHUMPETER, 1934).

Fleury e Fleury (2001, p. 188) também trabalham o conceito de competências classificando-as como “fonte de valor para o indivíduo e para a organização”, estas habilidades têm a finalidade principal de agregar valor social a pessoa e econômico a empresa. Para os autores as competências são contextualizadas, ou seja, só é possível falar em competências individuais no desempenho de uma determinada função dentro de uma organização. Os autores apontam que competências individuais e organizacionais são associadas aos seguintes verbos: saber agir, saber mobilizar recursos, saber transferir, saber aprender, saber engajar-se, ter visão estratégica e saber assumir responsabilidades (FLEURY e FLEURY, 2001).

Dutra (2001) acredita que as competências individuais devem ficar entre 7 e 12, argumenta que um número muito pequeno de competências gera dificuldade em precisar parâmetros para definição salarial, e que um número muito grande delas causa sua sobreposição e torna o processo de avaliação do indivíduo mais dificultoso. As competências evoluíram paulatinamente desde o início da década de 1970, primeiramente serviam como base para seleção e desenvolvimento de pessoas, depois eram diferenciadas por nível de complexidade,

passaram então a trazer a noção de integração entre pessoas e objetivos da empresa, por fim, as pessoas se apropriaram do conceito de competência (DUTRA, 2001).

Figura 1 - Competências por trajetória de carreira - organização privada



Fonte: (DUTRA, 2001)

Dolabela trabalha o conceito de pedagogia empreendedora cujo objetivo estimular o aluno a sonhar e prepará-lo na busca e realização deste sonho. O autor relaciona as competências empreendedoras com os sonhos, onde o professor motiva o aluno a aprender o necessário para que se torne capaz de alcançar seu sonho (objetivo). Dolabela (2016), fundamentando-se em estudos de diversos autores, elege as principais características ou competências empreendedoras presentes nas pessoas: perseverança, iniciativa, criatividade, protagonismo, energia, rebeldia a padrões impostos, capacidade de diferenciar-se, comprometimento, capacidade incomum de trabalho, liderança, orientação para o futuro, imaginação, próatividade (o que aprender a partir do que deseja fazer), tolerância a riscos moderados e alta tolerância a ambiguidades e incertezas (DOLABELA e FILION, 2013; DOLABELA, 2016; DOLABELA, 2011).

Como desenvolver competências empreendedoras essenciais ao bom desempenho de uma organização é uma preocupação constante para muitos pesquisadores. A Organização das Nações Unidas (ONU) desenvolveu uma metodologia utilizada em mais de 40 países. No Brasil o SEBRAE, desde 1993, é responsável por difundir esta metodologia. O Programa para

Empresários e Futuros Empreendedores (EMPRETEC) busca desenvolver características comportamentais empreendedoras e ensina a identificar novas oportunidades de negócios. Durante o seminário são trabalhadas 10 características (ou competências) empreendedoras com objetivo proporcionar ao participante melhor desempenho empresarial, segurança na tomada de decisão e ampliar a visão de oportunidades de negócios (SEBRAE, 2019).

Quadro 4 - Principais Competências Empreendedoras - SEBRAE

Competências	Características relacionadas
Busca de Oportunidade e Iniciativa	Desenvolver a capacidade de se antecipar aos fatos e de criar oportunidades de negócios com novos produtos e serviços: <ul style="list-style-type: none"> • Agir com proatividade; • Buscar possibilidades de expandir os negócios; • Aproveitar oportunidades para progredir.
Persistência	Desenvolver a habilidade de enfrentar obstáculos para alcançar sucesso: <ul style="list-style-type: none"> • Não desistir diante de obstáculos; • Reavaliar, insistir ou mudar os planos para alcançar os objetivos; • Esforçar-se além da média para atingir os objetivos.
Correr Riscos Calculados	Disposição de assumir desafios e responder por eles: <ul style="list-style-type: none"> • Procurar e avaliar alternativas para tomada de decisão; • Procurar reduzir chances de erros; • Aceitar desafios moderados, baseados em boas chances de sucesso.
Exigência de Qualidade e Eficiências	Relaciona-se com a disposição e a inclinação para fazer sempre mais e melhor: <ul style="list-style-type: none"> • Melhorar continuamente seu negócio ou produtos; • Satisfazer e exceder as expectativas dos clientes; • Criar procedimentos para cumprir prazos e padrões de qualidade.
Comprometimento	Característica que envolve o sacrifício pessoal, colaboração com os funcionários e esmero com os clientes: <ul style="list-style-type: none"> • Trazer para si a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso; • Atuar em conjunto com a equipe para atingir os resultados; • Colocar o relacionamento com os clientes acima das necessidades de curto prazo.
Busca de Informações	Característica que envolve a atualização constante de dados e informações sobre clientes, fornecedores, concorrentes e sobre o próprio negócio: <ul style="list-style-type: none"> • Envolver-se pessoalmente na avaliação do seu mercado; • Investigar sempre como oferecer novos produtos ou serviços; • Buscar a orientação de especialistas para decidir.
Estabelecimento De Metas	Compreende saber estabelecer objetivos que sejam claros para a empresa, tanto em longo como em curto prazo: <ul style="list-style-type: none"> • Perseguir objetivos desafiantes e importantes para si mesmo; • Ter clara visão de longo prazo; • Ciar objetivos mensuráveis, com indicadores de resultados.
Planejamento e Monitoramento Sistemáticos	Desenvolve a organização de tarefas de maneira objetiva, com prazos definidos, a fim de que possam ter os resultados medidos e avaliados: <ul style="list-style-type: none"> • Enfrentar grandes desafios agindo por etapas; • Adequar rapidamente seus planos às mudanças e variáveis de mercado; • Acompanhar os indicadores financeiros e considerá-los no momento da tomada de decisão.

Persuasão e Rede de Contatos	Engloba o uso de estratégias para influenciar e persuadir e se relacionar com pessoas chave que possam ajudar a atingir os objetivos do negócio: <ul style="list-style-type: none"> • Criar estratégias para conseguir apoio para determinados projetos; • Obter apoio de pessoas chave para determinados projetos; • Desenvolver redes de contatos e construir bons relacionamentos.
Independência e Autoconfiança	Desenvolve a autonomia para agir e manter sempre a confiança no sucesso: <ul style="list-style-type: none"> • Confiar em suas próprias opiniões mais do que na dos outros; • Ser otimista e determinado mesmo diante da oposição; • Transmitir confiança em sua própria capacidade.

Fonte: (SEBRAE, 2019).

O próximo item abordará as principais políticas públicas empreendidas pelo governo federal com a finalidade de promover a educação voltada para o empreendedorismo além de trazer conceitos importantes para o tema como Inovação, Empreendedorismo, Empreendedorismo Acadêmico, Educação Empreendedora e Cultura Empreendedora.

2.2. POLÍTICA EDUCACIONAL EMPREENDEDORA NO BRASIL

A educação empreendedora é apenas um item do conjunto de políticas públicas que o governo federal preparou com ações voltadas ao empreendedorismo. O tema ‘Políticas Públicas Educacionais’ em um primeiro momento apresenta-se relacionado ao Ministério da Educação (MEC), órgão competente em gerir a Política Nacional de Educação (PNE) infantil, média, profissional, tecnológica e superior.

O Governo Federal, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica, criou o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) por meio da Lei nº 12.513/2011, procurando alavancar a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Contudo somente em 2013, o MEC lançou o Pronatec Empreendedor cuja previsão inicial era inserir conteúdo voltado ao empreendedorismo nos cursos já oferecidos pelo Programa concomitantemente firmou termo de cooperação com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), além das Instituições do Sistema S (BRASIL, 2011; MEC, 2013; MEC, 2019; SEBRAE, 2017).

Em meado de 2019 o MEC passou a ter uma nova agenda, supostamente, voltada a educação empreendedora, com a apresentação do Programa Institutos e Universidades

Empreendedoras e Inovadoras (FUTURE-SE). O programa, segundo o MEC, possui uma abordagem de desenvolvimento de parcerias entre as universidades e Organizações Sociais, buscando aprimorar a Gestão, Governança e o Empreendedorismo principalmente incentivando as IES a trabalharem e arrecadarem seus próprios recursos, corroborando alguns princípios instituídos pela Lei de Inovação. Também pretende alavancar a pesquisa e inovação através da criação de centros de pesquisa e parques tecnológicos e ainda estimular a internacionalização da universidade por meio do intercâmbio de professores e estudante (MEC, 2019; BRASIL, 2004).

Conduto deve-se atentar para o fato de que ainda é um programa recente e não implantado nas universidades públicas brasileiras, trata-se apenas de um projeto do MEC. Leher (2019), Sobrinho (2019), Fernandes (2019) e Ramalho, Ramalho, *et al.* (2019) ressaltam diversos pontos controversos do programa, os quais acabam por prejudicar a qualidade do ensino superior público no Brasil (LEHER, 2019; SOBRINHO, 2019; FERNANDES, 2019; RAMALHO, RAMALHO, *et al.*, 2019).

Sobrinho (2019) afirma que o Future-se desrespeita totalmente o Plano Nacional de Educação, traz a ideia de que as IFES são promotoras de festividades, gastanças, irresponsabilidade fiscal e improdutividade. Alega ainda que é um modelo que transforma a educação pública num bem privado com valor econômico de alto potencial a ser explorado, promove a exclusão de pessoas menos favorecidas e trabalha com quatro premissas: a desinformação, a desautonomização, o desvirtuamento e a cooptação (SOBRINHO, 2019).

Fernandes (2019) destaca ser temerário a transformação do patrimônio imobiliário da IFES em matéria-prima para agentes financeiros do mercado de capitais e as facilidades trazidas pelo Future-se nos casos de cessão de uso, concessões, comodato, fundo de investimento imobiliário e parcerias público-privadas como objetivo tornar a gestão de ativos imobiliários das IFES mais eficiente devem ser vistas com cautela. O programa trabalha com a subordinação do Ensino, Pesquisa e Extensão aos interesses do empresariado e são pautados nos interesses do mercado, representando desta forma uma asfixia no pensamento crítico principalmente relacionado às Ciências Humanas (FERNANDES, 2019).

Ramalho, Ramalho, *et al.* (2019) asseveram que o programa é arbitrário e uma ameaça a educação pública e a sociedade como um todo, além de prejudicar a efetivação do direito a educação de qualidade. Ressaltam os autores que o Future-se inviabiliza o avanço da pesquisa por priorizar questões quantitativas e não considerar a qualidade da educação, da pesquisa e da extensão além de comprometer a autonomia das IFES. A proposta do MEC representa um golpe a Pesquisa, Inovação e Extensão, principalmente na área das Ciências Humanas tornando as instituições de educação superior públicas demasiadamente dependentes do capital financeiro (RAMALHO, RAMALHO, *et al.*, 2019)

Para Leher (2019) o programa induz, veladamente, as universidades e institutos a integrarem-se ao mercado de capitais. Destaca o autor que o programa não busca fortalecer a inovação tecnológica, visto que não é realista em suas propostas, por fim o Future-se procura modificar o conjunto de crenças e hábitos, o *ethos*, universitários implantando uma maximização forçada e unilateral de resultados (LEHER, 2019).

Feitas estas considerações sobre o programa Future-se, pode-se destacar outras políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo no Brasil realizadas pelos Governos Federal e alguns Estaduais conforme informações trazidas pelo site ‘Pense Grande’ (PENSE GRANDE, 2018).

Quadro 5 – Programas do Governo Federal voltados ao Empreendedorismo

Nome	Proposta	Órgão desenvolvedor
InovAtiva	Programa de aceleração do empreendedorismo, o participante realiza cursos online sobre empreendedorismo inovador, mentorias e workshops com empresas.	MDIC/SEBRAE
StartOut	Programa de inserção de Startups brasileiras em ecossistemas de inovação promissores pelo mundo.	MDIC/SEBRAE
StartUp Brasil	Programa de aceleração de Startups brasileiras com objetivo de desenvolvimento tecnológico em áreas afins das Tecnologias da Inovação e Comunicação.	MDIC
FINEP Startups	Propõe-se ao financiamento de novas empresas apoiando empreendimentos após a fase de aceleração	FINEP (Empresa Brasileira de Inovação e Pesquisa)
Eninpacto	Propõe-se a estimular Investimentos e Negócios de Impacto que possam gerar transformação social	MDIC
SEED	Startup and Entrepreneurship Ecosystem Development tem como objetivo transformar Minas Gerais no maior polo de empreendedorismo e inovação da América Latina.	SEDECTES (Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência,

		Tecnologia e Ensino Superior)
Minha Primeira Empresa	O Programa apoia, capacita e acompanha empreendedores em fase inicial	FAJE (Federação das Associações de Jovens Empresários e Empreendedores)

Fonte: (PENSE GRANDE, 2018);

Nota: Adaptado pelo autor

Outro órgão promotor da educação voltada ao empreendedorismo em âmbito nacional é o SEBRAE que desde 2013, iniciou o Programa Nacional da Educação Empreendedora (PNEE) cujo “objetivo é ampliar, promover e disseminar a educação empreendedora por meio da inclusão de conteúdos de empreendedorismo nos currículos dos diferentes níveis da educação: básica, profissional e superior”. Em que pese o SEBRAE ter como foco principal o apoio a empresas seu programa de educação empreendedora é voltado para os educandos de qualquer instituição de ensino (SEBRAE, 2019).

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2012) também possui um plano nacional de ações voltadas ao empreendedorismo. Esta política engloba projetos, programas e planos voltados a viabilizar o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de negócio, serviços e produtos. Segundo Lundström e Stevenson (2005) o esforço do governo para colocar em prática uma política voltada ao empreendedorismo deve: I – promover uma cultura empreendedora, II – desenvolver a educação empreendedora; III – reduzir barreiras de entrada e saída ao empreendedor; IV – garantir acesso ao financiamento; V – viabilizar suporte aos empreendedores; e VI – apoiar grupos específicos (LUNDSTROM e STEVENSON, 2005; MDIC, 2012)

A educação voltada para o empreendedorismo no Brasil surgiu no início dos anos 2000, como fruto de Políticas Públicas governamentais, em especial do Governo Federal, denominada “Plano Brasil Maior”. Esta diretriz ‘macro’ deu origem à Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios (PNEN) que busca o desenvolvimento científico e tecnológico, a redução das desigualdades sociais, o crescimento econômico, a preservação do meio ambiente e a maior competitividade do Brasil no cenário mundial (MDIC, 2012).

O Plano Brasil Maior estabeleceu dez metas potencializadoras do empreendedorismo no país, entre elas ampliar o investimento fixo percentualmente em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), elevar o dispêndio empresarial em P&D, qualificar maior número de trabalhadores, ampliar o valor agregado nacional à produção, elevar o percentual da indústria intensiva em conhecimento, aumentar percentualmente o número de micro, pequenas e médias empresas inovadoras, aumentar a eficiência energética, ampliar e diversificar as exportações, elevar a participação brasileira em mercados de tecnologias, bens e serviços, ampliar o acesso à banda larga além de outros (MDIC, 2012).

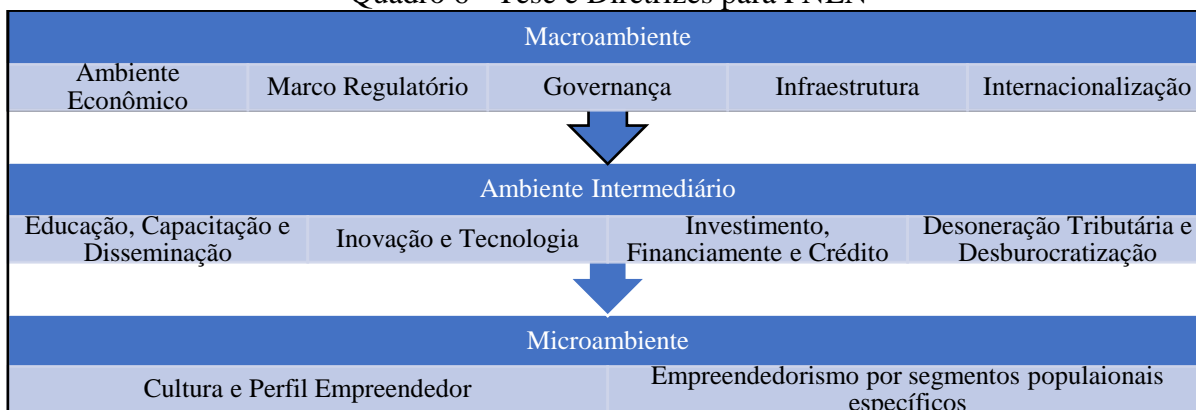
A PNEN deve coordenar esforços na promoção do empreendedorismo de diversas formas, mas principalmente na harmonização com outras políticas locais, regionais e educacionais atuando de forma sinérgica. Para Secchi (2012) política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público. Neste sentido alguns problemas públicos a serem enfrentados pela PNEN são estruturais como o baixo desenvolvimento científico e tecnológico, as gritantes desigualdades sociais e regionais, o parco crescimento econômico, a baixa competitividade internacional da mão-de-obra brasileira e a agressão constante ao meio ambiente (MDIC, 2012; SECCHI, 2012).

A implantação de qualquer política pública é um desafio para o governo que pretende pô-la em ação e como forma de facilitar a implantação desta política o governo elaborou a Proposta de Teses e Diretrizes para PNEN recomendando que se iniciasse por cinco eixos prioritários: 1 – elaboração e implantação de uma estrutura de governança, 2 – desenvolvimento e reformulação do sistema educacional, 3 – desenvolvimento de um sistema único de informações relevantes e estratégicas ao empreendedor, 4 – integração entre governo, empresas, e universidades e 5 – desenvolvimento de um sistema eficiente de gestão (MDIC, 2012).

As teses de diretrizes da PNEN foram divididas em três grandes eixos-matriz o macroambiente, ambiente intermediário e microambiente. O primeiro eixo, macroambiente, contempla as diretrizes nacionais sobre o ambiente econômico, marco regulatório, governança, infraestrutura e internacionalização. O ambiente intermediário abrange as diretrizes sobre educação, capacitação e disseminação, tecnologia e inovação, investimento, financiamento e

crédito e desoneração tributária e desburocratização. Por fim o microambiente atende a diretrizes sobre cultura e perfil do empreendedor e empreendedorismo por segmentos populacionais (MDIC, 2012).

Quadro 6 - Tese e Diretrizes para PNEN



Nota: adaptado pelo autor, fonte (MDIC, 2012)

Todas as diretrizes acima citadas procuram promover o empreendedorismo cada uma a sua maneira, contudo para os fins a que se destina esta pesquisa nos interessamos particularmente pelas diretrizes do ambiente intermediário, especificamente educação, capacitação e disseminação. Estas diretrizes estimulam a educação empreendedora desde a educação básica até a pós-graduação, utilizando a pedagogia do empreendedorismo para incentivar metodologias criativas, adequar conteúdos curriculares para formação de alunos empreendedores, promover a visão negocial no ambiente acadêmico, valorizar atitudes empreendedoras tanto de alunos quanto de professores, criar incentivos à capacitação e procurar desenvolver competências empreendedoras (MDIC, 2012).

A partir deste ponto serão abordados os tópicos inovação, empreendedorismo, empreendedorismo acadêmico, cultura empreendedora e educação voltada para o empreendedorismo separadamente com a finalidade de esclarecer conceitos, origens e definições espostas pelos principais pesquisadores sobre o tema. Ressalta-se que, apesar da abordagem estar segmentada os conceitos abaixo estão inter-relacionados visto que muitos autores defendem que o processo de inovação e de empreendedorismo caminham lado a lado.

2.2.1. Inovação

Inovação possui um conceito amplo e abrangente, o Manual de Oslo a define como “a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OSLO, 2006, p. 55). Pode-se dizer que a inovação decorre de uma mudança no conhecimento tecnológico ou nos métodos de realizar determinada tarefa, promovida via de regra pelo produtor (empreendedor), a ponto de influenciar consumidores e causar a obsolescência do conhecimento presente em relação ao novo (OSLO, 2006).

Para Schumpeter (1997) a inovação pode ser decorrente do resultado de novas maneiras de combinação dos mesmos fatores de produção, que podem gerar um novo bem, uma nova metodologia de produção para um mesmo bem, abrir um novo mercado consumidor, criar uma nova fonte de matéria-prima ou estabelecer uma nova indústria. Acreditava, o autor, que o processo de inovação é descontínuo e que somente há inovação quando ocorre uma perturbação no equilíbrio do fluxo circular da economia, nota-se que a inovação também decorre do financiamento, ou seja, o crédito é um dos elementos fundamentais à inovação. Schumpeter fundiu o conceito de inovação ao de empreendedorismo, seja através da reorganização, da combinação dos fatores de produção ou da introdução de instrumentos redutores dos custos de produção (OSLO, 2006; OLIVEIRA, MELO e MUYLDER, 2016; SCHUMPETER, 1934; SEVERO, GUIMARÃES, *et al.*, 2019).

O Manual de Oslo (2006) classifica a inovação em quatro tipos básicos sendo elas a Inovação de Produto, de Processo, de *Marketing* e Organizacional, esse conjunto engloba farta gama de atividades inovadoras. Tão importante quanto a atividade de inovação em si é a identificação dos motivos que levam a empresa ou o profissional autônomo a este processo, pois reconhecer quais ramos de atividade podem gerar novas oportunidades de negócios faz com que se identifique oportunidades para novos mercados. Diversos fatores podem influenciar no processo inventivo como os objetivos da empresa, o mercado consumidor, a capacidade de gerir mudanças, a intenção empreendedora, os custos econômicos, a carência de capital

humano, regras legais, entre outros (OSLO, 2006; SEVERO, GUIMARÃES, *et al.*, 2019; SCHUMPETER, 1934).

Segundo o Manual de Oslo:

As **atividades de inovação** são etapas científicas, tecnológicas, organizacionais, financeiras e comerciais que conduzem, ou visam conduzir, à implementação de inovações. Algumas atividades de inovação são em si inovadoras, outras não são atividades novas, mas são necessárias para a implementação de inovações. As atividades de inovação também inserem a P&D que não está diretamente relacionada ao desenvolvimento de uma inovação específica (OSLO, 2006, p. 25).

O primeiro modelo descrito no Manual de Oslo é a Inovação de Produto. Um produto novo é resultado de novos conhecimentos ou tecnologias, ou de novas combinações ou usos, este novo produto poder nascer sob a forma de bem ou serviço desde que seja diferente em suas características essenciais do bem ou serviço predecessor. Alterações diminutas nas especificações técnicas de um bem ou serviço, mas que altere seu uso é considerada inovação. A concepção é parte do desenvolvimento da inovação do produto, contudo alterações na concepção que não implicam necessariamente mudanças na funcionalidade do produto ou no seu uso não podem ser consideradas inovação (OSLO, 2006).

Outro tipo de inovação trazida no Manual de Oslo é a Inovação de Processo. Este tipo de inovação é decorrente principalmente da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), concentra-se em transformar significativamente métodos logísticos de distribuição, equipamentos e softwares, também inclui a utilização de novas técnicas, *desing* e métodos com vistas a reduzir custos de produção e de distribuição, e melhoria da qualidade dos produtos sem que haja aumento dos custos de produção (OSLO, 2006).

A Inovação de *Marketing* tem como principal atributo não ter sido utilizada previamente pela empresa, este tipo de inovação busca melhor atender as necessidades dos consumidores e aumentar as vendas da empresa através da entrada em novos mercados ou pelo simples reposicionamento de seus produtos nos locais que atua. Esta estratégia pode ser utilizada em produtos novos ou previamente existentes e representa um afastamento drástico dos métodos

anteriores, destacando-se pela alteração do *desing* do produto – aparência, forma e embalagem – mas que não altere suas qualidades funcionais. A inovação de *Marketing* pode ocorrer na forma de posicionamento de produtos, na promoção de produtos e na inovação de fixação de preço desses produtos. É importante destacar que alterações sazonais, constantes e habituais não são consideradas inovações de *Marketing* (OSLO, 2006).

A Inovação Organizacional e último tipo descrito no Manual e constitui-se em um modelo de inovação que busca melhoria no desempenho da empresa com conseqüente redução de custos de administração, de transação e de suprimento sempre com o viés de aumentar a produtividade. A inovação Organizacional é decorrente de um novo método não empregado anteriormente na empresa, ou seja, é resultado de novas estratégias, novas práticas de negócios, nova organizações do local de trabalho, novas organizações nas relações externas da firma. Deve-se atentar para o fato de que fusões, aquisições ou mudanças sutis nas práticas de negócios já utilizadas pela empresa não são inovações organizacionais (OSLO, 2006).

Quadro 7 - Tipos de Inovação

Tipo de Inovação	Definição Manual de Oslo
Inovação de Produto	Uma inovação de produto é a introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente melhorado no que concerne a suas características ou usos previstos. Incluem-se melhoramentos significativos em especificações técnicas, componentes e materiais, softwares incorporados, facilidade de uso ou outras características funcionais.
Inovação de Processo	Uma inovação de processo é a implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado. Incluem-se mudanças significativas em técnicas, equipamentos e/ou softwares.
Inovação de <i>Marketing</i>	Uma inovação de marketing é a implementação de um novo método de <i>marketing</i> com mudanças significativas na concepção do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, em sua promoção ou na fixação de preços.
Inovação Organizacional	Uma inovação organizacional é a implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da empresa, na organização do seu local de trabalho ou em suas relações externas.

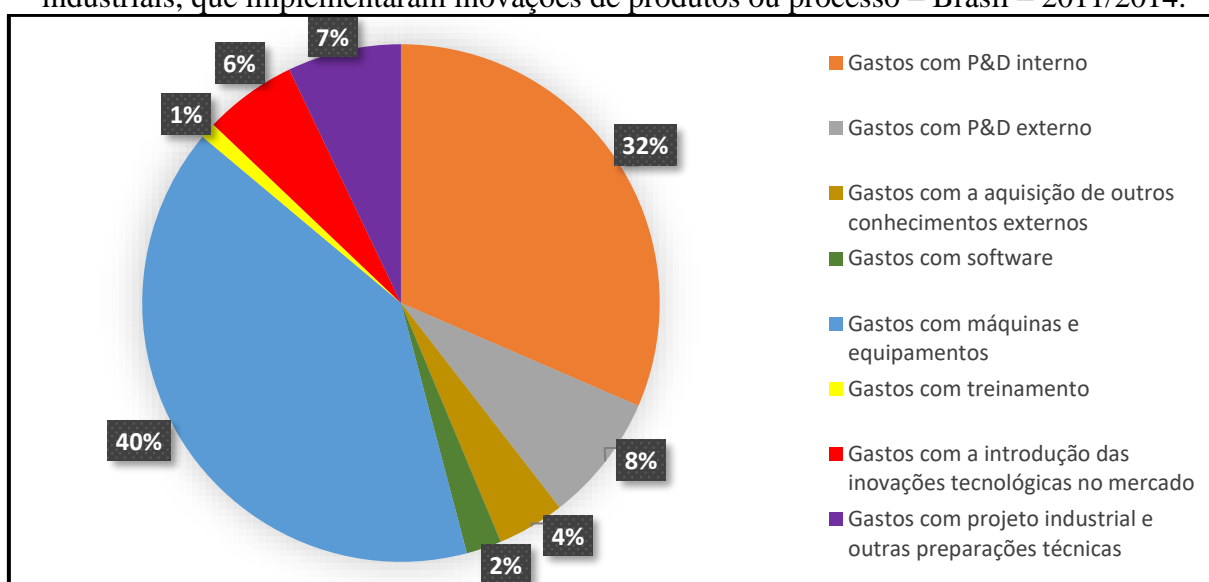
Fonte: Manual de Oslo, 3ª Edição, 2006.

O IBGE, utilizando-se dos conceitos trazidos no Manual de Oslo, publica trienalmente a Pesquisa de Inovação Tecnológica (PINTEC) cujo objetivo é contribuir para construção de indicadores das atividades de inovação das empresas brasileiras, sendo que sua última edição engloba o período de 2012-2014 e foi publicada em 2016. Segundo a última publicação

O conjunto de indicadores disponibilizados pela PINTEC 2014 contribui para uma melhor compreensão do comportamento das empresas brasileiras no período 2012-2014, no tocante à inovação, permitindo vários recortes analíticos e representando, deste modo, um instrumento fundamental para o desenho, implementação e avaliação de políticas públicas e estratégias privadas (IBGE, 2016, p. 38).

Para obter uma avaliação efetiva e que possa orientar políticas públicas a PINTEC se utiliza do conceito da ‘taxa geral de inovação’ que é aferida utilizando-se o universo de empresas com dez ou mais pessoas ocupadas que implementaram produtos ou processo novos ou significativamente aprimorados. Segundo dados da PINTEC/2014 para o triênio 2012-2014 essa taxa foi de 36%, contra 35,7% do triênio anterior 2009-2011, isso representa certa estabilidade no processo de inovação brasileiro (IBGE, 2016).

Gráfico 1 - Participação percentual dos gastos nas atividades inovativas das empresas industriais, que implementaram inovações de produtos ou processo – Brasil – 2011/2014.



Fonte: (IBGE, 2016, p. 48)

Corroborando a característica marcante da indústria brasileira, de que as atividades de inovação ainda são predominantemente baseadas na obtenção de tecnologia incorporada através da aquisição de bens de capita, o Gráfico 1, demonstra que a compra de máquinas e equipamentos é a principal fonte de aquisição ao conhecimento tecnológico no Brasil (IBGE, 2016).

As atividades inovativas são consideradas fundamentais para pesquisa e estão associadas a todos os tipos de inovação. Ao longo das publicações da PINTEC ficou demonstrado que no Brasil as inovações **de processo** predominam em relação às **de produto**. Essas **inovações de processo** caracterizam-se principalmente pela “introdução de novos ou substancialmente aprimorados métodos de produção, mudanças de logística interna de movimentação de insumos e produtos e de incrementos nas atividades de apoio à produção...” (IBGE, 2016, p. 44).

Segundo a PINTEC/2014 o principal responsável pelo desenvolvimento das atividades de **inovação de produtos** é a própria empresa tanto para a Indústria quanto para o setor de Serviços Selecionados. Nos casos do setor de Eletricidade e Gás a empresa em cooperação com outras empresas ou institutos é responsável pelas atividades inovativas (IBGE, 2016).

Tabela 1 - Principal responsável pelo desenvolvimento da inovação implementada, segundo as atividades da indústria, do setor elétrico e gás e dos serviços selecionados Brasil – período 2012-2014.

Atividades da indústria, setor de eletricidade e gás e serviços selecionados	Principal responsável pelo desenvolvimento da inovação implementada (%)			
	A empresa	Outra empresa do grupo	A empresa em cooperação com outras empresas ou institutos	Outras empresas ou institutos
	Produto			
Total	78,1	1,9	8,5	11,6
Indústria	78,2	1,9	8,2	11,7
Eletricidade e Gás	15,5	0,0	63,7	20,9
Serviços Selecionados	77,9	1,7	10,2	10,2
	Processo			
Total	27,0	1,2	5,9	65,9
Indústria	25,5	1,2	5,8	67,4
Eletricidade e Gás	3,4	0,7	30,6	65,3
Serviços Selecionados	42,5	0,5	5,9	51,1

Fonte: (IBGE, 2016, p. 55)

Em se tratando de inovações em processos na Indústria, no setor de Eletricidade e Gás ou de Serviços Selecionados os principais responsáveis pelas atividades inovativas são “Outras empresas ou institutos”. Segundo a PINTEC/2014 esse fato indica o reflexo de grande investimento na aquisição de tecnologia de máquinas e equipamentos e software produzidos por terceiros (IBGE, 2016).

A PINTEC/2014 (p. 55) destaca que os “impactos das inovações, em geral, somente podem ser verificados quando os efeitos das atividades inovativas já estão concretizadas e podem ser perceptíveis.”. O principal impacto relacionado a inovação na Indústria está relacionado à capacidade de manutenção da participação da empresa no mercado, apontado por 81,5% das empresas. Em relação aos Serviços Selecionados o principal fator, elencado por 87,8% das empresas, foi a melhoria na qualidade dos bens e serviços. Por fim, 75,5% das empresas de eletricidade e gás também elegeram como principal fator de impacto na inovação a melhoria na qualidade de bens e serviços (IBGE, 2016).

A inovação é um fenômeno complexo e as empresas quando decidem investir se deparam com riscos e incertezas, mas com a expectativa de transformar esse investimento em lucro, contudo não há como mensurar com exatidão o lucro derivado do processo inovativo. Por esse motivo é necessário apoio governamental para que a inovação passe a fazer parte da estratégia das empresas. Um dado importante trazido pela PINTEC/2014 (p. 61) é que “40% das empresas inovadoras receberam algum apoio do governo para suas atividades inovativas, proporção maior que a observada no período 2009-2011 (34,2%)” (IBGE, 2016).

Quando se refere a inovação os principais obstáculos enfrentados pelas empresas são os de natureza econômica, que em todas as edições anteriores da PINTEC se sobrepuseram aos demais. Para as empresas industriais o principal obstáculo a inovação é o custo, citado por 86% das empresas, seguido dos riscos relacionados a atividades inovativas com 82,1%, e a escassez de fontes de financiamento com 68,8% (IBGE, 2016).

Para o setor de Serviços selecionados entre os principais obstáculos enfrentados pelas empresas para inovação, os custos predominam com 88,5% acompanhado pelo fator riscos com 75,5% e escassez de recursos 71,8%. Já para o setor de Eletricidade e gás a principal barreira a inovação são os riscos, apontado por 69,9% das empresas, o segundo fator são os custos com 64,7% e por último a rigidez organizacional do setor com 54,4% (IBGE, 2016).

Esses entraves à inovação nas empresas nacionais acabam impactando a balança comercial brasileira negativamente ocasionando o chamado ‘déficit tecnológico no comércio

exterior'. A Sociedade Brasileira Pró-inovação Tecnológica (Protec) cujo objetivo é auxiliar o aperfeiçoamento de políticas públicas de fomento as inovações tecnológicas, realiza o cálculo desse *déficit* tecnológico (PROTEC, 2015).

A Protec calcula desde 2008 o *déficit* tecnológico nas exportações brasileiras (exportação de produtos de alto e médio-alto conteúdo tecnológico), comparando com a importação dos mesmos bens e serviços, sendo que para o ano de 2014 esse *déficit* foi de aproximadamente R\$ 90,3 bilhões. Segundo a Protec o *déficit* significa que a importação de produtos de alto e médio-alto conteúdo tecnológico excedeu o valor exportado. Este fato corrobora os dados do IBGE de que a internalização de tecnologia no caso brasileiro ocorre principalmente pela aquisição de bens de capital (PROTEC, 2015; IBGE, 2016).

2.2.2. Empreendedorismo

O termo empreendedorismo é originário da língua francesa *entrepreneur* posteriormente traduzido para o inglês *intrepreneurship*, este sendo derivado do latim *imprehendere* ou *prehendere* que significa “empreender” em português. Empreendedorismo era considerado o ato de empreender um negócio ou a criação de uma empresa principalmente com a função de gerar crédito, segundo o dicionário *Petit Robert* o verbete teve origem por volta do ano de 1430. Séculos depois, por volta de 1614, o termo passou a qualificar a pessoa que contratada por uma empresa que realiza um ofício especializado (COAN, 2011).

O tema foi estudado inicialmente pelos economistas com interesse em gerenciamento de negócios, novos empreendimentos e no desenvolvimento propriamente dito, além da área da economia. Outro grupo de pesquisadores que se interessou pelo tema foram os chamados comportamentalistas que nas palavras de Filion (1999, p. 8) “refere-se aos psicólogos, sociólogos, e outros especialistas do comportamento humano” (FILION, 1999).

Cantillon (1680-1743) dedicou-se ao estudo do empreendedorismo abordando uma perspectiva de oportunidade de negócios, rendimentos sobre o capital investido e o gerenciamento inteligente de negócios. Posteriormente Say (1767-1832) em seus estudos defendia que empreendedores eram pessoas que assumiam riscos calculados com a expectativa

de auferir lucros. Diversos outros economistas dedicaram-se ao estudo do empreendedorismo na tentativa de compreender o papel do empreendedor dentro do sistema econômico sendo que todos encontraram um denominador comum entre os empreendedores, são “detectores de oportunidades de negócios” (FILION, 1999).

Schumpeter (1934) reformulou o conceito de empreendedorismo relacionando-o a inovação e ao desenvolvimento econômico, aspectos que estão cada vez mais interligados devido aos novos cenários de utilização intensiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como ferramenta de competitividade das empresas. Contudo foi Peter Drucker (1909-2005), considerado pai da administração moderna, quem se ocupou em relacionar o empreendedorismo ao grau de produção de riqueza da sociedade pôr meio da educação. Para Drucker a redução de problemas sociais e o desenvolvimento econômico são conquistados através da disseminação do conhecimento (SANTOS, 2017; DORNELAS, 2017; SANTOS, 2017; SCHUMPETER, 1934).

Os comportamentalistas também se dedicaram ao estudo do empreendedor com o intuito de investigar quais as motivações e/ou estímulos levam o indivíduo a incorrer em novas situações de risco e buscar a inovação, independente de encontrar-se em condições favoráveis de mercado. Max Weber foi um dos primeiros estudiosos sobre o comportamento empreendedor identificando características como liderança, autoridade formal perante outras pessoas e a busca incessante pela inovação (FILION, 1999).

Segundo Filion (1999, p. 8) David McClelland (1917-1998) observou que existia uma correlação entre os heróis da literatura e pessoas empreendedoras. Para McClelland as gerações vindouras às das pessoas que realizaram os feitos notáveis, os heróis, os tomavam como exemplos de superação de desafios e buscavam copiar seu comportamento. Características como necessidade de realização, autoconfiança e aptidão moderada de assumir riscos estão presentes no perfil do indivíduo empreendedor. McClellande o define como “alguém que exerce controle sobre uma produção que não seja só para o seu consumo pessoal” (MEDEIROS, 2012; FILION, 1999; MCCLELLAND, 1987).

Ao longo dos anos pesquisadores dedicaram-se ao estudo do comportamento empreendedor, na tentativa de identificar as principais características que influenciavam a decisão de empreender. Empreendedores frequentemente possuem as seguintes particularidades: necessidade de autorrealização, liderança, otimismo, inovadores, adeptos a correrem riscos moderados, criativos, são orientados para o resultado, habilidades para conduzir atividades, possuem iniciativa, agressividade nos negócios, tem o dinheiro como medida de desempenho, entre outros (FILION, 1999; MEDEIROS, 2012; D'ALBERTO, 2005; DORNELAS, 2017).

Teóricos comportamentalistas elaboraram modelos tentando prever o comportamento empreendedor (AJZEN, 1991). Estudos corroboram que anteriormente ao comportamento o indivíduo possui a intenção de realizar algo (ter um novo empreendimento, trocar de emprego, etc.) e antes desta existe a convicção. É a convicção (certeza/crença) que dá origem a intenção (ideia/finalidade), ou seja, a intenção precede o comportamento e está umbilicalmente ligada à convicção. Relacionando-os com o tema empreendedorismo parte-se da premissa que um indivíduo tenha uma crença depois é tomado pela intenção de empreender em determinada área e posteriormente concretize-a com o comportamento empreendedor (AJZEN, 1991; DORNELAS, 2017; DAVIDSSON, 1995; KRUEGER e CARSRUD, 1993)

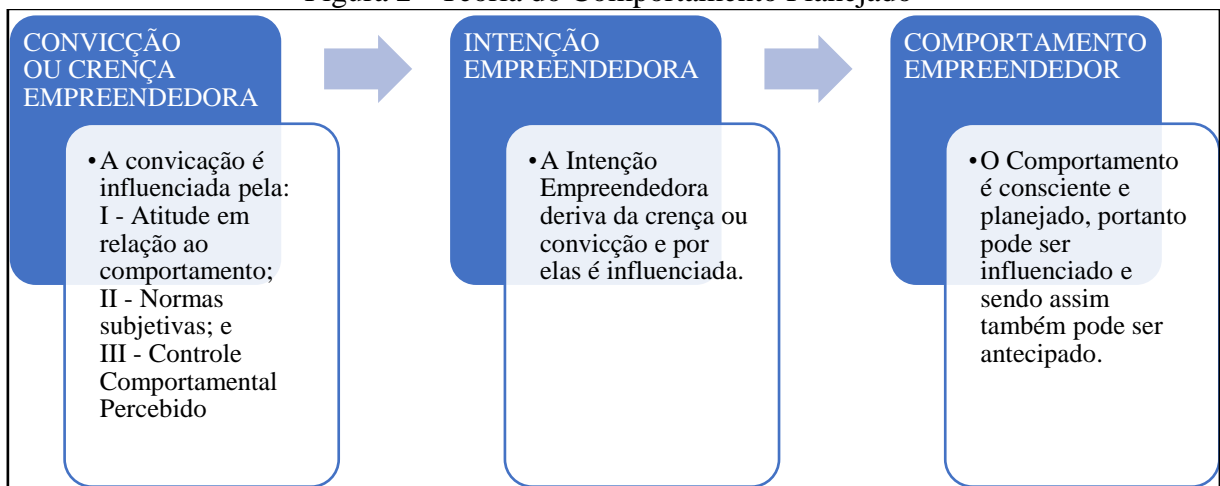
Este conceito vem sendo aprimorado ao longo do tempo na tentativa de obter uma ferramenta capaz de prever e/ou influenciar o momento do comportamento empreendedor. A intenção empreendedora parte do indivíduo que decide, com base em um planejamento detalhado, estabelecer um novo empreendimento em um futuro às vezes ainda não definido. Há neste momento a intenção do indivíduo em empreender, mesmo que nunca venha a se concretizar, e esta intenção pode ser influenciada, sendo a educação uma das maneiras de influenciá-la (BIRD, 1988; AJZEN, 1991; DAVIDSSON, 1995; KRUEGER e BRAZEAL, 1994; KRUEGER e CARSRUD, 1993; THOMPSON, 2009).

Dentro da vertente comportamentalista que estuda o comportamento empreendedor surgiu a Teoria do Comportamento Planejado – TCP, desenvolvida Ajzen (1991) que procura explicar a intenção e o comportamento empreendedor do indivíduo. Segundo esta teoria o

comportamento de determinado indivíduo é consciente e planejado, portanto pode ser antecipado (AJZEN, 1991).

Ajzen (1991) afirma que existem três variáveis principais que influenciam a intenção empreendedora: I. **Atitude em relação ao comportamento**: indica o momento favorável para um dado comportamento; II. **Normas subjetivas**: é o discernimento, favorável ou não, desempenhado por pessoas consideradas referência pelo indivíduo; e III. **Controle comportamental percebido**: é o que leva o indivíduo a um dado comportamento e está relacionado a experiências passadas, deficiências e realizações. Percebe-se que o comportamento deriva da intenção e esta, por sua vez, é influenciada pela atitude, pelas normas subjetivas e controle percebido (AJZEN, 1991; DORNELAS, 2017; MEDEIROS, 2012).

Figura 2 - Teoria do Comportamento Planejado



Nota: Adaptado pelo autor, fonte (AJZEN, 1991)

Observa-se que as normas subjetivas e o controle percebido afetam a intenção, e por sua vez a intenção pode ser influenciada. Ajzen (1991) afirma que a intenção comportamental do indivíduo pode ser influenciada por suas crenças que são baseadas em diversos fatores como experiência passada, informações sobre o comportamento, experiências de conhecidos e amigos, e outros fatores que aumentam ou reduzem a dificuldade percebida de realizar um determinado comportamento (AJZEN, 1991).

Diversos pesquisadores acreditam que a intenção e o comportamento empreendedor possam ser estimulados por meio de uma educação empreendedora, ou seja, para induzir um

determinado indivíduo a adotar um comportamento empreendedor seria necessário alterar suas crenças sobre o assunto em questão. A partir do momento em que este indivíduo possuir uma crença positiva sobre o empreendedorismo também terá uma convicção positiva a qual dará origem a intenção do indivíduo para empreender. Conforme já demonstrado a intenção empreendedora é anterior ao comportamento empreendedor o qual pode ser estimulado, ensinado, orientado, aconselhado e etc. (AJZEN, 1991; FAYOLLE e GAILLY, 2015; AMARO e BRUNSTEIN, 2013; ALBUQUERQUE, FERREIRA e BRITES, 2016; COAN, 2011; CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006; MARTINS, 2010; DOLABELA, 2016).

Conceituar empreendedorismo, empreendedor ou empreender não é uma tarefa simples, diversos pesquisadores, autores e estudiosos sobre o tema o fazem e cada um a sua maneira. A definição dos termos, anteriormente referidos, também dependerá da área de atuação do pesquisador, diferenciando-se das ciências sociais aplicadas como administração e economia para ciências exatas como engenharias ou para área da educação. Optou-se por trazer um quadro resumo com as definições sobre empreendedorismo dos principais pesquisadores e/ou instituições sobre o tema.

Quadro 8 - Definições de Empreendedorismo

Autor	Definição
Dolabela (2011, p. 43)	Empreendedorismo designa a pessoa que se “dedica à geração de riqueza, seja na transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em áreas como marketing, produção, organização, etc.” (DOLABELA, 2011)
Dornelas (2018, p. 8)	Empreendedores “são pessoas diferenciadas que, possuem motivação singular, são apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado” (DORNELAS, 2018)
Filion (1999, p. 21, 19)	“o campo do empreendedorismo pode ser definido como aquele que estuda os empreendedores” e que empreendedor é a “pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”. (FILION, 1999)
SEBRAE (2018).	Empreendedorismo “é o modo de pensar e agir de forma inovadora; identificando e criando oportunidades; inspirando, renovando liderando processo; tornando possível o impossível; entusiasmando pessoas, combatendo a rotina; assumindo riscos em favor do lucro” (SEBRAE, 2018)
GEM (2016, p. 110),	Empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2016)
Drucker (1987).	“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática” (DRUCKER, 1987)

Schumpeter (1997)	Empreendedorismo “consiste essencialmente em fazer coisas que não são geralmente feitas em vias normais da rotina do negócio; é essencialmente um fenômeno que vem sob o aspecto maior da liderança. Empreendedorismo envolve qualquer forma de inovação que tenha uma relação com a prosperidade da empresa” (SCHUMPETER, 1934).
Mcclelland (1973)	“Empreendedor é alguém que exerce controle sobre uma produção que não seja só para o seu consumo pessoal”

Nota: elaborado pelo autor

Observa-se que, a depender da área de formação do autor, o conceito sobre empreendedorismo varia, contudo em praticamente todas as definições são percebidas as seguintes características comuns como: liderança, iniciativa, criatividade, autoconfiança, aceitação a riscos moderados, flexibilidade, orientação por resultados, autorrealização, comportamento e etc. A pesar de não possuir uma definição ortodoxa, única ou cartesiana existe certo consenso entre os pesquisadores que aceitação a correr riscos e tendência a inovação dos empreendedores têm papel importante no desenvolvimento econômico (MCCLELLAND, 1987; SCHUMPETER, 1934; DRUCKER, 1987; GEM, 2016; SEBRAE, 2018; FILION, 1999; DOLABELA, 2011; DORNELAS, 2018).

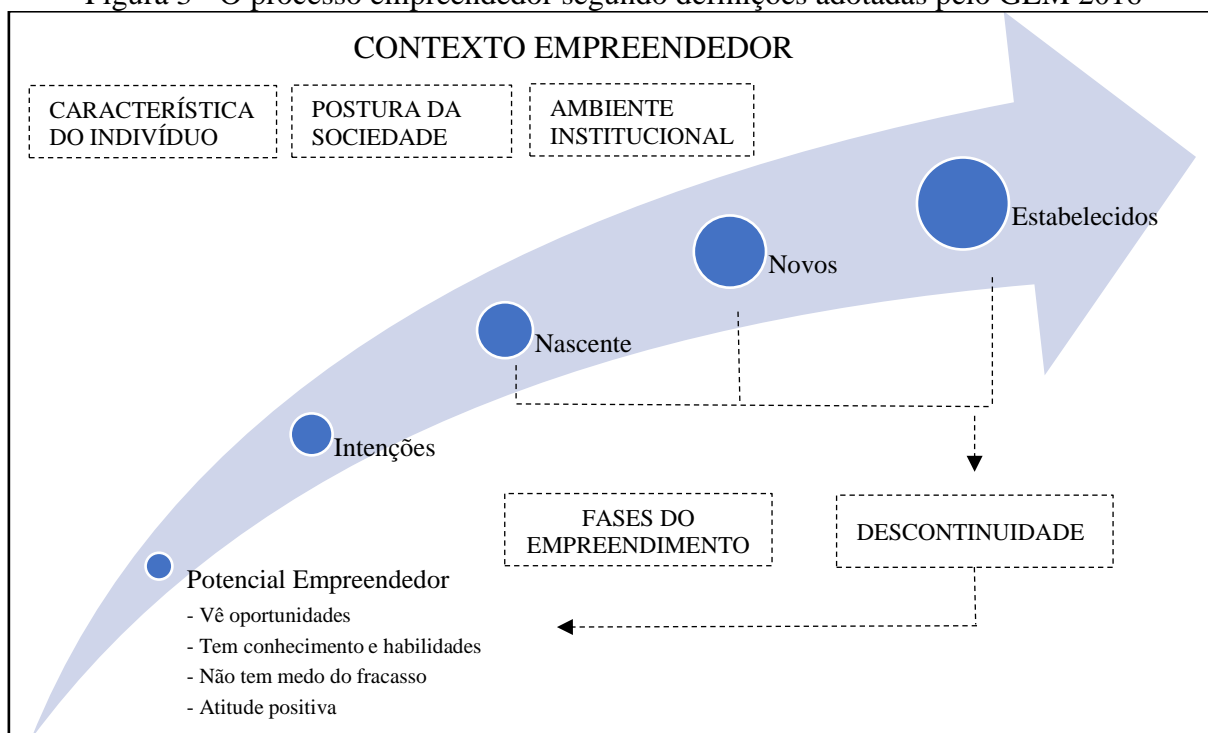
O empreendedorismo ainda pode ser classificado em dois grupos: de necessidade e de oportunidade. Segundo o GEM (2016, p. 61) o “**empreendedorismo por oportunidade** é quando o empreendedor, mesmo com outras possibilidades de renda, prefere criar seu próprio negócio”, ou seja, é o empreendedorismo genuíno, aquele que a pessoa o faz por necessidade de autorrealização, já o “**empreendedorismo por necessidade** é quando o empreendedor não tem outra opção de renda melhor que a de criar um negócio para o sustento de si e de sua família.” (COAN, 2011; GEM, 2016).

O GEM (2016, p. 30) define empreendedores por oportunidade “como capazes de identificarem uma chance de negócio ou um nicho de mercado, empreendendo mesmo possuindo alternativas concorrentes de emprego e renda”, e por necessidade como aquele que não possui melhores “alternativas de emprego, propondo-se a criar um negócio que gere rendimentos, visando basicamente a sua subsistência e de seus familiares (GEM, 2016).

No Brasil em decorrência de crises econômicas e a diminuição do crescimento econômico há crescimento de empreendedorismo por necessidade, contudo o

empreendedorismo por oportunidade ainda possui maior percentual de intenção entre os empreendedores. Dados de pesquisa, para o ano de 2016, indicam que a Taxa de Empreendedorismo por Oportunidade é de 57,4%, e a Taxa de Empreendedorismo por Necessidade é de 42,4% (GEM, 2016). As informações do GEM (2016, p. 17) podem ser utilizadas como métricas para “formulação e implementação de políticas públicas de fomento ao empreendedorismo”. Segundo o GEM (2016, p. 18) o processo de empreendedorismo é um fenômeno caracterizado em diversas fases conforme figura 3 (GEM, 2016).

Figura 3 - O processo empreendedor segundo definições adotadas pelo GEM 2016



Fonte: (GEM, 2016, p. 18)

Inferese da figura acima que o ato de empreender inicia-se com o Potencial Empreendedor (aquela pessoa que vê oportunidades, ou nas palavras de Filion “a pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”). Este Potencial Empreendedor possui a ‘Intenção’ de empreender. Para Ajzen (1991) essa intenção pode ser influenciada por fatores externos e/ou internos ao indivíduo. É a intenção que gera o comportamento empreendedor, qual seja, criar um novo tipo de negócio, aproveitar uma oportunidade ou qualquer outra forma de inovar. Do

comportamento podem nascer oportunidades de negócios, que podem tornar-se atividades estabelecidas ou podem sofrer descontinuidade (AJZEN, 1991; FILION, 1999; GEM, 2016).

Seguindo classificação econômica adotada pelo Fórum Econômico Mundial (*World Economic Forum* – WEF) que leva em consideração indicadores como Produto Interno Bruto - PIB, renda *per capita* e exportações de produto primários o GEM classifica os países objeto da pesquisa em três grupos: I – Países impulsionados por fatores; II – Países impulsionados pela eficiência; e III – Países impulsionados pela inovação (GEM, 2016).

Os países **impulsionados por fatores** são aqueles onde predominam atividades que utilizam acentuadamente o trabalho (mão-de-obra) e recursos naturais. Os **impulsionados pela eficiência** são caracterizados pela industrialização, ganhos de escala e organização intensiva de capital. Já os **impulsionados pela inovação** possuem empreendimentos intensivos em conhecimento e modernização de setores de serviços. Segundo o GEM/2016 o Brasil integra o grupo de países impulsionados pela eficiência (GEM, 2016).

Baseando-se no fato de o Brasil possuir forte industrialização, economia de escala e organização intensiva do capital existe um grande campo para o empreendedorismo, tanto de oportunidade que de necessidade. O GEM/2016 apresenta dados sobre a Taxa Total de Empreendedores (TTE), a Taxa de Empreendedorismo Inicial (TEA) e a Taxa de Empreendedorismo Estabelecido (TEE) no Brasil (GEM, 2016).

Tabela 2 - Taxas de empreendedorismo segundo do estágio – Brasil – 2015/2016

Estágio de Empreendedorismo	Características	Taxa (%)	Taxa (%)
		2015	2016
TEA	Empreendedores Nascentes (pessoas envolvidas na estruturação de um negócio do qual eram proprietários, porém, tal empreendimento não permitiu a retirada de pró-labores, ou qualquer outra forma de remuneração por mais de três meses)	21	19,6
	Empreendedores Novos (proprietários de negócios inseridos na faixa de 3 a 42 meses com relação ao tempo de retirada de pró-labores ou demais formas de proventos)		
TEE	Empreendedores Estabelecidos (proprietários que administram uma negócio capaz de gratificar-se monetariamente por mais de 42 meses)	18,9	16,9
TTE		39,3	36

Fonte: (GEM, 2016, p. 23)

Nota: adaptado pelo autor.

Observa-se uma queda nas Taxas de Empreendedorismo no ano de 2016 em comparação a 2015, isso se deve a forte crise econômica vivida pelo Brasil, segundo dados do GEM. Em que pese a queda nas Taxas de Empreendedorismo o país continua ocupando o 3º lugar na TEE quando comparado as 32 nações com economias impulsionadas pela eficiência (GEM, 2016).

O GEM (2016) procura traçar uma correlação entre a intensidade empreendedora e o nível de escolaridade do empreendedor. Para isso classifica os empreendedores em quatro faixas de escolaridade, sendo elas: I – alguma educação (ensino fundamental completo e ensino médio incompleto); II – secundário completo (ensino médio completo e superior incompleto); III – pós-secundário (curso superior completo e alguma pós-graduação incompleta); e IV – experiência pós-graduação (mestrado completo e doutorado incompleto ou completo) (GEM, 2016).

Tabela 3 - Taxas específicas de empreendedorismo inicial (TEA) e estabelecido (TEE) segundo nível de escolaridade – Brasil 2016.

%		Alguma educação	Secundário completo	Pós-secundário	Experiência pós-graduação
TEA	19,6	19,5	20,5	14,4	22,9
TEE	16,9	21,7	14,6	13,3	-

Fonte: (GEM, 2016, p. 39)

Nota: adaptado pelo autor

Depreende-se dos dados da tabela acima que percentualmente a TEA possui um maior número de indivíduos (mestres e/ou doutores) envolvidos em novos empreendimentos, contudo deve-se atentar para o fato de que, em números absolutos, a quantidade de pós-graduados no Brasil é muito menor que a de indivíduos com baixa escolaridade. Ou seja, um pequeno número de empreendedores com pós-graduação, quando identificados, provocará um desvio percentualmente maior nos índices de pesquisa quando comparados aos empreendedores classificados em “alguma educação” cujo número é expressivamente maior (GEM, 2016).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2015, aproximadamente 82,5% dos brasileiros com 25 anos ou mais de idade possuem até o ensino médio completo e apenas 17,5% ingressaram ou concluíram algum curso de nível superior (IBGE, 2016).

Correlacionando as informações da Tabela 3 e os dados sobre educação da PNAD/2015 infere-se que apesar de os empreendedores com algum estágio de nível superior (Secundário completo, Pós-secundário e Experiência pós-graduado) serem em menor número (apenas 17,5% da população brasileira), percentualmente são responsáveis pelas maiores taxas de empreendedorismo inicial – TEA (57,8%) (GEM, 2016; IBGE, 2016).

O tema apresentado é relevante quando se trata de geração de emprego visto que dados do SEBRAE/2017 apontam que os maiores responsáveis pela ocupação de mão-de-obra no Brasil são as Micro e Pequenas Empresas (MPE). Utilizando-se de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério da Economia o SEBRAE apresentou informações sobre a ocupação de empregados com carteira assinada comparando os anos de 2010 e 2015 (SEBRAE, 2017).

Tabela 4 - Distribuição do número de empregados com carteira de trabalho assinada por porte de empresa na RAIS – Brasil

	Empregados – 2010		Empregados – 2015	
Micro e Pequenas Empresas	14.668.502	51%	16.899.289	54%
Médias Empresas	4.543.425	16%	4.572.097	15%
Grandes Empresas	9.327.856	33%	9.903.362	31%
	28.559.783	100%	31.374.748	100%

Fonte: (SEBRAE, 2017)

Os dados da tabela acima demonstram crescimento dos postos de trabalho com carteira assinada gerados por MPE no período relacionado. Outra fonte de informação confiável sobre a geração de postos de trabalho é a Pesquisa de Emprego e Desemprego do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) que revela que nas regiões metropolitanas de Fortaleza, São Paulo, Distrito Federal, Porto Alegre e Salvador as MPE são responsáveis por 65% dos postos de trabalho com carteira assinada (SEBRAE, 2017).

Correlacionando os dados das tabelas 3 e 4 e os números apresentados pelo DIEESE e do PNAD/2015 infere-se que a maioria dos empregos gerados com carteira assinada são gerados pelas MPE, e que em algum momento de sua vida empreendedores Nascentes, Novos ou Estabelecidos passam pelos bancos acadêmicos. Também se pode concluir que apenas 19,5% da TEA e 21,7% da TEE não frequentaram os bancos das universidades. Isso ressalta a

importância do papel da universidade na disseminação da educação voltada para o empreendedorismo.

2.2.3. Empreendedorismo acadêmico

Inicialmente por ocasião de sua criação, ainda na idade média, as universidades dedicavam-se apenas ao ensino e transmissão do conhecimento. A primeira revolução acadêmica ocorreu apenas em meados do século XIX, quando a pesquisa foi alçada a missão universitária, neste período alguns estudiosos passaram a defender a liberdade acadêmica e o íntimo relacionamento entre ensino e pesquisa. A inclusão da inovação como outra função a ser desempenhada pela universidade somente ocorreu na segunda metade do século XX, foi a partir deste fato que o papel da academia no desenvolvimento econômico e social cresceu em importância (PLONSKI e CARRER, 2009; MARTINS, 2014; RIBEIRO, 2016; NYMAN, 2015; ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 2000; CASTRO, 2011).

Etzkowitz (1983) foi um dos primeiros pesquisadores a abordar o tema universidade empreendedora à época investigava-se de que forma os resultados das pesquisas acadêmicas poderiam ser comercializados. Ainda durante a década de 1980, nos Estados Unidos, foi promulgada a Lei Bayh-Dole que teve papel preponderante em fomentar o empreendedorismo acadêmico. Esta lei permitia que os resultados financeiros das inovações nascidas de projetos custeados com recursos públicos permanecessem parte com os pesquisadores e parte com a universidade. Uma consequência direta promovida pela Lei Bayh-Dole foi o maior interesse, tanto dos pesquisadores quanto das universidades, ao processo de empreendedorismo, inovação e transferência de tecnologia (MCADAM, MILER, *et al.*, 2012; DANIEL, CERQUEIRA, *et al.*, 2015; SANTOS, 2017; ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 1995; SANTOS e BENNEWORTH, 2019).

As atividades de pesquisa, principalmente as financiadas pelos cofres públicos, começaram a se tornar objeto de interesse do governo, das empresas e da própria academia pelo fato de seus resultados, quando comercializados, gerarem riqueza. O fenômeno do empreendedorismo acadêmico no Brasil é contemporâneo, conforme destaca Dolabela (2011)

apenas em 1981, foi instituída a primeira disciplina sobre o tema na Escola Superior de Administração da Fundação Getúlio Vargas, à época intitulada “Novos Negócios”. O capital humano qualificado empregado no desenvolvimento de novos conhecimentos ganha destaque com o fim de reduzir o hiato existente entre inovação e transferência tecnológica no binômio universidade-indústria (PLONSKI e CARRER, 2009; RENAULT, 2006; RENAULT, FONSECA, *et al.*, 2011; CRUZ JUNIOR, ARAÚJO, *et al.*, 2006; DOLABELA, 2011; IPIRANGA, FREITAS e PAIVA, 2010).

O empreendedorismo acadêmico deve trabalhar no sentido de inovar, criar oportunidades, responder rapidamente a desafios, assumir riscos e trabalhar em equipe. A universidade empreendedora deve ter maior interação com o setor privado, promovendo parcerias com a indústria que facilitem a transferência de tecnologia baseada no conhecimento. Outra figura indispensável na interação Universidade-Indústria é o governo, que atua como agente fomentador, instituindo políticas públicas de estímulo a cooperação mútua através da flexibilização das leis e por meio de aportes financeiros. Conforme destacam Etzkowitz e Leydesdorff (1995) esta nova configuração Universidade-Indústria-Governo (U-I-G) dá origem ao que os pesquisadores chamam de teoria da Hélice-Tripla. Essas parcerias U-I-G favorecem o desenvolvimento de tecnologia, aperfeiçoamento dos recursos humanos, criação de novos produtos e a comercialização de invenções, patentes, licenças e etc. (VOLLES, GOMES e PARISOTTO, 2017; IPIRANGA, FREITAS e PAIVA, 2010; GUERRERO e URBANO, 2012; ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 1995; 2000; SANTOS e BENNEWORTH, 2019).

Martins (2014) evidencia quatro fatores principais que estimularam a relação universidade-empresa: a) novas plataformas tecnológicas; b) aumento da produção científica relacionados à indústria; c) necessidade de novas fontes de financiamento universitária; e d) políticas públicas estimulando a transferência de tecnologia universitária. A aproximação universidade-indústria é resultado direto da segunda revolução acadêmica, a inovação. A pesquisa agora deve obter resultados práticos, as universidades passam a capitalizar o conhecimento, participar ativamente da transferência de tecnologia e realizar parcerias com o setor privado fortalecendo desenvolvimento econômico e social (ETZKOWITZ, 2013;

RIBEIRO, 2016; MARTINS, 2014; PLONSKI e CARRER, 2009; ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 2000).

De acordo com Renault, Fonseca, et al., (2011) uma característica marcante nas universidades empreendedoras é incentivar a exploração comercial dos resultados da pesquisa realizada pelo seu corpo profissional e acadêmico. A interação universidade-indústria contribui tanto para universidade, nas atividades de ensino, pesquisa e empreendedorismo, quanto para indústria/comércio promovendo o desenvolvimento local a partir da criação de novos negócios. Outro elemento indissociável ao empreendedorismo acadêmico, além do pesquisador, é o discente com aptidão para atividades empreendedoras. Entretanto, é fundamental que as universidades incentivem a atividade empreendedora, seja por meio de professores, aportes de recursos ou acadêmicos tornando a universidade um campo fértil para indivíduos com elevada capacidade empresarial (VOLLES, GOMES e PARISOTTO, 2017; RENAULT, FONSECA, et al., 2011; CLARYSSE, TARTARI e SALTER, 2011).

Com a reestruturação do sistema de ensino público superior no Brasil a partir da década de 1990 – de influência norte-americana e europeia – algumas universidades brasileiras alinharam-se a chamada “terceira missão” da universidade, com viés no empreendedorismo, inovação, transferência de tecnologia, desenvolvimento de novos produtos, processos e serviços e gestão da propriedade intelectual auxiliando a captação de recursos. Mesmo antes da publicação da lei federal nº 10.973/2004, Lei da Inovação, algumas universidades brasileiras já possuíam agências de inovação e estímulo ao empreendedorismo, ainda que de forma incipiente. O marco legal sobre inovação no Brasil ocorreu devido às necessidades de dispositivos eficazes no favorecimento ao desenvolvimento tecnológico e científico que incentivasse o empreendedorismo e a inovação (BRASIL, 2004; DIAS e PORTO, 2014; CASTRO, 2011; SERRA, SERRA, et al., 2011; SILVA, KOVALESKI e GAIA, 2013).

Com a entrada em vigor da Lei da Inovação as universidades brasileiras passaram a criar seus escritórios ou agências de inovação, sendo que algumas instituições de ensino superior (IES) e Instituições Científicas e Tecnológicas (ICTs) já possuíam órgãos com funções semelhantes anteriores a publicação da referida norma. Esta lei nasceu como forma de estimular

o cenário competitivo da pesquisa científica e tecnológica, determinar que universidades e ICTs, isoladamente ou em parceria, criassem seus Núcleos de Inovação Tecnológico (NIT), permitir a circulação dos pesquisadores entre as instituições, autorizar a criação de Empresas de Propósito Específico com o fim de desenvolver atividade empresarial relativa a inovação e incentivar a cooperação entre universidade-indústria. Contudo foi somente a partir da publicação da Lei de Inovação que os NITs passaram a ser amplamente difundidos. Atualmente a maioria das universidades federais no Brasil possuem NITs ou agências de inovação (BRASIL, 2004; SILVA, KOVALESKI, *et al.*, 2015; CASTRO, 2011; DIAS e PORTO, 2014).

Parcela dos estudiosos acredita que o desenvolvimento econômico e social é resultado de um conjunto de políticas públicas desdobradas em diversas etapas e áreas como o estímulo à educação, empreendedorismo, inovação tecnológica e científica, transferência de tecnologia, empreendedorismo, empreendedorismo acadêmico, erradicação da pobreza entre outros. As normas legais de incentivo/estímulo a pesquisa em universidades e ICTs são uma pequena parte de uma agenda de Políticas Públicas voltadas a alavancar/acelerar o processo de desenvolvimento econômico e social do país. Resultados de pesquisa revelam que os países competitivos em termos de inovação são aqueles que possuem maior percentual do PIB investidos em capacitação de recursos humanos, estudos também indicam que investimento em C&T auxilia no desenvolvimento sustentável (SANTOS, 2017; SILVA, KOVALESKI, *et al.*, 2015; MCTI, 2016; CNM/SEBRAE, 2012; CRUZ e SOUZA, 2014; FELIX, 2014; VAZ e CALDAS, 2006).

Algumas universidades brasileiras, em sua maioria públicas, são referência no empreendedorismo acadêmico, como exemplo a Universidade de Campinas, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Estadual Paulista. Todas essas IES possuem suas respectivas agências de inovação em conformidade com a Lei de Inovação, entretanto cada uma se destaca à sua maneira, promovendo a inovação tecnológica, a transferência de tecnologia, gestão da propriedade intelectual e o estímulo ao empreendedorismo.

A Agência de Inovação da Unicamp – INOVA – talvez seja o caso mais emblemático de sucesso em termos de empreendedorismo acadêmico entre as universidades brasileiras. A INOVA foi criada em 23 de julho de 2003, “com o objetivo de estabelecer uma rede de relacionamentos da Unicamp com a sociedade para incrementar as atividades de pesquisa, ensino e avanço do conhecimento” (INOVA, 2016).

Com a missão de promover a inovação e o empreendedorismo por meio de desenvolvimento socioeconômico sustentado a agência atua nas áreas de Propriedade Intelectual, Empreendedorismo, Parques Tecnológicos e Parcerias. A agência possui vasta coletânea de relatórios contendo seus principais indicadores desde o ano de 2004. Alguns dados chamam a atenção como seu portfólio de patentes e de software, licenciamentos vigentes, empresas cadastradas e ativas, mas não menos importante os ganhos econômicos que incluem royalties, taxas de acesso à tecnologia entre outros (INOVA, 2016).

A INOVA possui atualmente 1.121 Patentes vigentes, 100 contratos vigentes, 81 pedidos de patentes depositados e 584 Empresas-filhas cadastradas, 32 Spin-offs criadas e mais de R\$ 1,3 milhões de ganhos econômicos.

Tabela 5 - Números da INOVA sobre Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia e Empreendedorismo - 2017

Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia	2017
Pedidos de patentes depositados no INPI [1]	81
Pedidos de patentes depositados no exterior	1
Pedidos de patentes via PCT [2]	27
Patentes concedidas [3]	62
Patentes vigentes [4]	1121
Tecnologias protegidas vigentes (famílias)	979
Pedidos de registro de programa de computador	12
Expedição de registro de programa de computador	22
Comunicação de invenção recebida	128
Contratos de licenciamento vigentes [5]	100
Contratos de licenciamento assinados [5]	22
Ganhos econômicos [6]	R\$ 1.349.038,00
Convênio de P&D [7]	25
Empreendedorismo	2017
Empresas pré-incubadas na Incamp	4
Empresas incubadas na Incamp	18
Empresas graduadas (acumulado)	49

Spin-offs criadas [8]	32
Empresas-filhas cadastradas [9]	584
Empresas-filhas ativas [10]	485
Empregos criados pelas empresas-filhas	28.889

[1] Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).

[2] Patent Cooperation Treaty (PCT).

[3] No Brasil e no exterior

[4] Patentes (concedidas ou não) depositadas no Brasil e no exterior (PI, UM, CA – Certificado de Adição, FN – fases nacionais.

[5] Contratos de licenciamento de propriedade intelectual, incluem licenças de patentes, de software, de know-how, de cultivares, de desenho industrial e de direitos autorais, bem como contratos de transferências de material (MTA) associados a licenciamentos.

[6] Inclui Royalties, taxas de acesso à tecnologia e outros.

[7] Convênios de Pesquisa e Desenvolvimento com empresas, indicador alterado em 2012.

[8] Spin-offs: empresas criadas a partir dos resultados de uma pesquisa ou de um laboratório da Unicamp.

[9] Cadastradas: empresas que se cadastraram para fazer parte da Rede de empresas-filhas.

[10] Ativas: cadastradas que estão em funcionamento

Fonte: <https://www.inova.unicamp.br/sobre-a-inova/indicadores/>

Os números da Inova/Unicamp são significativos para realidade das universidades brasileiras, mas quando comparados aos números de universidades norte-americanas como o Instituto Tecnológico de Massachusetts – *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) – instituição de Ensino Superior referência em empreendedorismo nos Estados Unidos, os dados nacionais são praticamente inexpressivos. Ex-alunos do MIT fundaram e mantinham ativas até o ano de 2014, aproximadamente 30 mil empresas, empregando cerca de 4,6 milhões de pessoa, gerando pouco mais US\$ 1,9 trilhões de dólares em receitas no ano de 2014, valor maior que o PIB brasileiro em 2015 que foi de US\$ 1,8 trilhões de dólares (SEBRAE e ENDEAVOR, 2016).

2.2.4. Educação Empreendedora

Inicialmente é necessário trazer a significação de cada palavra separadamente, para que não haja confusão por parte do leitor do significado da expressão “educação empreendedora”. O conceito de empreendedorismo foi apresentado no item 3.2.2., restando, neste ponto, somente clarificar o significado científico de Educação que nas palavras de Pinto (1982, p. 29), “é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem em função de seus interesses”, depreende-se disso que os cidadãos são constantemente influenciados a integrarem-se aos modelos vigentes, aceitando os fins coletivos que lhes são impostos (PINTO, 1982).

Relacionando as concepções de educação e empreendedorismo obtém-se o conceito de educação empreendedora, a qual para Andrade e Torkomian (2001)

... é o processo que objetiva o desenvolvimento do ser humano no âmbito da identificação e aproveitamento de oportunidades e sua posterior transformação em realidade, contribuindo assim a geração de valores financeiros, sociais e culturais para sociedade na qual o ser humano está inserido. (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001, p. 301)

Infere-se que a educação empreendedora, contemporaneamente, é uma forma de ensino influenciada pelas novas exigências requeridas pela sociedade como o elevado e complexo número de competências individuais, coletivas e organizacionais, o mercado de trabalho dinâmico e imprevisível, as novas formas de organização do trabalho, a utilização intensiva das TICs, a redução da utilização da mão-de-obra fruto da automação industrial e também uma necessidade para os educandos servindo como ferramenta de redução do desemprego, incentivo à inovação, à criatividade, distribuição menos hierarquizada de cargos dentro das organização além de outros (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001; DOLABELA, 2016).

Neste cenário de extrema volatilidade as instituições de ensino, segundo Andrade e Torkomian (2001, p. 300), “principalmente aquelas destinadas à formação superior, tem a missão de capacitar os futuros profissionais que irão interagir e produzir nesse ambiente de mudanças e instabilidade.” Entretanto, Dolabela e Filion (2013, p. 135) defendem que a educação empreendedora deva começar pelo ensino fundamental “visando facilitar a aprendizagem empreendedora pelas crianças e adolescentes.” (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001; DOLABELA e FILION, 2013).

A educação empreendedora, segundo Dolabela (2016), “deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito a cultura, que tem o poder de introduzir ou de inibir a capacidade empreendedora”. Para o autor todos nascem empreendedores e em algum momento durante a passagem pelos bancos escolares as crianças são submetidas a valores “antiempreendedores”, e por este motivo, deixam de lado o sentimento empreendedor. Dolabela (2016) distingue a educação empreendedora de crianças e de adultos, na visão do autor os adultos estão presos a determinados conceitos conservadores, enquanto as crianças estão livres destas amarras. Basicamente, a diferença na educação de crianças seria impedir que elas sejam contaminadas por crenças não-empreendedoras (DOLABELA, 2016; DOLABELA e FILION, 2013).

Para Dolabela e Filion (2013, p. 2) a forma mais eficaz de se promover o empreendedorismo dentro de uma sociedade é através de políticas educacionais, desde o ensino fundamental até o superior, que tenham o foco de despertar o empreendedor adormecido dentro de cada pessoa. Dolabela (2016) diferencia “capital humano”, “capital social” e “capital financeiro”, sendo o primeiro uma representação da evolução das capacidades humanas e o segundo a habilidade dos membros de uma sociedade de solucionarem problemas e conquistarem prosperidade econômica e social coletiva, já o capital financeiro é o dinheiro utilizado para alavancar um dado empreendimento (DOLABELA e FILION, 2013; DOLABELA, 2016).

A crítica ao sistema de ensino brasileiro feita por Dolabela e Filion (2013), de uma maneira geral, é retratada pelo fato de o processo ser focado, primordialmente, na transferência do conhecimento, quando deveria ser centrada na aprendizagem independente e proativa. O educador deve mudar a forma de ensino, deve ser um facilitador, deve incentivar os alunos a encontrarem novas formas de pensar. Para os autores os empreendedores são aquelas pessoas que trabalham para tornarem seus sonhos realidade e que o ensino tradicional retira do aluno a emoção, a vontade de ser empreendedor (DOLABELA e FILION, 2013; DOLABELA, 2016).

Segundo Andrade e Torkomian (2001, p. 301) para a implantação da educação empreendedora é necessário que exista um Programa de Educação Empreendedora que pode ser entendido como “a estruturação, no tempo, de diversas atividades que tem por objetivo promover o desenvolvimento do espírito empreendedor em seus participantes.” Para Dolabela (2016) o espírito empreendedor está latente em todo ser humano e que para se materializar necessita apenas de condições favoráveis como a democracia, a cooperação e a estrutura de poder para formar uma rede (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001; DOLABELA, 2016).

Os Programas de Educação Empreendedora, no Brasil e no mundo, possuem diversos estágios evolutivos que levam em consideração cultura, infraestrutura, mercado de trabalho, políticas públicas, entre outros. Estes aspectos são importantes para a coerência do Programa com a realidade regional, local e da instituição. Normalmente esses Programas iniciam-se com atividades isoladas, depois disciplinas específicas, seguido de um conjunto de disciplinas

específicas, a implementação de cultura empreendedora e por fim a construção de um centro de empreendedorismo dentro da IES (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001).

Quadro 9 - Estágios de evolução de ensino do empreendedorismo em uma IES

Atividades Isoladas	• Geralmente atividades informais, procuram cientificar alunos sobre projetos de criação de empresas e/ou tendências do mercado.
Disciplina Específica	• Formalização do incentivo ao empreendedorismo através da implantação de uma disciplina (obrigatória ou eletiva) no PPC. Por exemplo a disciplina de "Empreendedorismo e Inovação" no curso de Administração da UFGD.
Conjunto de Disciplinas Específicas	• Inclusão de multiplas disciplinas com metodologia de estímulo a cultura empreendedora. Foco em negócios, comportamento, análises técnicas, desenvolvimentos de pesquisa, entre outros.
Cultura Empreendedora	• Neste ponto o corpo docente (capacitado e sensibilizado) passa a estimular a cultura empreendedora por meio do direcionamento de atividades práticas previstas nas disciplinas do PPC. Há o estímulo ao ambiente de negócios e o desenvolvimento atividades empreendedoras específicas.
Centro de Empreendedorismo	• Nas palavras dos autores "existe um elevado grau de estímulo à cultura empreendedora dentro da instituição."

Fonte: (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001);

Para Andrade e Torkomian (2001) a cultura empreendedora e o centro de empreendedorismo possuem características como

... integração com a comunidade empresarial, presença de incubadoras de empresas, empresas juniores, prestação de serviços para a comunidade envolvendo consultoria, assessoria e treinamento em aspectos relacionados à criação e gestão de empresas, vivência empresarial dos alunos na comunidade e uma integração entre o corpo docente da instituição no que diz respeito ao estímulo à cultura empreendedora nas ementas das disciplinas do programa de graduação (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001, p. 302).

2.2.5. Cultura Empreendedora

Pode-se dizer que o último estágio do empreendedorismo dentro de uma determinada sociedade ou instituição é a implementação efetiva da cultura empreendedora, é o última fase

do processo de empreendedorismo, que evoluiu desde atividades incipientes de inovação, empreendedorismo e modernização passando por uma política local, regional e nacional de incentivo a atividades empreendedoras, preocupando-se com disseminação da educação empreendedora dentro de escolas, cursos técnicos e universidades, o relacionamento universidade-empresa-governo-sociedade e atividade conjunta de diversos empreendedores de forma local e regional. (LEYDESDORFF, 2010; SCHMIDT e DREHER, 2008; ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 1995; ETZKOWITZ e ZHOU, 2008).

Para Dolabela (2016) educar a criança para o empreendedorismo desde cedo tem o objetivo de criar a cultura empreendedora, pois como ressalta o autor, é a cultura que tem o poder de influenciar as capacidades empreendedoras. Dolabela (2016) com base nos estudos de Gibb (1998) argumenta que a cultura empreendedora possui determinados valores sociais que dão suporte a concepção de um complexo sistema de vida empreendedor dentro da sociedade na qual o sujeito está inserido, fazendo com que busque incessantemente o comportamento empreendedor (DOLABELA, 2016).

Filion (1999, p. 19) definiu empreendedor como aquela “pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”, nesse sentido Dolabela e Filion (2013) defendem a utilização da Pedagogia Empreendedora como forma de estimular/incentivar o perfil empreendedor, não só da criança mas também do jovem e do adulto. Para os autores perfil empreendedor está ligado a maneira de ser da pessoa, como estilo de vida, busca de autorrealização, disposição para inovação, entre outros. De acordo com os autores a melhor forma de encorajar a criança a ser empreendedora é fazer com que ela sonhe, nas palavras dos autores (2013, p. 140) “vemos os empreendedores como indivíduos que são capazes de sonhar e se organizar para tornar seus sonhos realidade” (FILION, 1999; DOLABELA e FILION, 2013; DOLABELA, 2016).

Emmendoerfer (2000) posiciona-se diferentemente de Dolabela (2016), para o autor a pessoa não nasce empreendedora, ela deve ser exposta ao ambiente que irá influenciá-la positiva ou negativamente ao empreendedorismo. Ou seja, para que exista a cultura empreendedora, numa dada sociedade, região ou dentro de uma instituição, deve também haver formas para promover o ambiente empreendedor no qual a pessoa está inserida com estímulo/incentivo ao

perfil empreendedor, à gestão empreendedora, ao intraempreendedorismo, ao empreendedorismo individual e coletivo, ao pensamento e ações empreendedoras entre outras (EMMENDOERFER, 2000; SCHMIDT e DREHER, 2008).

A cultura empreendedora veio como resposta a novas necessidades demandadas pela sociedade moderna, na qual o cenário de incertezas e transformações constantes exigem do profissional diversas competências já mencionadas como criticidade, próatividade, liderança, propensão para correr riscos moderados entre outras. Souza (2001) defende que a exigência de competências empreendedoras dos profissionais pelas empresas passa necessariamente pela Universidade durante o processo de formação acadêmico do profissional, principalmente buscando novas abordagens curriculares capazes de suprir tal demanda (SOUZA, 2001).

Souza (2001) traça um histórico da evolução do ensino do empreendedorismo dentro de algumas das principais universidades brasileiras iniciando-se com a Fundação Getúlio Vargas estendendo-se para outras instituições como a Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, SEBRAE, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Pernambuco, CNPq/SOFTEX, Universidade de Brasília, Escola Federal de Engenharia de Itajubá e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em todos sempre com o propósito de disseminar a cultura empreendedora. Para a autora (2001, p. 4) “Desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo criativo de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, de negócios, sendo, com isso, responsável pelo seu próprio desenvolvimento e o de sua Organização.” (SOUZA, 2001).

Atualmente os movimentos visando a implantação da cultura empreendedora dentro das universidades expandiu-se, principalmente no sentido de oferecer disciplinas, isoladas ou em conjunto, de introdução ao empreendedorismo para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Programas como “Jovem Empreendedor”, “Empresa Júnior” e “Escola de Empreendedorismo” tem o objetivo de estreitar a relação Universidade-Empresa-Sociedade e assim gerar novas oportunidades de negócios (SOUZA, 2001).

A implantação da cultura empreendedora baseia-se, não somente, no processo de aprendizagem obedecendo alguns princípios básicos como: aprender a aprender, comunicação e colaboração, raciocínio criativo na resolução de problemas, autoconhecimento e autodesenvolvimento, pensamento sistêmico e liderança. Este tipo de cultura deve procurar focar no desenvolvimento da perseverança, imaginação e criatividade associadas a inovação, ou seja, para Souza (2001, p. 7) a “organização e o programa devem criar um ambiente favorável ao empreendedorismo, no qual estejam incluídos espaços de discussão e reflexão, sendo possível o desenvolvimento de competências empreendedoras.” (SOUZA, 2001).

2.3. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA UFGD

A verificação do grau da cultura empreendedora dentro de determinada IES segue determinados passos, como bem ressalta Andrade e Torkomian (2001) inicia-se com Atividades Isoladas, passa pela implantação de uma disciplina específica, depois um conjunto de disciplinas específicas, direcionamento por meio de atividades práticas de empreendedorismo, o fortalecimento da cultura empreendedora e finalizando a criação de um centro de empreendedorismo (ANDRADE e TORKOMIAN, 2001)

Para avaliar o quão elevado é o grau da cultura empreendedora dentro da UFGD alguns protocolos foram seguidos, como análise dos PPCs dos cursos de graduação, entrevistas com os coordenadores dos cursos de graduação, análise do Plano de Desenvolvimento Institucional, mapeamento das atividades realizadas pela Incubadora da universidade (GDTec) e as principais atividades desempenhadas pelas Pró-reitorias de Graduação, Pós-graduação e Pesquisa e Extensão e Cultura.

As entrevistas foram de grande importância, pois como bem ressalta Duarte (2004, p. 215) “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.” (DUARTE, 2004).

Não houve a necessidade de realização de entrevistas com os pró-reitores de Graduação, de Pós-graduação e Pesquisa e de Extensão e Cultura, contudo foi solicitado a cada pró-reitoria

que remetesse a este pesquisador um relatório contendo as principais atividades práticas realizadas que, na visão dos Pró-reitores, estimulem e incentivem atividades empreendedoras por parte dos acadêmicos.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade disponível no endereço eletrônico é para o quinquênio 2013-2017. O PDI de uma IES é o documento no qual se definem os objetivos e as metas de desenvolvimento de longo prazo e ações necessárias para concretizar esse planejamento estratégico. É o documento que identifica a instituição sua filosofia de trabalho, sua missão, visão e cultura apresentando as escolhas para concretiza-las (PDI-UFGD, 2013).

2.3.1. Pró-reitorias

As Pró-Reitorias podem ter atribuições administrativas e de assessoramento à Reitoria atuando nas atividades correspondentes à sua área específica. São divisões responsáveis por formular diagnósticos para os problemas da Instituição, elaborar políticas de atuação e coordenar as atividades. As Pró-Reitorias da UFGD têm a responsabilidade de supervisionar, coordenar e dirigir as ações administrativas dos órgãos da universidade a elas vinculadas (UFGD, 2018).

Dentro da estrutura da UFGD existem sete pró-reitorias, sendo elas: Pró-Reitoria de Administração (PRAD), A Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE), A Pró-Reitoria de Avaliação Institucional e Planejamento (PROAP), A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX), Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGESP), A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD) e Pró-Reitoria de ensino de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) (UFGD, 2018).

Para os objetivos a que se destina esta pesquisa, o ensino voltado para o empreendedorismo dentro dos cursos de graduação da UFGD, somente nos interessa os trabalhos desempenhados pelas PROGRAD, PROEX e PROPP.

2.3.1.1. Pró-reitoria de Graduação - PROGRAD

A PROGRAD é responsável pelo planejamento, coordenação, execução, controle, supervisão e avaliação das atividades de ensino, assim como pela orientação, coordenação e avaliação das atividades didático-pedagógicas, subsidiando e assessorando os órgãos competentes na definição de políticas de ensino, além de estimular, viabilizar e fomentar a integração da Universidade, sugerindo mecanismos que favoreçam a melhoria de ensino (UFGD, 2018).

A principal atividade de caráter empreendedor desempenhada pela PROGRAD está relacionada em auxiliar e orientar os estudantes no processo de criação, manutenção e desenvolvimento de empresas juniores no âmbito da UFGD. A Empresa Júnior é constituída por estudantes matriculados em cursos de graduação da universidade e tem como principais objetivos o desenvolvimento da cultura empreendedora dentro da Instituição e a preparação dos acadêmicos para o mercado de trabalho por meio da vivência profissional (UFGD, 2018).

Quadro 10 - Empresas Juniores (EJ) constituídas na UFGD

Identificação	Faculdade e Curso de Graduação relacionado
Ínteri Júnior	Empresa Júnior do Curso de Relações Internacionais - FADIR
JEEAGRI	Empresa Júnior do Curso de Engenharia Agrícola – FCA
Terra Fértil Soluções Agrícolas	Empresa Júnior do Curso de Agronomia – FCA
SIGMAX	Empresa Júnior do Curso de Engenharia de Produção – FAEN
EJIPTA	Empresa Júnior do Curso de Engenharia de Alimentos – FAEN
J3E	Empresa Júnior do Curso de Engenharia de Energia – FAEN
Kaizen Consultoria Júnior	Empresa Júnior do Curso de Psicologia – FCH
Unus Consultoria	Empresa Júnior dos Cursos de Biotecnologia, Gestão Ambiental e Ciências Biológicas – FCBA
Triunity Júnior	Empresa Júnior dos Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia - FACE

Fonte: PROGRAD (UFGD, 2018)

2.3.1.2. Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PROPP

A PROPP é um órgão executivo que tem como missão o planejamento, a orientação, acompanhamento e avaliação das atividades de pesquisa, iniciação científica e pós-graduação. Também trabalha na coordenação e orientação das atividades de Pesquisa e Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu buscando promover a articulação com a comunidade, com outras Universidades e com órgãos e entidades públicas e privadas (UFGD, 2018).

Inicialmente foi solicitado, via e-mail, à Chefe da Divisão de Pesquisa Coordenadoria de Pesquisa o levantamento de todos os projetos de pós-graduação e pesquisa coordenados pela PROPP que envolvam o ensino de empreendedorismo. Em resposta a tal solicitação foi realizada uma busca por projetos com as palavras-chave "empreendedorismo" e "empreendedor" no sistema de gestão de projetos de pesquisa na Coordenadoria de Pesquisa da PROPP, o que resultou na localização de um único projeto denominado "Implantação de um espaço de pesquisa com interface em ensino e extensão sobre Segurança Alimentar e Nutricional utilizando horta didática agroecológica e restaurante escola de empreendedorismo social e solidário".

2.3.1.3. Pró-reitoria de Extensão e Cultura - PROEX

A PROEX possui a responsabilidade de coordenar e acompanhar as ações de extensão e ligadas cultura da UFGD. Esta pró-reitoria também é responsável por parte das licitações referentes a serviços ligados às ações de extensão e de cultura, a orientação a professores, alunos e técnicos da universidade com o objetivo de otimizar as ações e meios para a execução das referidas atividades (UFGD, 2018).

Foi solicitado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura o levantamento de todos os projetos coordenados pela PROEX que envolvam o tema empreendedorismo. A COEX/PROEX informou que coordena as seguintes ações com características empreendedoras:

Quadro 11 - Atividades de extensão com caráter empreendedor desenvolvidas pela PROEX

1	Utilização da apicultura como alternativa para a geração de renda nos assentamentos da região de Dourados – MS (01/03/2010 a 31/12/2010)
2	Uso e conservação da biodiversidade do cerrado: oportunidades de geração de renda para os assentamentos rurais do município de Ponta Porã – MS (01/01/2013 a 31/12/2013)
3	1º Workshop da central de empresas juniores da UFGD (fluxo contínuo para 2013/2014)
4	Aquaponia: geração de renda para a agricultura familiar (01/01/2015 a 31/12/2016)
5	2º Workshop da central de empresas juniores da UFGD e 1º Concurso de vídeo Picht das empresas juniores da UFGD (2017)
6	Apicultura orgânica e agroecológico: alternativa de alimento e agregação de renda na Agricultura Familiar (01/01/2017 a 31/12/2018)
7	Mulheres assentadas e cooperadas na produção de alimentos saudáveis e produtos de geração de renda na agricultura familiar (01/01/2017 a 31/12/2018)
8	Espaço de comercialização de produtos Ecosociais na UFGD: inclusão produtiva de grupo de mulheres assentadas e incubadas (20/03/2017 a 31/12/2018)

Fonte: PROEX (UFGD, 2018)

2.3.2. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI

O PDI é um instrumento de planejamento de longo prazo (cinco anos) elaborado por uma IES no qual estão definidos a missão, os objetivos e as metas da instituição, para um determinado período, bem como as ações para concretização de seu planejamento estratégico. O PDI vem em resposta aos novos desafios enfrentados pelo serviço público acadêmico, quais sejam, maior capacidade de resultados, racionalidade na utilização de recursos públicos, interação entre os ambientes interno e externo exigidos pela nova gestão pública (UFMS, 2017; BRASIL, 2017; UFGD, 2013).

Até a data da realização desta pesquisa o PDI-UFGD que se encontra vigente abrange o quinquênio 2013-2017, o qual retira seu fundamento de validade do Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006. O Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, revogou o decreto anteriormente citado e dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Os requisitos mínimos exigidos no PDI estão dispostos no artigo 21 do referido decreto.

O PDI-UFGD dispõe que os cursos de graduação estão direcionados a enfrentar os principais problemas que inibem o desenvolvimento social, econômico e cultural além de atuar na preservação do meio ambiente. Procurando aprimorar esse desenvolvimento o PDI estimula a relação universidade-empresa e com economias sociais e solidárias não somente na região de Dourados, mas também na Região da fronteira oeste (UFGD, 2013).

Buscando fomentar a expansão da universidade o PDI-UFGD trata sobre a estruturação do Núcleo de Inovação e Propriedade Intelectual (NIPI), a Incubadora Empresarial e Tecnológica (GDTec) e implementação de Empresas Júniores dentro das diversas faculdades (UFGD, 2013).

Objetivando a inclusão social, a geração de trabalho e renda, a promoção do desenvolvimento, da sustentabilidade socioambiental para a transformação efetiva da sociedade o PDI-UFGD incentiva a união de esforços entre organizações da sociedade civil, iniciativa

privada, governo e instituições de ensino e pesquisa. O plano determina, ainda, que existe a necessidade da elaboração do planejamento estratégico para a universidade tendo como base a missão, visão e valores para o desenvolvimento social e regional com identificação da demandas, oportunidades e tendências. No que tange à área de atuação da Universidade o PDI não faz referência a qualquer ao empreendedorismo (UFGD, 2013).

Parte integrante do PDI-UFGD é o Plano Pedagógico Institucional (PPI) da Universidade que define as políticas para a organização administrativa e pedagógica da instituição, estabelecendo a intenção e o caminho a ser percorrido para atingir tais políticas. O PPI tem como uma de suas bases a flexibilidade da grade curricular e estímulo a participação do estudante em empreendimentos e projetos de interesse social (UFGD, 2013).

Unicamente com a finalidade de comparação devido as similaridades geográfica, étnica e cultural foi realizado um estudo do PDI da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Analisando o PDI-UFMS percebe-se diferenças expressivas em relação ao PDI-UFGD no que tange à promoção do empreendedorismo.

Destaca-se que o PDI-UFMS analisado vigente se refere ao período 2015-2019, e a Matriz Estratégica para o Desenvolvimento Institucional da área ‘Pesquisa, Extensão, Inovação, e Integração Nacional e Internacional’ traz como objetivo institucional “Fortalecer a Pesquisa, Extensão, Empreendedorismo e Inovação em âmbito Nacional e Internacional” (UFMS, 2017, p. 17).

Quadro 12 - Pesquisa, Extensão, Inovação e Integração Nacional e Internacional - UFMS

Número	Metas
2.1.4.	Aumentar os acordos de cooperação, convênios, parcerias, cooperações, transferência ou licenciamento de tecnologia no âmbito nacional e internacional
2.1.5.	Ampliar os registros de patentes e de software
2.1.6.	Elevar o número de empresas júnior e de incubadas

Fonte: (UFMS, 2017, p. 17)

Também merecem destaque as práticas acadêmicas da instituição alicerçadas nos princípios fundamentais da:

- i) a formação humanística e visão global que habilite seus alunos a compreender o meio social, político, econômico e cultural onde estão inseridos, e a tomar decisões

em um mundo diversificado e interdependente e dinâmico; j) a diversificação teórico-metodológica; k) a universalidade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade e interdisciplinaridade do conhecimento; e l) a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que estabeleça a relação dos processos de ensino com a pesquisa científica e com as atividades de extensão, e fortaleça a articulação entre o conhecimento acadêmico e a prática profissional (UFMS, 2017, p. 28).

São ressaltadas dentro do PDI-UFMS a Agência de Desenvolvimento, Inovação e Relações Internacionais (AGINOVA) e o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da universidade. A AGINOVA é responsável pelas “políticas de cooperação internacional, a integração de atividades entre a Universidade, Empresas, Governo e Sociedade para promoção da inovação e do empreendedorismo e do fortalecimento das relações da Universidade”. O NIT “é responsável pela gestão da política institucional de inovação e transferência de tecnologia” (UFMS, 2017, p. 37).

O PDI-UFMS também dispõe sobre a Incubadora Mista de Empresas da UFMS, sendo um “escritório modelo que se destina a manter e apoiar empreendedores nas fases de implantação, desenvolvimento, consolidação e desincubação de empresas”. A Incubadora da UFMS procura desenvolver principalmente empresas com caráter inovador fornecendo um ambiente favorável ao funcionamento destas jovens empresas (UFMS, 2017, p. 59).

2.3.3. Divisão de Incubadoras da UFGD

A Incubadora de Empresas é um órgão contemplado pela Lei nº 10.973/2004, entidade que nos termos da lei é uma organização constituída para prestar apoio logístico, gerencial e tecnológico ao empreendedorismo inovador com o “objetivo de facilitar a criação e o desenvolvimento de empresas que tenham como diferencial a realização de atividades voltadas à inovação”. Devido a crescente utilização da TICs pela sociedade, indústria, empresas e praticamente em todos os ramos da economia as incubadoras passaram a desempenhar seus objetivos institucionais principalmente nas áreas de inovação tecnológica (VEDOVELLO e FIGUEIREDO, 2005; BRASIL, 2004).

O Conselho Universitário da UFGD por meio da Resolução nº 217, de 27 de novembro de 2017, aprovou o Regimento Interno da Incubadora Empresarial e Tecnológica da universidade. A Divisão de Incubadoras da UFGD é responsável pela gestão e planejamento das incubadoras da Universidade – Incubadora Tecnológica (GDTec), Incubadora Social (ITESS) e Incubadora Cultural (EKOa). A Divisão organiza eventos, workshops e amostras com objetivo de divulgar o que está sendo desenvolvido dentro de suas incubadoras e realiza o planejamento, a gestão e a execução de ações para elevar o nível dos projetos. (UFGD, 2017; UFGD, 2018).

As três incubadoras desenvolvem suas atividades com objetivo de auxiliar na construção do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão. Procuram fornecer um ambiente favorável aos alunos para que apliquem seus conhecimentos na prática estimulando, desta forma, o contato com atividade de extensão, com o propósito de promover e popularizar o empreendedorismo dentro e fora da UFGD, socializando os benefícios que essas ações e seus projetos trazem, para toda a comunidade (UFGD, 2018)

A Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (GDTec) subordinada a Divisão de Incubadoras da Pro-reitoria de Extensão e Cultura (PROEX) da UFGD, tendo como principais objetivos disponibilizar mecanismos que oportunizem a alavancagem de empreendimentos inovadores de base tecnológica, trabalhar de maneira a integrar a universidade e a sociedade local, e regional caso seja necessário, visando o desenvolvimento de atividades empreendedoras, de inovação e de tecnologia (UFGD, 2017).

Tendo em vista que a inovação se tornou um dos principais insumos para que as empresas conquistem e se mantenham no mercado a GDTec foi criada com o objetivo de ser uma catalisadora do processo de inovação para a região e outros polos universitários, procurando relacionar-se com a sociedade, empresarial ou não. A Incubadora Tecnológica disponibiliza um espaço de suporte que busca apoiar o desenvolvimento do empreendedorismo, promovendo a integração entre a Universidade, centros de pesquisa, empresas e comunidade servindo como base para o processo de inovação. O principal foco da GDTec é desenvolver

projetos tecnológicos de universitários e da sociedade, voltados para inovação e que procurem melhorar as condições de vida e trabalho existentes (UFGD, 2017; UFGD, 2019)

A Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias ITESS/UFGD, desenvolve ações com Empreendimentos de Economia Solidária (EES) nos âmbitos social, econômico e político, pautadas em princípios de economia solidária. A ITESS atua por meio de um núcleo interdisciplinar e multidisciplinar, buscando socializar o conhecimento e guiá-lo para preceitos solidários com objetivo de transformar a sociedade e universidade. As ações da Incubadora envolvem grupos em situação social e economicamente vulneráveis, mediadas por princípios cooperativos e solidários na busca da construção de mecanismos de melhoria de vida e inclusão social. Busca articular a execução de projetos criados a partir de demandas locais e regionais, voltados para a sustentabilidade socioambiental, visando à geração de trabalho e renda para grupos em situação de vulnerabilidade (UFGD, 2019).

A incubadora Cultural EKOa, faz parte da Divisão de Incubadoras da UFGD, buscando fortalecer culturalmente a UFGD e região. A incubadora tem o objetivo de apoiar o desenvolvimento de empreendimentos culturais em seus estágios iniciais oferecendo serviços de apoio técnico ao empreendedor cultural, principalmente, com a redução de custos. A EKOa, busca patrocinar empreendimentos culturais inovadores inseridos nas áreas de Artes Cênicas, Artes Integrada, Artes Visuais, Audiovisual, Humanidades, Música, Patrimônio Cultural, Rádios e TVs Educativas e Culturais. A incubadora permite que empreendimentos culturais, com foco nas micro e pequenas iniciativas, recebam consultorias, assessorias e capacitações, bem como assessoria para captação de recursos e enquadramento dentro da Lei Rouanet (UFGD, 2019).

2.3.4. Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE

A FACE foi criada junto com a UFGD no ano de 2006, inicialmente com os cursos de Administração e Ciências Contábeis, sendo que o curso de Ciências Econômicas somente entrou em funcionamento no ano de 2009, após a adesão da universidade ao Programa de Reestruturação das Universidades Brasileiras - REUNI (UFGD, 2018).

2.3.4.1. Curso de Administração – Bacharelado

O Administrador deve ter capacidade intelectual, ter predisposição a inovação, espírito crítico, saber otimizar resultados e minimizar riscos, liderança e capacidade empreendedora. Analisando o PPC do curso em referência nota-se que o empreendedorismo é uma constante, entretanto analisando-se a matriz curricular do curso a disciplina de Empreendedorismo está prevista para ser ministrada somente no 3º semestre, juntamente com a disciplina de Inovação, além de contar com apenas 36 horas/aula (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).

O PPC do curso de Administração dispõe como obrigatória a disciplina de Empreendedorismo e Inovação com carga horária de 36 horas/aula. Na prática o docente ministra 18 horas/aula para cada tema, outro ponto analisado, durante a entrevista com o coordenador, é a necessidade de experiências práticas para a disciplina de Empreendedorismo (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).

Observa-se, com base na entrevista, que a coordenação incentiva e estimula o empreendedorismo de diversas maneiras por parte dos acadêmicos seja elaborando projetos, processo e/ou serviços novos. No curso é tratado a transversalidade de disciplinas como forma de fazer o aluno vivenciar o empreendedorismo na prática com a criação de um modelo de negócios, posteriormente trabalham-se outras competências em disciplinas correlatas (Gestão de Pessoas, Marketing, Jogos Empresariais) (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).

2.3.4.2. Curso de Ciências Contábeis – Bacharelado

O bacharel em ciências contábeis é o profissional a quem compete fornecer informações úteis para os acionistas, proprietários e demais interessados para mensuração dos recursos econômicos de forma a colaborar para tomada de decisão dos diretores de determinada empresa, associação, cooperativa ou uma pessoa comum. Sua função não pode ser diminuída somente a apresentação de dados exatos, a contabilidade baseia pessoas nas decisões em momentos de aumento de riqueza patrimonial ou em situação de crise, quando devem ser tomadas medidas com vistas a redução de custos (UFGD, 2018).

O Coordenador do Curso não acredita que a disciplina seja estratégica para o curso, mas acredita em mudanças na forma de atuar do profissional contabilista, passando a ser cada vez mais importante a disciplina do empreendedorismo na grade curricular. Não considera estratégica e não considera não-estratégica, está avaliando para o futuro do curso ainda.

No PPC do curso de Ciências Contábeis existem expressões e verbetes como inovação, raciocínio crítico, multidisciplinariedades e desenvolvimento socioeconômico que remetem a educação voltada para o empreendedorismo, entretanto não há no PPC qualquer menção ao termo empreendedorismo ou educação empreendedora. O curso de Ciências Contábeis pertencente a área das ciências sociais aplicadas possuindo um vasto campo de atuação indispensável para boa gestão das organizações (PPC C CONTÁBEIS, 2014).

2.3.4.3. Curso de Ciências Econômicas – Bacharelado

Através da Resolução nº 114 de 26 de outubro de 2007, a UFGD foi autorizada a participar do REUNI, esta resolução também previu que o curso de Ciências Econômicas passasse a funcionar a partir do ano de 2009. O curso é realizado na modalidade presencial com créditos semestrais, no período noturno, sendo ao concludente concedido o título de bacharel em Ciências Econômicas (PPC C ECONÔMICAS, 2014).

A disciplina de empreendedorismo não é estratégia, mas é importante para tanto para o curso quanto para os alunos tendo em vista alguns alunos com viés empreendedor tornam-se empresários. Acredita que seria proveitoso para os acadêmicos a inserção de disciplinas que melhor os preparariam para o mercado de trabalho.

O PPC do curso de Economia não prevê a disciplina de empreendedorismo em sua Matriz Curricular, contudo existem disciplinas que remetem ao tema como ‘ambiente de negócios e finanças pessoais’, ‘gestão e prática de negócios’ e ‘elaboração e análise de projetos econômicos’, o documento ainda traz expressões como ‘inovação’ e ‘desenvolvimento regional’ (PPC C ECONÔMICAS, 2014).

2.3.5. Faculdade de Ciências Agrárias – FCA

A FCA foi criada posteriormente ao curso de Agronomia no antigo Centro Pedagógico de Dourados (CPD) que ocorreu em 1978, à época vinculado a UEMT (Universidade Estadual de Mato Grosso). No ano de 1977, com a divisão do estado do Mato Grosso o CPD passou a integrar a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul que teve seu início de funcionamento no ano de 1979. A criação da Universidade Federal da Grande Dourados, em 2006, contribuiu para melhorar a estrutura física e docente da FCA, a qual mantém hoje os cursos de graduação em Agronomia, Engenharia Agrícola, Engenharia de Aquicultura e Zootecnia, além de Programas de Pós-graduação (UFGD, 2018).

2.3.5.1. Curso de Engenharia Agrícola – Bacharelado

O engenheiro agrícola é o profissional que projeta, açudes, barragens, sistemas de irrigação e drenagem, máquinas e equipamentos destinados a mecanização agrícola, eletrificação rural, implanta soluções inovadoras para aperfeiçoar a produção preocupando-se com o desenvolvimento sustentável da agricultura. Ainda procurar adotar providências para evitar a erosão e o esgotamento do solo e sua poluição, a melhor forma de implementar silos e armazéns, entre outras finalidades (UFGD, 2018).

O Coordenador acredita que a disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso em questão e importante para todos os cursos de graduação da UFGD, principalmente devido a redução das vagas de concurso público o que fará com que o aluno tenha que se tornar empreendedor.

O PPC do curso de Engenharia Agrícola prevê que o profissional ao final do curso possua espírito empreendedor, atue de modo crítico, flexível, criativo, adaptável a situações de estresse e coordenar equipes multidisciplinares. Contudo o projeto pedagógico do curso não prevê a disciplina de empreendedorismo (PPC ENG AGRÍCOLA, 2014).

2.3.5.2. Curso de Agronomia – Bacharelado

O crescimento da demanda mundial por alimentos somado às características do Brasil com grande potencial agrícola e diversidade de exploração agropecuária e a necessidade do desenvolvimento de produtos mais competitivos no mercado nacional e internacionalmente são

fatores que contribuíram para que o curso de Agronomia da UFGD se tornasse referências na Região Centro-Oeste do Brasil (UFGD, 2018).

O curso tem como objetivo formar o profissional capacitado, não somente, mas principalmente para produção de alimentos de origem vegetal e animal, podendo desempenhar sua função em setores ligados ao agronegócio como consultoria, gestão de propriedades, pesquisa, ensino superior e formação profissional (UFGD, 2018).

A disciplina é importante para o acadêmico, contudo não é estratégica. Existe a previsão por parte do Núcleo Docente Estruturante (NDE) a proposta de inclusão de disciplina voltada ao empreendedorismo quando da reformulação do PPC da Agronomia.

O PPC procura preparar o acadêmico a nova realidade econômica e social que exige um profissional crítico, criativo e empreendedor. Há a preocupação em formar um profissional com capacidade de analisar problemas e propor soluções objetivas de ordem técnica, gerencial, organizacional e operacional nas diferentes etapas dos processos de produção, industrialização e comercialização de produtos agrícolas, com criatividade e competência em seu campo profissional para inovação de processos e produtos e liderança e capacidade de trabalho em equipe (PPC AGRONOMIA, 2017)

2.3.5.3. Curso de Zootecnia – Bacharelado

A Zootecnia é a ciência que estuda as potencialidades dos animais domésticos e domesticáveis, com a finalidade de exploração racional para obtenção de alimentos e outras finalidades junto aos seres humanos, de forma sustentável e econômica. Como ciência, deriva diretamente da Biologia, somada aos princípios econômicos e da produção de alimentos, visando suprir o mercado com produtos adequados à alimentação humana (UFGD, 2018).

Para o Coordenador do Curso a disciplina de Empreendedorismo é estratégica, visto que muitos acadêmicos possuem o perfil empreendedor demonstrando intenção de serem proprietários de negócio próprio. Ademais a disciplina vai ao encontro com princípios exigidos pelos alunos mais jovens como flexibilidade, trabalho em equipe, raciocínio crítico, autonomia entre outros.

O PPC traz algumas características que o Zootecnista deve possuir como fomentar, planejar, coordenar e administrar programas além de ter uma postura empreendedor e criativa, ética, apto a se inserir no contexto social amplo (PPC ZOOTECNIA, 2017).

2.3.5.4. Curso de Engenharia de Aquicultura – Bacharelado

Dentro da FCA no ano de 2014, teve início o curso de graduação em Engenharia de Aquicultura, que tem como objetivo desenvolver a aquicultura, um setor crescente dentro do Mato Grosso do Sul, visando suprir a crescente demanda por alimentos de qualidade que possam beneficiar as várias classes sociais. Os egressos poderão atuar nas áreas de ensino, pesquisa e extensão como: “cultivo, melhoramento genético, diagnóstico de enfermidades, alimentação e nutrição, beneficiamento, desenvolvimento e aplicação da tecnologia de espécies aquícolas, construção, irrigação, drenagem e mecanização para fins de aquicultura” entre outros (UFGD, 2018).

O Coordenador acredita que a disciplina seria estratégica para o curso, ressaltou que atualmente não existe um professor para ministrar a disciplina. Ademais existe a pretensão de ser incluída no PPC como eletiva, e posteriormente passar para obrigatória dentro do curso.

O perfil do egresso com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, apto a compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades. Deve ser capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade da área onde atua, no Brasil ou no mundo (PPC ENG AQUICULTURA, 2018).

2.3.6. Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais – FCBA

A FCBA teve sua origem juntamente com a criação da UFGD em 2005, ficando responsável pelos cursos de Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado), Gestão Ambiental e Biotecnologia (UFGD, 2018).

2.3.6.1. Curso de Gestão Ambiental – Bacharelado

O curso de Gestão Ambiental preocupa-se em preparar um profissional capacitado, com pensamento crítico e criativo, para enfrentar e resolver problemas ambientais ao mesmo tempo que zela pelo meio ambiente em que atua. O Gestor Ambiental deve ter sensibilidade no reconhecimento de problemas socioambientais existente nos processos produtivos, na preservação do meio-ambiente, elaborando estratégias para minimizar o impacto das atividades humanas (UFGD, 2018).

Para a Coordenadora do Curso a disciplina de Empreendedorismo é muito importante para o curso de Gestão Ambiental e ainda figura como um dos objetivos. O tema empreendedorismo ainda é pouco explorado dentro do curso. É importante que o egresso tenha um espírito empreendedor, tendo em vista que este profissional irá sobreviver da elaboração de projetos.

O PPC do Curso de Gestão Ambiental procura incentivar o formando a atuar em grupos interdisciplinares desenvolvendo autonomia e espírito de trabalho em equipe, proporcionando um aprendizado contínuo, compartilhado e abrangente por toda a organização e/ou projeto. O egresso deve ser apto a propor e influenciar formas de atuação em projetos e propostas, estimulando a capacidade de liderança, trabalho em equipe e gerenciamento de conflitos (PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014)

2.3.6.2. Curso de Biotecnologia – Bacharelado

O bacharel em Biotecnologia atua em campo multidisciplinar afeto a áreas com química, física, estatística, produção, informática, microbiologia, bioquímica entre outras. O profissional detém conhecimento que permite a utilização de agentes biológicos com a finalidade de obter bens e/ou assegurar serviços, pode atuar no controle de qualidade de alimentos, micromanipulação de animais e vegetais e microrganismos transgênicos, consultoria de empresas além da pesquisa e docência. (UFGD, 2018; PPC BIOTECNOLOGIA, 2017).

A Coordenadora do Curso de Biotecnologia destacou a preocupação em formar profissionais empreendedores e a necessidade de se discutir com o colegiado de docentes sobre a ementa da disciplina de empreendedorismo como forma de estimular o viés empreendedor do acadêmico

O PPC prevê que o egresso seja preparado para ser um agente de modificação da realidade presente, por meio do exercício reflexivo e criativo de suas atividades profissionais, que contribuirão para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como para a conservação ambiental. Além de ser um desenvolver ideias inovadoras e ações estratégicas capazes de ampliar e aperfeiçoar seu campo de atuação (PPC BIOTECNOLOGIA, 2017).

2.3.6.3. Curso de Ciências Biológicas – Bacharelado

As Ciências Biológicas são divididas em três grandes áreas (Meio Ambientes e Biodiversidade, Biotecnologia e Produção e Saúde), se concentrando no estudo das formas de vida, origem, evolução, organização bem como seu funcionamento. O profissional deve buscar a melhoria da qualidade de vida humana juntamente com a preservação da biodiversidade pautando sua conduta profissional em critérios éticos legais. O biólogo deve ser um cidadão capaz de transformar a sociedade no sentido de promover desenvolvimento sustentável com democracia e justiça social (UFGD, 2018; PPC C BIOLÓGICAS, 2017).

O PPC do Curso de Ciências Biológicas procura habilitar o acadêmico a atuar de forma multidisciplinar e interdisciplinar, adaptável à dinâmica do mercado de trabalho e suas situações de mudança contínua. Desenvolver ideias inovadoras e ações estratégicas capazes de ampliar e aperfeiçoar sua área de atuação em um mercado de trabalho em contínua transformação (PPC C BIOLÓGICAS, 2017). A Coordenadora do Curso expressou não deter conhecimento necessário para opinar sobre inclusão ou não de uma disciplina voltada ao empreendedorismo.

2.3.6.4. Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura

O curso de Ciências Biológicas da UFGD oferece sólida formação o profissional envolvendo o estudo, a pesquisa e o respeito a biodiversidade, se preocupando em formar

docentes com vistas a suprir a escassez de profissionais na área da educação fundamental e média, além de preparar pesquisadores nas diversas áreas da biologia (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016; UFGD, 2018).

O PPC do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas faz menção a Competências, Habilidades e Atitudes voltadas ao empreendedorismo tampouco busca lapidar um perfil empreendedor no egresso (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016). O coordenador tomou conhecimento da disciplina de empreendedorismo por meio de contato com o SESI. Percebeu que procura estimular a próatividade, criatividade em termos de pensar serviços e novas propostas para sociedade.

2.3.7. Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia – FACET

A FACET foi criada pela portaria Reitoria nº 0433/2006, de 21 de setembro de 2006, inicialmente contando apenas com dois cursos de graduação; Matemática (licenciatura plena) e Análise de Sistemas. Com a criação da UFGD, em 2006, foram criados os cursos de Engenharia de Alimentos, Engenharia de Produção e Química, e no ano de 2009, os cursos de Engenharia de Energia e o Programa de Mestrado em Ciência e Tecnologia Ambiental. Ainda no ano de 2009, o COUNI/UFGD aprovou o desmembramento da FACET e a criação da Faculdade de Engenharia. Atualmente a FACET conta com os cursos de graduação de Matemática (Licenciatura), Química (Bacharelado e Licenciatura), Física (Licenciatura), Engenharia da Computação e Sistemas de Informação (UFGD, 2018).

2.3.7.1. Curso de Física – Licenciatura

O curso de Licenciatura em Física tem como objetivo formar profissionais para atuar na área docente, capacitando professores para tratar de problemas novos e tradicionais possibilitando aos alunos acesso ao saber científico e tecnológico (UFGD, 2018).

O PPC do curso não faz referência a qualquer conhecimentos, habilidade e atitudes necessárias ao desempenho da licenciatura, também não exige do egresso um perfil empreendedor (PPC LIC FÍSICA, 2017). O Coordenador acredita ser um tema interessante,

entretanto cada curso tem sua perspectiva própria sobre o assunto, para alguns o empreendedorismo é um tema central para outros mais periférico. De uma forma geral considera que todos possam aproveitar aspectos sobre empreendedorismo dependendo de como for trabalhado com o aluno. É importante existir como opção (disciplina eletiva ou REUNE) para o aluno, mas não pode ser imposta.

2.3.7.2. Curso de Química – Bacharelado

O curso de Bacharelado em Química tem como objetivo formar profissionais capacitados para atuar nas mais diversificadas áreas da ciência química, como na indústria química, de alimentos, combustíveis, fármacos, produtos petroquímicos, centros de pesquisa, podem abrir empresas de consultoria, laboratórios científicos ou dedicar-se a pesquisa (UFGD, 2018; PPC QUÍMICA, 2016).

O PPC dispõe que o egresso deve possuir capacidade crítica para analisar de maneira conveniente os seus próprios conhecimentos; assimilar os novos conhecimentos científicos e/ou tecnológicos e refletir sobre o comportamento ético que a sociedade espera de sua atuação e de suas relações com o contexto cultural, socioeconômico e político. Dever ser um profissional que saiba trabalhar em equipe e ter uma boa compreensão das diversas etapas que compõem um processo industrial ou uma pesquisa, sendo capaz de planejar, coordenar, executar ou avaliar atividades relacionadas à Química ou a áreas correlatas (PPC QUÍMICA, 2016).

Durante a entrevista o Coordenador relatou que possui visão geral, não aprofundada, mas acredita que o tema empreendedorismo aborde o desenvolvimento de novos produtos ou serviços a partir das necessidades da comunidade. Acredita a disciplina de empreendedorismo no curso de Bacharelado em Química seria importante para o acadêmico, principalmente devido a realidade regional, onde há poucas indústrias químicas e mais necessidade de professores.

2.3.7.3. Curso de Matemática – Licenciatura

O curso de Licenciatura em Matemática da UFGD é voltado para o exercício da docência nos ensinos fundamental e médio visando a formação de um profissional com olhar

abrangente do seu papel social. No mercado de trabalho, o professor de matemática é um profissional muito requisitado nas várias etapas da educação em qualquer as regiões do País. Em função da grande demanda por esse profissional, o egresso possui colocação quase que imediata no mercado de trabalho após a conclusão do curso (UFGD, 2018).

O Coordenador do Curso acredita que seja fundamental a disseminação desse tema dentro da academia, principalmente para preparação do acadêmico para o mercado de trabalho, mas o curso, por ser uma licenciatura, possui limitações legais para implantação de determinadas disciplinas na grade curricular. Destacou que a maior parte dos acadêmicos que iniciam o curso são da região do Sul de Mato Grosso do Sul e recorrentemente retornam para suas cidades ao término do curso para exercerem a profissão de professor de matemática. O PPC do Curso não faz menção ao tema empreendedorismo.

2.3.7.4. Curso de Sistema de Informação – Bacharelado

O curso de Sistemas de Informação da UFGD destina-se a formação de profissionais ligados a área da tecnologia da informação (TI), gerenciamento e construção de sistemas para atuar na identificação de soluções, com base em novas tecnologias, nos processos de negócios organizacionais. O profissional terá uma visão geral fundamentos de computação, engenharia de software, bancos de dados, inteligência artificial, entre outros (UFGD, 2018).

O PPC do Curso de Sistemas de Informação propõe a formação de um acadêmico com senso reflexivo na construção de sistemas por entender que eles atingem direta ou indiretamente as pessoas, também deve considerar os aspectos econômicos, financeiros, de gestão e de qualidade, associados a novos produtos e organizações, além de julgar fundamental a inovação e a criatividade e entendam de perspectivas de negócios e oportunidades relevantes (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).

Durante a entrevista o Coordenador do Curso afirmou que o empreendedorismo, atualmente, é muito importante. Considera que o brasileiro, de forma geral, precisa ousar mais, principalmente na área do empreendedorismo. Julga que falta flexibilidade da universidade para

o acadêmico poder cursar disciplinas afetas ao seu perfil profissional prejudica a atitude empreendedora.

2.3.7.5. Curso de Engenharia da Computação – Bacharelado

Os profissionais da Engenharia da Computação podem atuar nas mais diversas áreas, incluindo, mas não limitado a processos de automação, desenvolvimento de hardware e software, sistemas de comunicação e de novas tecnologias. As revoluções tecnológicas e a crescente utilização das TICs pelas empresas, governo, sociedade e pessoas comuns traz consigo a necessidade de profissionais capacitados a atender as novas demandas computacionais. O bacharel em Engenharia da Computação é o profissional apto a atender essas demandas desenvolvendo novas tecnologias, tendo visão crítica e criativa na resolução de problemas (UFGD, 2018).

O PPC do Curso de Engenharia da Computação preocupava-se em formar um egresso que seja capaz de tomar decisões e inovar, com base no conhecimento do funcionamento e das características técnicas de hardware e da infraestrutura de software dos sistemas de computação. O profissional deve ter flexibilidade para adequar-se rapidamente às mudanças tecnológicas e aos novos ambientes de trabalho, além de empreender e exercer liderança, coordenação e supervisão na sua área de atuação profissional e ser capaz de realizar trabalhos cooperativo e entender a força que dele pode ser derivada (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016).

O Coordenador do Curso asseverou que atualmente é importante e fundamental trabalhar o viés empreendedor no acadêmico e que o curso está iniciando o processo de educação empreendedora. Entende que o empreendedorismo, além de ser uma área muito fértil, proporciona ao egresso a visão de que a Engenharia de Computação pode ser utilizada noutras áreas do conhecimento como a criação de startups.

2.3.8. Faculdade de Direito e Relações Internacionais – FADIR

A atual Faculdade de Direito e Relações Internacionais teve seu início com o curso de Direito (1999) e posteriormente a criação do curso de Relações Internacionais (2009), suprimindo,

assim, uma lacuna na região do município de Dourados e adjacências para formação de bacharéis aptos a desempenhar o papel tanto de pesquisadores quanto no mercado de trabalho. A FADIR contribui para a formação de profissionais envolvidos e comprometidos a consubstanciar a Universidade e dedicar-se a pesquisa e de soluções para problemas regionais (UFGD, 2018).

2.3.8.1. Curso de Direito – Bacharelado

O Curso de Direito da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) foi criado sob a égide da então Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no ano de 1999. O bacharel em Direito dedica-se ao estudo de normas jurídicas e as relações entre os indivíduos e a sociedade. Com formação humanística, técnico-jurídica e prática se adequa a interdisciplinaridade do fenômeno jurídico e as transformações sociais, interpretando as situações em conformidade com as leis. O bacharel pode optar por tornar-se advogado após ser aprovado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), ou seguir a carreira jurídica pública, como juiz, promotor de Justiça, advogado público, delegado de polícia, entre outras funções (UFGD, 2018).

O coordenador do curso apresenta-se favorável ao tema empreendedorismo, ressalta que com a mudança do viés nas políticas públicas muitos acadêmicos do Direito idealizam ter seu próprio negócio. Acrescentou ainda que a disciplina seria importante para o curso, contudo não há possibilidade de implantá-la a não ser como disciplina eletiva. O PPC do Curso de Direito preocupa-se em formar bacharéis aptos a se inserirem em setores profissionais com espírito crítico-reflexivo, atuando como operadores e formadores de opinião (PPC DIREITO, 2017).

2.3.8.2. Curso de Relações Internacionais – Bacharelado

O bacharel em Relações Internacionais é habilitado a desenvolver diversas funções vinculadas a instituições públicas e privadas de assessoria não somente no que tange ao comércio internacional, mas também em tratativas entre o Brasil e estados estrangeiros. Além destas, igualmente possui conhecimento técnico para atuar em organismos internacionais, carreiras públicas e operar como analista de empresas privadas. O curso procura dar ao acadêmico uma

formação crítica, ampla, pautada na ciência política, economia, história e direito o que lhe propiciará o desempenho satisfatório também no contexto internacional (UFGD, 2018).

Espera-se que o egresso de Relações Internacionais seja dotado de capacidade de adaptação e articulação de diferentes conhecimentos e funções, de apreensão analítica e de potencial para atuação crítica e negociação propositiva diante de fenômenos complexos. Capacidade de negociação, flexibilidade, adaptabilidade às distintas situações, trabalho em equipe e manejo de conflitos e interesses são algumas características exigidas do profissional (PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017).

O Coordenador do Curso ressaltou que é uma discussão que tem ganhado espaço, principalmente quanto ao perfil do acadêmico. O tema possui a característica marcante da transversalidade, próatividade, iniciativa, engajamento em termos de negócios e também do ponto de vista social. A disciplina de Empreendedorismo é muito importante para o bacharel de Relações Internacionais. Esteve presente na grade curricular, mas foi substituída pela disciplina de fundamentos de administração e comércio exterior. A substituição ocorreu por motivos pedagógicos, havia necessidade de familiarizar o acadêmico primeiramente com temas referentes a administração e gestão de negócios para posteriormente introduzir o tema empreendedorismo.

2.3.9. Faculdade de Engenharia – FAEN

A Faculdade de Engenharia – FAEN – nasceu a partir do desmembramento da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia – FACET – no ano de 2010, conta, atualmente, com os cursos de graduação em Engenharia de Alimentos, Engenharia de Energia, Engenharia de Produção, Engenharia Civil e Engenharia Mecânica. A FAEN dispõe de diversos laboratórios de ensino e pesquisa e está inserida nas políticas públicas de expansão da educação superior no Brasil, preocupando-se principalmente com pesquisas de inovação científica e tecnológica (UFGD, 2018).

2.3.9.1. Curso de Engenharia de Energia – Bacharelado

Com o objetivo de formar profissionais aptos a atuar no planejamento, implementação, otimização e gerenciamento de sistemas energéticos o curso de Engenharia de Energia da UFGD tem como objetivo desenvolver atributos como responsabilidade social e ambiental no acadêmico. O profissional será capaz de trabalhar com as diversas formas de matriz energética (hídrica, solar, eólica, biomassa, petróleo, carvão, gás natural e material radioativo) existentes, auxiliando na formação de políticas públicas, planejamento e desenvolvimento de sistema de geração e transmissão de energia e de equipamentos para energias alternativas (UFGD, 2018).

O PPC do Curso de Engenharia de Energia preocupa-se que o egresso tenha uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, estando capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas para atender às demandas da sociedade com uma visão ética e humanística. O bacharel deve contemplar em sua formação aspectos humanísticos voltados ao espírito empreendedor (PPC ENG ENERGIA, 2017).

Na visão do Coordenador do Curso o empreendedorismo deve existir, contudo devem ser respeitadas as individualidades das pessoas (existem pessoas com perfil empreendedor e outras não), isto é observável nos acadêmicos. Acredita que é um perfil extremamente importante para o curso e a inserção da disciplina de Empreendedorismo na grade curricular seria muito importante para os acadêmicos.

2.3.9.2. Curso de Engenharia Civil – Bacharelado

O curso de Engenharia Civil da UFGD tem por objetivo formar bacharéis com competências técnicas e educacionais para atender às diferentes demandas da área. Com uma formação crítica e inovadora o curso procura formar profissionais com alto nível de qualidade para o mercado de trabalho, sem deixar de lado a preocupação com o meio ambiente e os recursos naturais. O bacharel em Engenharia Civil possui um ampla campo para o mercado de trabalho no desenvolvimento industrial, serviços de edificações, urbanizações e na engenharia de tráfego (UFGD, 2018).

O Engenheiro Civil formado pela UFGD deve ter um perfil técnico-científico sólido e a capacidade de absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais (PPC ENG CIVIL, 2017)

A Coordenadora do Curso ressalta que é um tema importante para as áreas das engenharias e que em algumas disciplinas do curso busca-se estimular uma visão empreendedora por parte do aluno. Existe a preocupação da coordenação com a atuação profissional do egresso, contudo ressaltou que dentro do curso o tema empreendedorismo vem sendo preterido. Para despertar a característica empreendedora em alguns acadêmicos a disciplina de Empreendedorismo seria essencial.

2.3.9.3. Curso de Engenharia de Alimentos – Bacharelado

O Engenheiro de Alimentos atua no desenvolvimento, produção, conservação, processamento, armazenamento, transporte e comercialização de alimentos e bebidas. O curso de Engenharia de Alimentos possui competências nas mais diversas áreas do conhecimento como Economia, Administração, Química, Matemática e Biologia formando profissionais aptos a atuar nas indústrias de alimentos, insumos, equipamentos e embalagens tanto em instituições públicas quanto privadas fiscalizando, auditando ou no ensino e pesquisa (PPC ENG ALIMENTOS, 2017).

Segundo o PPC o bacharel em Engenharia de Alimentos deve ter capacidade criativa e crítica, habilidade de gerar tecnologia, e habilidade de comprometer-se com o desenvolvimento profissional constante, assumindo uma postura de flexibilidade e estar preparado para mudanças, deve atuar, interagindo com diferentes especialidades e diversos profissionais, de modo a estar preparado à contínua transformação do universo produtivo (PPC ENG ALIMENTOS, 2017)

A Coordenadora acredita que o curso de Engenharia de Alimentos pode formar profissionais empreendedores. Destacou que o principal gargalo na área são as poucas oportunidades oferecidas pelas grandes visto que oferecem na maioria das vezes um trabalho

convencional, não deixando espaço para atividade crítica, inovadora e empreendedora do egresso. Alguns acadêmicos trabalham com inovação e tecnologia para desenvolvimento de novos produtos no SENAI junto a pequenos produtores e pequenas empresas.

2.3.9.4. Curso de Engenharia de Produção – Bacharelado

O Engenheiro de Produção possui competências voltadas para o exercício profissional em diversos setores da economia, com formação que lhe permite ser eclético e flexível, possui um papel decisivo na composição das estratégias e na liderança de projeto, controle e organização dos sistemas produtivos. Atua no sentido de alavancar a competitividade das empresas e cadeias produtivas, contribuindo para o desenvolvimento econômico sustentável e melhoria da qualidade de vida da população. Detém formação multidisciplinar e visão sistêmica do mercado de trabalho, sendo possível que atue em diferentes áreas de uma organização (UFGD, 2018).

O PPC do Curso procura formar um profissional com perfil que contempla aspectos como iniciativa, criatividade, espírito de liderança, capacidade de adaptação às mudanças, novas funções e impactos tecnológicos, sólidos conhecimentos humanos, técnicos e gerenciais, compreensão acerca do cenário competitivo e do meio ambiente, mercado e análise econômico-financeira, dentre outros (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017).

O Coordenador acredita que existe um afastamento entre as empresas e universidades, existe a percepção de que o ensino superior ainda é bastante voltado na formação de empregados. Existe uma barreira cultural para interação entre universidades e empresas. Entende que a disciplina de empreendedorismo e inovação é fundamental para o curso de Engenharia de Produção, principalmente para mudar a cultura do acadêmico de ser empregado para tornar-se empreendedor.

2.3.9.5. Curso de Engenharia Mecânica – Bacharelado

O bacharel em Engenharia Mecânica trabalha no desenvolvimento, projeto, construção e manutenção de máquinas, equipamentos, sistemas industriais de aquecimento e refrigeração

além de dar suporte à criação de ferramentas industriais específicas. O profissional está apto a criar protótipos de produtos e/ou máquinas, supervisionar processos de controle de qualidade, segurança na produção, manutenção mecânica atuando também no controle de quantidade de matéria-prima utilizada na fabricação de moldes e peças (UFGD, 2018).

Segundo o PPC o Engenheiro Mecânico deve ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, que o habilite absorver e desenvolver novas tecnologias, identificar e resolver problemas, de forma criativa, ética, considerando os seus vários aspectos, especialmente os econômicos, sociais e ambientais (PPC ENG MECÂNICA, 2018).

O Coordenador do Curso de Engenharia Mecânica acredita que a disciplina de Empreendedorismo é importante para o acadêmico tendo em vista existirem diversas áreas nas quais os egressos podem atuar como empresas de consultoria, controle da qualidade, manutenção mecânica entre outras.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo destina-se a demonstrar detalhadamente os procedimentos que foram utilizados para alcançar os objetivos da pesquisa, o conjunto de processos ou operações empregadas na investigação dos fatos. Para tanto foram seguidas as seguintes etapas: estudo bibliográfico sobre o tema empreendedorismo acadêmico; análise documental das grades e planos pedagógicos de cada curso de graduação das faculdades selecionadas; levantamento dos principais grupos de pesquisa dentro da UFGD; aplicação de questionário aos coordenadores de cursos do universo selecionado; levantamento documental e investigação junto as coordenações; proposta de um modelo de núcleo de práticas empreendedoras (físico e/ou virtual) para os cursos de graduação da UFGD.

3.1. Estudo Bibliográfico

Primeiramente far-se-á uma caracterização da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A história da UFGD está ligada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) a qual foi criada em 1979, pela Lei Federal nº. 6.674, com o processo de divisão do Estado de Mato Grosso. A UFGD foi criada em julho de 2005 a partir do desmembramento do Campus de Dourados da UFMS pela Lei nº. 11.153, de 29 de julho de 2005 (BRASIL, 1979; 2005).

Cursos de nível superior iniciaram-se no município de Dourados antes mesmo da UFMS ser criada, no Centro Pedagógico de Dourados que fora inaugurado em 20 de dezembro de 1970, com iniciou de suas aulas, em fevereiro de 1971, para os cursos de Letras e Estudos Sociais. Com o passar dos anos houve a ampliação da oferta de cursos no Campus de Dourados, sendo que em 1973, os cursos de História e Letras começaram a funcionar, em 1975 o curso de Ciências, em 1978 o curso de Agronomia e em 1979, o curso de Pedagogia que oferecia a habilitação em Administração Escolar. Na década de 1980, foram implantados os cursos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado), Ciências Contábeis e Matemática. Nos anos de 1990 os cursos Ciências Biológicas e Análise de Sistemas. E no ano de 2000, foram implantados os cursos de Medicina, Direito e Administração (UFGD, 2018).

Os cursos de graduação de Zootecnia, Gestão Ambiental, Engenharia de Produção, Engenharia de Alimentos, Química, Ciências Sociais e o curso de Licenciatura indígena para as comunidades Guarani e Kaiowá foram implantados no ano de 2006. A Faculdade de Engenharia foi criada em 2010, a partir do desmembramento da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, com os cursos de Engenharia de Energia, Engenharia de Alimentos e Engenharia de Produção, e em 2014, os cursos de graduação em Engenharia Civil, Mecânica, de Aquicultura e de Computação tiveram início (UFGD, 2018).

Os programas de pós-graduação começaram a surgir e contribuíram para alavancar o desenvolvimento de pesquisas. Foram criados os mestrados em Agronomia no ano de 1994, em História em 1999, em Entomologia e Conservação da Biodiversidade em 2002, em Geografia no ano de 2007. A evolução da Pós-graduação e da pesquisa florescerem rapidamente o que possibilitou a implantação do curso de doutorado em Agronomia em 2003, na então UFMS (UFGD, 2018).

Atualmente a UFGD possui 34 cursos de graduação presencial, 6 cursos de graduação à distância, 15 cursos de especialização presencial, 5 cursos de especialização à distância, um MBA em gestão ambiental, 21 cursos de mestrado e 9 cursos de doutorados (UFGD, 2018).

As Faculdades selecionadas para pesquisa foram as seguintes: Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia (FACE); Faculdade de Ciências Agrárias (FCA); Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia (FACET); Faculdade de Direito e Relações Internacionais (FADIR); Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais (FCBA); e Faculdade de Engenharia (FAEN). O critério utilizado para escolha destas faculdades foi o fato de todas possuírem alguma possibilidade de seus acadêmicos empreenderem em suas áreas de formação/atuação.

Quadro 13 - Principais características dos cursos de graduação do universo selecionado.

Cursos de Graduação	Faculdade	Número de Docentes	Início do Curso
Ciências Contábeis	FACE	13	1986
Administração	FACE	17	2000
Ciências Econômicas	FACE	14	2009
Agronomia	FCA	60	1978
Engenharia Agrícola	FCA		2014
Engenharia de Aquicultura	FCA		2014

Zootecnia	FCA		2006
Biotecnologia	FCBA	47	2014
Ciências Biológicas - Licenciatura	FCBA		1991
Ciências Biológicas - Bacharelado	FCBA		2000
Gestão Ambiental	FCBA		2012
Engenharia da Computação	FACET	22	2014
Física – Licenciatura	FACET	17	2014
Matemática – Licenciatura – Matutino e Noturno*	FACET	34	1987
Química – Licenciatura	FACET	31	2010
Química - Bacharelado	FACET		2006
Sistema de Informação**	FACET	22	2007
Direito	FADIR	15	2000
Relações Internacionais	FADIR	11	2009
Engenharia de Alimentos	FAEN	57	2006
Engenharia de Energia	FAEN		2009
Engenharia de Produção	FAEN		2006
Engenharia Civil	FAEN		2014
Engenharia Mecânica	FAEN		2012

Fonte: Sítio da UFGD e PPCs dos cursos de graduação dos respectivos cursos de graduação.

Nota:

* Iniciou-se com a implantação de Habilitação em Matemática proveniente do curso de Licenciatura Curta em Ciências em 1986. No ano de 1987, o curso passou a chamar-se Matemática – Licenciatura Plena.

** Fruto da reformulação do curso de Análise de Sistemas criado em 1996, antigo campus da UFMS.

A pesquisa constitui-se como sendo de natureza aplicada tendo em vista que busca criar conhecimento para aplicações práticas guiadas à solução de problemas específicos. Seu objetivo é exploratório pois visa trazer maior familiaridade ao problema com objetivo de aprimorar ideias ou construir novas hipóteses (GIL, 2002; PRODANOV e FREITAS, 2013).

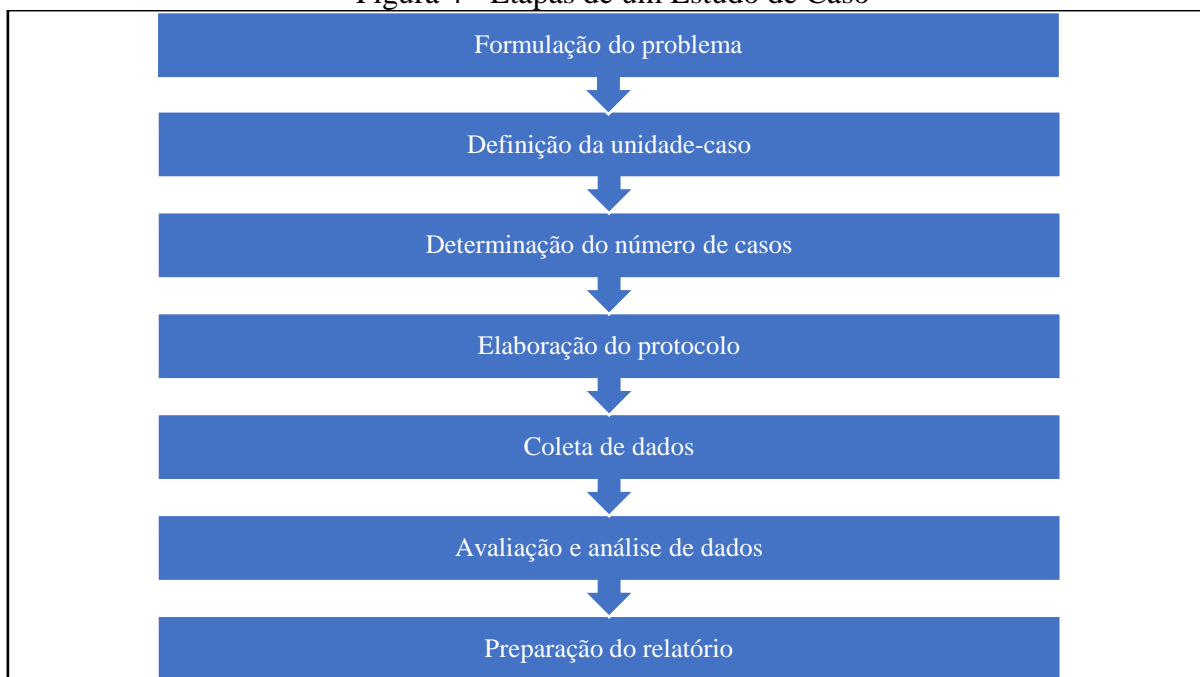
O procedimento é um estudo de caso que para Yin (2015) é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno moderno em seu contexto real buscando esclarecer os limites entre o fenômeno e seu contexto. Para realizar um estudo de caso o pesquisador não necessita ter controle sobre os eventos comportamentais, podendo focar em eventos contemporâneos cujo escopo seja elaborar hipóteses e proposições (YIN, 2015).

Algumas críticas ao estudo de caso segundo Yin (2015) são a falta de rigor e a pouca base para generalização da pesquisa científica, contudo o próprio autor ressalta que um projeto de pesquisa detalhado e o acompanhamento rigoroso deste projeto pelo cientista podem sanar o problema da falta de rigor. Com relação à generalização o autor argumenta que as proposições e teorias podem ser generalizadas, não os dados estatísticos (YIN, 2015).

O método de estudo de caso apresentou-se como o mais adequado uma vez que procura responder questões do tipo “como” e “por quê” haja vista serem explicativas e ainda lidarem com questões operacionais de longo prazo. Gil (2002, p. 54) destaca que o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. A abordagem do estudo de caso é qualitativa uma vez que o ambiente é fonte direta de investigação e se utilizará de entrevistas abertas, análise documental e observações (GIL, 2002; YIN, 2015).

Não existe consenso entre os pesquisadores sobre o número de etapas para desenvolver um estudo de caso, entretanto há um número mínimo de fases as quais devem ser seguidas pelos pesquisadores que optarem adotar esta modalidade de estudo (GIL, 2002; YIN, 2015).

Figura 4 - Etapas de um Estudo de Caso



Fonte: Gil (2002, p. 137)

Nota: adaptado pelo autor

Por se tratar de uma pesquisa exploratória inicialmente realizou-se uma análise documental a qual Gil (2002, p. 45) afirma que “vale-se de materiais que não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da

pesquisa”. Uma característica da análise documental é a utilização de diversificadas fontes escritas de pesquisa que são classificadas em documentos de “primeira mão”, aqueles que não receberam nenhum tipo de exame analítico, e de “segunda mão” que são aqueles que já passaram por algum tipo de análise (GIL, 2002).

Optou-se por realizar uma amostra intencional (GIL, 2002, p. 145) “em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes, mostra-se mais adequada para obtenção de dados de natureza qualitativa” (GIL, 2002).

A escolha do universo entrevistado teve como base as Faculdades da UFGD que disponibilizam cursos de graduação na modalidade de Bacharelado, visto que algumas áreas como engenharias, sistemas de informação, ciências agrárias, administração e economia exigem do acadêmico um perfil empreendedor. Deve-se ressaltar que algumas faculdades oferecem curso de graduação nas modalidades bacharelado e licenciatura como a FCBA e FACET, para estes casos específicos foram realizados estudos em ambas as categorias de graduação (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014; PPC AGRONOMIA, 2017; PPC BIOTECNOLOGIA, 2017; PPC C ECONÔMICAS, 2014; PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016; PPC ENG ENERGIA, 2017; PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).

Desta forma os coordenadores dos cursos de graduação das faculdades de Administração, Ciências Contábeis e Economia (FACE), de Ciências Agrárias (FCA), de Ciências Biológicas e Ambientais (FCBA), de Ciências Exatas e Tecnologia (FACET), de Engenharia (FAEN) e de Direito e Relações Internacionais (FADIR) foram entrevistados seguindo-se um questionário semiestruturado sobre disciplinas voltadas ao empreendedorismo em cada curso de graduação.

3.2. Estudo de caso

O procedimento técnico é um estudo de caso que nas palavras de Yin (2015, p. 4) “permite que os investigadores foquem um ‘caso’ e retenham uma perspectiva holística e do

mundo real - como no estudo de processos organizacionais e administrativos”. Percebe-se que o estudo de caso procura orientar uma decisão ou conjunto de decisões (YIN, 2015).

3.2.1. Análise documental

Analisou-se os PPCs de todos os cursos de graduação do universo selecionado, buscando-se primeiramente as principais características e objetivos de cada curso, o perfil exigido do egresso, as habilidades e competências desejáveis dos formandos, a justificativa de necessidade, a fundamentação teórico-metodológica e sua matriz curricular. O objeto de procura foi primeiramente pela disciplina “empreendedorismo”, posteriormente palavras equivalentes ou que remetessem ao tema objeto de estudo.

Foram elencadas três informações básicas, na forma de questionamentos, que devem constar na pesquisa realizada no PPC de cada curso de graduação: 1) Os objetivos do curso possuem características empreendedoras?; 2) Exige-se do egresso um perfil empreendedor?; e 3) São exigidas Competências, Habilidades e Atitudes empreendedoras do egresso? Como resultado possível espera-se encontrar uma resposta positiva (sim) ou negativa (não) para cada pergunta. Com o objetivo de gerar um gráfico de barras horizontal foi atribuído a cada resposta positiva o valor numérico um (1), e para cada resposta negativa o valor numérico (0), desta forma foi gerado o gráfico.

Analisou-se, também, o PDI da UFGD e apenas para fins didático-comparativos o PDI da UFMS, tendo em vistas as similaridades regional e cultural das instituições.

3.2.2. Elaboração e aplicação do questionário

Para Duarte (2004, p. 215) “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.” (DUARTE, 2004).

Entrevistas realizadas com eficiência permitem que o estudioso do assunto faça um mergulho em profundidade sobre o tema objeto de investigação. A aplicação do questionário

propicia o levantamento de indícios, modos e informações relevantes que proporcionam descrever e compreender as relações que se estabelecem no interior do grupo em análise. A entrevista pode ser utilizada tanto para corroborar uma descoberta quanto para aprender sobre a realidade do universo do entrevistado (DUARTE, 2004; YIN, 2015).

Para Yin (2015) entrevistas são uma fonte importante de informação para um estudo de caso, e podem ser utilizadas em vários campos das ciências sociais e aplicadas. Existem diferentes tipos de entrevistas entre elas a padronizada ou estruturada a qual é mais utilizada para pesquisa quantitativas, neste caso o entrevistador segue um roteiro pré-estabelecido, o pesquisador não tem liberdade para adaptar suas perguntas a determinadas situações. Na entrevista despadronizada ou não-estruturada o entrevistador tem a liberdade de realizar as perguntas que quiser, geralmente tratam-se de perguntas abertas (DUARTE, 2004; GIL, 2002; YIN, 2015; MARCONI e LAKATOS, 2003)

Optou-se pela realização de um questionário semiestruturado aplicado aos coordenadores de cada curso de graduação das faculdades selecionadas. Neste tipo de entrevista o pesquisador seguiu um roteiro com perguntas semiabertas, ou seja, existe uma sequência a ser seguida. Para Gil (2002, p. 117) a entrevista “pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso.” Aos Pró-reitores de Ensino de Graduação (PROGAD), de ensino de Pós-graduação e Pesquisa (PROPP) e de Extensão e Cultura (PROEX) não houve a necessidade de aplicação de questionário. (GIL, 2002; MARCONI e LAKATOS, 2003; DUARTE, 2004; YIN, 2015).

O Quadro nº 14, traz a relação dos coordenadores de cursos de Graduação da UFGD que participaram das entrevistas. Para realização das entrevistas foi realizado antecipadamente contato telefônico com cada Coordenador e agendado um horário de atendimento. Com data e hora previamente definido as entrevistas foram realizadas na própria universidade no período entre setembro e novembro de 2018.

Quadro 14 – Coordenadores dos Cursos de Graduação da UFGD entrevistados

Faculdade	Curso de Graduação	Coordenador
FACE	Administração	Narciso Bastos Gomes

	Ciências Contábeis	Marcelo Chaves de Jesus
	Ciências Econômicas	Pedro Rodrigues de Oliveira
FCA	Agronomia	Silvia Correia Santos
	Engenharia Agrícola	Jorge Wilson Cortez
	Engenharia de Aquicultura	Dacley Hertes Neu
	Zootecnia	Jefferson Rodrigues Gandra
FCBA	Ciências Biológicas – Lic	Fabiano Antunes
	Ciências Biológicas – B.el	Marcia Regina Russo
	Biotecnologia	Claudia Roberta Damiani
	Gestão Ambiental	Simone Ceccon
FACET	Engenharia da Computação	Marcos Mansano Furlan
	Sistemas de Informação	Rodrigo Yoshikawa Oeiras
	Química – Lic	-----
	Química – B.el	Tiago André Denck Colman
	Física – Lic	Giovani Manzeppi Faccin
	Matemática – Lic	Alexandre Pitanguí Calixto
FADIR	Direito	Everton Gomes Correa
	Relações Internacionais	Hermes Moreira Júnior
FAEN	Engenharia Mecânica	Rafael Ferreira Gregolin
	Engenharia Civil	Maria Aparecida Garcia T. Chuba Machado
	Engenharia de Produção	Márcio Rogério Silva
	Engenharia de Energia	Ramon Eduardo Pereira Silva
	Engenharia de Alimentos	Ângel Dulce Cavenaghi Altemio

Nota: Elaborado pelo autor

Obs: Não foi possível realizar a entrevista com o(a) coordenador(a) do Curso de Licenciatura em Química

O questionário utilizado como base para realizar a entrevista com os Coordenadores de Curso possui nove questões abertas, entretanto para compor as informações que constam no relatório que serviu de base para o gráfico somente foram escolhidas somente sete questões, sendo elas: 1) O coordenador do curso possui visão favorável ao tema empreendedorismo? 2) O coordenador do curso possui experiências pessoal ou profissional na área? 3) Existe disciplina específica sobre o tema empreendedorismo ministrada no curso? 4) Existem ações práticas voltadas ao empreendedorismo dentro do curso? 5) A disciplina de empreendedorismo é estratégica/importante para o curso? 6) Existem projetos de colaboração/cooperação com empresas visando o estímulo ao empreendedorismo? e 7) O curso criou algum produto, projeto ou serviço que possa ser considerado inovador?

Como resultado possível espera-se encontrar uma resposta positiva (sim) ou negativa (não) para cada pergunta. Com o objetivo de gerar um gráfico de barras horizontal foi atribuído a cada resposta positiva o valor numérico um (1), e para cada resposta negativa o valor numérico (0), desta forma foi gerado o gráfico.

3.2.3. Grupo Focal

A realização do Grupo Focal (GF) se fez necessária para obtenção de maiores informações qualitativas sobre o tema, serviu de base para o entendimento da proposição de criação do Núcleo Integrado de Empreendedorismo e possibilitou enxergar alternativas para superar as barreiras ao ensino do empreendedorismo na UFGD.

O GF consiste em uma técnica de investigação qualitativa de baixo custo que fornece ao pesquisador uma grande riqueza de informações sobre as atividades desenvolvidas e as percepções dos participantes sobre os assuntos em discussão. Durante a realização do GF ocorrem interações entre os membros do grupo sobre assunto determinado e a partir daí são coletados os dados da pesquisa (GOMES e BARBOSA, 1999; GONDIM, 2002).

O GF deve ser um grupo composto preferencialmente entre 5 a 12 pessoas convidadas a participar da discussão. Os participantes podem ser pessoas que possuam características em comum, contudo não é um requisito obrigatório. Normalmente o GF é dirigido por duas pessoas, sendo um escrivão e um moderador. Antes do início do GF é necessário que o moderador tenha elaborado um roteiro para discussão do assunto em questão. O moderador deve ter o cuidado de incentivar que todos os participantes do GF participem das discussões e também deve abster-se de julgamentos (GOMES e BARBOSA, 1999).

O GF foi realizado no dia 22 de agosto de 2019, às 16:00 horas na sala 209, da Faculdade de Administração Ciências Contábeis e Economia (FACE), participaram quatro professores e uma acadêmica conforme quadro abaixo, convidou-se profissionais e acadêmicos que tiveram e/ou possuem algum contato com o tema empreendedorismo.

Quadro 15 – Participantes do Grupo Focal

Nome	Atividade desempenhada
------	------------------------

Prof. Dr.	Antônio Carlos Vaz Lopes	Diretor da FACE
Prof. Dr.^a	Josiane Fujisawa Filus de Freitas	Pró-reitora de Extensão e Cultura
Prof. Dr.^a	Sheila Nogueira de Oliveira	Prof. ^a . do curso de Agronomia e desenvolve projetos de pesquisa que ligados a atividades voltadas ao empreendedorismo social.
Técnico Administrativo da UFGD	Ijean Gomes Riedo	Responsável pela Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias
Acadêmica	Geovana Ferreira Moraes	Bolsista de projeto de extensão da GDTEC

Nota: elaborado pelo autor.

3.2.4. Análise da Cadeia de Valor do Cliente (CVCA)

O método de Análise da Cadeia de Valor do Cliente (Customer Value Chain Analysis – CVCA), aperfeiçoada por Donaldson, Ishii e Sheppard (2006), tem como objetivo aferir as relações de valor entre as partes interessadas (stakeholders) e os projetos elaborados por empresas ainda na fase da pesquisa e desenvolvimento (DONALDSON, ISHII e SHEPPARD, 2006).

A análise CVC é uma ferramenta de mapeamento visual utilizado no início do processo de desenvolvimento do produto que procura identificar a Voz do Cliente (VOC) sendo, desta forma, possível enumerar as necessidades dos clientes e atribuir uma ordem hierárquica de prioridades. Pode-se considerar partes interessadas todas aquelas envolvidas no processo incluindo, mas não limitado, clientes, órgão reguladores, parceiros, projetistas e vendedores, ou seja, qualquer pessoa que possa influenciar ou ser influenciada pelo produto em questão (DONALDSON, ISHII e SHEPPARD, 2006).

Segundo Donaldson, Ishii e Sheppard (2006) são necessários sete passos para implantação da CVCA: i) definir o modelo de negócios inicial e seus pressupostos; ii) delinear as partes interessadas envolvidas no projeto; iii) determinar como as partes interessadas estão relacionadas; iv) identificar as relações entre as partes definindo o fluxo entre elas; v) analisar a cadeia de valor do cliente para determinar clientes críticos e proposições de melhoria; vi) inserir as informações na Lista de Avaliação de Definição do Produto (Product Definition Assessment Check List– PDCA) ; vii) utilizar os dados da análise CVC no projeto do novo produto (DONALDSON, ISHII e SHEPPARD, 2006).

Para implementar o método CVCA foram seguidas as recomendações dos autores (DONALDSON, ISHII e SHEPPARD, 2006). Como o objetivo é propor novos mecanismos e/ou ferramentas visando o estímulo do ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD, a ferramenta CVCA foi aplicada levando-se em consideração que os principais clientes beneficiados são os acadêmicos e os docentes. O produto é o Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (DONALDSON, ISHII e SHEPPARD, 2006).

Quadro 16 - Etapas seguidas para construção e elaboração da análise CVC

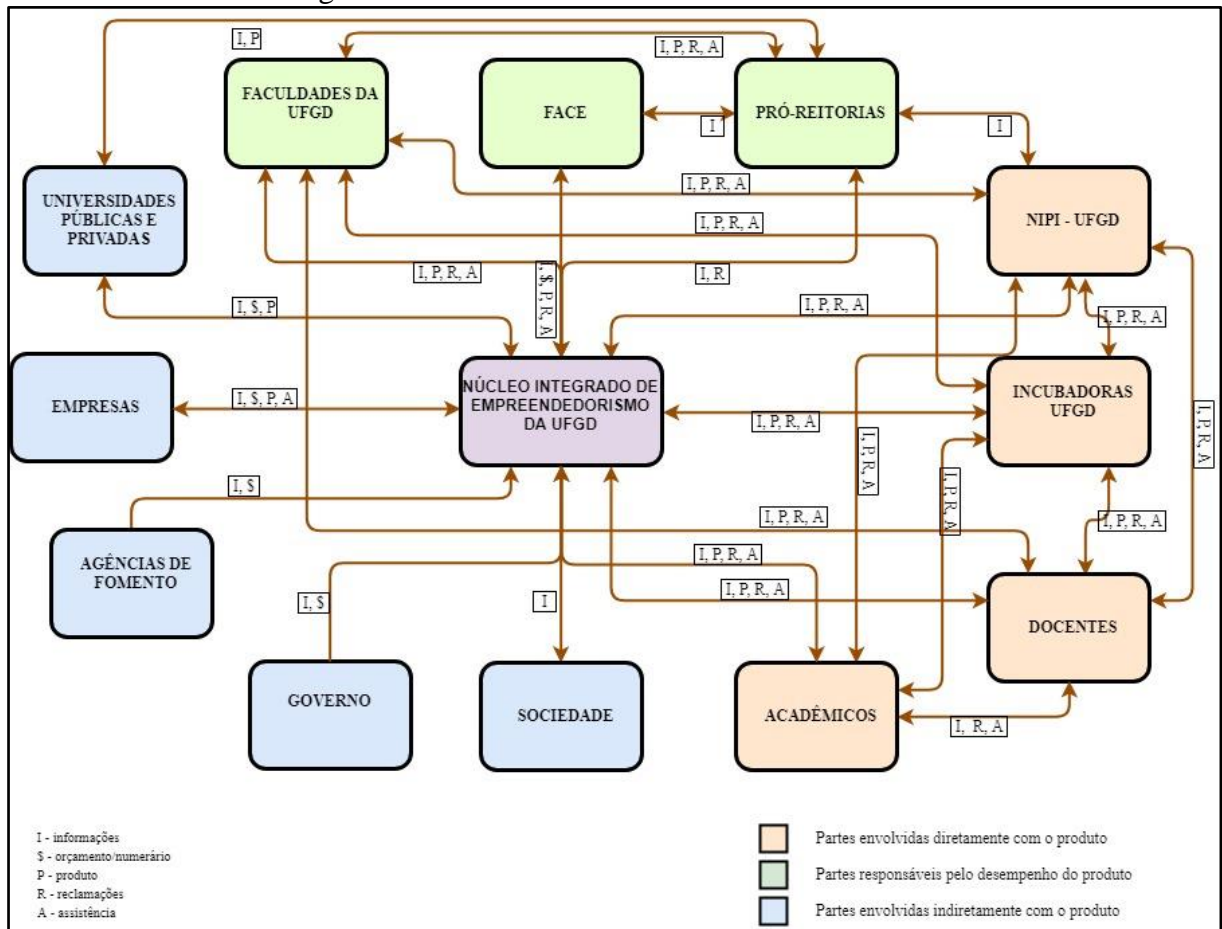
Ordem	Fases para construção do processo CVCA	Ações
1	Definir o modelo de negócio inicial e seus condicionantes	Criar um Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPEm). Objetivo: estimular/incentivar a educação empreendedora nos cursos de graduação da UFGD.
2	Definir as partes interessadas envolvidas no projeto	Principais clientes do NIPEm: Acadêmicos, Professores, Faculdades, NIPI, Divisão de Incubadoras, Pró-reitorias, Empresas e Sociedade
3	Definir como as partes interessadas estão relacionadas	Nesta fase foi construído o diagrama abaixo na qual os clientes do NIPEm aparecem relacionados pelas setas.
4	Identificar a relação desenvolvida entre as partes interessadas e o fluxo entre elas	Aqui as partes interessadas são mapeadas de acordo com o fluxo de importância dentro da cadeia de valor. Qual é o principal papel de cada cliente no ciclo do produto? Qual influência esse cliente possui sobre o sucesso ou fracasso do produto?
5	Realizar a análise CVC, determinar clientes críticos e propor melhorias	Determinar quais são os clientes-chave para o sucesso do projeto, suas necessidades e perspectivas para o futuro.
6	Inserir as informações na lista de avaliação e definição do produto	Identificar o alinhamento estratégico do produto, entender melhor as necessidades dos clientes, procurar solução para os problemas identificados, focar na prioridade do projeto.
7	Utilizar os resultados da análise CVC no processo de ajuste do produto	Coletar as informações observadas durante o processo de utilização do produto (NIPEm) relativa aos clientes e suas necessidades. Detalhar e mapear essas necessidades e promover os aprimoramentos necessários para o melhor funcionamento do núcleo.

Fonte: (DONALDSON, ISHII e SHEPPARD, 2006)

Nota: adaptado pelo autor

Para visualizar a análise da cadeia de valor do cliente utilizou-se de um fluxograma que demonstra as interações das partes interessadas e o produto final (NIPEm) bem como a maneira como estão relacionadas.

Figura 5 - Análise da Cadeira de Valor do Cliente



Nota: Elaborado pelo autor

As setas com duplo sentido indicam a existência de troca de informação, orçamento, produtos, reclamações e assistência entre o produto final (NIPeM) e os clientes. As setas com sentido único destacam que essa troca de dados, geralmente ocorre de maneira unilateral, um exemplo seria o recurso orçamentário do governo/agência de fomento destinado ao Núcleo. As cores utilizadas também indicam o tipo de envolvimento entre o produto e as partes interessadas, podendo ser uma relação direta, indireta ou responsável pelo desempenho do produto.

3.3. Proposta de projeto organizacional

A presente dissertação é produto do Mestrado Profissional em Administração Pública, sendo que o regulamento do curso exige do aluno, como requisito parcial para obtenção do

título de Mestre em Administração Pública, a apresentação de uma proposta de intervenção no serviço público.

Dentre os objetivos da UFGD estão a busca da difusão do conhecimento, da formação do profissional com comportamento proativo, da formação de cidadãos e profissionais capazes de transformar a sociedade promovendo seu desenvolvimento sustentável, de gerar crescimento e desenvolvimento regional, social e ambiental através do ensino, da pesquisa e da extensão.

Muitas destas características são também qualidades exigidas dos profissionais considerados empreendedores. Com base na pesquisa realizada e dos resultados obtidos constatou-se a evidente necessidade de implantar nos cursos de graduação do universo selecionado ferramentas que proporcionem aos acadêmicos experiências empreendedoras, isoladamente ou em conjunto.

A proposta de intervenção eleita nesta obra é a criação de um Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPEm) e o incentivo de políticas educacionais voltadas ao empreendedorismo por parte da universidade.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo destina-se a relatar e analisar os principais dados encontrados durante a fase da pesquisa, destinando-se a encontrar respostas as questões-problema. Procura apresentar um panorama de como o empreendedorismo está inserido dentro da Universidade Federal da Grande Dourados, para a partir do atual cenário sugerir possíveis melhorias e, conseqüentemente, propostas de ações com objetivo de desenvolver o tema.

No que se refere a educação empreendedora dentro da UFGD foram realizadas pesquisas em documentos como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de Graduação, solicitadas informações às pró-reitorias (PROGRAD, PROPP e PROEX) e realizadas entrevistas com coordenadores de curso de graduação (FACE, FCA, FCBA, FACET, FADIR e FAEN).

Fatores contemporâneos ligados a utilização de novas tecnologias pelo mercado e a globalização trazem uma nova missão às universidades, a de incentivar seus acadêmicos e corpo docente a investir em atividades voltadas a inovação e ao empreendedorismo objetivando também o desenvolvimento social e regional (GUERRERO, KIRBY e URBANO, 2006).

No ano de 2016 a Unicamp publicou seu Planejamento Estratégico Universidade Estadual de Campinas (Planes) para o período para o quinquênio 2016-2020, objetivando orientar as decisões acadêmicas, administrativas e de investimento (UNICAMP, 2016). Apresenta como missão

Criar e disseminar o conhecimento científico tecnológico cultural e artístico em todos os campos do saber por meio do ensino, da pesquisa, e da extensão. Formar profissionais capazes de inovar e buscar soluções aos desafios da sociedade contemporânea com vistas ao exercício pleno da cidadania (UNICAMP, 2016, p. 15).

O Planes (2016) traz alguns valores que devem ser perseguidos pela universidade, verbos como “atuar com flexibilidade, adaptação diante de especificidades e mudanças”, “estimular a capacidade crítica e reflexiva” e “exercitar e estimular a capacidade de inovação”.

Também existe a previsão de revisão curricular com o objetivo de se adaptar às transformações sociais, globalização, inovações tecnológicas e transdisciplinaridade (UNICAMP, 2016).

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também se mostra como uma IFES possuidora de uma visão educacional empreendedora. Em seu PDI (2016/2026) faz menção direta à necessidade de “estimular uma cultura de empreendedorismo bem como a possibilidade de adoção de novos modelos de interação, o que leva a relacionamentos de caráter inovador e com impacto social” (UFRGS, 2016, p. 29).

Existe a preocupação em incentivar o empreendedorismo entre aluno, docentes e técnicos por meio de ações conjuntas, além de incentivar a utilização de tecnologias sociais em locais de vulnerabilidade econômica. Ressalta como um de seus objetivos de Inovação Científica e Tecnológica “Incentivar ações de empreendedorismo em todas as áreas de atuação na Universidade (UFRGS, 2016, p. 39). Ainda cita como resultado conquistado a “Incorporação a cultura da inovação, do empreendedorismo, da inserção social, e do voluntariado nas atividades acadêmicas” (UFRGS, 2016, p. 68)

4.1. Das Questões-Problema

Tomando por base as questões-problema levantadas na seção introdutória, foi realizada uma ampla pesquisa documental e a realização de entrevistas com os coordenadores dos cursos de graduação procurando encontrar respostas a tais questionamentos, visto que fatores ambientais internos podem afetar diretamente o desenvolvimento de Universidades Empreendedoras. A educação voltada para o empreendedorismo pode contribuir sobremaneira para geração de emprego e renda, então capacitar acadêmicos e egressos a lidar com situações de forte estresse com comportamento proativo e senso crítico caracteriza-se como fator de grande importância para educação empreendedora (GUERRERO, KIRBY e URBANO, 2006; GUERRERO e URBANO, 2012).

Primeira questão-problema: **Existe uma política institucional voltada para o ensino do empreendedorismo dentro da UFGD?**

Para responder esta pergunta é necessário traçar algumas considerações sobre políticas institucionais. A construção do conhecimento científico é considerada um processo ao longo do tempo que envolve uma dinâmica social e intelectual, sendo esta construção influenciada por relacionamentos. A área dos estudos organizacionais segundo Blau (1974, p. 121) se preocupa em “fornecer uma base para explorar e refinar a teoria, indicando as condições em que relações inicialmente propostas universalmente possam ser contingentes.” (GARRIDO FILHO, MACHADO-DA-SILVA e GONÇALVES, 2009).

Para trazer uma resposta satisfatória a questão problema acima transcrita inicialmente recorreu-se aos PPCs dos cursos de graduação, aos dados fornecidos pelas Pró-reitorias, ao PDI-UFGD e também a dados de entrevistas realizadas com os coordenadores dos cursos de graduação do universo selecionado. A resposta a esta questão-problema não é simples, merecendo uma análise mais detalhada.

Analisando os PPCs dos cursos de graduação dos cursos de graduação da FACE, FCA, FCBA, FAEN, FACET e FADIR constata-se que são exigidos dos acadêmicos diversas características e competências empreendedoras. Entretanto dos 24 cursos de graduação observados apenas os cursos de Administração, Gestão Ambiental, Sistemas de Informação, Engenharia da Computação, Engenharia da Produção e Engenharia de Energia possuem a disciplina de empreendedorismo como obrigatória, ou equivalente, em suas grades curriculares, ou seja, apenas 25% dos cursos objeto de estudo.

Quadro 17 – Cursos de Graduação da UFGD que possuem a disciplina de empreendedorismo

Curso de Graduação	Ementa da disciplina de Empreendedorismo
Administração	Conceituação de empreendedorismo. Relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico e social. Processo empreendedor e desafios para uma mudança de paradigma e transformação cultural. Inovação e o processo de empreender. Etapas e atividades do processo de inovação. Causas da inovação tecnológica e tipos de inovações. Sistema Nacional de Inovação. Inovação e Internacionalização (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014, p. 45).
Sistemas de Informação	Conceito de empreendimento, empreendedorismo e intra-empendedorismo. Fatores de sucesso, o perfil do empreendedor. Desenvolvimento de habilidades empreendedoras. O ambiente de mercado. O potencial empresarial. Oportunidades de negócio. Marketing para empreendedores. Aspectos operacionais de negócios.

	Investimento de capital. Plano de negócio. Aspectos jurídicos do negócio (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017, p. 51).
Engenharia de Computação	Conceito de empreendimento, empreendedorismo e intra-empendedorismo. Fatores de sucesso, o perfil do empreendedor. Desenvolvimento de habilidades empreendedoras. O ambiente de mercado. O potencial empresarial. Oportunidades de negócio. Marketing para empreendedores. Aspectos operacionais de negócios. Investimento de capital. Plano de negócio. Aspectos jurídicos do negócio (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016, p. 53).
Engenharia de Produção	Estrutura dos empreendimentos industriais. Estudo de mercado. Avaliação tecnológica e engenharia do projeto industrial. Projeções financeiras: investimentos, custos, receitas e financiamentos. Avaliação de viabilidade técnico-econômica. Aplicações em Engenharia de Produção (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017, p. 110).
Engenharia de Energia	Conceitos e habilidades empreendedoras. Fatores de sucesso: perfil do empreendedor, ambiente de mercado, potencial empresarial e oportunidades de negócio. Plano de negócios, marketing, aspectos jurídicos e operacionais. Investimento de capital (SEBRAE, FINEP, investidores, capital semente e outros). Engenheiro empreendedor (prestação de serviços, processos de fabricação/montagem/manutenção, aprimoramentos, transferência de tecnologia, inovação tecnológica e patentes). Universidades e centros de pesquisa gerando novas empresas: Pesquisa subvencionada; Spin-offs tecnológicos, economia, sociedade e atores econômicos; Comercialização de tecnologia; Unidades de pesquisa (modelos em evolução); Estudo de casos universitários e de centros de pesquisa. Empresas gerando novas empresas: Empreendedorismo e spin-offs corporativos; Estudo de casos corporativos (PPC ENG ENERGIA, 2017, p. 104 e 105).

Nota: elaborado pelo autor

Em relação às Pró-reitorias: A única atividade da PROGRAD que procura promover o empreendedorismo dentro da UFGD está relacionada à criação e manutenção das empresas Juniores vinculadas aos seus respectivos cursos de graduação. A PROPP sequer possui atividade que promove o empreendedorismo dentro da universidade. Segundo informação fornecida pela PROEX, a pró-reitoria possui em seus arquivos o registro de oito atividades de extensão com caráter empreendedor, contudo algumas delas não mais estão em atividade.

O PDI-UFGD está direcionado a preparar o acadêmico ao enfrentamento de problemas concretos vivenciados pelas empresas e sociedade em geral. Também procura estimular o desenvolvimento econômico, social e cultural de Dourados e região por meio do relacionamento Universidade-Empresas. Contempla o Núcleo de Inovação e Propriedade Intelectual (NIPI), a Incubadora Empresarial e Tecnológica (GDTec) e as Empresas Júniores (UFGD, 2013; UFGD, 2013; UFGD, 2017).

O PDI ainda incentiva a coesão de forças entre organizações da sociedade civil, iniciativa privada, governo e instituições de ensino e pesquisa. Inserido no PDI está o Plano Pedagógico Institucional (PPI) da Universidade que define a organização administrativa e pedagógica da instituição, estabelecendo a flexibilidade da grade curricular e estímulo a participação do estudante em empreendimentos e projetos de interesse social. No que tange à área de atuação da Universidade o PDI não faz referência a qualquer atuação empreendedora (UFGD, 2013).

Com base nos dados acima descritos pode-se afirmar que a UFGD não possui uma política institucional voltada para o ensino do empreendedorismo. Contempla apenas atividades incipientes e isoladas, muitas vezes desenvolvidas pelos coordenadores dos cursos de graduação. Garrido Filho, Machado-da-Silva e Gonçalves (2009, p. 2) afirmam que a “institucionalização representa um processo condicionado pela conformidade às normas socialmente aceitas, bem como pela incorporação de um sistema de conhecimento construído ao longo da interação social, os quais constituem parâmetros para concepção de realidade dos atores sociais e para a ação.” (GARRIDO FILHO, MACHADO-DA-SILVA e GONÇALVES, 2009).

Segunda questão-problema: **Como o tema ‘empreendedorismo’ é compreendido e ensinado nos cursos de graduação da UFGD?**

De maneira geral pode-se dizer que o tema é visto de maneira favorável pelos coordenadores dos cursos de graduação. A compreensão sobre o ensino do empreendedorismo varia entre os docentes, desde desenvolver novas ideias, novos modelos de negócios, observar as necessidades de mercado com propósito remuneratório ou de realização profissional, formar no egresso senso crítico, fortalecer a criatividade, o espírito desafiador, buscar oportunidades, ser persistente, correr riscos calculados, estar comprometido com o empreendimento, primar pela qualidade e eficiência, ter metas estabelecidas e claras, ter autoconfiança, entre outros.

Nos demais cursos de graduação objeto de estudo a disciplina, segundo alguns coordenadores, é apresentada aos acadêmicos principalmente durante a realização de Semanas

Acadêmicas, Simpósios, Minicursos, Palestras, Workshop. Também por meio da Empresa Júnior e parcerias entre a Universidade e Empresas privadas de Dourados e região. Contudo há que se destacar que alguns cursos como os de Licenciatura não possuem Empresa Júnior, não promovem ações práticas voltadas ao empreendedorismo e também tem tido dificuldade em realizar semanas acadêmicas.

Terceira questão-problema: Existe uma agenda de pesquisa e extensão de ensino do empreendedorismo na UFGD?

Para encontrar uma resposta satisfatória a este questionamento recorreu-se aos dados fornecidos pelas Pró-reitorias (PROGRAD, PROPP e PROEX) e ao PDI-UFGD. Inicialmente analisou-se dados da PROGRAD constatando-se que sua principal atividade de caráter empreendedor está relacionada no auxílio e orientação de estudantes no processo de criação, manutenção e desenvolvimento de Empresas Juniores no âmbito da UFGD, sendo que atualmente são 9 (nove) Empresas Juniores em funcionamento dentro da universidade.

Posteriormente foram verificadas as informações disponibilizadas pela PROPP, não sendo encontradas atividades relevantes desenvolvidas por esta Pró-reitoria no sentido de desenvolver ou estimular o ensino do empreendedorismo dentro da universidade. Por fim foram verificados os documentos sobre atividades de caráter empreendedor desenvolvidas pela PROEX onde foram observadas 8 (oito) atividades² de extensão com viés empreendedor, sendo que algumas não se encontram mais em funcionamento.

O PDI incentiva a preparação do aluno à resolução de problemas concretos vivenciados pelas sociedades empresárias e a comunidade em geral, estimulando o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região. Incentiva a união entre organizações da sociedade civil,

² Quadro 11 – Atividades de extensão com caráter empreendedor desenvolvidas pela PROEX

iniciativa privada, governo e instituições de ensino e pesquisa entendendo que flexibilidade da grade curricular e estímulo a participação do estudante em empreendimentos e projetos de interesse social é necessária. Contempla o Núcleo de Inovação e Propriedade Intelectual (NIPI), a Incubadora Empresarial e Tecnológica (GDTec) e as Empresas Júniores. Contudo não traz menção alguma a atuação empreendedora da universidade (UFGD, 2013; UFGD, 2013; UFGD, 2017).

Quarta-questão problema: Quais metodologias são utilizadas pelos gestores da UFGD para implantar, estimular e intensificar uma educação voltada para o empreendedorismo?

Excetuando-se os cursos de graduação que possuem especificamente a disciplina de empreendedorismo em suas grades curriculares, citados acima, e seguem as diretrizes curriculares prescritas nas ementas dos respectivos PPCs, todos os demais cursos se utilizam basicamente de semanas acadêmicas, simpósios, palestras com profissionais empreendedores que são referência em suas áreas, Empresas Júniores e parcerias Universidade-Empresas para apresentar a disciplina aos acadêmicos.

Contudo as atividades de desenvolvimento de empreendedorismo dentro da UFGD são esporádicas e/ou sazonais. Não existe uma agenda metodológica permanente de atividades desenvolvidas pelas Faculdades e/ou pelos coordenadores dos cursos para promoção de atividade empreendedoras.

Para elaboração dos Quadros de número 18 a 20 foram seguidos determinados requisitos formais para critérios de comparação. Inicialmente os dados foram divididos em dois grandes grupos, o primeiro como resultado da análise dos PPCs dos cursos e o segundo como fruto do questionário que serviu como parâmetro durante as entrevistas com os Coordenadores dos Cursos de Graduação.

Realizou-se uma análise de três informações consideradas mais relevantes nos PPCs de cada curso, sendo: I) Os objetivos do curso possuem características empreendedoras? II) Exige-se do egresso um perfil empreendedor? e III) Exige competências, habilidades e competências

empreendedoras? Como resultado possível, para cada pergunta, espera-se encontrar uma resposta positiva (sim) ou negativa (não), a qual foi devidamente preenchida em sua seção.

Para as entrevistas realizadas com os Coordenadores de Curso seguiu um roteiro pré-determinado com perguntas constante no Apêndice A, das quais foram utilizadas sete questões, sendo elas: I) O coordenador do curso possui visão favorável ao tema empreendedorismo? II) O coordenador do curso possui experiências pessoal ou profissional na área do empreendedorismo? III) Existe disciplina específica sobre o tema empreendedorismo ministrada no curso? IV) Existem ações práticas voltadas ao empreendedorismo dentro do curso? V) A disciplina de empreendedorismo é estratégica/importante para o curso? VI) Existem projetos de colaboração/cooperação com empresas visando o estímulo ao empreendedorismo? e VII) O curso criou algum produto, projeto ou serviço que possa ser considerado inovador?

O Quadro nº 18, está dividido em duas partes, a primeira refere-se a informações presentes nos PPCs dos Cursos de Graduação e a segunda são as informações extraídas das entrevistas realizadas com os Coordenadores dos Cursos de Graduação. O Quadro nº 19, apresenta a ordem de distribuição do Curso e a respectivas Faculdades.

O Quadro nº 20, traz a distribuição das informações-síntese coletadas das principais características analisadas tanto dos PPCs quanto das entrevistas com os Coordenadores dos Cursos de Graduação, no que tange ao tema empreendedorismo, sendo cada lacuna preenchida com uma resposta positiva (sim) ou negativa (não).

Quadro 18 – Questionário utilizado para entrevistas com os Coordenadores de Cursos de Graduação

PPC	I) Os objetivos do curso possuem características empreendedoras? II) Exige-se do egresso um perfil empreendedor? e III) Exige competências, habilidades e competências empreendedoras?
ENTREVISTAS	IV) O coordenador do curso possui visão favorável ao tema empreendedorismo? V) O coordenador do curso possui experiências pessoal ou profissional na área do empreendedorismo? VI) Existe disciplina específica sobre o tema empreendedorismo ministrada no curso? VII) Existem ações práticas voltadas ao empreendedorismo dentro do curso? VIII) A disciplina de empreendedorismo é estratégica/importante para o curso? IX) Existem projetos de colaboração/cooperação com empresas visando o estímulo ao empreendedorismo? e X) O curso criou algum produto, projeto ou serviço que possa ser considerado inovador?

Nota: Elaborado pelo autor

Quadro 19 – Distribuição dos Cursos de Graduação por Faculdade

CURSO DE GRADUAÇÃO	FACULDADES																									
	FACE			FCA				FCBA				FACET				FADIR		FAEN								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24		
ADMINISTRAÇÃO																										
CIÊNCIAS CONTÁBEIS																										
CIÊNCIAS ECONÔMICAS																										
AGRONOMIA																										
ENGENHARIA AGRÍCOLA																										
ENGENHARIA DE AQUICULTURA																										
ZOOTECNIA																										
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (LIC)																										
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (B.el)																										
BIOTECNOLOGIA																										
GESTÃO AMBIENTAL																										
ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO																										
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO																										
QUÍMICA (LIC)																										
QUÍMICA (B.el)																										
FÍSICA (LIC)																										
MATEMÁTICA (LIC)																										
DIREITO																										
RELAÇÕES INTERNACIONAIS																										
ENGENHARIA MECÂNICA																										
ENGENHARIA CIVIL																										
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO																										
ENGENHARIA DE ENERGIA																										
ENGENHARIA DE ALIMENTOS																										

Nota: Elaborado pelo autor

Quadro 20 – Síntese da análise dos PPCs e entrevistas com os Coordenadores de Cursos de Graduação

		FACE			FCA				FCBA				FACET					FADIR		FAEN					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
PPC	I	S	S	S	N	S	S	N	S	N	S	S	N	N	-	N	N	N	S	S	S	S	N	S	N
	II	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	-	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S
	III	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	-	S	N	S	S	S	N	S	S	S	N
ENTREVISTAS	IV	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	-	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	V	S	N	N	N	N	N	S	S	N	N	S	N	N	-	N	N	S	S	N	N	N	N	S	S
	VI	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	S	-	N	N	N	N	N	N	N	S	S	N
	VII	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	-	N	N	N	N	S	S	N	S	N	S
	VIII	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	-	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	IX	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	-	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S
	X	S	N	N	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	-	S	N	N	N	S	S	S	N	S	S

Fonte: (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014; PPC C CONTÁBEIS, 2014; PPC C ECONÔMICAS, 2014; PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014; PPC ENG AGRÍCOLA, 2014; PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016; PPC QUÍMICA, 2016; PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016; PPC ZOOTECNIA, 2017; PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017; PPC LIC MATEMÁTICA, 2017; PPC LIC FÍSICA, 2017; PPC ENG PRODUÇÃO, 2017; PPC ENG ENERGIA, 2017; PPC ENG CIVIL, 2017; PPC ENG ALIMENTOS, 2017; PPC DIREITO, 2017; PPC C BIOLÓGICAS, 2017; PPC BIOTECNOLOGIA, 2017; PPC AGRONOMIA, 2017; PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017; PPC ENG MECÂNICA, 2018; PPC ENG AQUICULTURA, 2018) e Entrevistas realizadas com os coordenadores da FACE, FCA, FCBA, FACET, FADIR e FAEN;

Legenda: S (Sim), N (Não).

Nota: Elaborado pelo autor

Para gerar o Gráfico nº 2, utilizou-se os dados tabulados constantes do Quadro nº 20, inicialmente o quadro foi reconstruído em formato de planilha eletrônica de cálculo, com os dados divididos em dois grupos, sendo: 1) resultado da análise dos PPCs dos cursos e, 2) questionário aplicado aos coordenadores dos cursos de graduação do universo selecionado.

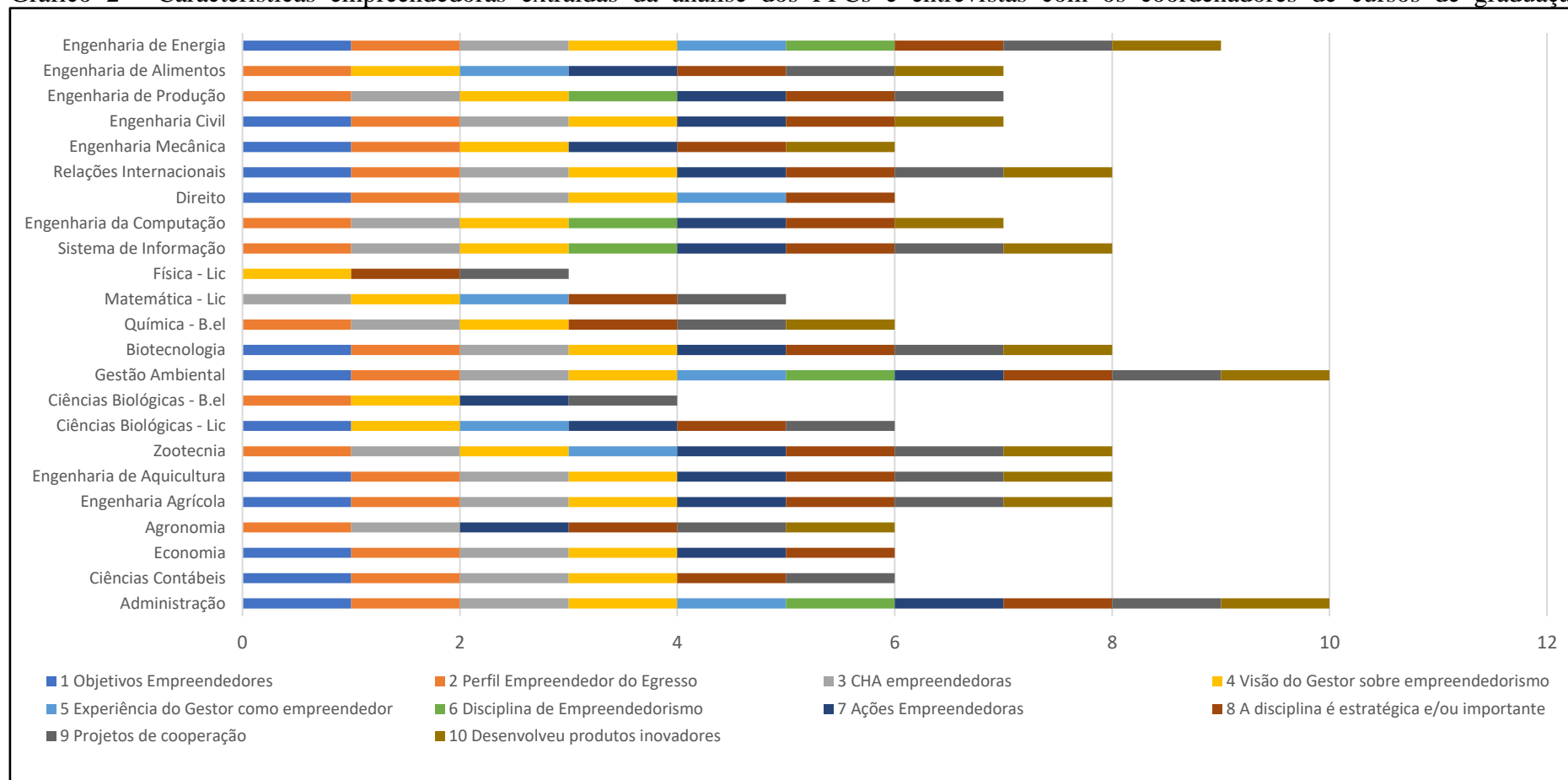
Para cada resposta positiva, onde antes constava “sim”, atribuiu-se o valor numérico “um”, e para cada resposta negativa, onde antes constava “não” o valor numérico “zero”. Desta forma foi possível criar um gráfico, ou seja, para cada curso elencou-se dez características essencialmente empreendedoras sendo três constantes dos PPCs e sete constantes do questionário utilizado durante as entrevistas com os coordenadores de cursos

Características extraídas do PPC: 1) Os objetivos empreendedoras 2) Perfil empreendedor do egresso 3) Competências, habilidades e competências empreendedoras

Características extraídas das entrevistas realizadas com os coordenadores dos cursos de graduação: 4) Visão do gestor sobre empreendedorismo 5) Experiência do gestor como empreendedorismo 6) Disciplina de empreendedorismo no curso 7) Ações empreendedoras 8) A disciplina de empreendedorismo é estratégica/importante para o curso 9) Projetos de colaboração/cooperação e 10) Desenvolvimento de produtos inovadores.

Após o preenchimento de cada característica acima com valores numéricos positivos (um) ou negativos (zero), gerou-se o gráfico de barras o qual traz a informação de quantas das dez características elencadas estão presentes em cada curso objeto do estudo. Por exemplo, os cursos de graduação em Gestão Ambiental e Administração possuem dez das dez características enumeradas como empreendedoras, o curso de Física – Licenciatura apresenta apenas três de dez características consideradas empreendedoras.

Gráfico 2 - Características empreendedoras extraídas da análise dos PPCs e entrevistas com os coordenadores de cursos de graduação



Nota: Elaborado pelo autor

4.2. Grupo Focal

O Grupo Focal (GF) foi realizado no dia 22 de agosto de 2019, às 16:00 horas na sala 209, da Faculdade de Administração Ciências Contábeis e Economia (FACE). Participaram três professores, um técnico administrativo da UFGD e uma acadêmica³.

O GF teve duração aproximada de uma hora, sendo o assunto gravado em áudio. Seguiu-se um roteiro pré-estabelecido com questionamentos, o qual consta no Apêndice C deste trabalho. Algumas deduções puderam ser extraídas durante a realização do GF, as quais estão dispostas no quadro abaixo.

Quadro 21 - Informações extraídas da realização do Grupo Focal

Questionamentos	Opinião dos participantes do GF
Entendimento sobre empreendedorismo	Despertar nas pessoas a ideia de criar novos negócios; Trata-se também de gestão, inovação e novos negócios; Capacidade de detectar e visualizar oportunidades e assumir riscos; É a arte de inovar, aperfeiçoar e/ou melhorar algo já existente.
Percepção do tema para o indivíduo, para a universidade e para sociedade.	Discutir e difundir o empreendedorismo dentro da universidade; Uma nova filosofia para a universidade estimulando tanto o acadêmico quanto o docente; É importante que o pesquisador se insira no mercado, ou seja, a universidade deve trazer para sua realidade a tríplice-hélice (universidade-sociedade-empresas); A disciplina é importante pois encoraja o aluno a atuar em outras para além de sua formação acadêmica;
Barreiras ao empreendedorismo dentro da UFGD	Rigidez da matriz curricular; Dificuldade de trabalhar a prática do empreendedorismo com alunos do período noturno; O viés ideológico da universidade não é voltado para o empreendedorismo (existe uma percepção entre alguns docentes – principalmente na área da licenciatura – de que a disciplina possui cunho eminentemente capitalista); A falta de informação e formação do docente; Poucos docente ligados a atividades de Extensão; A forma de avaliação da CAPES que privilegia publicações em revistas deixando a pesquisa aplicada (patentes e/ou invenções) relegada; Resistência a capacitação por parte dos docentes.
Como superar as Barreiras ao empreendedorismo	Capacitar os docentes; Trabalhar problemas reais com os acadêmicos; Elevar o número de docente ligados a atividades de extensão; Mudar a forma de avaliação da CAPES, privilegiando pesquisas aplicadas (patentes e/ou invenções); Aproximar pesquisadores e acadêmicos do mercado (indústrias, empresas e sociedade); Promover interdisciplinaridade entre os cursos de graduação, pró-reitorias, incubadoras e empresas júnior;

³ Quadro 15 – Participantes do Grupo Focal

	Substituir a atual metodologia de ensino por outras mais modernas e/ou flexíveis; Incentivar o empreendedorismo dentro das atividades de extensão; Concatenar os efeitos da pesquisa com atividades de extensão; O docente precisa perceber que o empreendedorismo como algo benéfico para o acadêmico, a universidade e a sociedade;
Como o Ensino, a Pesquisa e Extensão podem promover o empreendedorismo dentro da universidade	Apoiar mais ações voltadas as atividade de extensão; Proporcionar à sociedade o retorno social do orçamento investido na universidade; Identificar entre os indicadores de desempenho da UFGD quais podem ser melhorados de forma a promover atividades voltadas ao empreendedorismo; Elevar o diálogo universidade/empresa/sociedade; Promover pesquisas técnicas aplicadas que possam gerar patente; Capacitar o docente a promover o empreendedorismo em cada disciplina que ministra.
Como trabalhar a integração entre os cursos de graduação	Oferecer a disciplina como eletiva aos diversos cursos da UFGD; Promover atividades de extensão integradas; Incentivar pesquisas técnicas dentro de empresas; Pró-reitorias, faculdades, incubadoras devem viabilizar atividades em conjunto; Capacitar o docente ; Mapear as ações de pesquisa, ensino e extensão da UFGD para identificar similaridades para direcionar e obter melhores resultados;
Como estimular o corpo docente a se tornar empreendedor	Atrelar o tema empreendedorismo com a forma de atuar do professor; Demonstrar que o campo para o empreendedorismo é amplo e pode ser lucrativo tanto para o desenvolvedor (docente/acadêmico) quanto para a UFGD; Valorizar atividades de extensão, pesquisa aplicada e inovação (registro de marcas e patente); Vincular atividades de pesquisa e extensão;

Fonte: Elaborado pelo autor

O Quadro 20 traz algumas informações relevantes observadas durante a realização do GF que podem ser utilizadas pelos gestores da UFGD por ocasião da elaboração do projeto do Núcleo de Empreendedorismo ou a implementação de uma política institucional empreendedora dentro da universidade.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - MODELO CONCEITUAL DO NÚCLEO INTEGRADO DE PRÁTICAS EMPREENDEDORAS - NIPEm

Este capítulo destina-se a abordar aspectos relacionados a proposta para criação de um modelo conceitual de um Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPEm) dentro da UFGD. O modelo conceitual para o NIPEm consiste das observações realizadas durante a fase de pesquisa decorrente do estudo exploratório e da análise dos resultados.

Entre os diversos objetivos da UFGD estão a busca da difusão do conhecimento, a formação do profissional com comportamento proativo, a formação de cidadãos e profissionais capazes de transformar a sociedade promovendo seu desenvolvimento sustentável, de gerar crescimento e desenvolvimento regional, social e ambiental através do ensino, da pesquisa e da extensão (UFGD, 2018).

Muitas das características acima citadas são exigidas de profissionais empreendedores. Dada a pesquisa realizada e os resultados obtidos constatou-se a necessidade de implantar nos cursos de graduação ferramentas que proporcionem aos acadêmicos experiências empreendedoras, em conjunto ou isoladamente, principalmente por meio da criação de um Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPEm) por parte da UFGD.

É geralmente aceito dentro da academia que o processo de globalização e internacionalização alavancados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação modificaram o papel desempenhado pelas universidades, forçando estas instituições a se transfigurar, passando a desempenhar novos papéis na economia, no desenvolvimento regional e social e na formação acadêmica com viés empreendedor (GUERRERO, KIRBY e URBANO, 2006).

Segundo Guerrero, Kirby e Urbano (2006) uma Universidade Empreendedora é definida como aquela com capacidade de inovar, reconhecer e criar oportunidades, trabalhar em equipe, assumir riscos e responder a desafios, buscar trabalhar com mudança organizacional com postura promissora. Ou seja, é uma incubadora que disponibiliza estruturas de apoio para professores e alunos iniciarem empreendimentos de cunho intelectual, social e comercial (GUERRERO, KIRBY e URBANO, 2006).

Diante do exposto surge a necessidade de a UFGD se reconfigurar e adaptar seu modelo educacional às novas tendências exigidas pelo mercado de trabalho além de acompanhar algumas políticas públicas promovidas pelo ente governamental. O NIPEm pode ser uma importante ferramenta para universidade aprimorar e/ou desenvolver sua cultura empreendedora.

Pode-se citar alguns casos de sucesso de núcleos ou centros de empreendedorismo em algumas universidades no Brasil, tais como: Núcleo de Empreendedorismo da USP; Núcleo de Empreendedorismo Inovador da UFRGS; Núcleo de Estudos em Negócios Empreendedores da FAMAM; Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da FGV; e Centro de Empreendedorismo do Inesper; Laboratório de Empreendedorismo e Inovação da UFSC e Núcleo de Empreendedorismo da Unesc (USP, 2018; UFRGS, 2019; FAMAM, 2014; FGV, 2019; INSPER, 2019; UNESC, 2014; UFSC, 2019).

A partir do conhecimento adquirido por meio da análise documental e das entrevistas realizadas com os coordenadores dos cursos de graduação, na fase de pesquisa, traçou-se um paralelo entre as questões-problema inicialmente levantadas e alguns pressupostos passíveis de se atingir com a criação do NIPEm.

Quadro 22 - Pressupostos que norteiam a criação do NIPEm

Questões-problema	Pressupostos
Existe uma política institucional para o ensino do empreendedorismo dentro da UFGD?	<p>A resposta a esta questão-problema é negativa, tendo em vista que a UFGD não possui uma política institucionalizada para o ensino do empreendedorismo.</p> <p>A existência de uma política institucional empreendedora pode gerar diversos benefícios tanto para universidade quanto para sociedade local e regional, como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Apoiar o desenvolvimento econômico e social da região; 2. Dinamizar o crescimento da atividade econômica através da parceria entre a universidade e empresas; 3. Fortalecer atividades empresariais baseados em produtos e serviços de alto valor agregado 4. Incentivar o desenvolvimento sustentável e alavancar áreas economicamente degradadas.
Como o tema 'empreendedorismo' é compreendido e ensinado nos cursos de graduação da UFGD?	De maneira geral o tema é visto como favorável pelos coordenadores dos cursos de graduação.

	<p>Esta visão amigável dos coordenadores traduz-se em benefícios diretos na implantação do NIPeM como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Comprometimento dos gestores no estímulo ao ambiente de negócios e no desenvolvimento de atividades empreendedoras; 2. Criar um ambiente favorável ao empreendedorismo, o que inclui discussões, reflexões e o desenvolvimento de competências empreendedoras.
<p>Existe um agenda de pesquisa e extensão de ensino voltado ao empreendedorismo na UFGD?</p>	<p>A agenda ainda é incipiente, resume-se basicamente em Empresas Juniores vinculadas à PROGRAD e algumas atividades de extensão vinculadas à PROEX. A existência de uma agenda institucionalizada de pesquisa e extensão de ensino empreendedor pode contribuir de diversas maneiras tanto para universidade quanto para sociedade local, como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Exploração comercial oriunda das inovações de projetos acadêmicos custeados com verbas públicas; 2. Inovação e Transferências de Tecnologia Universidade-Empresas.
<p>Quais ferramentas são utilizadas pelos gestores (coordenadores dos cursos de graduação e pró-reitores de graduação, de pós-graduação e de pesquisa e extensão) da UFGD para implantar, estimular e intensificar uma educação voltada para o empreendedorismo?</p>	<p>Apenas seis cursos de graduação possuem a disciplina de empreendedorismo em sua grade curricular, e dezoito cursos apresentam o tema basicamente em semanas acadêmicas, simpósios e/ou palestras com profissionais que são referência em suas áreas de atuação.</p> <p>Diversas ferramentas para estimular o ensino voltado para o empreendedorismo podem ser implementadas dentro da universidade, em ordem crescente de prioridade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Inserir a disciplina de empreendedorismo em todos os cursos de graduação da UFGD; 2. Inserir múltiplas disciplinas com metodologia de estímulo a cultura empreendedora; 3. Capacitar e sensibilizar o corpo docente para estimular a cultura empreendedora por meio do direcionamento de atividades práticas de empreendedorismo previstas nos PPCs; 4. Implantar o Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras na UFGD.

Nota: Elaborado/adaptado pelo autor

Fonte: (ZOUAIN, 2003)

A partir dos pressupostos apresentados constrói-se o modelo conceitual do Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPeM) da UFGD através da estruturação de uma Matriz Lógica. O Quadro 23, apresenta a referida matriz, considerando sua inserção no contexto

da universidade e no Município de Dourados, podendo reverter diversos benefícios para região onde o NIPeM está inserido.

Quadro 23 - Matriz Lógica para o Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras

Missão	Desenvolver a Cultura de Empreendedorismo entre estudantes, técnicos e professores da UFGD, contribuindo para impulsionar o ecossistema de empreendedorismo local, regional e nacional.
Visão de Futuro	Tornar-se referência regional em educação empreendedora.
Objetivos	Disseminar e despertar a Cultura do Empreendedorismo dentro da UFGD assim como capacitar multiplicadores na área da educação empreendedora.
Resultados esperados	1. Socioeconômicos: Incremento na oferta de postos de trabalho qualificados na região; Aumento do número de empresas geradoras de produtos com alto valor agregado; 2. Acadêmicos: Implantação de disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, inovação e transferência de tecnologia na universidade; Aumento do número de pesquisadores atuando ou apoiando atividades empreendedoras com possível exploração comercial; Estruturas de cooperação universidade-empresa; Aumento do número de alunos empreendedores; Eventos para captar o interesse dos representantes das esferas governamentais e de empresários.
Impactos esperados	1. Socioeconômicos: Benefícios para economia regional; Alavancagem de políticas de desenvolvimento regional; Mão-de-obra qualificada para região; 2. Acadêmicos: Valorização da atividade acadêmica; Aumento das atividades de cooperação universidade-empresas;
Ações	Captação de recursos financeiros por meio de projetos de consultoria; Incentivo a atividades de empreendedorismo dentro da universidade; Desenvolvimento de ações em redes temáticas; Benefícios para a universidade e empresas locais.
Beneficiários	Os acadêmicos e docentes da UFGD; A UFGD e empresas da região; Empreendedores e inventores ligados à universidade; Comunidade carente alvo de programas de inclusão social.

Nota: elaborado pelo autor

O modelo conceitual acima proposto leva em consideração aspectos importantes de documentos, entrevistas e experiências analisados durante a fase da pesquisa de campo e informações obtidas nas fases do estudo exploratório além de modelos utilizados por outros centros de empreendedorismos existente em universidades públicas.

O Núcleo poderá atuar nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão contribuindo para o aprimoramento e melhoria na forma de produção do conhecimento científico e aplicado dentro

da universidade seja na elaboração de artigos científicos, livros, dissertações e teses ou no auxílio a invenções e processos de patentes.

Figura 6 - Ensino, Pesquisa, Extensão, NIPI, EJ, Incubadoras e o NIPEm



Nota: Elaborado pelo autor

A figura acima procura demonstrar que o NIPEm poderá promover a integração entre as áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão da universidade além de colaborar para o

fortalecimento das atividades desenvolvidas pela Divisão de Incubadoras e Empresas Juniores dos diversos cursos de graduação.

Contudo, é necessário um portfólio de competências básicas para pautar a atuação do Núcleo dentro da UFGD com o objetivo de potencializar suas ações. Este portfólio de competências foi construído baseando-se nas informações extraídas do item 2.1.3. (Quadros 3 e 4) e também dados dos núcleos de empreendedorismo de algumas faculdades como a USP, a UFRGS e a Unicamp.

Quadro 24 - Portfólio de Competências Empreendedoras desejáveis aos profissionais Do Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras (NIPeM) da UFGD

Competências	Principais características
Perseverança, persistência comprometimento, engajamento, compromisso, determinação e responsabilidade.	<ul style="list-style-type: none"> • Características que envolvem o sacrifício pessoal, colaboração com os funcionários e esmero com os clientes. • Comprometer-se com os objetivos de curto, médio e longo prazo; • Responsabilizar-se pelos negócios e reconhecer como importante os valores e crenças da empresa; • Manter-se obstinado em alcançar os objetivos, não se conformando com o fracasso. • Desenvolver a habilidade de enfrentar obstáculos para alcançar sucesso.
Iniciativa, criatividade, percepção, saber agir, buscar oportunidades, orientar-se para metas e oportunidades e ter atitude empreendedora	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de se antecipar aos fatos e de criar oportunidades de negócios com novos produtos e serviços; • Identificar oportunidades de negócios; • Avaliar o ambiente econômico e oportunidades de negócios; • Conduzir atividades de pesquisa e marketing para novas oportunidades; • Obter informações sobre potenciais clientes e o mercado a partir de diversos meios
Desenvoltura, capacidade de relacionar-se, persuasão e rede de contatos, consciência real e senso de humor, procurar e fornecer <i>feedback</i> , autocontrole e confiança.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver redes de relacionamento e relacionamentos interpessoais de longa duração; • Utilizar-se das redes de relacionamento com diversos objetivos (novos negócios, melhoria de habilidade, busca de informações, novas contratações de pessoal especializado); • Negociar com pessoas, administrar conflitos e comunicar-se com eficácia e eficiência. • Criar estratégias para conseguir apoio para determinados projetos; • Obter apoio de pessoas chave para determinados projetos; • Desenvolver redes de contatos e construir bons relacionamentos
Previsibilidade, aptidão para assumir riscos calculados, tomada de decisão, tolerância a ambiguidades, estresse e incertezas	<ul style="list-style-type: none"> • Ser perspicaz, senso intuitivo para avaliar e tomar decisões; • Demonstrar alta capacidade de observação; • Analisar determinada situação de diferentes pontos de vista; • Capacidade para avaliar riscos e de inovação. • Procurar e avaliar alternativas para tomada de decisão; • Procurar reduzir chances de erros; • Aceitar desafios moderados, baseados em boas chances de sucesso.

	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar os indicadores e considerá-los no momento da tomada de decisão
Planejar, monitorar, saber mobilizar recursos, analisar o ambiente, modelar novos negócios, versatilidade, saber transferir tarefas	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver dentro da organização tarefas de maneira objetiva, com prazos definidos, a fim de que possam ter os resultados medidos e avaliados: • Enfrentar grandes desafios agindo por etapas; • Adequar rapidamente seus planos às mudanças e variáveis de mercado; • Planejar negócios e operações; • Obter, de forma eficiente, recursos e habilidades para a organização; • Organizar, desenvolver, motivar, liderar e gerenciar os recursos humanos; • Delegar tarefas e monitorar o desempenho dos funcionários.
Confiança, visão e planejamento estratégicos, estabelecer metas, saber avaliar novos investimentos, determinação, prontidão	<ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer e desenvolver a missão da empresa; • Determinar novos objetivos; • Elaborar planos de negócios; • Elaborar estratégias competitivas para empresa, compatíveis com orçamentos e estudos de viabilidade econômica; • Estabelecer objetivos que sejam claros para a empresa, tanto em longo como em curto prazo: • Perseguir objetivos desafiantes e importantes para si mesmo; • Ter clara visão de longo prazo; • Ciar objetivos mensuráveis, com indicadores de resultados
Autoconfiança, inteligência, saber aprender, independência, aprender a partir dos erros, adaptabilidade, integridade	<ul style="list-style-type: none"> • Ser seletivo no processo de aprendizagem; • Utilizar as diversas formas de aprendizagem para agregar valor; • Próatividade, continuidade e qualidade na aprendizagem devem ser levados em consideração; • Os conhecimentos e habilidade devem ser adaptáveis a situações concretas; • Desenvolver a autonomia para agir e manter sempre a confiança no sucesso: • Confiar em suas próprias opiniões mais do que na dos outros; • Ser otimista e determinado mesmo diante da oposição; • Transmitir confiança em sua própria capacidade.

Fonte: (MAN e LAU, 2000; MCCLELLAND, 1973; FLEURY e FLEURY, 2001; SEBRAE, 2019; USP, 2018; UFRGS, 2019; DUTRA, 2001)

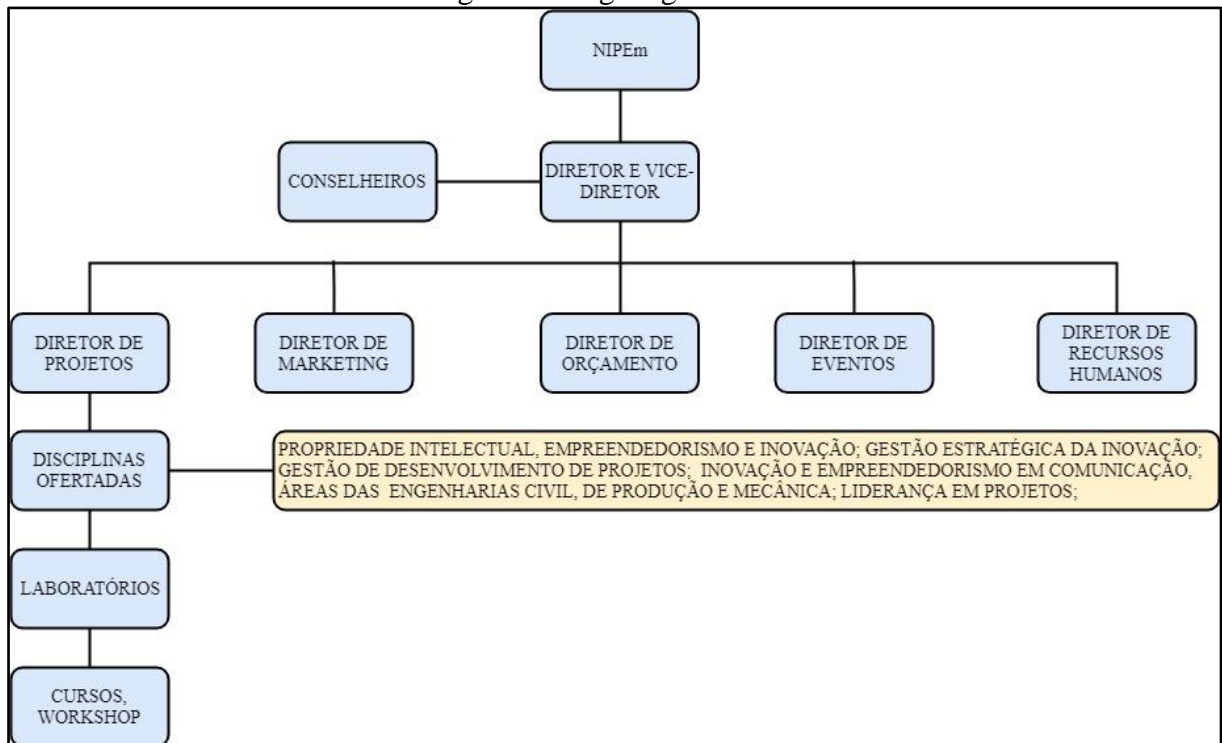
Nota: Elaborado pelo autor

O Quadro 24, procura concentrar as principais aptidões e/ou habilidades desejáveis aos profissionais – acadêmicos, docentes e técnicos – que integrarão o NIPEm, cuja principal missão é a promoção do empreendedorismo dentro da universidade.

O NIPEm buscará desenvolver atividades de integração, interdisciplinaridade, parcerias procurando estimular e fortalecer a cultura empreendedora dentro da UFGD por meio de cursos, workshop, oferta de disciplinas, laboratórios teórico e prático, interação com a sociedade, com empresas e promoção de eventos.

Historicamente no Brasil os cursos de Administração da USP e da FGV foram os primeiros a inserir a disciplina de empreendedorismo ou similar em suas grades curriculares. O curso de Administração da UFGD, não diferente, foi o precursor a ofertar a disciplina de empreendedorismo a seus acadêmicos, passando posteriormente a oferecê-la a outros cursos de graduação. Desta forma, a FACE conta com conhecimento e experiência necessários para hospedar o NIPeM por ocasião de sua criação (PLONSKI e CARRER, 2009; PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).

Figura 7 - Organograma do NIPeM



Nota: Elaborado pelo autor

A figura 7, apresenta uma estrutura básica para o NIPeM, composta por um diretor e seu vice-diretor, um conselho – cujo objetivo é assessorar e orientar as ações desenvolvidas pelo núcleo –, diretorias de projetos, marketing, orçamento, eventos e recursos humanos. Com o principal objetivo de “disseminar e despertar a Cultura do Empreendedorismo dentro da UFGD” os membros do núcleo buscarão promover atividades direcionadas a esse fim.

Neste sentido os integrantes do Núcleo elaborarão ações concentradas em determinadas áreas do conhecimento como recurso humanos, marketing e projetos oferecendo disciplinas,

cursos, palestras, consultorias e workshop destinados aos acadêmicos, docentes e técnicos da UFGD e também a empresas, indústrias e setores de serviços da região.

Quadro 25 - Catálogo de possíveis atividades desenvolvidas pelo NIPeM e seus integrantes

Atividades	Características	Integrantes
GD Empreende	Realizar eventos com grandes empreendedores e casos de sucesso que sejam referência na área em âmbito regional e nacional para inspirar novos empreendedores ainda dentro da universidade.	Docentes, acadêmicos, técnicos da UFGD e Palestrantes
Inova UFGD	Promover competições com a temática do empreendedorismo e da inovação entre acadêmicos e docentes. O objetivo é promover a competitividade criativa.	Docentes, acadêmicos e técnicos da UFGD.
O que faz o NIPeM ?	Tem como objetivo apresentar os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo aos demais cursos de graduação da universidade.	Docentes, acadêmicos e técnicos da UFGD
O NIPeM na UFGD	Objetivo é disseminar o conceito de Empreendedorismo para o maior número de cursos de graduação da universidade, por meio da realização de eventos específicos..	Docentes, acadêmicos e técnicos da UFGD
Iniciação Científica Empreendedora	Programa direcionado aos acadêmicos que tenham propostas/modelos de negócios e desenvolvam trabalho em equipe. São auxiliados por professores, acadêmicos ou técnicos membros do NIPeM, e tem por objetivo a promoção do empreendedorismo, inovação e a criatividade..	Docentes, acadêmicos e técnicos da UFGD
Oferta de Disciplinas	Disponibilizar ao acadêmico disciplinas que estimulem sua atuação empreendedora e inovativa, como: Propriedade Intelectual, Inovação, Empreendedorismo, Gestão Estratégica da Inovação, Planejamento e Gestão de Projetos, Ecossistemas de Inovação e Empreendedorismo entre outros.	Docentes, acadêmicos e técnicos da UFGD
Parcerias	O Núcleo procurará intermediar parcerias com instituições públicas ou privadas, sempre com o fim de promover a inovação e o empreendedorismo.	O Núcleo, Órgãos Públicos, Empresas, Indústrias, Organizações Sociais, Agências de Fomento e etc.
Cursos	Oferecer cursos, gratuitos ou onerosos, de forma presencial ou a distância para acadêmicos, docentes e de demais pessoas interessadas, de maneira a divulgar o empreendedorismo e a inovação.	Docentes e técnicos da UFGD
Oficinas de aprendizagem	Objetiva oferecer cursos de capacitação, preferencialmente em grupo, procurando promover a cultura de participação e integração, propiciando a construção do conhecimento sempre com viés voltado ao empreendedorismo e a inovação.	Docentes, acadêmicos, técnicos da UFGD e membros da sociedade que apresentarem interesse
Workshops e Seminários	Procura trazer a compreensão prática das habilidades e competências necessárias ao empreendedor por meio de exposição técnica do	Docentes, acadêmicos, técnicos da UFGD e

	tema seguido de discussão entre os participantes sobre como desenvolver essas capacidades de modo a ampliar sua competitividade e êxito na jornada empreendedora.	membros da sociedade que apresentarem interesse
--	---	---

Fonte: (USP, 2018; UFRGS, 2019; FEA-USP/RP, 2019; INOVA, 2016; SEBRAE, 2019)

Nota: Elaborado pelo autor

O quadro acima apresenta um rol de atividades que poderão ser realizadas pelo NIPem, assim como as principais características de cada atividade e seu objetivo principal e ainda relaciona os possíveis integrantes do núcleo que se responsabilizarão pela referida tarefa. Ressalta-se que o Quadro 24, não tem o objetivo de esgotar as atividades desenvolvidas pelo núcleo, mas apenas eleger algumas ações consideradas essenciais para o atingimento de seu objetivo e missão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral propor um Modelo Conceitual de Núcleo de Práticas Empreendedoras (NIPEm) para a UFGD sendo que para atingir este objetivo outros específicos foram elencados e durante a fase da pesquisa realizou-se a devida investigação chegando-se as conclusões que se seguem.

Ao analisar os documentos necessários para o atingimento do primeiro objetivo específico da pesquisa observou-se que a UFGD possui um processo de educação voltada ao empreendedorismo ainda incipiente, tendo em vista alguns indicativos como: 1) O PDI, principal documento de planejamento estratégico de longo de uma universidade, vigente é referente ao quinquênio 2013-2017; 2) O referido Plano não fazer qualquer menção ao tema empreendedorismo; 3) a criação tardia, apenas em novembro de 2017, da Divisão de Incubadoras Empresarial.

Na busca de elementos para se atingir o segundo objetivo específico constatou-se a existência de projetos de desenvolvimento do ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão que procuram promover a agenda empreendedora dentro da universidade. Tanto a PROGRAD quanto a PROEX possuem projetos que procuram desenvolver a cultura do empreendedorismo entre os acadêmicos na UFGD.

A PROGRAD⁴ foca sua atividade na promoção e manutenção das Empresas Juniores dos diversos cursos de graduação, tendo como principal objetivo o desenvolvimento da cultura empreendedora dentro da universidade. A PROEX⁵ também fomenta diversas atividades de

⁴ Quadro 10: Empresas Juniores (EJ) constituídas na UFGD

⁵ Quadro 11: Atividade de extensão com caráter empreendedor desenvolvidas pela PROEX

extensão de caráter empreendedor, algumas destas atividades já estão desativadas e outras em plena atividade.

O terceiro objetivo específico clarificou como o ensino do empreendedorismo é percebido pelos coordenadores dos cursos de graduação. A maioria dos gestores entrevistados acredita que o tema é importante para o acadêmico e para a universidade, contudo muitos não veem a possibilidade de inserir a disciplina na matriz curricular devido a diversos motivos tais como rigidez na legislação, excesso de disciplinas obrigatórias e a dificuldade de aplicabilidade prática da disciplina para o curso em questão.

Excetuando-se os cursos de graduação que possuem a disciplina em sua matriz curricular, desta forma o acadêmico acaba adquirindo conhecimento mais aprofundado sobre tema, nos demais cursos o assunto é apresentado esporadicamente por meio de abordagens em semanas acadêmicas e em sala de aula em disciplinas correlatas.

A identificação de políticas públicas voltadas a educação empreendedora no Brasil foi o quarto objetivo específico da pesquisa, constatou-se que o MDIC foi o órgão responsável por elaborar o “Plano Brasil Maior”, que deu origem à Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios (PNEN). A PNEN busca o desenvolvimento científico e tecnológico, a redução das desigualdades sociais, o crescimento econômico, a preservação do meio ambiente e a maior competitividade do Brasil no cenário mundial (MDIC, 2012).

Destaca-se na PNEN as diretrizes de ambiente intermediário, ou seja, a educação, capacitação e disseminação que procuram estimular a educação empreendedora desde a educação básica até a pós-graduação. O MEC somente instituiu uma política de educação com viés empreendedor a partir de meados de 2019, com o programa FUTURE-SE (MDIC, 2012; MEC, 2019).

Verificou-se durante a análise dos resultados que a UFGD possui uma cultura empreendedora que necessita de amadurecimento. A maioria dos cursos objeto da investigação apenas desenvolvem atividades empreendedoras de maneira isolada e esporádica, estes cursos

encontram-se no primeiro estágio⁶ da cultura empreendedora. Os cursos de Administração, Gestão Ambiental, Sistemas de Informação, Engenharia da Computação, Engenharia de Energia e Engenharia da Produção possuem em suas grades curriculares a disciplina de empreendedorismo, estes, pode-se considerar, estão no segundo estágio⁷ de implementação da cultura empreendedora.

Pode-se dizer que o objetivo geral foi atingido, qual seja, “propor um modelo conceitual do Núcleo Integrado de Práticas Empreendedoras”. A análise exposta nos parágrafos acima apresenta um ensino voltado ao empreendedorismo dentro da universidade pouco desenvolvido, existindo, portanto, espaço para melhoria desta nova metodologia educacional.

O presente trabalho possui limitações, por se tratar de um estudo de caso qualitativo apresenta a dificuldade de generalizações. Sua natureza exploratória apesar de valorizar as experiências vividas pode trazer o risco de o pesquisador deixar-se direcionar por vieses pessoais. A escolha do universo selecionado foi realizada por meio da amostra intencional, fato que pode acarretar distorção no momento da coleta e análise dos dados.

Para pesquisas futuras sugere-se estudos: 1) voltados ao aprimoramento da cultura empreendedora dentro do meio acadêmico; 2) de fatores institucionais importantes no desenvolvimento do ecossistema empreendedor dentro da universidade; 3) sobre a análise da eficácia das iniciativas de estímulo ao empreendedorismo no meio acadêmico; 4) das relações entre as variáveis da teoria do comportamento planejado e seus reflexos para o empreendedorismo no meio acadêmico; 5) sobre a política empreendedora no meio acadêmico e seu impacto na geração de novos negócios.

⁶ Quadro 9: Estágio de evolução de ensino do empreendedorismo em uma IES

⁷ Quadro 9: Estágio de evolução de ensino do empreendedorismo em uma IES

REFERÊNCIAS

- AJZEN, I. The Theory of Planned Behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.
- ALBUQUERQUE, C. P.; FERREIRA, J. S.; BRITES, G. Educação Holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral, de cidadania e cooperação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, p. 1033-1056, out-dez 2016.
- AMARO, R. D. A.; BRUNSTEIN, J. Implicações das concepções de empreender para o desenvolvimento da competência empreendedora. **Revista de Administração FACES, Journal Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 9-29, out-dez 2013. ISSN 1984-6975.
- ANDRADE, R. F. D.; TORKOMIAN, A. L. V. Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. **Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas- EGEPE**, Londrina, p. 299-311, nov 2001. ISSN 1518-4382.
- ARNAUT, P. G.; PCCHIAI, D. Competências Empreendedoras: modelos mentais como fatores determinantes de seu desenvolvimento. **Revista Ciência Hermes**, Campo Limpo Paulista, v. 16, p. 197-222, jul-dez 2016.
- BIRD, B. Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case of Intention. **Academy of Management Review**, v. 13, n. 3, p. 442-453, 1988.
- BLAU, P. M. On the nature of organizations. **John Willey**, New York, 1974. 121-122.
- BONDAN, G. A. **Ensido de empreendedorismo nos cursos superiores de tecnologia do IFSC Câmpus Florianópolis - Continente**. Universidade de Brasília. Brasília, p. 170. 2016.
- BOSCHETTI, L. P. Z. **A Pedagogia das Competências: Estudo de caso em um curso de tecnologia da UTFPR**. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Marília, p. 130. 2014.
- BRASIL. **Lei federal nº 6674**. Congresso Nacional. Brasília. 1979.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Presidência da República. Brasília. 1996. (9.394).
- BRASIL. Lei nº 9.394, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 20 de dezembro de 1996. **Planalto**, Brasília, 1996. Acesso em: 05 janeiro 2019.
- BRASIL. Lei 10.973, de 2 de dezembro de 2004. **Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências.**, Brasília, DF, dez 2004.
- BRASIL. **Lei Federal nº 11.153**. Congresso Nacional. Brasília. 2005.
- BRASIL. **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego**. Brasil. Brasília. 2011. (Lei 12513/11).
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Congresso Nacional. Brasília. 2014. (13.005).

- BRASIL. DECRETO Nº 9.235, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2017. **Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior**, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm#art107>. Acesso em: 17 abril 2019.
- BURNIER, S. Pedagogia das Competências: conteúdos e métodos. **Boletim Técnico**, v. 27, n. 3, 2001.
- CARVALHO, J. R. Andrologia: saberes docentes na educação de adultos. **Diálogos Acadêmicos**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 79-85, jul/dez 2016.
- CASTRO, M. H. D. M. Universidades e Inovação: Configurações Institucionais & Terceira Missão. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 555-573, Set/Dez 2011. ISSN 0103-4979.
- CAVALCANTI, R. D. A. Andragogia: a aprendizagem nos adultos. **Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba**, v. 6, n. 4, julho 1999.
- CLARYSSE, B.; TARTARI, V.; SALTER, A. The impact of entrepreneurial capacity, experience and organizational support on academic entrepreneurship. **Research Policy**, v. 40, p. 1084-1093, jun 2011. ISSN 0048-7333.
- CNM/SEBRAE, C. N. D. M. B. D. A. E. **Manual de Desenvolvimento dos Municípios**. CNM/SEBRAE. Brasília, p. 130. 2012.
- CNPQ, C. N. D. D. C. E. T. Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil Lattes. **Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil Lattes**, 2018. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 04 nov 2018.
- COAN, M. **Educação para o empreendedorismo: Implicações epistemológicas, políticas e práticas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 540. 2011.
- COIMBRA, R. G. C.; SCHIKMANN, R. A geração net. **Encontro da ANPAD**, Campinas, v. 25, 2001.
- CROSS, D.; THOMSON, S.; SINCLAIR, A. **Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics**. Clarivate Analytics. [S.l.], p. 73. 2017.
- CRUZ JUNIOR, J. B. et al. Empreendedorismo e Educação Empreendedora: Confrontação entre teoria e prática. **Revista de Ciência e Administração**, Florianópolis, v. 8, n. 15, jan/jun 2006. ISSN 2175-8077.
- CRUZ, H. N. D.; SOUZA, R. F. D. Sistema Nacional de Inovação e a Lei de Inovação: Análise comparativa entre a Lei Bayh-Dole ACT e a Lei de Inovação Tecnológica. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 329-354, out-dez 2014. ISSN 1809-2039.
- D'ALBERTO, A. M. F. **O ensino do empreendedorismo nos cursos de Turismo do Estado de Santa Catarina, Brasil**. Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, p. 221. 2005.
- DANIEL, A. D. et al. Ensino do Empreendedorismo - Teoria e Prática. In: _____ **Universidade empreendedora no contexto português: das políticas públicas ao projeto GAPI3**. [S.l.]: [s.n.], 2015. p. 109-125.

- DAVIDSSON, P. Culture, structure regional levels of entrepreneurship. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 1, n. 7, p. 41-62, 1995.
- DIAS, A. A.; PORTO, G. S. Como a USP transfere tecnologia? **Revista O&S**, Salvador, v. 21, n. 70, p. 489-508, jul-set 2014.
- DICIO, D. O. D. P. Dicionário Online de Português - DICIO, 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/competencia>>. Acesso em: 05 janeiro 2019.
- DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2016.
- DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE**, v. 3, n. 2, p. 134-181, dez 2013.
- DONALDSON, K. M.; ISHII, K.; SHEPPARD, S. D. Customer Value Chain Analysis. **Research in Engineering Design**, London, v. 16, p. 174-183, November 2006.
- DONALDSON, K. M.; ISHII, K.; SHEPPARD, S. D. Customer Value Chain Analysis. **Research in Engineering Design**, p. 174-183, 2006.
- DORNELAS, J. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 7ª. ed. São Paulo: Empreende, 2018.
- DORNELAS, M. L. **IMPACTO DA EMPRESA JÚNIOR NA INTENÇÃO DE EMPREENDER DOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. RIO DE JANEIRO, p. 68. 2017.
- DREWINSKI, J. M. D. A. **Empreendedorismo: O discurso pedagógico no contexto do agravamento do desemprego juvenil**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 157. 2009.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor**. 5ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.
- DUTRA, J. D. S. **Competências: conceitos, instrumentos e experiências**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- DUTRA, J. D. S.; HIPÓLITO, J. A. M.; SILVA, C. M. Gestão de Pessoas por Competência: o Caso de uma Empresa do setor de Telecomunicações. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, v. 4, n. 1, p. 161-176, Jan/Abr 2000.
- DUTRA, J. S. **Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas**. São Paulo : Gente, 2001.
- DUTRA, L. D. A. et al. **Intenção Empreendedora e Empreendedorismo Acadêmico: Uma análise bibliométrica no contexto da gestão universitária**. XVII Colóquio Interacional de Gestão Universitária. Mar del Plata: [s.n.]. 2017. p. 16.
- EMMENDOERFER, M. L. **As Transformações na esfera do trabalho no final do século XX: Uma abordagem histórica e contingencial da questão do emprego e dos sindicatos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2000.

- ETZKOWITZ, H. Anatomy of the entrepreneurial university. **Social Science Information**, Thousand Oaks, v. 52, n. 3, p. 486-511, 2013.
- ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. THE TRIPLE HELIX - UNIVERSITY-INDUSTRY-GOVERNMENT RELATIONS: A LABORATORY FOR KNOWLEDGE BASED ECONOMIC DEVELOPMENT. **EASST Reiew**, v. 14, p. 14-19, jan 1995.
- ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The dynamics of inovation: from National Sitems and "Mode2" to a Triple Helix of university-industry-governament relations, v. 29, n. 2, Feb 2000.
- ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Introduction to special issue Building the entrepreneurial university: a global perspective. **Science and Public Policy**, Oxford, v. 29, n. 9, p. 627-635, 2008.
- ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. **The Triple Helix: University-Industry-Government Innovation and Entrepreneurship**. 2ª. ed. New York: Routledge, 2018.
- FAMAM, N. D. E. E. N. E. Núcelo de Estudos em Negócios Empreendedores. **Faculdade Maria Milza**, 2014. Disponível em: <www.famam.com.br/nempe>. Acesso em: 1 junho 2019.
- FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Attitudes and Intention: Hysteresis and Persistence. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, January 2015.
- FEA-USP/RP, N. D. E. Núcleo de Empreendedores da UPS/RP. **Núcleo de Empreendedores**, 2019. Disponível em: <<https://www.neusp.com.br/>>. Acesso em: 20 set 2019.
- FELIX, R. D. C. **POLÍTICAS PÚBLICAS DE FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO - ANÁLISE DAS PRÁTICAS ADOTADAS NOS MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE DO PARANÁ**. UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. CURITIBA, p. 178. 2014.
- FERNANDES, A. C. D. A. **Riscos que vão além da privatização: indícios da lógicca da financeirização embutida no Future-se**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 4. 2019.
- FERRETTI, C. J. A Pedagogia das Competências: Autonomia ou Adaptação? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 299-306, dez 2002.
- FGV, F. G. V. Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios FGVcenn. **FGV EAESP**, 2019. Disponível em: <<https://eaesp.fgv.br/ensinoeconhecimento/centros/cenn>>. Acesso em: 1 junho 2019.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, abr/jun 1999.
- FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, n. Especial, p. 183-196, 2001.
- FRANCISCO, W. D. C. E. Taylorismo e Fordismo. **Brasil Escola**, 2019. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/taylorismo-fordismo.htm>>. Acesso em: 14 jan 2019.

- FUNDECT, F. D. A. A. D. D. E. C. E. T. D. E. D. M. G. D. S., 2018. Disponível em: <<http://www.fundect.ms.gov.br/programas/mestrado-e-doutorado/>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- GARRIDO FILHO, E. R.; MACHADO-DA-SILVA, C. L.; GONÇALVES, S. A. Institucionalização da Teoria Institucional no contexto dos estudos organizacionais no Brasil. **XXXIII EnANPAD**, São Paulo, 19-23 Set 2009.
- GEM. **Global Entrepreneurship Monitor**. Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade. Curitiba, p. 208. 2016. (978-85-87446-22-0).
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, A. F. O Empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. **Revista Eletrônica de Administração**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 14, jul/dez 2005. ISSN 1679-9127.
- GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F. A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos. **Educativa - Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais**, 1999.
- GONDIM, S. M. G. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, Janeiro 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>>.
- GUERRERO, M.; KIRBY, D. A.; URBANO, D. Guerrero, Maribel A literature review on entrepreneurial universities: An institutional approach., Junho 2006.
- GUERRERO, M.; URBANO, D. The development of an entrepreneurial university. **The Journal of Technology Transfer**, New York, v. 37, n. 1, p. 43074, 2012.
- HILSDORF, C. Carlos Hilsdorf. **Hilsdorf Aprimoramento Humano e Empresarial**, 2014. Disponível em: <carlos-hilsdorf.com.br/blog/o-que-e-competencia/>. Acesso em: 5 janeiro 2019.
- HOWE, N.; STRAUSS, W. The next 20 yers: How customer and workforce attitudes will involve. **Harvard Business Review**, p. 41-52, july-august 2007.
- IBGE, I. B. D. G. E. E. **Pesquisa de Inovação**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, p. 105. 2016. (978-85-240-4403-8).
- IBGE, I. B. D. G. E. E.-. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, p. 105. 2016. (978-85-240-4398-7).
- INOVA, U. Inova. **Inova Unicamp**, 2016. Disponível em: <<https://www.inova.unicamp.br/sobre-a-inova/indicadores/>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- INSPEER, I. D. E. S. E. N. D. E. E. Centro de Empreendedorismo. **Insper**, 2019. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/pesquisa-e-conhecimento/centro-de-empreendedorismo>>. Acesso em: 1 junho 2019.
- IPIRANGA, A. S. R.; FREITAS, A. A. F. D.; PAIVA, T. A. Empreendedorismo acadêmico no contexto da interação universidade-empresa-governo. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 676-693, dez 2010.

- KROGH, G. V.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a Criação do Conhecimento: reinventando a empresa com poder de inovação contínua**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 18, n. 3, p. 91-104, 1994.
- KRUEGER, N. F.; CARSRUD, A. L. Entrepreneurial intentions: applying the theory of planned behavior. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 15, n. 5/6, p. 411-432, 1993.
- LE BOTERF, G. De là compétence - essai sur un attracteur étrange. **Les éditions d'organisations**, Paris, v. Quatrième Tirage, 1995.
- LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos Profissionais**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LEHER, R. **Análise Preliminar do Future-se**. Rio de Janeiro. 2019.
- LEIVA, J. A.; HILL, B.; FRITES, C. Educación Basada en Competencias: Hacia una Pedagogía sin Dicotomías. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 125, p. 569-586, abr-jun 2014.
- LEYDESDORFF, L. The Triple Helix, Quadruple Helix, ..., and an N-Tuple of Helices: Explanatory Models for Analyzing the Knowledge-Based Economy? **Journal of the Knowledge Economy**, 2010.
- LIMA, A. L. D. **Os riscos do empreendedorismo: a proposta de educação e formação empreendedora**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 131. 2008.
- LUNDSTROM, A.; STEVENSON, L. A. Entrepreneurship Policy: Theory and Practice. **New York: Springer**, New Yourk, p. 557-559, 2005.
- LUSTRI, D. A.; MIURA, I. K. Gestão por competências - uma abordagem sistêmica. **Revista eletrônica de comunicação da Uni-Facef**, Franca, p. 31, nov 2014.
- MAN, T. W.; LAU, T. Entrepreneurial competecies of small business owner/managers in the Hong Kong services sector: a qualitative analysis, v. 8, n. 3, p. 235-254, 2000.
- MANNHEIM, K. **The problem of generations**. London: Routledge, 1952.
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, P. S. **SPIN-OFF DA CIÊNCIA: TERRAS RARAS DO EMPREENDEDORISMO ACADÊMICO BRASILEIRO?** ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. SÃO PAULO, p. 213. 2014.
- MARTINS, S. N. **Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores**. Potifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 155. 2010.
- MASTELARI, T. B.; ZÔMPERO, A. D. F. Oficina de Aprendizagem: Uma proposta metodológica na formação do estudante de ensino médio. **Investigações em Ciências**, dez 2017. 224-243.

- MCADAM, R. et al. The development of University Technology Transfer stakeholder relationships at a regional level: Lessons for the future. **Technobation**, p. 57-67, Set 2012. ISSN 0166-4972.
- MCCLELLAND, D. C. **The Achieving Society**. Princenton: D. Van Nostrand Company Inc., 1961.
- MCCLELLAND, D. C. Testing for Competence Rather Than for "Intelligence". **American Psychologist**, p. 14, January 1973.
- MCCLELLAND, D. C. Characteristics of Successful Entrepreneurs. **The Journal of Creative Behavior**, v. 21, n. 3, p. 219-233, 1987. ISSN 02215.
- MCTI, M. D. C. T. E. I. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2019**. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília, p. 126. 2016.
- MCTIC, M. D. C. T. I. E. C. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2022**. Ministério da Ciência Tecnologia Inovação e Comunicações. Brasília, p. 136. 2016.
- MCTIC, M. D. C. T. I. E. C. **Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação 2017**. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Brasília, p. 163. 2017.
- MCTIC, M. D. C. T. I. E. C. **Indicadores Nacionais de Ciência Tecnologia e Inovação 2018**. Ministério da Ciência Tecnologia Inovações e Comunicações. Brasília, p. 164. 2018. (1413-3148).
- MDIC. **Proposta de Teses e Diretrizes para Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios: Consulta Pública**. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília, p. 68. 2012.
- MEC. Ministério da Educação. **MEC - Educação Profissional**, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/18739-ministerio-lanca-programa-para-incentivar-o-empendedorismo>>. Acesso em: 23 novembro 2019.
- MEC, M. D. E. Ministério da Educação. **Ministério Lança programa para incentivar o empreendedorismo**, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/18739-ministerio-lanca-programa-para-incentivar-o-empendedorismo>>. Acesso em: 23 novembro 2019.
- MEC, M. D. E. Ministério da Educação. **Ministério da Educação**, Brasília, 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/institucional>>. Acesso em: 13 abril 2019.
- MEDEIROS, T. C. D. P. **Empreendedorismo e Inovação: um estudo de caso múltiplo na indústria de software do Rio Grande do Norte**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 116. 2012.
- MENINO, S. E. **Considerações sobre o ensino por competências**. IX SEMEAD, FEA/USP. São Paulo: [s.n.]. 2006. p. 12.
- NONKADA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- NOVAES, S. **PERFIL GERACIONAL: UM ESTUDO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DAS GERAÇÕES DOS VETERANOS, BABY BOOMERS, X, Y, Z E ALFA.** Anais do VII SINGEP. São Paulo: [s.n.]. 2018. p. Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade.
- NUNES, S. C.; BARBOSA, A. C. Q. Formação Baseada em Competências? Um estudo em cursos de graduação em Administração. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 10, n. 5, p. 28-52, set/out 2009. ISSN 1678-6971.
- NUSSBAUM, M. C. **Why democracy needs the humanities.** Princeton: Princeton University Press, 2010.
- NYMAN, G. S. University-business-government collaboration: from institutes to platforms and ecosystems. **Triple Helix Journal**, 2015.
- OIT, O. I. D. T. **Certificações de Competências Profissionais:** discussões. OIT, MTE/FAT. Brasília: [s.n.]. 1999. p. 49-126.
- OLIVEIRA, A. G. M. D.; MELO, M. C. D. O. L.; MUYLDER, C. F. Educação Empreendedora: Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 29-56, jan-abr 2016.
- OSLO, M. **Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação.** Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE. [S.l.]. 2006.
- PARRY, S. B. The quest for competencies. **Training**, New York, p. 48-54, January 1996.
- PDI-UFMG, P. D. D. I. **Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI-2013-2017.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 231. 2013.
- PENA, R. A. Toyotismo e acumulação flexível. **Brasil Escola**, 2019. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/toyotismo-acumulacao-flexivel.htm>>. Acesso em: 14 jan 2019.
- PENSE GRANDE, P. 7 políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo no Brasil. **Pense Grande**, 2018. Disponível em: <<http://pensegrande.org.br/fique-por-dentro/7-politicas-publicas-de-incentivo-ao-empreendedorismo-no-brasil>>. Acesso em: 23 novembro 2019.
- PEREIRA, S. M. **A Formação do Empreendedor.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 190. 2001.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000. 192 p. ISBN 978-85-7307-637-0.
- PERRENOUD, P. et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo: Cortez, 1982.
- PLONSKI, G. A.; CARRER, C. D. C. **A Inovação Tecnológica e a Educação para o Empreendedorismo.** 1ª. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

PPC ADMINISTRAÇÃO, P. P. D. C. D. A. **Projeto Pedagógico de Curso.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 90. 2014.

PPC AGRONOMIA, P. P. D. C. D. A. **Projeto Pedagógico do Curso de Agronomia.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 106. 2017.

PPC BIOTECNOLOGIA, P. P. D. C. D. B. **Projeto Pedagógico do Curso de Biotecnologia.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 112. 2017.

PPC C BIOLÓGICAS, P. P. D. C. D. C. B.-. **Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas - Bacharelado.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 136. 2017.

PPC C CONTÁBEIS, P. P. D. C. D. C. C. **Projeto Pedagógico de Curso - Ciências Contábeis.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 93. 2014.

PPC C ECONÔMICAS, P. P. D. C. D. C. E. **Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Econômicas.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 103. 2014.

PPC DIREITO, P. P. D. C. D. D. **Projeto Pedagógico do Curso de Direito.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 68. 2017.

PPC ENG AGRÍCOLA, P. P. D. C. D. E. A. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Agrícola.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 106. 2014.

PPC ENG ALIMENTOS, P. P. D. C. D. E. D. A. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Alimentos.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 94. 2017.

PPC ENG AQUICULTURA, P. P. D. C. D. E. D. A. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Aquicultura.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 113. 2018.

PPC ENG CIVIL, P. P. D. C. D. E. C. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Civil.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 92. 2017.

PPC ENG COMPUTAÇÃO, P. P. D. C. D. E. D. C. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Computação.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 129. 2016.

PPC ENG ENERGIA, P. P. D. C. D. E. D. E. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Energia.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 131. 2017.

PPC ENG MECÂNICA, P. P. D. C. D. E. M. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Mecânica.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 141. 2018.

PPC ENG PRODUÇÃO, P. P. D. C. D. E. D. P. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Produção.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 162. 2017.

PPC GESTÃO AMBIENTAL, P. P. D. C. D. G. A. **Projeto Pedagógico do Curso de Gestão Ambiental.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 109. 2014.

PPC LIC C BIOLÓGICAS, P. P. D. C. D. C. B.-. **Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 106. 2016.

- PPC LIC FÍSICA, P. P. D. C. D. F.-. **Projeto Pedagógico do Curso de Física - Licenciatura.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 87. 2017.
- PPC LIC MATEMÁTICA, P. P. D. C. D. L. E. M. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 65. 2017.
- PPC QUÍMICA, P. P. D. C. D. Q.-. **Projeto Pedagógico do Curso de Química.** Univesidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 99. 2016.
- PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, P. P. D. C. D. R. I. **Projeto Pedagógico do Curso de Relações Internacionais.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 93. 2017.
- PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, P. P. D. C. D. S. D. I. **Projeto Pedagógico do Curso de Sistemas de Informação.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 109. 2017.
- PPC ZOOTECNIA, P. P. D. C. D. Z. **Projeto Pedagógico de Curso de Zootecnia.** Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 105. 2017.
- PRAHALAD, C. K.; HAMEL, G. The Core Competence of the Corporation. **Harvard Business Review**, p. 15, 1990.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do Trabalho Científico: Método e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- PROTEC, S. B. P.-I. T.-. Portal Protec. **Pró-inovação na indústria brasileira**, 2015. Disponível em: <<http://protec.org.br/noticias/pagina/32731>>. Acesso em: 28 agosto 2019.
- RAMALHO, R. B. et al. Uma análise crítica acerca do Future-se como proposta de privatização da educação superior pública. **IV Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências - CONAPESC**, Campina Grande, 22-24 agosto 2019.
- RAMOS, M. N. **A Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação.** 3ª. ed. São Paulo: Vortez, 2006.
- RENAULT, T. B. **O Desenvolvimento Socioeconômico como terceira missão da universidade: Elementos para estudo do caso brasileiro.** Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, p. 113. 2006.
- RENAULT, T. B. et al. Empreendedorismo Acadêmico na COPPE/UFRJ: Reflexões sobre empresas criadas com a participação de professores. **Portal Metodista de Periódicos Acadêmicos e Científicos**, São Bernardo do Campo, v. 7, n. 14, jul/dez 2011. ISSN 1982-8756.
- RIBEIRO, A. T. V. B. **ORGANISMOS ESTUDANTIS E O INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.** UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. SÃO PAULO, p. 112. 2016.
- SANTOS, B. L. D. **Universidade Empreendedora: Proposta para o desenvolvimento do empreendedorismo acadêmico na Universidade Federal de Santa Catarina.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 165. 2017.

- SANTOS, E. F. D.; BENNEWORTH, P. Interação Universidade-Empresa: características identificadas na literatura e a colaboração regional da Universidade de Twente. **Revista de Administração Sociedade e Inovação**, Volta Redonda, v. 5, n. 2, p. 115-143, mai-ago 2019.
- SANTOS, F. K. D. **Impacto das Políticas Públicas de Ciência, Tecnologia e Inovação no Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul**. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, p. 53. 2017.
- SANTOS, M. I. D. **A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA O EMPREENDEDORISMO DO INSTITUTO EMPREENDEUR ENDEAVOR: UM ESTUDO SOBRE PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. PORTO ALEGRE, p. 170. 2017.
- SCHMIDT, C. M.; DREHER, M. T. Cultura Empreendedora: Empreendedorismo coletivo e perfil empreendedor. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-14, jan/mar 2008.
- SCHUMPETER, J. A. **The Theory of Economic Development (An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest and the Business Cycle)**. Cambridge: Harvard University Department of Economics, 1934.
- SEBRAE. SEBRAE. **Características empreendedoras desenvolvidas no Empretec**, 2019. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/conheca-as-caracteristicas-empreendedoras-desenvolvidas-no-empretec,d071a5d3902e2410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 23 Jan 2019.
- SEBRAE, S. B. D. A. À. M. E. P. E.-. **Empreendedorismo e o Mercado de Trabalho**. SEBRAE. Brasília, p. 57. 2017.
- SEBRAE, S. B. D. A. À. M. E. P. E. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas**, 2018. Disponível em: <<https://eadlms.sebrae.com.br/main/novo-sebrae/training/classroom/class/25413?topic=35412>>. Acesso em: 13 nov 2018.
- SEBRAE; ENDEAVOR. **Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras**. SEBRAE; Endeavor Brasil. Porto Alegre, p. 66. 2016.
- SECCHI, L. **Políticas Públicas - Conceitos, Esquemas de Análises, Casos Práticos**. 2ª. ed. São Paulo: Sengae Learning, 2012.
- SENGE, P. **A quinta disciplina**. São Paulo: Best Seller, 1990.
- SERRA, B. et al. FATORES FUNDAMENTAIS PARA O DESEMPENHO DE INCUBADORAS DE BASE TECNOLÓGICA. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 221-247, jan/mar 2011. ISSN 1809-2039.
- SEVERO, E. A. et al. Vamos Expandir um Negócio Inovador: Caso de Ensino. **Revista de Administração, sociedade e Inovação**, Volta Redonda, v. 5, n. 1, p. 77-90, jan/abr 2019.
- SILVA, L. C. S. et al. Processo de transferência de tecnologia em universidades públicas brasileiras por intermédio dos núcleos de inovação tecnológica. **Interciência**, Caracas, v. 40, n. 10, p. 664-449, outubro 2015. ISSN 0378-1844.

SILVA, L. C. S.; KOVALESKI, J. L.; GAIA, S. GESTÃO DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL VISANDO À TRANFERÊNCIA DE TECNOLOGIA: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO NIT DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 677-702, abr/jun 2013. ISSN 1676-1901.

SILVA, R. C. D. **A Abordagem Geracional como proposta à Gestão de Pessoas**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 177. 2013.

SIQUEIRA, L.; NUNES, S. C. Um olhar sobre o Projeto Pedagógico e as práticas docentes baseados na proposta de formação por competências. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 415-445, jul/ago/set 2011.

SMOLA, K. W.; SUTTON, C. Generational different: revisiting generational work values for the new Millennium. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, n. 4, p. 363-382, 2002.

SOBRINHO, Z. P. Future-se: A Fúria Neoliberal sobre a educação pública e gratuita. **Revista de Filosofia do Direito, do Estado e da Sociedade**, Natal, v. 10, n. 2, p. 50-68, jul/nov 2019.

SOUZA, E. C. L. D. **A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa**. VI Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administracion Pública. Buenos Aires: [s.n.]. 2001. p. 5-9.

SOUZA, S. D.; HOELTGEBAUM, M.; SILVEIRA. O ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em administração do Paraná e Rio Grande do Sul. **Dynamis revista tecnocientífica**, Blumenau, v. 1, n. 14, p. 12-22, jan-mar 2008.

TANNENBAUM, S. Enhancing continuous learning: Diagnostic findings from multiple companies. **Human Resource Management**, New York, v. 36, p. 437-452, 1997.

TESTAS, C. P. H.; MOREIRA, A. F. P. D. S. R. M. Análise da propensão empreendedora dos alunos do pólo de Viseu da Universidade Católica Portuguesa. **Millenium**, Viseu, v. 48, p. 95-134, jan-jun 2015.

THOMPSON, E. R. Individual Entrepreneurial Intent: Construct Clarification and Development of an Internationally Reliable Metric. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, p. 669-694, May 2009. ISSN 1042-2587.

UFGD, U. F. D. G. D. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 231. 2013. (378.817).

UFGD, U. F. D. G. D. **Rgulamento da Propriedade Intelectual, Inovação e Transferência de Tecnologia**. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 11. 2013.

UFGD, U. F. D. G. D. **Regimento Interno da Incubadora Empresarial e Tecnológica (GDTec) da Universidade Federal da Grande Dourados**. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 13. 2017.

UFGD, U. F. D. G. D. Universidade Federal da Grande Dourados. **Universidade Federal da Grande Dourados**, 2018. Disponível em: <<https://www.ufgd.edu.br/setor/nipi/ofertas-patentes>>. Acesso em: 6 setembro 2018.

- UFGD, U. F. D. G. D. Universidade Federal da Grande Dourados. **Universidade Federal da Grande Dourados**, 2018. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/>>. Acesso em: 23 outubro 2018.
- UFGD, U. F. D. G. D. Divisão das Incubadoras, 2019. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/secao/incubadoras-proex/index>>. Acesso em: 28 abril 2019.
- UFMS, U. F. D. M. G. D. S. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p. 164. 2017.
- UFRGS. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016.
- UFRGS, P. D. E. D. Núcleo de Empreendedorismo Inovador. **Programa de Empreendedorismo**, 2019. Disponível em: <www.ufrgs.br/empreendedorismo/empreendedorismo-ufrgs/nucleo-de-empreendedorismo/>. Acesso em: 1 junho 2019.
- UFSC, U. F. D. S. C. Universidade Federal de Santa Catarina. **Laboratório de Empreendedorismo e Inovação**, 2019. Disponível em: <<https://lempi.ufsc.br/sobre-o-lempi/>>. Acesso em: 23 agosto 2019.
- UNESC, U. D. E. S. C. Universidade do Extremo Sul Catarinense. **Núcleo de Empreendedorismo**, 2014. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/473/7961/>>. Acesso em: 20 agosto 2019.
- UNICAMP. **Planejamento Estratégico Universidade Estadual de Campinas**. Campinas, p. 76. 2016.
- USP, N. D. E. D. Núcleo de Empreendedorismo da USP. **Núcleo de Empreendedorismo da USP**, 2018. Disponível em: <www.uspempreende.org>. Acesso em: 1 junho 2019.
- VARGAS, F.; CASANOVA, F.; MONTANARO, L. El enfoque de comptência Laboral: nual de formacion. **Ceintorf/OIT**, Montevideo, 2001.
- VAZ, J. C.; CALDAS, E. D. L. Desenvolvimento Local e Políticas Territoriais. **Encontro de Administração Pública e Governança (EnPAG)**, São Paulo, v. Anais, p. 22 a 24, nov 2006.
- VEDOVELLO, C.; FIGUEIREDO, P. N. Incubadora de Inovação: que nova espécie é esta? **RAE eletrônica**, São Paulo, v. 4, n. 10, Jan/Jul 2005. ISSN 1676-5648.
- VOLLES, B. K.; GOMES, G.; PARISOTTO, I. R. D. S. Universidade empreendedora e a transferência de conhecimento e tecnologia. **Revista Eletrônica de Administração - REAd**, Porto Alegre, v. 1, n. 86, p. 137-155, maio 2017. ISSN 1413-2311.
- WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, 2010.
- WESTERMAN, J.; YAMAMURA, J. Generational preferences for work enviromment fit: Effects on employee outcomes. **Career Development International**, v. 12, n. 2, p. 150-161, 2007.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZARIFIAN, P. Objecrif compétence. Pour une nouvelle logique. **Laboratoire de recherche Innovation-Formation-Éducation**, Paris, n. Liaisons, 1999.

ZOUAIN, D. M. **Parques Tecnológicos - Propondo um modelo conceitual para regiões urbanas - O Parque Tecnológico de São Paulo**. Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. São Paulo , p. 261. 2003.

APÊNDICE – A

Questionário aplicado aos Coordenadores de Cursos de Graduação

- 1) Nome, idade, tempo de docência?
- 2) Área de formação e titulação?
- 3) Qual sua visão sobre o tema Empreendedorismo?
- 4) Possui experiência na área do Empreendedorismo (exemplos)?
- 5) Quais disciplinas são trabalhadas com ações que envolvem o empreendedorismo?
- 6) Quais ações práticas voltadas ao empreendedorismo a coordenação do curso já tomou (cursos, minicursos, palestras, seminários entre outros)?
- 7) Você acredita que uma disciplina voltada ao empreendedorismo é estratégica para o curso de graduação?
- 8) Existe algum projeto de cooperação/colaboração com empresas?
- 9) O curso de graduação em questão já desenvolveu algum produto, projeto ou serviço novo?

APÊNDICE – B

Neste apêndice encontra-se a íntegra da análise do PPC e a síntese das entrevistas com os Coordenadores de Curso de Graduação do universo selecionado. O apêndice está dividido em números com as respectivas faculdades e para cada curso constam dois quadros, sendo: o primeiro resultado da análise do PPC do respectivo curso; e segundo traz os principais pontos abordados durante a entrevista com o coordenador do curso, bem como sua opinião sobre o tema, quais ações práticas são efetivadas com a finalidade de promover o empreendedorismo entre os acadêmicos, os projetos de colaboração/cooperação entre a universidade (aqui englobando a faculdade e curso propriamente dito) e empresas privadas e produtos, processo e novos serviços desenvolvidos no âmbito do curso de graduação.

1. FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA

ADMINISTRAÇÃO – BACHARELADO

Quadro 1: Características do Curso de Administração – PPC

Criação	Resolução nº 25 de 28 de julho de 1999, do Conselho Universitário da UFMS e entrou em funcionamento no ano de 2000, no Campus de Dourados/UFMS (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).
Objetivos do Curso	Formar bacharéis em Administração com uma visão crítica, construtiva e empreendedora, com capacidade reflexiva sobre as demandas sociais, atentos as mudanças e inovações tecnológicas e capazes de atuar em organizações de pequeno ou grande porte com objetivo de suprir suas necessidades (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).
Perfil do Egresso	Capacidade para atuar em diversos tipos de ambientes organizações desde o mercado local até o internacional, passando por atividades industriais, de serviços ou comerciais atuando como gestores tanto em instituições públicas quanto privadas (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).
Competências, Habilidades e Atitudes	Responsabilidade social, a ética profissional, a visão holística, a tomada de decisão, a competência técnica, a capacidade de reconhecer problemas e definir soluções, o raciocínio crítico, a criatividade, a adaptabilidade para trabalhar em quaisquer tipos de organizações públicas, privadas ou no terceiro setor (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014).

Fonte: (PPC ADMINISTRAÇÃO, 2014)

Quadro 2: Entrevista com o coordenador do curso de Administração

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Na visão do coordenador deve-se buscar a formação de um profissional com capacidade criativa, desenvolvedor de novas ideias ou modelos de negócios, não necessariamente do profissional que terá seu próprio negócio. Durante a entrevista o coordenador do curso de Administração ressaltou a diferença entre o empreendedor formado pelo SEBRAE (profissional que possui algum capital e toma a iniciativa de abrir um negócio próprio) do empreendedor, profissional ou pessoa, com características inatas que se aventura em um negócio próprio.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	O Coordenador foi empresário com negócio próprio, também possui experiências com empresas privadas, gestão estratégica de pessoas como coordenador de curso.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	No curso de administração ocorre a transversalidade nas disciplinas procurando englobar o empreendedorismo, a inovação com recursos humanos, marketing, jogos empresariais. Sempre com a finalidade de estimular a criação de novos produtos, serviços ou modelos de negócios. Ressalta o professor que o empreendedorismo e inovação são ensinados em mais de uma disciplina. Durante o curso trabalha-se o Empreendedorismo com foco no plano de negócio, atualmente o aluno cria uma empresa ou modelo de negócio dentro da disciplina de “Empreendedorismo e Inovação” e a partir daí vai levando a mesma empresa para trabalhar outras competências em disciplinas diferentes, como Gestão de Pessoas, Marketing, Jogos Empresariais etc.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Simpósios, grupos de estudo discussões, projeto de seção conjuntamente com a Associação Comercial de Dourados fazendo com que o aluno fosse levado para dentro de empresas para conhecer a realidade e as necessidades empresariais da região.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Não acredita que a disciplina seja estratégica para o curso. Justificou que o PCC determina as outras direções, com perfil generalista, ético, gestor apto a atuar em diversas áreas, capaz de se especializar em diversas áreas com uma visão empreendedora. É importante que tenha visão/perfil empreendedor para que, caso o aluno queira, seja capaz de criar seu próprio modelo de negócio.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Empresa Júnior constituída por alunos e foca no empreendedorismo para colocar em prática, pesquisa sobre o perfil empreendedor dos estudantes. Projetos de cooperação e colaboração, existem diversos e no futuro próximo elaborar um convênio com empresas da região com o propósito de melhor preparar o aluno de acordo com as necessidades locais ou regionais. Ressaltou a importância da tríplice-hélice (universidade-empresa-sociedade) e a necessidade de tornar essa espécie de associação mais dinâmica
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	O curso já desenvolveu processos e projetos novos inclusive com depósito de patente. Para o professor a inovação e o empreendedorismo estão ligados umbilicalmente e mostrou trabalhos, realizados pelos acadêmicos do curso, ligados à área de empreendedorismo e inovação.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CIÊNCIAS CONTÁBEIS – BACHARELADO

Quadro 3: Características do Curso de Ciências Contábeis - PPC

Criação	O curso de Ciências Contábeis foi criado no ano de 1986, à época no Centro Universitário de Dourados vinculado a UFMS (CEUD/UFMS) (PPC C CONTÁBEIS, 2014).
Objetivos do Curso	O curso procura formar profissionais éticos, responsáveis que tenham compromisso com a gestão das organizações, com o desenvolvimento socioeconômico através de um plano pedagógico crítico, reflexivo e interdisciplinar. Tem como objetivos proporcionar a multidisciplinariedade da Ciência Contábil, incentivar a busca do conhecimentos técnico-científico nas mais variadas formas de organizações e integrar o discente ao contexto socioeconômico local (PPC C CONTÁBEIS, 2014).
Perfil do Egresso	O bacharel em Ciências Contábeis deve ter capacidade de liderança multidisciplinar, domínio das funções contábeis, ter visão sistêmica, utilizar inovações tecnológicas, ser responsável para atuar na gestão de empresas de pequeno, médio e grande porte, no assessoramento de áreas administrativas e econômicas (PPC C CONTÁBEIS, 2014).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Apresentar domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens e noções de atividades atuariais; quantificar informações financeiras, patrimoniais e gerenciais; utilizar plenamente as inovações tecnológicas pertinentes às Ciências Contábeis; usar adequadamente as terminologias e as linguagens das Ciências Contábeis e atuariais; demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil; elaborar pareceres e relatórios para a tomada de decisão das entidades; desenvolver liderança entre equipes multidisciplinares; disseminar a informação contábil; e, exercer suas responsabilidades com expressivo domínio das funções contábeis (PPC C CONTÁBEIS, 2014).

Fonte: (PPC C CONTÁBEIS, 2014)

Quadro 4: Entrevista com coordenador do curso de Ciências Contábeis

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Atualmente sua visão está ficando mais favorável ao empreendedorismo, está cada vez mais importante
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	sempre trabalhou como autônomo, nunca com foco em inovação, atuou no empreendedorismo por necessidade para sustento
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não existe disciplina específica curricular obrigatória, mas trabalhou em uma disciplina eletiva. O coordenador do curso ministrou a disciplina “tópicos especiais de contabilidade”, procurou expandir a visão do aluno para além do trabalho no escritório de contabilidade. Outra disciplina com foco no mercado ou empreendedorismo “controladoria” com viés para consultoria.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	O curso não possui ações práticas específicas voltadas para o empreendedorismo, para o coordenador do curso o empreendedorismo não necessariamente é essencial para formação do profissional contábil. O empreendedorismo é mais importante para o profissional administrador. O empreendedorismo é mais uma opção para o profissional, não quer dizer que seja a melhor ou única opção. Citou exemplo do perito contábil que pode ser um excelente profissional sem necessariamente abrir sua própria empresa de perícia.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Não acredita que a disciplina seja estratégica para o curso, mas vê que mudanças na forma de atuar o profissional está tornando cada vez mais importante a disciplina do empreendedorismo na grade curricular. Não considera estratégica e não considera não-estratégica, está avaliando para o futuro do curso ainda.

Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Projeto (núcleo de apoio contábil e fiscal) estruturado em fase de implantação que engloba a receita federal e secretaria municipal de finanças, no qual o aluno possa prestar assessoria para interessado com PF, PJ, associações etc.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

ECONOMIA – BACHARELADO

Quadro 5: Características do Curso de Ciências Econômicas – PPC

Criação	Resolução nº 114 de 26 de outubro de 2007, autorizou o funcionamento do curso de Ciências Econômicas a partir do ano de 2009 (PPC C ECONÔMICAS, 2014).
Objetivos do Curso	Formar profissionais capacitados a compreender fenômenos e tendências nas relações nacionais e internacionais deduzindo implicações de interesse de empresas, governos e entidades do terceiro setor. Busca formar pessoas capazes de incorporar novas tecnologias e tendências, de auxiliar no desenvolvimento econômico e social da região, de reduzir as disparidades sociais e procurar novas oportunidades de negócios (PPC C ECONÔMICAS, 2014).
Perfil do Egresso	O bacharel em Economia deve ser proativo, qualificado e tomar decisões estrategicamente orientadas, compreender as variações do mercado e desenvolver táticas para melhorar a qualidade de vida da sociedade através da alocação eficiente dos recursos. Espera-se do formando capacidade empreendedora, análise e avaliação críticas, organização, liderança, objetividade, criatividade, capacidade de liderança. O perfil desejado para o egresso é que possua base cultural para o entendimento de questões econômicas, que tenha capacidade para tomada de decisões e resolução de problemas, capacidade analítica, visão crítica, habilidade de comunicação oral e escrita, domínio de conceitos, capacidade de acompanhar e antecipar tendências (PPC C ECONÔMICAS, 2014).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	O campo de atuação do bacharel em Economia é amplo, variando entre empresas locais, regionais, nacionais e internacionais de pequeno, médio e grande porte, cooperativas, instituições financeiras como bancos, mercado financeiro e de capitais, setores público e privado, analista econômico e no desenvolvimento socioeconômico local e regional. O curso é interdisciplinar tendo em vista que contempla disciplinas de várias áreas das ciências sociais e aplicadas. O curso de Ciências Econômicas é bastante voltado para questões atuais e dinâmicas, exigindo do bacharel uma capacidade crítica e lógica consideráveis, nota-se a acentuada similaridade com perfil empreendedor, no entanto o curso não possui em sua matriz curricular qualquer menção ao termo educação voltada ao empreendedorismo (PPC C ECONÔMICAS, 2014).

Fonte: (PPC C ECONÔMICAS, 2014)

Quadro 6: Entrevista com o coordenador do curso de Ciências Econômicas

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Destaca que os limites entre inovação e empreendedorismo são tênues. Para o coordenador empreendedorismo é ver a oportunidade e saber
---	--

	aproveita-la. Produto novo por si só é uma inovação, porém qualquer modificação pode ser considerada inovação? As respostas a estas questões não são simples.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não possui experiência na área, sob a perspectiva da visão pessoal. Fazer algo empreendedor ligado a universidade, algo criativo, produto ou serviço. Já teve ideias (por ele consideradas empreendedoras) mas nunca pôs em prática.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não existe disciplina específica na grade curricular.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Realizar simpósios, palestras com empresários para compartilharem experiências. Contatos com empresas por meio de ex-alunos principalmente na contratação de estagiários. Praticamente ações empreendedoras sob demanda da sociedade. Destacou os eventos realizados pela FACE.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Não é estratégia, mas é importante para o curso e para os alunos, tendo em vista que alguns alunos que se tornam empresários. Está preso às normas curriculares de economia elaboradas durante a década de 1960, possui pouca flexibilidade para alterar a grade curricular do curso. Somadas as regras curriculares nacionais e da UFGD, cerca de 35% das disciplinas são obrigadas e o coordenador do curso não tem controle para suprimi-las. Poderia inserir disciplinas que melhor preparariam os alunos para o mercado de trabalho. As normas curriculares devem ser revistas (nacionalmente), o ideal do curso de economia seria 3 anos de duração.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Institucionalizado não, e são poucos os que existem. A sociedade não vê a universidade como parceira. A complexidade do contrato de prestação de cooperação, serviço público, dinheiro público e privado, imbróglio jurídico com empresas. Na visão do professor caso exista uma patente em parceria universidade-empresa a patente seria pública, por este motivo existe o distanciamento entre universidade empresa.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não. Na visão do professo a principal função do economista é analisar dados e construir relatórios

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

2. FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

ENGENHARIA AGRÍCOLA - BACHARELADO

Quadro 7: Características do Curso de Engenharia Agrícola - PPC

Criação	Portaria MEC/SERES nº 176, de 18 de abril de 2013 – DOU de 19/04/2013 (PPC ENG AGRÍCOLA, 2014)
Objetivos do Curso	Formar profissionais com capacitação superior nas áreas de Engenharia Mecânica, Civil, Elétrica e da Agronomia para atuar junto aos meios de produção, pesquisa, ensino e extensão agropecuários e agroindustrial, por meio da aplicação dos fatores de produção, visando ao aumento da produtividade e da eficiência das atividades que atenda aos interesses

	socioeconômicos da comunidade em que estiver inserido (PPC ENG AGRÍCOLA, 2014).
Perfil do Egresso	Formação embasada nas ciências exatas e tecnológicas, com formação específica em Engenharia de Água e Solo, Gestão de Recursos Hídricos e Ambiental, Máquinas e Mecanização Agrícola, Construções Rurais e Agroindustriais, Energia na Agricultura e Agroindústria e Processamento de Produtos Agrícolas e com capacidade e senso crítico suficiente para promover a readequação e transformação da realidade agroindustrial da região frente à evolução científica e tecnológica e de utilizar e gerar conhecimentos com vista à modernização agroindustrial e pecuária, bem como solucionar os problemas de engenharia relacionados com produção, que envolve energia, transporte, sistemas estruturais e equipamentos (PPC ENG AGRÍCOLA, 2014).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Projetar, coordenar, analisar, fiscalizar, assessorar, supervisionar e especificar técnica e economicamente projetos agroindustriais e do agronegócio, aplicando padrões, medidas e controle de qualidade; Realizar vistorias, perícias, avaliações, arbitramentos, laudos e pareceres técnicos, com condutas, atitudes e responsabilidade técnica e social, respeitando a fauna e a flora e promovendo a conservação e/ou recuperação da qualidade do solo, do ar e da água, com uso de tecnologias integradas e sustentáveis do ambiente; Atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário; realizar assistência, assessoria e consultoria, interagindo e influenciando nos processos decisórios de agentes e instituições na gestão de políticas setoriais; Promover a padronização, mensuração e controle de qualidade; Atuar em atividades docentes no ensino técnico profissional, ensino superior, pesquisa, análise, experimentação, ensaios e divulgação técnica e extensão; Conhecer e compreender os fatores de produção e combiná-los com eficiência técnica e econômica; Aplicar conhecimentos científicos e tecnológicos; Conceber, projetar e analisar sistemas, produtos e processos; Identificar problemas e propor soluções; Desenvolver e utilizar novas tecnologias; Gerenciar, operar e manter sistemas e processos; Comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica; Atuar em equipes multidisciplinares; Avaliar o impacto das atividades profissionais nos contextos social, ambiental e econômico; Conhecer e atuar em mercados do complexo agroindustrial e de agronegócio; Compreender e atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário; Atuar com espírito empreendedor ; Conhecer, interagir e influenciar nos processos decisórios de agentes e instituições na gestão de políticas setoriais (PPC ENG AGRÍCOLA, 2014).

Fonte: (PPC ENG AGRÍCOLA, 2014)

Quadro 8: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia Agrícola

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	É importante principalmente nas grandes universidades.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Trabalhando diretamente com produtores rurais na parte de campo – projeto de pesquisa.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não existe disciplina específica, há matérias similares básicas da grade curricular da UFGD, como Administração Rural, Economia Rural, Extensão Rural, Sociologia e comunicação.

Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Empresa Júnior trabalho muito com viés empreendedor.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Sim, acredita que é importante para todos os cursos de graduação da UFGD, principalmente pela redução das vagas de concurso público o que fará com que o aluno tenha que se tornar empreendedor.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Case, Adecoagro (usina), Comid, Shark, Coamo, entre outras.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não sabe precisar com certeza se já foi concluído. Acredita que um novo mecanismo dosador para semeadora esteja em construção. Gerador de tecnologia para o campo.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

AGRONOMIA – BACHERELADO

Quadro 9: Características do Curso de Agronomia – PPC

Criação	O Conselho de Ensino e Pesquisa aprovou a instalação do Curso de Agronomia em Dourados, pela Resolução nº 18 de 19 de dezembro de 1977, homologada pela Resolução nº 21, de 22 de dezembro de 1977 do Conselho Universitário da UEMT. E em 1978, foi implantado o curso de Agronomia (PPC AGRONOMIA, 2017).
Objetivos do Curso	O Curso de Agronomia têm como objetivo geral a formação de Engenheiros Agrônomos com capacidade técnico-científica e responsabilidade social, aptos a promover, orientar e administrar a utilização e otimização dos diversos fatores que compõem os sistemas de produção, transformação e comercialização, em consonância com os preceitos de proteção ambiental, além de planejar, pesquisar e aplicar técnicas, métodos e processos adequados à solução de problemas e à promoção do desenvolvimento sustentável (PPC AGRONOMIA, 2017).
Perfil do Egresso	Possuir sólida formação científica e profissional geral que o capacite a absorver e desenvolver tecnologias que lhe permitirão atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas , considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade. Possuir capacidade de compreensão e tradução das necessidades dos indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos, bem como a utilização racional dos recursos disponíveis, além da conservação do equilíbrio do ambiente (PPC AGRONOMIA, 2017)
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Planejar e dirigir serviços relativos à engenharia rural, abrangendo máquinas e implementos agrícolas, irrigação e drenagem, construções rurais, geodésia, topografia e geoprocessamento; Elaborar, coordenar e executar projetos que visem a implantação de métodos e práticas agrícolas com a finalidade de explorar de modo sustentável os sistemas de produção vegetal, abordando aspectos de melhoramento vegetal, práticas culturais, experimentação, ecologia e climatologia agrícolas; Planejar, coordenar e executar projetos de produção animal, abordando o melhoramento, manejo e nutrição; Planejar, executar, supervisionar e orientar programas para o manejo e controle de doenças, pragas e plantas daninhas à produção vegetal; Planejar, coordenar e executar programas referentes à ciência do solo, nas áreas de gênese, morfologia, classificação, fertilidade, biologia, microbiologia, uso, manejo e

	conservação; Planejar, orientar, executar e supervisionar a implantação, produção e manejo de espécies florestais, nativas e exóticas, bem como o estabelecimento de viveiros florestais; Planejar, coordenar e executar projetos e ações de caráter socioeconômico, bem como desenvolver a consciência e responsabilidade social, utilizando-se dos conhecimentos da sociologia, comunicação, política, economia, administração, comercialização, legislação e educação, a fim de promover a organização e o bem estar da população; Analisar, avaliar, orientar e fiscalizar o processo de produção, beneficiamento e conservação de produtos de origem animal e vegetal; Planejar e desenvolver atividades de gestão ambiental relacionadas aos recursos naturais renováveis e não renováveis; Gerar e difundir conhecimentos, métodos e técnicas de produção e administração, envolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão na área da agronomia; Atuar no âmbito da agricultura familiar buscando a sustentabilidade, com ênfase no enfoque agroecológico e na proteção ambiental (PPC AGRONOMIA, 2017).
--	--

Fonte: (PPC AGRONOMIA, 2017)

Quadro 10: Entrevista com o coordenador do curso de Agronomia

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita que o tema é amplo, mas principalmente estimula o trabalhador a observar necessidades de mercado e fornecer produtos, serviços para suprir essas necessidades através de empresas ou prestação de serviços. Curso de agronomia não tem vocação empreendedora, é mais científica.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não possui.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não especificamente, Administração Rural, Sociologia e extensão rural, Legislação avaliação e perícia, Fitotecnia do núcleo profissionalizante e disciplinas de grandes culturas é procurado abordar um pouco sobre o tema. Declarou que acreditar ser importante alterar o PPC de Agronomia para incluir uma disciplina sobre empreendedorismo
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Semanas acadêmicas, evento denominado “Integraria” trabalha, além de outras disciplinas afetas a área, tópicos sobre empreendedorismo. Parcerias com sindicato rural e empresas principalmente com palestras. É um curso com grande demanda por empresas do meio agroindustrial.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	A disciplina é importante e seria de grande valia para o acadêmico, contudo, não é estratégica. A docente é presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e proporá a inclusão de disciplina voltada ao empreendedorismo quando da reformulação do PPC da Agronomia. Os alunos da Agronomia vão para o mercado de trabalho ou pesquisa, é importante abrir o leque para os alunos
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Empresa Junior (muito atuante) presta consultoria de serviço.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Projetos de professores em parceria com a Engenharia Agrícola, professores lançaram patentes e técnicas. Bovinocultura, Ovinocultura, Armazenamento e beneficiamento de grão, oleícolas não convencionais, plantas medicinais. Espécies produtoras de óleo não convencionais, biocombustível. Sistema de plantio direto na sucessão de cultura.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

ZOOTECNIA – BACHARELADO

Quadro 11: Características do Curso de Zootecnia – PPC

Criação	Resolução Nº 4, de 16 de fevereiro de 2006, do Conselho da UFGD, a qual aprova a criação e implantação do curso (dentre outros); Portaria RTR/UFGD Nº 1.380, de 08 de junho de 2006, a qual cria o curso (entre outros) (PPC ZOOTECNIA, 2017).
Objetivos do Curso	Formar profissionais com capacitação superior para atuar junto aos meios de produção, pesquisa, ensino e extensão zootécnicos, por meio da aplicação dos fatores de produção, visando ao aumento da produtividade animal que atenda aos interesses sociais da comunidade em que estiver inserido (PPC ZOOTECNIA, 2017).
Perfil do Egresso	O deverá ter uma postura empreendedor e criativa, ética, apto a se inserir no contexto social amplo . Atuará no manejo, nutrição e melhoramento de animais com objetivo de incrementar a produtividade. Deve possuir habilidade na área da manipulação genética e aprimoramento de raças. Estará apto a emitir pareceres técnicos e realizar perícias, administrativas ou judiciais. Também se preocupará com o aprimoramento do sistema produtivo, implantação e manejo de pastagens no setor de alimentos poderá desempenhar a avaliação, classificação e tipificação de carcaças além de exercer a gestão sustentável do agronegócio (PPC ZOOTECNIA, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Fomentar, planejar, coordenar e administrar programas de melhoramento genético das diferentes espécies animais de interesse econômico e de preservação, visando a maior produtividade, equilíbrio ambiental e respeitando as biodiversidades no desenvolvimento de novas biotecnologias agropecuárias; atuar na área de nutrição e alimentação animal, utilizando conhecimentos sobre o funcionamento do organismo animal, visando ao aumento de sua produtividade e ao bem-estar animal, suprimindo suas exigências, com equilíbrio fisiológico; responder pela formulação, fabricação e controle de qualidade das dietas e rações para animais, responsabilizando-se pela eficiência nutricional das fórmulas; planejar e executar projetos de construções rurais, de formação e/ou produção de pastos e forrageiras e de controle ambiental; pesquisar e propor formas mais adequadas de utilização dos animais silvestres e exóticos, adotando conhecimentos de biologia, fisiologia, etologia, bioclimatologia, nutrição, reprodução e genética, tendo em vista seu aproveitamento econômico ou sua preservação (PPC ZOOTECNIA, 2017).

Fonte: (PPC ZOOTECNIA, 2017)

Quadro 12: Entrevista com o coordenador do curso de Zootecnia

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Na área de ciências agrárias empreender é muito mais prazeroso e rentável, do que arrumar um trabalho como empregado. O empreendedorismo abre muitas oportunidades de se desenvolver novos produtos, consultorias a campo.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Trabalhou em empresas privadas, exerceu consultoria autônoma para gado leiteiro e devido ao desempenho foi contratado por uma grande empresa. Trabalhou com o desenvolvimento de rações para gado em grande empresa. Constituiu juntamente com a esposa uma fábrica de rações em Nova Andradina.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não existe disciplina obrigatória de empreendedorismo para o curso. Acredita que seria importante para os acadêmicos vivenciarem uma disciplina de empreendedorismo dentro do curso. Segundo o docente é importante o acadêmico saber vender seu valor de trabalho.

Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Basicamente nas semanas acadêmicas, sempre com pelo menos uma palestra ou minicurso. Demonstra preocupação e acredita que somente estas ações são insuficientes para despertar o empreendedorismo no aluno.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Sim.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Possui parcerias basicamente com empresas de nutrição, principalmente por esforço do coordenador.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Dois casos de sucesso dentro do curso. O primeiro é o caso de duas alunas que fundaram uma empresa que acompanham desde o deslocamento até o abate de bovinos (Pró-arroba). Egresso criou empresa agropecuária de consultoria técnica e representação comercial em Nova Andradina (Max Campo).

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

ENGENHARIA DE AQUICULTURA - BACHARELADO

Quadro 13: Características do Curso de Engenharia de Aquicultura – PPC

Criação	Resolução do Conselho Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados nº 43, de 02 de Maio de 2013; Resolução COUNI nº 68 de 28 de junho de 2013 (PPC ENG AQUICULTURA, 2018).
Objetivos do Curso	O curso de Engenharia de Aquicultura da UFGD visa atender o objetivo geral de formar profissionais de nível superior dotados de conhecimento técnico e científico conscientes e comprometidos com o desenvolvimento sustentável, capazes de atender às necessidades socioeconômicas regionais e nacionais no domínio da Aquicultura. É voltado ao cultivo de espécies aquícolas, construções para fins aquícolas, irrigação e drenagem para fins de aquicultura, ecologia e aspectos de meio ambiente referentes à aquicultura, análise e manejo da qualidade da água e do solo das unidades de cultivo e de ambientes relacionados a estes, cultivos de espécies aquícolas integrados à agropecuária, melhoramento genético de espécies aquícolas, desenvolvimento e aplicação da tecnologia do pescado cultivado, diagnóstico de enfermidades de espécies aquícolas, processos de reutilização da água para fins de aquicultura, alimentação e nutrição de espécies aquícolas, beneficiamento de espécies aquícolas e mecanização para aquicultura (PPC ENG AQUICULTURA, 2018).
Perfil do Egresso	O perfil do egresso com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, apto a compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação às atividades inerentes ao exercício profissional, nos campos específicos de atuação, quanto ao aproveitamento e manejo dos recursos naturais aquáticos; ao cultivo e utilização sustentável da riqueza biológica dos mares, ambientes estuarinos e águas interiores; ao beneficiamento do pescado; a ecologia e sustentabilidade ambiental. Deve ser capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas , considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade da área onde atua, no Brasil ou no mundo (PPC ENG AQUICULTURA, 2018).

Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Administrar e gerenciar os recursos aquáticos para a produção sustentável e contínua de bens e serviços; Possuir sólidos conhecimentos sobre os principais ecossistemas aquáticos, possibilitando o uso tecnológico racional, integrado e sustentável desses ecossistemas; Possuir sólidos conhecimentos nas áreas de aquicultura, gestão de recursos pesqueiros, beneficiamento e industrialização do pescado; Saber como estruturar um agronegócio a partir dos recursos pesqueiros; Desenvolver condutas e atitudes que o capacitem para contribuir positivamente na mudança da realidade social e econômica atual na sua área de abrangência (PPC ENG AQUICULTURA, 2018).
---------------------------------------	---

Fonte: (PPC ENG AQUICULTURA, 2018)

Quadro 14: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia de Aquicultura

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Profissional que tem a capacidade de criar seu próprio modelo de negócio, virtual ou físico, e obter sucesso.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não possui experiência na área do empreendedorismo, sempre na área acadêmica.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não existem disciplinas específicas que abordem o tema empreendedorismo, contudo algumas disciplinas eletivas podem ser adicionadas ao curso. Acredita que a disciplina que mais contribui para aproximar acadêmico do tema empreendedorismo é a disciplina de Administração Rural e Projetos Agropecuários.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	A empresa júnior está em fase de implantação. Existem projetos que estimulam os alunos a prestarem assessoria técnica, o que pode contribuir para o formando abrir sua própria consultoria. Procura estimular o empreendedorismo dentro de cada disciplina incentivado o pensamento crítico com relação a situações reais. Liga Acadêmica é um projeto específico de contribuição com pequenos produtores, o acadêmico dirige-se até o campo presta uma consultoria personalizada ao produtor relando como é que ocorre o processo de produção. Procurou parceria com o SEBRAE para realizar seminários ou palestras com objetivo de disseminar o tema empreendedorismo, contudo, constatou que quando a palestra ou seminário são optativos existe pouca adesão por partes dos acadêmicos. Existem dois acadêmicos que estão em um projeto que envolve o empreendedorismo atuando junto ao CREA.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Acredita que a disciplina seria estratégica para o curso. Falta um professor para ministrar a disciplina. Pretende incluir no PPC como eletiva, e posteriormente passar para obrigatória dentro do curso.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Projeto com empresa CaimaSul em Corumbá (promove o comércio de jacarés em cativeiro), também possuem projetos com a Prefeitura de Dourados para fornecer cursos para pequenos produtores. Existem estágios para os alunos em piscicultura de engorda, piscicultura de alevinos e sistemas de produção diferenciados.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Desenvolveram (o coordenador mais um professor da Eng. Agrícola) junto com os acadêmicos um aplicativo que faz o cálculo de quantidade de ração a ser fornecida para os peixes. Acredita que tenham outros produtos ou serviços, de qualidade de alimentos e água. Também acredita que não tenha sido desenvolvida nenhuma patente no curso em questão.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

3. FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E AMBIENTAIS

CURSO DE GESTÃO AMBIENTAL – BACHARELADO

Quadro 15: Características do Curso de Gestão Ambiental - PPC

Criação	O curso teve início no ano de 2006, juntamente com a criação da UFGD (PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014).
Objetivos do Curso	Formar profissionais com visão sistêmica e humanística, capazes de compreender as dimensões física, biológica, social, política, econômica, tecnológica, institucional e cultural na qual estão inseridos; Preparar profissionais com formação interdisciplinar, capazes de realizar análises ambientais, propor soluções técnicas e científicas para as principais questões ambientais e implementar ações de proteção, conservação e uso sustentável dos recursos ambientais; Gerar conhecimentos práticos e científicos para contribuir com a solução dos desafios ambientais da sociedade contemporânea (PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014).
Perfil do Egresso	Planejar e executar avaliações de impacto ambiental empregando as diferentes modalidades e procedimentos de estudos; Planejar, implementar e executar políticas, planos, programas e projetos voltados para a gestão de territórios, de espaços urbanos, de recursos hídricos, de resíduos sólidos, da qualidade do ar, da biodiversidade, de efluentes domésticos, agrícolas e industriais e do patrimônio histórico e cultural; Implementar sistemas de gestão ambiental nas diferentes modalidades, setores e organizações da sociedade; Executar auditorias e certificações ambientais, em conformidade com as normas e critérios vigentes; Planejar, desenvolver e executar sistemas de gestão financeira voltados às atividades inerentes à Gestão Ambiental; Executar a gestão de setores e/ou departamentos ambientais em organizações públicas e privadas, incluindo as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP); Elaborar pareceres, relatórios, planos, projetos e laudos ambientais; Conduzir pesquisa, estudo, análise, interpretação, planejamento, implantação, coordenação e controle de trabalhos no campo da Gestão Ambiental; Assessorar e/ou assumir funções e cargos em órgãos do poder público responsáveis pela gestão de recursos ambientais; Avaliar pareceres, relatórios, planos, projetos e laudos ambientais; Propor, implementar e coordenar processos de inovação em gestão ambiental nas organizações públicas e privadas, incluindo as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP); Conduzir processos de licenciamento e monitoramento ambiental; Planejar e gerenciar processos de recuperação de áreas degradadas; Atuar na delimitação, implantação, regularização, manejo e gestão de Unidades de Conservação e demais áreas naturais protegidas. Reservas Legais, Áreas de Preservação Permanente e Terras Indígenas (PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Reconhecer e definir, os problemas ambientais dos processos produtivos, nos conflitos pelo acesso e uso dos recursos ambientais e nas demais questões que implicam em relações com o ambiente; Avaliar, propor, decidir e intervir em processos de gestão ambiental

	<p>participativa; Compreender as inter-relações entre as múltiplas dimensões do conhecimento e da realidade que afetam a questão ambiental; Atuar em grupos interdisciplinares desenvolvendo autonomia e espírito de trabalho em equipe, proporcionando um aprendizado contínuo, compartilhado e abrangente por toda a organização e/ou projeto; Compreender de maneira aprofundada as questões ambientais dentro das organizações, buscando inovações nos modelos de gestão ambiental; Oferecer oportunidades de envolvimento nas demandas sociais, de forma individual e em equipe, estimulando a capacidade de desenvolver processos participativos com os diferentes setores da sociedade; Apoiar o desenvolvimento de qualidades éticas, baseadas no sentido da justiça e do bem-estar coletivo, frente aos diferentes públicos (interno e externo); e Propor e influenciar formas de atuação em projetos e propostas, estimulando a capacidade de liderança, trabalho em equipe e gerenciamento de conflitos (PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014).</p>
--	--

Fonte: (PPC GESTÃO AMBIENTAL, 2014)

Quadro 16: Entrevista com o coordenador do curso de Gestão Ambiental

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	É muito importante principalmente para o curso de Gestão Ambiental, tanto que é um dos objetivos do curso. O tema empreendedorismo ainda é pouco explorado dentro do curso. É importante que o egresso tenha um espírito empreendedor, tendo em vista que este profissional irá sobreviver da elaboração de projetos.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Possui experiência na área do empreendedorismo (Pós-graduação)
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	O curso de graduação possui a disciplina Empreendedorismo (Eletiva) com carga horária de 54 horas/aula. A visão da coordenadora é tornar a disciplina como obrigatória.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	A instituição UFGD/FCBA não dá a devida atenção ao tema empreendedorismo, devido ao histórico de formação acadêmica para dedicação a pesquisa e ciência. Nos trabalhos de conclusão de curso cobra-se do aluno ações práticas, não necessariamente resultados de pesquisa. Busca-se como produto final do TCC uma ferramenta de políticas públicas.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Sim
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Sim, projetos com a São Fernando (Usina) e Green Farm (empresa Sul-mato-grossense de créditos de carbono).
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	O curso possui uma disciplina chamada projetos integrados durante três semestres cujo objetivo é o desenvolvimento de projetos ou produtos novos.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE BIOTECNOLOGIA – BACHARELADO

Quadro 17: Características do Curso de Biotecnologia - PPC

Criação	Portaria MEC/SERES nº 652, de 10 de dezembro de 2013 – DOU de 11/12/2013 (PPC BIOTECNOLOGIA, 2017).
Objetivos do Curso	Formar profissionais competentes, criativos e empreendedores, com espírito crítico, reflexivo e questionador, capaz de utilizar eticamente as técnicas e os conhecimentos adquiridos no estudo e na prática da Biotecnologia, exercendo, desta forma, a cidadania e a profissão dignamente. Promover a educação integral do aluno em sua natureza humana e essência, tornando-o sujeito de seu próprio processo educativo; Educar o aluno para que na prática profissional tenha princípios éticos, atendendo às necessidades humanas, embasada em princípios e valores, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania no nível individual e coletivo (PPC BIOTECNOLOGIA, 2017).
Perfil do Egresso	Profissional com sólida formação básica, científica e tecnológica, que lhe permita degradar, sintetizar e produzir materiais (bioconversões – biossíntese), a partir da matéria viva (moléculas ou células de natureza microbiana, animal ou vegetal), na perspectiva de disponibilizar processos e produtos que garantam maior economia, eficácia, competitividade e adaptabilidade para seu uso social final, quer em atividades agrícolas, agroindustriais e ambientais. O egresso estará preparado para ser um agente de modificação da realidade presente, por meio do exercício reflexivo e criativo de suas atividades profissionais, que contribuirão para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como para a conservação ambiental. Estará habilitado a diagnosticar, analisar e solucionar problemas, aplicando conhecimentos já existentes ou produzindo novos, bem como a contribuir para a formulação de políticas que permitam a melhoria da qualidade de vida. desenvolver ideias inovadoras e ações estratégicas capazes de ampliar e aperfeiçoar seu campo de atuação (PPC BIOTECNOLOGIA, 2017)
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Identificar a importância da biotecnologia para a sociedade e relacioná-la a fatos, tendências, fenômenos ou movimentos da atualidade, como base para delinear o contexto e as relações em que a sua prática profissional estará inserida; reconhecer problemas relevantes para investigação; formular e justificar perguntas a partir desses problemas; levantar hipóteses para respondê-las; planejar procedimentos adequados para testar tais hipóteses; conduzir a coleta de dados e a sua análise de acordo com o planejamento feito e as condições objetivas de realização; utilizar recursos matemáticos, estatísticos, computacionais e outros para análise e apresentação dos resultados da pesquisa; produzir e divulgar o relato em veículos adequados; aplicar de forma autônoma os conhecimentos científicos e tecnológicos já existentes, relacionados à biotecnologia, após exame crítico deles e seleção por critérios de relevância, rigor e ética; produzir, aprimorar e divulgar processos e produtos biotecnológicos; monitorar integralmente as operações de pesquisa e desenvolvimento, bem como o processo de produção, garantindo boas práticas, observação dos procedimentos-padrão, respeito ao ambiente; aplicar metodologia científica no planejamento, gerenciamento e execução de processos e técnica na emissão de laudos, perícias e pareceres, relacionados ao desenvolvimento de atividades de auditoria, assessoria, consultoria na área biotecnológica; avaliar o impacto potencial ou real de novos conhecimentos/tecnologias/serviços e produtos resultantes de sua atividade profissional, do ponto de vista ético, social, ambiental, econômico, epistemológico; buscar

	<p>maturidade, sensibilidade e equilíbrio ao agir profissionalmente. administrar a sua própria formação contínua, mantendo atualizada a sua cultura geral, científica e técnica específica; utilizar o rico instrumental que a informática e a tecnologia renovam incessantemente para o seu próprio aperfeiçoamento e o dos profissionais sob sua coordenação; organizar, coordenar e participar de equipes de trabalho, inclusive multiprofissionais, destinadas a planejar, coordenar, supervisionar, programar, executar e avaliar atividades no desenvolvimento de processos e produtos e controle de qualidade; desenvolver formas de expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nos relacionamentos interpessoais e intergrupais; enfrentar os deveres e dilemas da profissão, pautando sua conduta por princípios de ética democrática, responsabilidade social e ambiental, dignidade humana, direito à vida, justiça, respeito mútuo, participação, diálogo e solidariedade; adotar condutas compatíveis com as legislações reguladoras do exercício profissional e do direito a propriedade intelectual, bem como com a legislação ambiental, e regulamentações federais, estaduais e municipais aplicadas a empresas/instituições; analisar o cumprimento da legislação ambiental em determinadas situações específicas; avaliar as possibilidades atuais e futuras da profissão; comprometer-se com o desenvolvimento profissional constante, assumindo uma postura de flexibilidade e disponibilidade para mudanças contínuas, bem como avaliar e discutir às opções sindicais e corporativas inerentes ao exercício profissional; empreender ações estratégicas capazes de ampliar ou aperfeiçoar as formas de atuação profissional (PPC BIOTECNOLOGIA, 2017).</p>
--	--

Fonte: (PPC BIOTECNOLOGIA, 2017)

Quadro 18: Entrevista com o coordenador do curso de Biotecnologia

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Destacou que o curso se preocupa em formar profissionais empreendedores, que existe a necessidade de se discutir com o colegiado de docentes sobre a ementa da disciplina como forma de estimular o viés empreendedor do acadêmico.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não possui nenhuma experiências.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Existe a disciplina Administração de Empresas, Marketing e Finanças é a que mais aborda o tema empreendedorismo
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Empresa Júnior (Unus Consultoria Ambiental, Biológica e Biotecnológica) e Semanas Acadêmicas (palestras, minicursos e seminários). Acredita que se houvesse um profissional disponível para ministrar seminários, minicursos e palestras haveria a adesão de grande percentual de alunos.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Sim
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Possuem convênios com diversas empresas privadas devido ao estágio obrigatório para conclusão do curso. Existe uma grande dificuldade principalmente financeira por parte dos acadêmicos para realização do estágio em empresas fora da região de Dourados.

Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Existem diversos projetos de pesquisas para o desenvolvimento de produtos, processo ou serviços novos, inclusive com pedidos de patentes.
--	---

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – BACHARELADO

Quadro 19: Características do Curso de Ciências Biológicas - PPC

Criação	<p>O Curso de Ciências Biológicas foi implantado em 1991 e reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em 1996. Em 2000 foi implantada, no Campus de Dourados da UFMS, a modalidade Bacharelado (autorização COUN/UFMS n.º 28, de 28.07.1999) e o curso fica com a seguinte nomenclatura: Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura e/ou Bacharelado; a Resolução CAEN n.º 16, de 13 de março de 2000, aprova o currículo Pleno do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura e/ou Bacharelado - Campus de Dourados – UFMS, sendo a opção pela modalidade permitida ao término do 2ª série. Em 2004, os graus modalidades do curso de Ciências Biológicas passam a ter entradas distintas no vestibular, voltando o ingresso a ser único em 2009, com uma a formação básica comum aos dois graus – Área Básica de Ingresso - ABI – ocorrendo a partir do 3º semestre do curso a opção pelo estudante por um dos graus - Bacharelado e Licenciatura. Em 2014 houve a separação dos cursos de Ciências Biológicas já no ingresso na UFGD, com oferta de 30 vagas no curso de Licenciatura e 30 no curso de Bacharelado, com muitas disciplinas básicas comuns a ambas as estruturas curriculares (PPC C BIOLÓGICAS, 2017).</p>
Objetivos do Curso	<p>O Curso de Ciências Biológicas – Bacharelado - tem como objetivo garantir aos bacharéis uma formação profissional sólida e ampla, baseada numa integração das diversas áreas da Biologia, com conhecimento, competências, habilidades e posturas que permitam ao Biólogo uma atuação efetiva em todas as áreas da Biologia. Espera-se ainda desenvolver raciocínio científico e espírito crítico, formando cidadãos conscientes de suas responsabilidades e deveres, focados na manutenção e proteção da biodiversidade como patrimônio da humanidade buscando inovações conceituais e metodológicas, com valores e princípios éticos que privilegiam suas responsabilidades perante a comunidade e o meio em que vive (PPC C BIOLÓGICAS, 2017).</p>
Perfil do Egresso	<p>Possuir formação básica científica e técnica, ampla e sólida, com adequada fundamentação teórico-prática, que inclua o conhecimento dos padrões de biodiversidade, sua organização em diferentes níveis e suas relações filogenéticas e evolutivas, além de sua distribuição e suas relações com a espécie humana; Atuar profissionalmente em busca da melhoria da qualidade de vida humana e da proteção da biodiversidade; pautando sua conduta profissional em critérios humanísticos, rigor científico e referenciais éticos legais e comprometido com os resultados da sua atuação; Buscar atualização e aperfeiçoamento constante, além de capacitação profissional, por meio da formação continuada e acompanhando os avanços científicos e tecnológicos da Biologia para atender com qualidade e eficiência as demandas da sociedade; Aplicar o</p>

	<p>conhecimento e as tecnologias disponíveis visando o uso sustentável do patrimônio natural, com manutenção e equilíbrio dos ecossistemas, objetivando a proteção da vida em todas suas formas e manifestações; Atuar de forma multidisciplinar e interdisciplinar, adaptável à dinâmica do mercado de trabalho e suas situações de mudança contínua; Desenvolver ideias inovadoras e ações estratégicas capazes de ampliar e aperfeiçoar sua área de atuação em um mercado de trabalho em contínua transformação; Exercer todas as atividades previstas pelo Conselho Federal de Biologia, nas áreas de atuação de Biodiversidade e Meio Ambiente e de Biotecnologia e Produção, formulando e elaborando estudos, projetos e pesquisa científica, executando direta ou indiretamente as atividades resultantes desses trabalhos; Orientar, dirigir, assessorar e prestar consultoria às diversas instituições, públicas ou privadas, no âmbito de sua especialidade além de, realizar perícias, emitir e assinar laudos técnicos e pareceres, de acordo com a experiência curricular efetivamente comprovada (PPC C BIOLÓGICAS, 2017).</p>
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	<p>formação de competência na produção de conhecimento que levem o aluno a procurar, interpretar, analisar e selecionar informações, realizar experimentos e projetos de pesquisa; estímulo de atitudes que socializem o conhecimento produzido tanto pelo corpo docente como discente; estímulo a atividades complementares e/ou extracurriculares como iniciação científica, monitoria, atividades extensionistas, estágios, disciplinas optativas entre outras e análise permanente do currículo com vistas a efetuação de modificações pertinentes (PPC C BIOLÓGICAS, 2017).</p>

Fonte: (PPC C BIOLÓGICAS, 2017)

Quadro 20: Entrevista com o coordenador do curso de Ciências Biológicas

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Empreendedorismo se trata de como incentivar ou estimular determinado profissional a implementar um modelo de negócio com propósito de remuneração.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não contém disciplina que trabalhe especificamente o tema empreendedorismo.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Procura trazer profissionais que estejam atuando na área das Ciências Biológicas nas semanas acadêmicas, simpósios ou eventos onde os palestrantes discorrem sobre como o Biólogo está atuando no mercado.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Não sente segurança para opinar sobre inclusão ou não de uma disciplina voltada ao empreendedorismo para o curso de Biologia.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Com algumas instituições, principalmente para o cumprimento do requisito de estágio supervisionado dos alunos de graduação. Imasul, Embrapa e outras empresas de consultoria ambiental
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não, criação de algo novo está mais afeto à área da Biotecnologia

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – LICENCIATURA

Quadro 21: Características do Curso de Ciências Biológicas – PPC

Criação	O Curso de Ciências Biológicas da UFGD – FCBA foi implantado em 1991 e reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em 1996, segundo Parecer 15496/96 (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016).
Objetivos do Curso	O Curso de Ciências Biológicas tem como objetivo garantir aos licenciados uma formação profissional sólida e ampla, baseada numa integração das diversas áreas da Biologia, com conhecimento, competências, habilidades e posturas que permitam ao professor aqui formado atuação efetiva no ensino, na pesquisa e na extensão de todas as áreas da Biologia. Espera-se ainda, desenvolver raciocínio científico e espírito crítico formando cidadãos cômicos de suas responsabilidades e deveres, focados na manutenção e preservação da biodiversidade como patrimônio da humanidade, buscando inovações conceituais e metodológicas, de acordo com valores e princípios éticos que privilegiam as suas responsabilidades perante a comunidade e o meio em que vive (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016).
Perfil do Egresso	Possuir uma formação ampla e sólida, com adequada fundamentação teórico-prática que inclua o conhecimento do padrão da diversidade dos seres vivos, da sua organização em diferentes níveis, das suas relações filogenéticas e evolutivas, suas respectivas distribuições e relações com o ambiente em que vivem; Atuar, buscando a melhoria da qualidade de vida humana e a preservação da biodiversidade; comprometido com os resultados da sua atuação, pautando sua conduta profissional com por critérios humanísticos, rigor científico e referenciais éticos legais; Atuar em instituições educativas, de educação formal e não-formal, tanto no âmbito do ensino, como professor da educação básica, quanto em outras dimensões do trabalho educacional. Faz parte dessa formação profissional a experiência investigativa bem como de reflexão acerca de aspectos políticos, sociais e culturais da ação educativa (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Possibilitar o desenvolvimento cognitivo/intelectual para a produção de conhecimento que permita ao acadêmico/licenciando interpretar, analisar e selecionar informações, realizar experimentos e projetos de pesquisa; estimular atitudes que socializem o conhecimento produzido tanto pelo corpo docente como discente; estimular atividades complementares e/ou extracurriculares com iniciação científica, monitoria, atividades extensionistas, estágios, disciplinas optativas entre outras e análise permanente do currículo com vistas a efetuação de modificações pertinentes (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016).

Fonte: (PPC LIC C BIOLÓGICAS, 2016)

Quadro 22: Entrevista com o coordenador do curso de Ciências Biológicas

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	O coordenador relatou que seus filhos estudam no SESI, e a disciplina de empreendedorismo é ministrada desde os primeiros anos de escola. Percebe que é uma disciplina que estimula a proatividade, criatividade em termos de pensar serviços e novas propostas para sociedade.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Participou na estruturação de um cursinho pré-vestibular. Relatou que foi uma atividade bastante trabalhosa em relação a atividades como propaganda, organização de professores e pagamento de salários.

Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não é ministrada disciplina de empreendedorismo para a Licenciatura. Existem disciplinas que abordam tópicos como gestão escolar que podem, indiretamente, trazer o tema para conhecimento do aluno. Nas disciplinas de Gestão Escolar e Estágio Supervisionado há uma abordagem superficial, especificamente o que tange a abertura e criação de escolas particulares.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Projeto para um congresso a realizar-se no ano de 2019, “Biólogo como Empreendedor”, organizado pela FCBA/UFGD.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Acredita que o aluno se veja como alguém que é capaz de desenvolver um projeto próprio que tenha relação com sua formação de nível superior.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Estágio obrigatório em escolas públicas ou particulares e estágio não obrigatórios em empresas.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Existe um projeto, inicialmente como metodologia de trabalho para formação de professores na rede municipal e estadual, que atual a UFGD implantou como uma estratégia de formação continuada para professores universitários. Atualmente o projeto é coordenado pela PROGRAD que acontece anualmente.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

4. FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA

CURSO DE FÍSICA – LICENCIATURA

Quadro 23: Características do Curso de Licenciatura em Física – PPC

Criação	Resolução COUNI nº 70 de 28/06/2013 e resolução COUNI Nº 113 de 26/07/2013 (PPC LIC FÍSICA, 2017).
Objetivos do Curso	Considerando as orientações do MEC para a formação de professores de Física, são objetivos da Licenciatura em Física da UFGD formar profissional (a) capacitado a atuar na Educação Básica, em ensino, pesquisa e extensão educacional; (b) que possa ocupar-se com a formação e disseminação do saber da Física em diferentes instâncias sociais, na educação formal ou por meio da educação informal, em museus de ciência ou afins, além de poder coordenar atividades de divulgação e popularização da Física; (c) que seja capaz de planejar, confeccionar e aplicar diferentes materiais didáticos para ensino-aprendizagem da Física e (d) que a partir de suas atividades de ensino, contribua para melhoria da qualidade de vida de seus alunos e, conseqüentemente, para o exercício crítico da cidadania (PPC LIC FÍSICA, 2017).
Perfil do Egresso	Domínio do conhecimento da Física, tendo tanto a visão global em suas grandes áreas, como o aprofundamento necessário ao ensino das especificidades das mesmas, estando bem alicerçado sobre sua estrutura, com bases matemáticas, éticas e pedagógicas sólidas, adequando-os às necessidades dos alunos; Valorize o aspecto experimental da Física; Adote estratégias de ensino diversificadas que explorem menos a memorização e privilegiem o raciocínio; Adote estratégias de avaliação

	diversificadas atendendo a múltiplas formas de expressão do conhecimento; Considere, na formação dos alunos da educação básica, suas características socioculturais e psicopedagógicas; Seja capaz de sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente; Mantenha atualizado seus conhecimentos sobre legislação e a atuação profissional; Promova o ensino da ciência com estímulo à autonomia intelectual do aluno, valorizando a expressão de suas ideias, de seus saberes não científicos, tratando-os como ponto de partida para o entendimento dos saberes científicos; Propicie aprendizagens significativas ancoradas em saberes, conhecimentos e habilidades anteriores dos estudantes; Tenha formação sólida nos princípios, métodos e técnicas da física, que estão na raiz da compreensão do nosso universo e das profundas mudanças tecnológicas do mundo contemporâneo; Promova o ensino e divulgação da Física nos diferentes níveis de aprendizado e instâncias sociais; Possua excelente formação na linguagem matemática (PPC LIC FÍSICA, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	O PPC do curso não faz referência a qualquer conhecimentos, habilidade e atitudes necessárias ao desempenho da licenciatura.

Fonte: (PPC LIC FÍSICA, 2017)

Quadro 24: Entrevista com o coordenador do curso de Licenciatura em Física

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita que é um tema válido, cada curso tem sua perspectiva própria sobre o assunto. Para alguns cursos o empreendedorismo é um tema central para outros mais periférico. De uma forma geral acredita que todos possam aproveitar aspectos sobre empreendedorismo dependendo de como for trabalhado com o aluno.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	O curso de Licenciatura em Física, basicamente, é destinado a formação de professores, devido a realidade local. O coordenador não vê como uma formação empreendedora no sentido de o egresso criar seu próprio modelo de negócio. Normalmente o profissional trabalha em instituições já estabelecidas (escolas, públicas ou privadas universidades e cursos preparatórios). O perfil do egresso não tem foco no empreendedorismo, contudo acredita que seria útil.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Não tem nenhuma ação prática. A Empresa Júnior não saiu do papel.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	É importante existir como opção (disciplina eletiva ou REUNE) para o aluno, mas não pode ser imposta.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Estágio obrigatório em escolas da rede pública ou privada. Com empresas fora do eixo da educação não existem convênios. Dourados não possui indústrias/empresas que exijam a necessidade de contratação de Físicos, a região demanda professores.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Projetos de extensão nos quais são ressaltados aspectos de inovação dentro das escolas públicas, procurando levar novos conhecimentos aos docentes para que aprimorem sua forma de trabalho.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE QUÍMICA – BACHARELADO

Quadro 25: Características do Curso de Bacharelado em Química - PPC

Criação	O Reconhecimento do curso de Bacharelado em Química se dá pela Portaria SESU/MEC nº. 622 de 17/03/2011 - D.O.U. Nº. 54 de 21/03/2011 p. 22 – reconhecimento prorrogado pela Portaria Normativa do MEC nº 40/2007, Art. 63 e § 8º do Art. 31 de 12/12/2007 – rep. no D.O.U nº 249 de 29/12/2010 (PPC QUÍMICA, 2016).
Objetivos do Curso	Formar químicos com conhecimento sólido nas diversas subáreas da Química, nas áreas básicas da Física, Matemática e Processos Tecnológicos e Industriais Químicos. Desenvolver uma visão geral e sistematizada sobre as diversas áreas de atuação do químico e da Química; Pesquisar, extrair resultados, analisar e elaborar conclusões para problemas específicos de Química; Desenvolver raciocínio lógico na resolução de problemas apresentados; Planejar e executar atividades de análise, vistoria, consultoria, pesquisa e desenvolvimento de métodos e produtos; Realizar trabalhos e projetos em equipe; Valorizar o exercício da cidadania cooperativa através de atividades de responsabilidade social; Desenvolver análise, avaliação, gerência, laboração de pareceres e relatórios e responsabilizar-se por laboratórios de controle de qualidade e produção (PPC QUÍMICA, 2016).
Perfil do Egresso	Possuir conhecimento sólido e abrangente na área de atuação, com domínio das técnicas básicas de utilização de laboratórios e equipamentos necessários para garantir a qualidade dos serviços prestados e para desenvolver e aplicar novas tecnologias, de modo a ajustar-se à dinâmica do mercado de trabalho. Possuir habilidade suficiente em Matemática para compreender conceitos de Química e de Física, para desenvolver formalismos que unifiquem fatos isolados e modelos quantitativos de previsão, com o objetivo de compreender modelos probabilísticos teóricos, e de organizar, descrever, arranjar e interpretar resultados experimentais, inclusive com auxílio de métodos computacionais. Possuir capacidade crítica para analisar de maneira conveniente os seus próprios conhecimentos; assimilar os novos conhecimentos científicos e/ou tecnológicos e refletir sobre o comportamento ético que a sociedade espera de sua atuação e de suas relações com o contexto cultural, socioeconômico e político. Saber trabalhar em equipe e ter uma boa compreensão das diversas etapas que compõem um processo industrial ou uma pesquisa , sendo capaz de planejar, coordenar, executar ou avaliar atividades relacionadas à Química ou a áreas correlatas. Ter interesse no auto-aperfeiçoamento contínuo, curiosidade e capacidade para estudos extra-curriculares individuais ou em grupo, espírito investigativo, criatividade e iniciativa na busca de soluções para questões individuais e coletivas relacionadas com a Química. Ter formação humanística que lhe permita exercer plenamente sua cidadania e, enquanto profissional, respeitar o direito à vida e ao bem-estar dos cidadãos (PPC QUÍMICA, 2016).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	As competências são divididas entre as áreas de formação pessoal, compreensão de Química, busca de informação, comunicação e expressão, trabalho de investigação científica e produção/controle de qualidade, aplicação do conhecimento de Química e a profissão. Possuir conhecimento sólido e abrangente na área de atuação, com domínio das técnicas básicas de utilização de laboratórios e equipamentos necessários para garantir a qualidade dos serviços prestados e para desenvolver e aplicar novas tecnologias, de modo a ajustar-se à dinâmica do mercado de trabalho. Saber trabalhar em equipe e ter uma boa

	<p>compreensão das diversas etapas que compõem um processo industrial ou uma pesquisa, sendo capaz de planejar, coordenar, executar ou avaliar atividades relacionadas à Química ou a áreas correlatas. Conhecer as propriedades físicas e químicas principais dos elementos e compostos químicos que possibilitem entender e prever o seu comportamento físico-químico e aspectos de reatividade, mecanismos e estabilidade. Saber investigar os processos naturais e tecnológicos, controlar variáveis, identificar regularidades, interpretar e proceder a previsões. Ter curiosidade intelectual e interesse pela investigação científica e tecnológica, de forma a utilizar o conhecimento científica e socialmente acumulado na produção de novos conhecimentos. Ter capacidade de vislumbrar possibilidades de ampliação do mercado de trabalho, no atendimento às necessidades da sociedade, desempenhando outras atividades para cujo sucesso uma sólida formação universitária seja um importante fator. Ser capaz de atender às exigências do mundo do trabalho, com visão ética e humanística, tendo capacidade de vislumbrar possibilidades de ampliação do mesmo, visando atender às necessidades atuais (PPC QUÍMICA, 2016).</p>
--	---

Fonte: (PPC QUÍMICA, 2016).

Quadro 26: Entrevista com o coordenador do curso de Bacharelado em Química

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Possui visão geral, não aprofundada. Desenvolvimento de novos produtos ou serviços a partir das necessidades da comunidade a qual está inserido.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Sempre dedicou-se a vida acadêmica (educação média e superior).
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Especificamente não, mas existem algumas disciplinas que fazem uma interface entre a indústria e a academia. Não possuem disciplinas com o intuito de desenvolver o aspecto do empreendedorismo no acadêmico.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Não. Durante o tempo que está na coordenação do curso ocorreu um minicurso em que o palestrante comentou algo sobre empreendedorismo. Destacou que o minicurso não era sobre empreendedorismo.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Acredita que uma disciplina de empreendedorismo no curso de Bacharelado em Química seria importante para o acadêmico, principalmente devido a realidade regional, onde há poucas indústrias químicas e mais necessidade de professores.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Estágios Obrigatório na Indústria. Convênios da UFGD para realizar estágios fora da universidade (indústria química, farmácia, indústria de controle ambiental).
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Alguns professores já desenvolveram produtos em processo de emissão de patentes depositados no INPI. Com relação aos acadêmicos acredita que não chegaram a criar produtos novos.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE MATEMÁTICA – LICENCIATURA

Quadro 27: Características do Curso de Licenciatura em Matemática - PPC

Criação	A formação do professor de matemática, no sul do Estado de Mato Grosso do Sul, iniciou-se em 1984 com a implantação da Habilitação em Matemática, proveniente do Curso de Licenciatura Curta em Ciências já
---------	---

	existente no Centro Universitário de Dourados. No ano de 1987, inicia-se a habilitação do professor no curso de Matemática -Licenciatura Plena (PPC LIC MATEMÁTICA, 2017).
Objetivos do Curso	Formar professores de Matemática para o mercado de trabalho, que tenham domínio de conteúdos matemáticos e atuem de forma competente na ação didática, fazendo o emprego de metodologias de ensino adequadas aos variados ambientes sócio-culturais, em consonância com a sociedade contemporânea inundada de novas tecnologias, a fim de promover uma educação integradora (PPC LIC MATEMÁTICA, 2017).
Perfil do Egresso	Desempenhar o papel social de educador e de agente de transformação social, capacitando-o a atuar de forma integrada com o educando nas diferentes realidades da educação brasileira e do Mato Grosso do Sul; Utilizar o ensino e a aprendizagem da Matemática como instrumento de integração social, inserindo o cidadão em uma sociedade cada vez mais complexa e informatizada; Superar os preconceitos e dificuldades a que o ensino de matemática está associado .
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Analisar, julgar e elaborar propostas curriculares e de ensino de Matemática da Educação Básica e adaptá-las segundo os parâmetros escolares federais, estaduais e municipais; Analisar, julgar e elaborar materiais didáticos adaptados aos variados contextos educacionais e condições de ensino incluindo o uso de novas tecnologias; Colaborar em projetos que atendam aos anseios coletivos e favoreçam o crescimento e o exercício da cidadania; Desenvolver projetos de ensino que resultem num aprendizado da matemática contextualizada e conceitual, em vez do emprego automático de regras e algoritmos; Inserir a prática docente no ensino da matemática como um ato educacional dinâmico, criativo e interativo com comunidade que favoreça a reflexão e adaptações continuadas de estratégias educacionais, gerando conhecimento a partir da prática; Resolver e formular problemas de natureza matemática da Educação Básica e exprimir as soluções utilizando-se de raciocínio matemático e adequado para cada nível do ensino; Utilizar, julgar e adaptar o uso de novas tecnologias na resolução de problemas; Contextualizar e aplicar a Matemática com outras áreas do conhecimento e outras disciplinas; Exprimir-se, de modo geral, oralmente ou pela escrita, com clareza e precisão; A formação geral do Licenciado em Matemática deve favorecer o desenvolvimento de habilidades e competências de modo que possa; Trabalhar em equipes disciplinares, interdisciplinares e nas aplicações da matemática; Informar-se e aplicar novos conhecimentos e gerando conhecimento da prática profissional, bem como participar de programas de formação continuada; Realizar estudos em nível de pós-graduação.

Fonte: (PPC LIC MATEMÁTICA, 2017)

Quadro 28: Entrevista com o coordenador do curso de Licenciatura em Matemática

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita que seja fundamental a disseminação desse tema dentro da academia, principalmente para preparação do acadêmico para o mercado de trabalho.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Dentro da universidade não teve experiências com empreendedorismo. Trabalhou na área de vendas, utilizava de meios e técnicas, inclusive a matemática, para otimizar o tempo e maximizar resultados.

Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Atualmente não. Procura realizar trabalhos que podem abordar o tema, contudo sempre voltados a matemática (pura ou computacional). A falta de relacionamento com outras faculdades poderia suprir essa lacuna.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Seria importante. Mas o curso, por ser uma licenciatura, possui limitações legais para implantação de determinadas disciplinas na grade curricular.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Estágios obrigatório (escolas privadas e públicas) para conclusão do curso.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Produtos relevantes não. Os laboratórios da UFGD são voltados principalmente para educação.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO – BACHARELADO

Quadro 29: Características do Curso de Sistemas de Informação - PPC

Criação	Em 2007 foi implantando o curso de Bacharelado em Sistemas de Informação pertencente à Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia. Sua implantação se deu a partir da reformulação do curso de Análise de Sistemas, criado em 1996 (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).
Objetivos do Curso	Formar Bacharéis em Sistemas de Informação para atuarem no desenvolvimento de produtos, aplicações e serviços em qualquer área da Computação e da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), atendendo a demanda de indústrias, empresas, grupos financeiros, centros de pesquisa e desenvolvimento, universidades, estabelecimentos de ensino e do setor de serviços públicos (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).
Perfil do Egresso	Saber identificar problemas que têm uma solução algorítmica; Ser reflexivos na construção de sistemas de computação por entender que eles atingem direta ou indiretamente as pessoas; Entender o contexto social no qual a Computação é praticada, bem como os efeitos dos projetos de Computação na Sociedade; Considerar os aspectos econômicos, financeiros, de gestão e de qualidade, associados a novos produtos e organizações; Considerar fundamental a inovação e a criatividade e entendam de perspectivas de negócios e oportunidades relevantes (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Identificar problemas que têm uma solução algorítmica; Conhecer os limites da computação; Resolver problemas usando um ambiente de programação; Tomar decisões e inovar, com base no conhecimento do funcionamento e das características técnicas de hardware e da infraestrutura de software dos sistemas de computação consciente dos aspectos éticos, legais e dos impactos ambientais decorrentes; Compreender e explicar as dimensões quantitativas de um problema; Gerir a sua própria aprendizagem e desenvolvimento, incluindo a gestão de tempo e competências organizacionais; Preparar e apresentar seus trabalhos e problemas técnicos e suas soluções para audiências diversas, em formatos apropriados (oral e escrito); Avaliar criticamente projetos

	de sistemas de computação; Adequar-se rapidamente às mudanças tecnológicas e aos novos ambientes de trabalho; Ler textos técnicos na língua inglesa; Empreender e exercer liderança, coordenação e supervisão na sua área de atuação profissional; Ser capaz de realizar trabalhos cooperativo e entender a força que dele pode ser derivada (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).
--	--

Fonte: (PPC SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 2017).

Quadro 30: Entrevista com o coordenador do curso de Sistemas de Informação

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita que o empreendedorismo, atualmente, é muito importante. Considera que o brasileiro, de forma geral, precisa ousar mais, principalmente na área do empreendedorismo.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não tem experiência voltada para o mercado. Sempre se dedicou a carreira acadêmica.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Possui apenas uma disciplina de empreendedorismo especificamente. Contudo o curso também possui uma disciplina de introdução a administração.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Semanas acadêmicas basicamente. A coordenação procura trazer profissionais que atuam no mercado (autônomos ou donos de empresas – startups) que relatam sua trajetória profissional. Os profissionais convidados procuram descrever como criar um modelo de negócio, montar uma empresa, conseguir investimento, entre outros. A coordenação está incentivando os acadêmicos a criarem uma empresa júnior dentro da FACET.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Sim. Acredita que falta flexibilidade dentro da universidade para o acadêmico poder cursar disciplinas afetas ao seu perfil profissional prejudicam a atitude empreendedora. O curso procura focar em três áreas básicas na formação do profissional; 1 – Ciências da Computação, 2 – Matemática, e 3 – Gestão (Administração).
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Os acadêmicos conseguem facilmente estágio dentre das empresas. O coordenador acredita que faltam ações de parcerias entre empresas e a universidade. Relatou, como exemplo de parceria, a experiência de parceria da UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Campinas); a empresa fornecia recursos (financeiros ou materiais) e a universidade, em contrapartida, ministrava cursos de especialização para os profissionais da empresa parceira.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não há casos de patente. Os acadêmicos têm desenvolvidos nos aplicativos, inclusive um aplicativo de controle de frequência. O coordenador está auxiliando um aluno na criação de uma empresa que trabalha com automatização de processos.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO – BACHARELADO

Quadro 31: Características do Curso de Engenharia da Computação - PPC

Criação	O curso de Bacharelado em Engenharia de Computação foi implantado no ano de 2014 (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016).
Objetivos do Curso	O curso de Engenharia de Computação tem como objetivo a formação de profissionais para atuar em processos de automação, integrando aspectos relacionados ao desenvolvimento e gerência de projetos de hardware e software (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016; UFGD, 2018).

Perfil do Egresso	Possuir sólida formação em Ciência da Computação, Matemática e Engenharia Elétrica visando o projeto de sistemas de computação, em particular, sistemas embarcados; Ser reflexivos na construção de sistemas de computação por entender que eles atingem direta ou indiretamente as pessoas; Entender o contexto social no qual a Engenharia é praticada, bem como os efeitos dos projetos de Engenharia na Sociedade; Considerar os aspectos econômicos, financeiros, de gestão e de qualidade, associados a novos produtos e organizações; Considerar fundamental a inovação e a criatividade e entendam de perspectivas de negócios e oportunidades relevantes (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Identificar problemas que têm uma solução algorítmica; Conhecer os limites da computação; Resolver problemas usando um ambiente de programação; Tomar decisões e inovar, com base no conhecimento do funcionamento e das características técnicas de hardware e da infraestrutura de software dos sistemas de computação consciente dos aspectos éticos, legais e dos impactos ambientais decorrentes; Compreender e explicar as dimensões quantitativas de um problema; Gerir a sua própria aprendizagem e desenvolvimento, incluindo a gestão de tempo e competências organizacionais; Preparar e apresentar seus trabalhos e problemas técnicos e suas soluções para audiências diversas, em formatos apropriados (oral e escrito); avaliar criticamente projetos de sistemas de computação; Adequar-se rapidamente às mudanças tecnológicas e aos novos ambientes de trabalho; Ler textos técnicos na língua inglesa; Empreender e exercer liderança, coordenação e supervisão na sua área de atuação profissional ; Ser capaz de realizar trabalhos cooperativo e entender a força que dele pode ser derivada (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016).

Fonte: (PPC ENG COMPUTAÇÃO, 2016)

Quadro 32: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia da Computação

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Atualmente é importante e fundamental trabalhar esse viés no acadêmico. No curso ainda estão iniciando o processo de educação empreendedora.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não. Durante a graduação fez estágio dentro de uma fundação da Unesp, trabalhando com controle financeiro dos cursos de pós-graduação. Depois dedicou-se exclusivamente a carreira acadêmica.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Existe a disciplina de empreendedorismo no último semestre do curso. É necessário que a disciplina de empreendedorismo seja antecipada, desta maneira os conhecimentos adquiridos seriam melhor aproveitados em outras disciplina (desenvolvimento de projetos).
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Atualmente resume-se a semana acadêmica. Durante a realização o coordenador procurou trazer profissionais e até acadêmicos que trabalham na área para discorrer sobre temas como trabalho home-office e startups. Afirmou que é possível durante o semestre, não só na semana acadêmica, ter mais ações voltadas ao empreendedorismo.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso	Sim. Considerando que é uma área muito fértil no sentido de criação de startups, a computação permeia as outras áreas. Entende que a disciplina de empreendedorismo proporciona ao egresso o entendimento que a engenharia de computação pode ser utilizada em outras áreas do conhecimento, por exemplo, na criação de startups que atendam o perfil empreendedor.

Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Não existem projetos de colaboração ou cooperação. O único tipo de cooperação que existe hoje é em relação a estágio. Tem interesse em realizar parcerias com empresas locais.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não sabe precisar. Acredita que o curso tenha um grande potencial para criação de novos produtos.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

5. FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CURSO DE DIREITO – BACHARELADO

Quadro 33: Características do Curso de Direito – PPC

Criação	O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE), através da Resolução nº 93, de 28.07.1999; o Conselho Diretor (CD), através da Resolução nº 52, de 28.07.1999 e o COUNI, através da Resolução nº 77, de 21 de dezembro de 1999, pronunciaram-se favoráveis à criação do Curso de Direito, a partir de 1999, na cidade de Dourados.
Objetivos do Curso	Formar bacharéis em Direito com visão atualizada de mundo e, em particular, com consciência dos problemas locais e nacionais, bem como competência técnico-jurídica para a busca de soluções. Em síntese, bacharéis aptos a se inserirem em setores profissionais com espírito crítico-reflexivo, atuando como operadores e formadores de opinião. Formar o profissional com conhecimentos humanísticos, técnico-jurídicos e práticos, indispensáveis à adequada compreensão interdisciplinar do fenômeno jurídico e das realidades e relações sociais nas quais o Direito encontra-se inserido. Em síntese, formar bacharéis aptos à advocacia e também aptos para o exercício de funções públicas, tais como as carreiras da Advocacia de Estado, da Defensoria Pública, do Ministério Público e da Magistratura, além do Magistério Superior e da Pesquisa Jurídica no âmbito acadêmico. Formar profissionais para atuar na formulação e na implementação de políticas públicas, inclusive em instituições governamentais que demandem conhecimento dos processos sociais, do funcionamento da estrutura estatal, e de como essa estrutura pode interagir dinamicamente com a sociedade na execução de projetos que visem o interesse público. Formar profissionais para atuação social no Terceiro Setor, prestando assessoria jurídica para Organizações Não-Governamentais (ONGs), fundações, associações civis, cooperativas e movimentos sociais. Despertar o senso ético profissional, associando a responsabilidade social com a compreensão da causalidade e finalidade das normas jurídicas, e definindo sempre como meta as razões mais nobres de toda caminhada profissional: o reconhecimento e o respeito das diferenças ou das diversidades em meio à busca pela erradicação das desigualdades sociais.
Perfil do Egresso	a) Formação integral, humanística, técnico-jurídica e prática, indispensável à adequada compreensão interdisciplinar do fenômeno jurídico e das transformações sociais. b) Capacidade de fazer a síntese dialética entre a teoria e a prática. c) Senso ético profissional, agregando responsabilidade social, compreensão da causalidade e da finalidade das

	<p>normas jurídicas, e visão-de-mundo ampla o bastante para articular tudo isto na busca de uma sociedade melhor, mais integrada e mais inclusiva. d) Capacidade de entender os grandes mecanismos que regem o funcionamento da sociedade. e) Capacidade de compreender a política e de fazer política, no sentido mais abrangente da palavra. f) Formação argumentativa, própria das pessoas que sabem que a linguagem é o cimento das interações sociais, e que a rede de significados que constrói e que é construída na esfera jurídico-política passa pelos níveis do Texto e do Discurso. g) Visão histórica e sociológica do ordenamento jurídico. h) Capacidade de entender, de interagir, e de operacionalizar a dupla dimensão do saber jurídico, na sua vertente Zetética e na sua vertente Dogmática. i) Capacidade de apreensão, transmissão e produção crítica do Direito, aliada ao raciocínio lógico. j) Consciência da necessidade de permanente atualização. k) Capacidade de equacionar problemas e buscar soluções harmônicas em conformidade com as exigências sociais. l) Capacidade de desenvolver formas extrajudiciais de prevenção e solução de conflitos individuais e coletivos. m) Visão atualizada de mundo e, em particular, consciência dos problemas de seu tempo e de seu espaço</p>
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	<p>a) Leitura, compreensão e elaboração de textos, atos e documentos jurídicos ou normativos, com a devida utilização das normas técnico-jurídicas. b) Interpretação e aplicação do Direito. c) Pesquisa e utilização da legislação, da jurisprudência, da doutrina e de outras fontes do Direito. d) Adequada atuação técnico-jurídica, em diferentes instâncias, administrativas ou judiciais, com a devida utilização de processos, atos e procedimentos. e) Correta utilização da terminologia jurídica ou da Ciência do Direito. f) Utilização de raciocínio jurídico, de argumentação e de reflexão crítica. g) Julgamento e tomada de decisões. h) Domínio de tecnologias e métodos para permanente compreensão e aplicação do Direito. i) Compreensão e reflexão críticas quanto à necessidade de interpretar e de aplicar os instrumentos técnicos do Direito no diálogo com os demais conhecimentos teóricos científicos.</p>

Fonte: (PPC DIREITO, 2017)

Quadro 34: Entrevista com o coordenador do curso de Direito

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	O coordenador do curso é favorável ao tema empreendedorismo, ressalta que com a mudança do viés nas políticas públicas muitos acadêmicos do Direito idealizam ter seu próprio negócio.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Sim, foi proprietário de uma franquia (LFG) preparatória para concursos.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não. Apenas de forma pontual dentro de algumas disciplinas como Direito Empresarial.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Não. Acredita que dentro do curso de Direito não seja possível inserir a disciplina de empreendedorismo dentro da grade curricular.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Sim, seria interessante. Contudo não há espaço na grade curricular.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Projetos para estágio dos acadêmicos. Núcleo de Assistência Jurídica, parcerias com escritórios privados de Direito além de parcerias com o Tribunal de Justiça.

Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não.
--	------

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – BACHARELADO

Quadro 35: Características do Curso de Relações Internacionais – PPC

Criação	O curso de Relações Internacionais da UFGD, criado em 2009, e reconhecido pela Portaria MEC/SERES nº 705, de 18 de Dezembro de 2013 - DOU de 19/12/2013 (PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017).
Objetivos do Curso	Formar profissionais capacitados a refletir, analisar e executar ações e políticas que articulem as expressões internas e externas das questões contemporâneas da agenda das relações interestatais, internacionais, transnacionais e supranacionais. O objetivo principal do curso, assim, é a construção de competências que capacitem os especialistas em Relações Internacionais a atuar em diferentes campos de atividade no contexto da cooperação interestatal, regional, transnacional e supranacional, tal como para realizar diversas funções em instituições e entidades de diferentes naturezas (PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017).
Perfil do Egresso	o bacharel em Relações Internacionais possui um amplo universo de atuação que se encontra em franca expansão. Provendo uma formação densa e interdisciplinar, o curso de Relações Internacionais da UFGD visa formar profissionais habilitados a atuar em âmbitos locais, regionais, nacionais, internacionais e transnacionais, em esferas privadas ou públicas. Por meio de uma formação generalista, espera-se que o egresso de Relações Internacionais seja dotado de capacidade de adaptação e articulação de diferentes conhecimentos e funções, de apreensão analítica e de potencial para atuação crítica e negociação propositiva diante de fenômenos complexos (PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Domínio da norma culta da língua portuguesa e da escrita técnico-científica; Domínio de métodos de pesquisa científica; Interpretação histórica de fontes documentais; Comparação entre sociedades e países nos seus mais variados aspectos (econômicos, culturais, sociais, políticos etc.); Prospecção de cenários futuros a partir da análise de dados; Comunicação oral e escrita clara e eficaz; Capacidade de negociação, flexibilidade e adaptabilidade às distintas situações; Trabalho em equipe, manejando conflitos e interesses; Desconstrução de estereótipos, preconceitos e estigmas que legitimam determinadas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais; Transitar de modo construtivo entre os diferentes campos disciplinares que conformam a área de Relações Internacionais. Formulação de análises de conjuntura política, social e macroeconômica; Proposição de alternativas aos problemas e desafios da política global; Acompanhamento de negociações, acordos internacionais e legislação nacional internacional, especialmente relativos a cooperação, direitos humanos, desenvolvimento e comércio exterior; Análise de textos de direito internacional e compreensão de sua base jurídica em tratados, contratos, declarações, convenções, organizações internacionais e regimes internacionais; Assessoria a

	ONGs, OSCIPs, sindicatos, fundações, cooperativas, partidos e outras entidades não governamentais que atuem no campo internacional e transnacional; Preparação e apresentação de portfólios institucionais em reuniões e feiras de negócios; Assessoria a instâncias municipais, estaduais, nacionais e regionais para atuação nos mais diversos campos internacionais; Planejamento, execução e avaliação de projetos e atividades de alcance internacional como servidor civil internacional em organismos intergovernamentais; Planejamento, execução e avaliação de projetos e atividades como servidor público nacional; Elaboração de planos de negócios e planejamento estratégico institucional e empresarial para abertura de novos mercados e oportunidades; Elaboração de projetos de captação de recursos junto a instâncias nacionais e internacionais públicas e privadas; Desenvolvimento de parcerias para celebrar acordos de cooperação técnica internacional; Realização de atividades de pesquisa científica; Avaliação e negociação de processos de mediação e resolução de conflitos regionais e internacionais (PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017).
--	--

Fonte: (PPC RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2017)

Quadro 36: Entrevista com o coordenador do curso de Relações Internacionais

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	É uma discussão que mais tem ganhado espaço, principalmente quanto ao perfil do acadêmico que está concluindo o curso. O tema possui a característica marcante da transversalidade, proatividade, iniciativa, engajamento em termos de negócios e também do ponto de vista social.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não. Dedicou-se a área acadêmica. Durante a realização do curso técnico de ensino médio teve contato com algumas disciplinas ligadas a gestão de negócios e empreendedorismo.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Existe uma disciplina chamada “fundamentos de administração e comércio exterior”, inclusive na ementa um dos tópicos tratados é o de empreendedorismo. O objetivo principal da disciplina é proporcionar ao aluno a visão de alguns instrumentos básicos de administração na área do comércio exterior. Outra disciplina “elaboração e análise de projetos”, também trabalha a perspectiva de construção de projetos de captação de recursos e de viabilidade de atividades.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Empresa Júnior com projetos próprios e grande autonomia. Estão criando uma parceria com o Centro Internacional de Negócios da FIEMS (Campo Grande). Para tanto a FIEMS elaborará um curso direcionado a necessidades dos acadêmicos de RI. Tentou também aproximação com o SEBRAE de Dourados, contudo não possui uma área de comércio internacional.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Sim. O curso já teve na grade curricular a disciplina de empreendedorismo, mas foi substituída pela disciplina de fundamentos de administração e comércio exterior. A substituição ocorreu por motivos pedagógicos, a coordenação entendeu que havia necessidade de o acadêmico se familiarizar, primeiramente, com temas referentes a administração e gestão de negócios para posteriormente ser introduzido o tema empreendedorismo.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Os projetos são mais ligados a Empresa Júnior. Mencionou a GDTEC, mas ressaltou que a incubadora da UFGD foca mais nos cursos da Faculdade de Engenharia e no curso de Administração.

Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	O curso realizou dois modelos de simulação de organizações internacionais, abordou o processo de construção de uma organização internacional, conferências, delegações e etc. Procura fazer representação de empresas/setores em feiras internacionais.
--	--

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

6. FACULDADE DE ENGENHARIA

CURSO DE ENGENHARIA DE ENERGIA – BACHARELADO

Quadro 37: Características do Curso de Engenharia de Energia - PPC

Criação	O curso foi criado em 2008, com início de funcionamento no ano de 2009 (PPC ENG ENERGIA, 2017).
Objetivos do Curso	Formar profissionais que dominem amplamente os conteúdos científicos e tecnológicos da área de Engenharia de Energia. Formação voltada para as questões ambientais, socioeconômicas e culturais, com sólida formação em ciências e suas relações com estas questões. Capacitar o bacharel para planejar, desenvolver, projetar, executar, gerenciar e avaliar sistemas energéticos de quaisquer naturezas. O profissional engenheiro deverá ter adquirido uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas para atender às demandas da sociedade com uma visão ética e humanística (PPC ENG ENERGIA, 2017).
Perfil do Egresso	Profissional com uma sólida base de Engenharia e visão interdisciplinar sobre energia, recursos energéticos e os impactos decorrentes da sua transformação e utilização, para atuarem no planejamento, implementação (envolvendo as etapas de desenvolvimento, projeto e execução), gerenciamento, transporte e armazenamento de sistemas energéticos, assegurando sustentabilidade econômica, social e ambiental; Bacharel que contempla em sua formação aspectos humanísticos voltados ao espírito empreendedor (PPC ENG ENERGIA, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Formular políticas públicas para o setor de energia; planejar e desenvolver sistemas de geração, transmissão e distribuição de energia; projetos de uso eficiente da energia nos setores primário, secundário e terciário (nestas incluídas usinas sucroalcooleiras); criar empresas de desenvolvimento de equipamentos para aproveitamento de energias alternativas; atuar no segmento de educação profissional; atender à demanda do setor de energia, na capacidade de compreensão dos diferentes sistemas de transformação de energia e nas melhores formas de exploração de recursos energéticos para aplicações industriais, comerciais e residenciais; desenvolver pesquisas e, num processo de formação continuada, prosseguir com estudos em nível de pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado e Doutorado) na área, que são algumas possibilidades de atuação profissional (PPC ENG ENERGIA, 2017).

Fonte: (PPC ENG ENERGIA, 2017).

Quadro 38: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia de Energia

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Na visão do coordenador o empreendedorismo deve existir, contudo devem ser respeitadas as individualidades das pessoas (existem pessoas com perfil empreendedor e outras não), isto é observável nos acadêmicos. Acredita que é um perfil extremamente importante para o curso.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Trabalhou como engenheiro de produção durante três anos, destacou que não se tratou de uma situação de empreendimento. Também trabalhou por sete anos na EMBRAER, neste período trabalhou mais ligado a área de inovação (projetos ligados a área de defesa e aviação executiva). Nos anos de 2010 a 2012, atuou junto a uma empresa Vale Soluções de Energia (inovação em energia) que tinha como principal objetivo aumentar a eficiência energética da VALE como um todo por meio do desenvolvimento de novos produtos energéticos.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Sim. O coordenador citou como exemplo as disciplinas de Novas Tecnologias para Transformação, Economia de Energia, Recursos Naturais, Análise de Viabilidade de Empreendimentos, Pesquisa Operacional, Tecnologia para Transformação de Biomassa e Planejamento Energético que abordam de alguma forma o tema empreendedorismo.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	O coordenador salientou que, especificamente, o curso de Engenharia de Energia está falhando em relação a ações para estimular o empreendedorismo entre os acadêmicos. Está planejando a criação da semana acadêmica, mas procura realizar palestras ou realiza visitas técnicas, contatos com veteranos. Formalmente a coordenação não possui controle sobre as atividades desenvolvidas pelos egressos, mas acredita que é um fato importante, informalmente mantém contato com alguns egressos.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Sim.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Existe um projeto em parceria com a Unicamp, Gerdau e o curso de Engenharia de Energia.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Participou de um projeto junto com a Engenharia de Produção que foi objeto de patente (máquina de descascadora de coco de macaúba). Existe outro projeto, do curso de Engenharia de Energia que desenvolve combustível a partir do crambe (crambe abyssinica) e da bocaiúva (Acrocomia aculeata).

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE ENGENHARIA CIVIL – BACHARELADO

Quadro 39: Características do Curso de Engenharia Civil - PPC

Criação	Resolução COUNI/UFGD nº 43 de 02/05/2013 (PPC ENG CIVIL, 2017).
Objetivos do Curso	O objetivo geral do curso é formar profissionais capazes de atender às diferentes demandas pertinentes à área, com uma visão crítica, criativa e inovadora, através de uma sólida formação. Para cumprir sua finalidade, o curso empenha-se em imprimir e manter um nível de qualidade à atividade formadora, tendo como meta alcançar a excelência em nível nacional na formação de profissionais em Engenharia Civil. Em relação aos objetivos específicos, o curso se propõe desenvolver habilidades e

	competências de forma que o egresso seja capaz de planejar, desenvolver, projetar, executar, gerenciar e avaliar, considerando os aspectos políticos econômicos e sociais para o desenvolvimento sustentável da região e do país (PPC ENG CIVIL, 2017).
Perfil do Egresso	Profissionais com conhecimentos gerais em Engenharia Civil, com alternativa de aprofundamento em áreas específicas, a saber: construção civil, transportes, sistemas estruturais, geotecnia e hidrotecnia. O currículo do curso é composto de forma a permitir o profissional a desenvolver espírito crítico para tomada de decisões e exercer a engenharia tanto em funções de execução, como de consultoria e projeto. O perfil profissional do Engenheiro Civil formado pela UFGD pressupõe uma sólida formação técnico científica e profissional geral que o capacite a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade (PPC ENG CIVIL, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Aplicar conhecimentos matemáticos, científicos, tecnológicos e instrumentais à engenharia; projetar e conduzir experimentos e interpretar resultados; conceber, projetar e analisar sistemas, produtos e processos; planejar, supervisionar, elaborar e coordenar projetos e serviços de engenharia; identificar, formular e resolver problemas de engenharia; desenvolver e/ou utilizar novas ferramentas e técnicas; supervisionar a operação e a manutenção de sistemas; avaliar criticamente a operação e a manutenção de sistemas; comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica; atuar em equipes multidisciplinares; compreender e aplicar a ética e responsabilidade profissionais; avaliar o impacto das atividades da engenharia no contexto social e ambiental; avaliar a viabilidade econômica de projetos de engenharia; assumir a postura de permanente busca de atualização profissional (PPC ENG CIVIL, 2017)

Fonte: (PPC ENG CIVIL, 2017).

Quadro 40: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia Civil

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	É um tema importante também dentro da engenharia. Tenta-se, em algumas disciplinas do curso, estimular uma visão empreendedora por parte do aluno. Existe a preocupação da coordenação com a atuação profissional do egresso, contudo ressaltou que dentro do curso o tema empreendedorismo vem sendo preterido.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não. Procura abordar o tema em disciplinas como Introdução a Economia, Administração da Construção Civil e Análise e Viabilidade para Empreendimentos. Também incentivam os acadêmicos a cursarem disciplinas eletivas no curso de Administração (Gestão de Projetos, Empreendedorismo).
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Não existem.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Sim, para despertar a característica empreendedora em pelo menos alguns acadêmicos.

Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Possuem diversos projetos de colaboração na área do estágio obrigatório, contudo não possui parcerias voltadas ao empreendedorismo.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Alguns produtos como concreto com cinza, concreto com vidro e monitoramento de solo. Relatou que a deficiência de laboratórios contribui para o baixo índice de produtos novos desenvolvidos pelos acadêmicos/professores.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS – BACHARELADO

Quadro 41: Características do Curso de Engenharia de Alimentos – PPC

Criação	O curso de Engenharia de Alimentos foi implantado juntamente com a criação da UFGD, no segundo semestre de 2006, através do concurso de vestibular de inverno (PPC ENG ALIMENTOS, 2017).
Objetivos do Curso	Formar um profissional que domine amplamente os conteúdos científicos e tecnológicos da área de Engenharia de Alimentos e, ao mesmo tempo, que esteja voltado para as questões ambientais e socioeconômicas, com sólida formação matemática, tecnológica, econômica e social, a fim de capacitá-lo para analisar, avaliar, projetar, otimizar e gerenciar recursos nas empresas do setor de alimentos e de bebidas (PPC ENG ALIMENTOS, 2017).
Perfil do Egresso	O Engenheiro de Alimentos terá capacidade criativa e crítica, habilidade de gerar tecnologia e condições para elaborar estudos e projetos relativos a instalações industriais, linhas de processamento, equipamentos e processos tecnológicos para a industrialização das matérias-primas alimentícias de origens vegetal e animal. Deve estar apto a participar da direção e fiscalização das instalações fabris, encarregar-se das atividades de transformação, preservação, armazenamento, transporte e comercialização de produtos alimentícios e seus derivados, estar comprometido com os interesses sociais da comunidade e prezar pela harmonia permanente entre o ser humano e a natureza (PPC ENG ALIMENTOS, 2017).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Pautar-se por princípios de ética democrática: responsabilidade social e ambiental, direito à vida, justiça, respeito mútuo, participação, diálogo e solidariedade. Atuar em pesquisa básica e aplicada na área de Engenharia de Alimentos, comprometendo-se com a divulgação dos resultados das pesquisas em veículos adequados para ampliar a difusão do conhecimento. Portar-se como cidadão-educador, consciente de seu papel na formação de cidadãos, inclusive na perspectiva socioambiental. Estabelecer relações entre ciência, tecnologia e engenharia. Aplicar a metodologia científica para o planejamento, gerenciamento e execução de processos e técnicas, visando o desenvolvimento de projetos, consultorias, emissão de laudos e pareceres relacionados à área. Utilizar os conhecimentos da engenharia de alimentos para compreender e transformar o contexto sócio-político e as relações nas quais está inserida a prática profissional, conhecendo a legislação pertinente. Desenvolver ações estratégicas capazes de ampliar e aperfeiçoar as formas de atuação profissional, preparando-se para a inserção no mercado de trabalho em contínua transformação. Orientar escolhas e decisões em valores e pressupostos metodológicos alinhados com a

	democracia, com respeito à diversidade étnica e cultural e à biodiversidade e desenvolvimento sustentável. Atuar, interagindo com diferentes especialidades e diversos profissionais, de modo a estar preparado à contínua mudança do mundo produtivo. Avaliar o impacto potencial ou real de novos conhecimentos/tecnologias/serviços e produtos resultantes da atividade profissional, considerando os aspectos éticos, sociais e epistemológicos. Comprometer-se com o desenvolvimento profissional constante, assumindo uma postura de flexibilidade para mudanças contínuas, esclarecido quanto às opções sindicais e corporativas, inerentes ao exercício profissional (PPC ENG ALIMENTOS, 2017).
--	---

Fonte: (PPC ENG ALIMENTOS, 2017).

Quadro 42: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia de Alimentos

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita que o curso de Eng. Alimentos tem condições de formar profissionais empreendedores. Um grande gargalo na área de alimentos é que grandes empresas não oportunizam ao formando formas de empreendedorismo, disponibilizam apenas emprego formal. Alguns acadêmicos trabalham com inovação e tecnologia para desenvolvimento de novos produtos no SENAI junto a pequenos produtores e pequenas empresas.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Tentou montar uma empresa, mas devido ao seu perfil não se adaptou a parte de vendas o que levou ao fechamento da firma.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Não possui a disciplina, contudo procura explorar a disciplina de empreendedorismo na semana acadêmica com palestras, seminários e cursos..
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Semanas acadêmicas com a participação de empreendedores, com cursos e palestras. Existe um projeto (Eng de Alimentos e Eng de Aquicultura) junto a incubadora da UFGD no intuito de estimular a criação de uma cooperativa de piscicultores da região de Dourados com o intuito de facilitar a comercialização dos produtos. Incentiva os acadêmicos a cursarem a disciplina de empreendedorismo na FACE ou na Eng. de Produção como eletiva.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Estratégica não, mas seria muito importante para o acadêmico.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Possui convênios para estágio com o SENAI e com a Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Dourados. Existe a necessidade de se implantar novos estágios na área de desenvolvimento de novos produtos.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Desenvolveu um produto novo “pirão instantâneo de peixe” em parceria com o SENAI e a empresa DONANA. Também existem outros produtos novos elaborados pelos acadêmicos/SENAI diretos solicitados pelas empresas.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO – BACHARELADO

Quadro 43: Características do Engenharia de Produção - PPC

Criação	O curso de Engenharia de Produção da UFGD foi criado pela Portaria MEC nº1.380/2006 (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017);
---------	---

Objetivos do Curso	<p>Os Engenheiros de Produção são profissionais aptos a projetar, implantar e gerenciar sistemas de produção, levando-se em consideração os aspectos econômicos, sociais e ambientais e a adequação às exigências do mercado e da sociedade.</p> <p>A formação de profissionais com sólida formação matemática, tecnológica, econômica e social de modo a capacitá-lo para analisar, avaliar, projetar, otimizar e gerenciar sistemas integrados por pessoas, materiais, equipamentos, financeiros e informações de forma competente, ética e socialmente responsável (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017).</p>
Perfil do Egresso	<p>o Engenheiro de Produção deve possuir uma compreensão amplificada sobre metodologias e técnicas atuais e futuras que potencializam o dimensionamento e a utilização de recursos, execução de diagnósticos, coordenação de equipes de trabalho e desenvolvimento de produtos e processos – esses pontos tornam a Engenharia de Produção uma das mais importantes modalidades de Engenharia para que as organizações de todos os setores econômicos sejam capazes de responder às atuais demandas de competitividade e desenvolvimento sustentável.</p> <p>O Engenheiro de Produção possui maior formação humanística e gerencial, pois a natureza do trabalho desse profissional envolve tanto o projeto completo de sistemas produtivos como a organização dos recursos empresariais (pessoas, capital, máquinas e equipamentos, instalações fabris, matérias-primas e insumos, tecnologias, necessidades de mercado, informações e conhecimentos), sempre com a perspectiva de integração organizacional, compreensão do ambiente externo e aumento da competitividade. Assim, naturalmente, o perfil profissional do Engenheiro de Produção contempla diversos aspectos importantes como iniciativa, criatividade, espírito de liderança, capacidade de adaptação às mudanças, novas funções e impactos tecnológicos, sólidos conhecimentos humanos, técnicos e gerenciais, compreensão acerca do cenário competitivo e do meio ambiente, mercado e análise econômico-financeira, dentre outros (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017).</p>
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	<p>Dimensionar e integrar recursos físicos, humanos e financeiros para produzir com eficiência e ao menor custo, considerando a possibilidade de melhorias contínuas; Utilizar ferramentas da matemática e estatística para modelar sistemas de produção e auxiliar na tomada de decisões; Projetar, implementar e aperfeiçoar sistemas, produtos e processos, levando-se em consideração os limites e as características das comunidades envolvidas; Prever e analisar demandas, selecionar conhecimento científico e tecnológico, projetando produtos ou melhorando suas características e funcionalidades; Incorporar conceitos e técnicas da Qualidade em todo o sistema produtivo, tanto nos seus aspectos tecnológicos quanto organizacionais, aprimorando produtos e processos, além de produzir normas e procedimentos de controle e auditoria; Prever a evolução dos cenários produtivos, percebendo a interação entre organizações e os impactos sobre a competitividade; Acompanhar os avanços tecnológicos, organizando-os e colocando-os a serviço da demanda das empresas e da sociedade; Compreender a inter-relação dos sistemas de produção com o meio ambiente, tanto no que se refere à utilização de recursos escassos quanto à disposição final de resíduos e rejeitos, atentando-se para a exigência de sustentabilidade; Utilizar indicadores de desempenho e sistemas de custeio, bem como realizar a viabilidade econômica e financeira de projetos; e Gerenciar e</p>

	otimizar o fluxo de informação nas empresas, utilizando tecnologias e ferramentas adequadas (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017).
--	---

Fonte: (PPC ENG PRODUÇÃO, 2017)

Quadro 44: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia de Produção

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita que existe um afastamento entre as empresas e universidades. Tem a percepção de que o ensino superior ainda é bastante voltado para educar o acadêmico para ser funcionário de uma determinada empresa. Existe uma barreira cultural para interação entre universidades e empresas.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não possui experiência como empreendedor. Sempre trabalhou como empregado de empresas antes da carreira acadêmica.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Após revisão do PPC do curso de Eng. de Produção foi inserida a disciplinas de 'Gerenciamento e viabilidade econômica de projetos' que procura estimular o viés empreendedor do acadêmico através da criação de projetos práticos junto a incubadora e a empresa júnior. Ainda existe a disciplina de 'Empreendedorismo e Inovação em Engenharia de Produção' cujo principal objetivo é criar a consciência cultural do empreendedorismo no aluno.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Inicialmente somente ocorriam as semanas acadêmicas, posteriormente o coordenador do curso incentivou os alunos de engenharia de produção formarem uma associação sem fins lucrativos, a qual é responsável por organizar eventos (minicursos, simpósios, palestras) com submissão de artigos e convidar palestrantes de outras universidades.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Nas palavras do coordenador a disciplina de empreendedorismo e inovação é fundamental para o curso de Engenharia de Produção, principalmente na mudança da cultura do acadêmico de ser formado para ser empregado de empresas ou poder ser empreendedor.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Basicamente parcerias para estágio dos alunos. Devido a novidade do curso a coordenação teve que se preocupar, primeiramente em divulgar entre as empresas (Biosev, Odebrecht Agroindustrial) da região de Dourados quais são as principais funções do Engenheiro de Produção. Existe a pretensão de se aprofundar cada vez as parcerias com empresas da região.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Não.

Fonte: entrevista/respostas ao questionário

CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA – BACHARELADO

Quadro 45: Características do Curso de Engenharia Mecânica – PPC

Criação	Criação do curso através da Resolução FAEN nº 84, de 27 de outubro de 2010, e no ano de 2012 foi aprovado o projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Mecânica, Resolução Nº 93 de 18 de Maio de 2012 (PPC ENG MECÂNICA, 2018),
Objetivos do Curso	Desenvolver o senso crítico e a conscientização dos estudantes em relação a qualidade do Curso de Engenharia de Mecânica da UFGD para reivindicarem e implementarem melhores condições de ensino e pesquisa; integração do aluno com pesquisadores de outras instituições

	para formação de parcerias e de grupos de pesquisas interinstitucionais a fim de melhorar sua qualificação técnico-científica e suas oportunidades no ingresso de programas de qualificação (pós-graduações, especializações, cursos técnicos) da área de conhecimento; promover o contato do estudante com regiões industrializadas ou com maiores ofertas de trabalho para ele obter maiores propostas de estágios e de emprego (PPC ENG MECÂNICA, 2018).
Perfil do Egresso	Formar profissionais com uma sólida base de Engenharia e visão ampla sobre os quatro setores de competência profissional, quais sejam: Mecânica Aplicada, Tecnologia Mecânica, Termodinâmica Aplicada e Fenômenos de Transporte. O engenheiro mecânico deve ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, que o habilite absorver e desenvolver novas tecnologias, identificar e resolver problemas, de forma criativa, ética, considerando os seus vários aspectos, especialmente os econômicos, sociais e ambientais. (PPC ENG MECÂNICA, 2018).
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	Não possui no PPC

Fonte: (PPC ENG MECÂNICA, 2018)

Quadro 46: Entrevista com o coordenador do curso de Engenharia Mecânica

Visão pessoal do coordenador sobre empreendedorismo	Acredita ser importante.
Experiências pessoal/profissional na área de empreendedorismo	Não.
Disciplinas que envolvem o empreendedorismo ministradas no curso	Existem algumas disciplinas de Projetos integrados que os professores procuram abordar o tema empreendedorismo. Especificamente na disciplina de Projetos Integrados de Mecânica dos Sólidos é ensinado como montar uma empresa, como obter capital entre outros. Também existe a disciplina de administração com enfoque no empreendedorismo.
Ações práticas voltadas ao empreendedorismo tomadas pela coordenação do curso	Semana acadêmica de Engenharia Mecânica e as parcerias de estágio obrigatório para formação do acadêmico e Empresa Júnior.
A disciplina de empreendedorismo é estratégica para o curso ?	Sim, existem diversas áreas nas quais os egressos podem atuar como empresas de consultoria, controle da qualidade, manutenção mecânica entre outras.
Projetos de colaboração/cooperação com empresas	Especificamente da Engenharia Mecânica não. Mas existe um projeto junto com a Engenharia de Energia em parceria com a Gerdau. Também diversas empresas procuram a universidade para parcerias.
Produtos, projetos ou serviços desenvolvidos pelos acadêmicos (juntamente com professores)	Existem alunos concluindo TCC de novos produtos que possam ser objeto de patente, contudo até agora não houve nenhuma patente na Engenharia Mecânica.

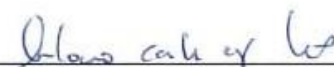
Fonte: entrevista/respostas ao questionário

APÊNDICE – C


TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO, que tem como pesquisador responsável Rui Ernesto Ribas Zanchet, aluno do Mestrado Profissional em Administração Pública da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, orientado pelo Professor Doutor Luan Carlos Santos Silva, os quais podem ser contatados pelo e-mail ruizanchet@gmail.com e luancarlos@ufgd.edu.br ou telefone (67) 99103-2355 e (67) 99215-5111, respectivamente.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD. Minha participação consistirá em participar da realização de Grupo Focal conduzido pelo pesquisador. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.



Nome e assinatura do participante



Local e data.

O GRUPO FOCAL

O Grupo Focal (GF) é uma técnica de investigação qualitativa que fornece ao aplicador/mediador uma gama de informações e as percepções dos participantes sobre o tema em discussão. É uma técnica de pesquisa utilizada para colher dados. Implica reunir um grupo de pessoas, homogêneo ou heterogêneo, com local e horário marcado, de forma que os convidados possam interagir uns com os outros e realizar trocas de experiências, de maneira que cada indivíduo possa expor sua visão sobre o assunto/tema em questão.

A PESQUISA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD e propor novas metodologias e/ou ferramentas que incentivem este viés educacional dentro da universidade.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas principalmente nas relações do trabalho, da produção e do consumo impulsionadas por diversos fatores, entre eles, a expansão da utilização das tecnologias da informação e comunicação (como a internet) impactaram a sociedade e passaram a exigir dos indivíduos novos conhecimentos, habilidades e qualificações profissionais para suprir esse novo mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e imprevisível. A introdução de disciplinas sobre empreendedorismo no âmbito acadêmico procura adequar o ensino universitário a esta nova realidade social.

O TEMA EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo “é o modo de pensar e agir de forma inovadora; identificando e criando oportunidades; inspirando, renovando liderando processo; tornando possível o impossível; entusiasmando pessoas, combatendo a rotina; assumindo riscos em favor do lucro” (SEBRAE, 2018)
Empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2016)
“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática” (DRUCKER, 1987)
As Universidades Empreendedoras possuem uma característica marcante, o incentivo a exploração comercial dos resultados da pesquisa realizada pelo seu corpo profissional e acadêmico (RENAULT, FONSECA, <i>et al.</i> , 2011).

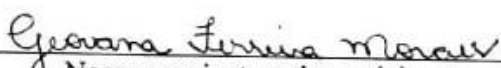
O QUESTIONÁRIO

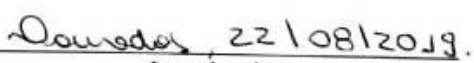
1. O que você entende sobre o tema empreendedorismo?
2. De que maneira você percebe o tema empreendedorismo para o indivíduo, para a universidade e para a sociedade?
3. Na sua visão, quais as principais barreiras que a universidade no Brasil enfrenta para ser empreendedora?
4. Por que existem essas barreiras e quais as formas de a universidade superar tais desafios, existem soluções?
5. De que forma a UFGD pode promover atividades que fomentem a intenção empreendedora dos acadêmicos dentro dos cursos de graduação?
6. Quais mecanismos de Ensino, Pesquisa e Extensão a UFGD pode utilizar para promover e ampliar a educação com viés empreendedor nos cursos de graduação?
7. Como criar mecanismos para promover a integração entre os cursos de graduação da universidade de maneira a estimular a atividade empreendedora universitária?
8. Algumas universidades brasileiras recebem resultados financeiros oriundos dos resultados de pesquisa, desta forma, quais metodologias podem ser utilizadas junto ao corpo docente e discente da UFGD de forma a incentivar a pesquisa acadêmica com viés empreendedor e/ou comercial?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO, que tem como pesquisador responsável Rui Ernesto Ribas Zanchet, aluno do Mestrado Profissional em Administração Pública da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, orientado pelo Professor Doutor Luan Carlos Santos Silva, os quais podem ser contatados pelo e-mail ruizanchet@gmail.com e luancarlos@ufgd.edu.br ou telefone (67) 99103-2355 e (67) 99215-5111, respectivamente.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD. Minha participação consistirá em participar da realização de Grupo Focal conduzido pelo pesquisador. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.


Nome e assinatura do participante


Local e data.

O GRUPO FOCAL

O Grupo Focal (GF) é uma técnica de investigação qualitativa que fornece ao aplicador/mediador uma gama de informações e as percepções dos participantes sobre o tema em discussão. É uma técnica de pesquisa utilizada para colher dados. Implica reunir um grupo de pessoas, homogêneo ou heterogêneo, com local e horário marcado, de forma que os convidados possam interagir uns com os outros e realizar trocas de experiências, de maneira que cada indivíduo possa expor sua visão sobre o assunto/tema em questão.

A PESQUISA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD e propor novas metodologias e/ou ferramentas que incentivem este viés educacional dentro da universidade.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas principalmente nas relações do trabalho, da produção e do consumo impulsionadas por diversos fatores, entre eles, a expansão da utilização das tecnologias da informação e comunicação (como a internet) impactaram a sociedade e passaram a exigir dos indivíduos novos conhecimentos, habilidades e qualificações profissionais para suprir esse novo mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e imprevisível. A introdução de disciplinas sobre empreendedorismo no âmbito acadêmico procura adequar o ensino universitário a esta nova realidade social.

O TEMA EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo “é o modo de pensar e agir de forma inovadora; identificando e criando oportunidades; inspirando, renovando liderando processo; tornando possível o impossível; entusiasmando pessoas, combatendo a rotina; assumindo riscos em favor do lucro” (SEBRAE, 2018)
Empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2016)
“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática” (DRUCKER, 1987)
As Universidades Empreendedoras possuem uma característica marcante, o incentivo a exploração comercial dos resultados da pesquisa realizada pelo seu corpo profissional e acadêmico (RENAULT, FONSECA, <i>et al.</i> , 2011).

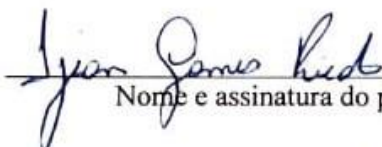
O QUESTIONÁRIO

1. O que você entende sobre o tema empreendedorismo?
2. De que maneira você percebe o tema empreendedorismo para o indivíduo, para a universidade e para a sociedade?
3. Na sua visão, quais as principais barreiras que a universidade no Brasil enfrenta para ser empreendedora?
4. Por que existem essas barreiras e quais as formas de a universidade superar tais desafios, existem soluções?
5. De que forma a UFGD pode promover atividades que fomentem a intenção empreendedora dos acadêmicos dentro dos cursos de graduação?
6. Quais mecanismos de Ensino, Pesquisa e Extensão a UFGD pode utilizar para promover e ampliar a educação com viés empreendedor nos cursos de graduação?
7. Como criar mecanismos para promover a integração entre os cursos de graduação da universidade de maneira a estimular a atividade empreendedora universitária?
8. Algumas universidades brasileiras recebem resultados financeiros oriundos dos resultados de pesquisa, desta forma, quais metodologias podem ser utilizadas junto ao corpo docente e discente da UFGD de forma a incentivar a pesquisa acadêmica com viés empreendedor e/ou comercial?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO, que tem como pesquisador responsável Rui Ernesto Ribas Zanchet, aluno do Mestrado Profissional em Administração Pública da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, orientado pelo Professor Doutor Luan Carlos Santos Silva, os quais podem ser contatados pelo e-mail ruizanchet@gmail.com e luancarlos@ufgd.edu.br ou telefone (67) 99103-2355 e (67) 99215-5111, respectivamente.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD. Minha participação consistirá em participar da realização de Grupo Focal conduzido pelo pesquisador. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.


Nome e assinatura do participante

Dourados/MS 10/08/19
Local e data.

O GRUPO FOCAL

O Grupo Focal (GF) é uma técnica de investigação qualitativa que fornece ao aplicador/mediador uma gama de informações e as percepções dos participantes sobre o tema em discussão. É uma técnica de pesquisa utilizada para colher dados. Implica reunir um grupo de pessoas, homogêneo ou heterogêneo, com local e horário marcado, de forma que os convidados possam interagir uns com os outros e realizar trocas de experiências, de maneira que cada indivíduo possa expor sua visão sobre o assunto/tema em questão.

A PESQUISA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD e propor novas metodologias e/ou ferramentas que incentivem este viés educacional dentro da universidade.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas principalmente nas relações do trabalho, da produção e do consumo impulsionadas por diversos fatores, entre eles, a expansão da utilização das tecnologias da informação e comunicação (como a internet) impactaram a sociedade e passaram a exigir dos indivíduos novos conhecimentos, habilidades e qualificações profissionais para suprir esse novo mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e imprevisível. A introdução de disciplinas sobre empreendedorismo no âmbito acadêmico procura adequar o ensino universitário a esta nova realidade social.

O TEMA EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo “é o modo de pensar e agir de forma inovadora; identificando e criando oportunidades; inspirando, renovando liderando processo; tornando possível o impossível; entusiasmando pessoas, combatendo a rotina; assumindo riscos em favor do lucro” (SEBRAE, 2018)
Empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2016)
“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática” (DRUCKER, 1987)
As Universidades Empreendedoras possuem uma característica marcante, o incentivo a exploração comercial dos resultados da pesquisa realizada pelo seu corpo profissional e acadêmico (RENAULT, FONSECA, <i>et al.</i> , 2011).

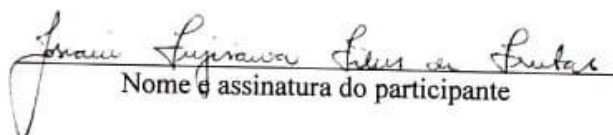
O QUESTIONÁRIO

1. O que você entende sobre o tema empreendedorismo?
2. De que maneira você percebe o tema empreendedorismo para o indivíduo, para a universidade e para a sociedade?
3. Na sua visão, quais as principais barreiras que a universidade no Brasil enfrenta para ser empreendedora?
4. Por que existem essas barreiras e quais as formas de a universidade superar tais desafios, existem soluções?
5. De que forma a UFGD pode promover atividades que fomentem a intenção empreendedora dos acadêmicos dentro dos cursos de graduação?
6. Quais mecanismos de Ensino, Pesquisa e Extensão a UFGD pode utilizar para promover e ampliar a educação com viés empreendedor nos cursos de graduação?
7. Como criar mecanismos para promover a integração entre os cursos de graduação da universidade de maneira a estimular a atividade empreendedora universitária?
8. Algumas universidades brasileiras recebem resultados financeiros oriundos dos resultados de pesquisa, desta forma, quais metodologias podem ser utilizadas junto ao corpo docente e discente da UFGD de forma a incentivar a pesquisa acadêmica com viés empreendedor e/ou comercial?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO, que tem como pesquisador responsável Rui Ernesto Ribas Zanchet, aluno do Mestrado Profissional em Administração Pública da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, orientado pelo Professor Doutor Luan Carlos Santos Silva, os quais podem ser contatados pelo e-mail ruizanchet@gmail.com e luancarlos@ufgd.edu.br ou telefone (67) 99103-2355 e (67) 99215-5111, respectivamente.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD. Minha participação consistirá em participar da realização de Grupo Focal conduzido pelo pesquisador. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.


Nome e assinatura do participante

Dourados, 22/08/19

Local e data.

O GRUPO FOCAL

O Grupo Focal (GF) é uma técnica de investigação qualitativa que fornece ao aplicador/mediador uma gama de informações e as percepções dos participantes sobre o tema em discussão. É uma técnica de pesquisa utilizada para colher dados. Implica reunir um grupo de pessoas, homogêneo ou heterogêneo, com local e horário marcado, de forma que os convidados possam interagir uns com os outros e realizar trocas de experiências, de maneira que cada indivíduo possa expor sua visão sobre o assunto/tema em questão.

A PESQUISA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD e propor novas metodologias e/ou ferramentas que incentivem este viés educacional dentro da universidade.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas principalmente nas relações do trabalho, da produção e do consumo impulsionadas por diversos fatores, entre eles, a expansão da utilização das tecnologias da informação e comunicação (como a internet) impactaram a sociedade e passaram a exigir dos indivíduos novos conhecimentos, habilidades e qualificações profissionais para suprir esse novo mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e imprevisível. A introdução de disciplinas sobre empreendedorismo no âmbito acadêmico procura adequar o ensino universitário a esta nova realidade social.

O TEMA EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo “é o modo de pensar e agir de forma inovadora; identificando e criando oportunidades; inspirando, renovando liderando processo; tornando possível o impossível; entusiasmando pessoas, combatendo a rotina; assumindo riscos em favor do lucro” (SEBRAE, 2018)
Empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2016)
“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática” (DRUCKER, 1987)
As Universidades Empreendedoras possuem uma característica marcante, o incentivo a exploração comercial dos resultados da pesquisa realizada pelo seu corpo profissional e acadêmico (RENAULT, FONSECA, <i>et al.</i> , 2011).


O QUESTIONÁRIO

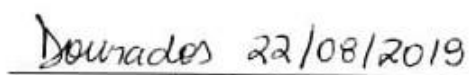
1. O que você entende sobre o tema empreendedorismo?
2. De que maneira você percebe o tema empreendedorismo para o indivíduo, para a universidade e para a sociedade?
3. Na sua visão, quais as principais barreiras que a universidade no Brasil enfrenta para ser empreendedora?
4. Por que existem essas barreiras e quais as formas de a universidade superar tais desafios, existem soluções?
5. De que forma a UFGD pode promover atividades que fomentem a intenção empreendedora dos acadêmicos dentro dos cursos de graduação?
6. Quais mecanismos de Ensino, Pesquisa e Extensão a UFGD pode utilizar para promover e ampliar a educação com viés empreendedor nos cursos de graduação?
7. Como criar mecanismos para promover a integração entre os cursos de graduação da universidade de maneira a estimular a atividade empreendedora universitária?
8. Algumas universidades brasileiras recebem resultados financeiros oriundos dos resultados de pesquisa, desta forma, quais metodologias podem ser utilizadas junto ao corpo docente e discente da UFGD de forma a incentivar a pesquisa acadêmica com viés empreendedor e/ou comercial?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS: UM ESTUDO DE CASO, que tem como pesquisador responsável Rui Ernesto Ribas Zanchet, aluno do Mestrado Profissional em Administração Pública da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, orientado pelo Professor Doutor Luan Carlos Santos Silva, os quais podem ser contatados pelo e-mail ruizanchet@gmail.com e luancarlos@ufgd.edu.br ou telefone (67) 99103-2355 e (67) 99215-5111, respectivamente.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD. Minha participação consistirá em participar da realização de Grupo Focal conduzido pelo pesquisador. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.


Nome e assinatura do participante


Local e data.

O GRUPO FOCAL

O Grupo Focal (GF) é uma técnica de investigação qualitativa que fornece ao aplicador/mediador uma gama de informações e as percepções dos participantes sobre o tema em discussão. É uma técnica de pesquisa utilizada para colher dados. Implica reunir um grupo de pessoas, homogêneo ou heterogêneo, com local e horário marcado, de forma que os convidados possam interagir uns com os outros e realizar trocas de experiências, de maneira que cada indivíduo possa expor sua visão sobre o assunto/tema em questão.

A PESQUISA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento do ensino voltado para o empreendedorismo nos cursos de graduação da UFGD e propor novas metodologias e/ou ferramentas que incentivem este viés educacional dentro da universidade.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas principalmente nas relações do trabalho, da produção e do consumo impulsionadas por diversos fatores, entre eles, a expansão da utilização das tecnologias da informação e comunicação (como a internet) impactaram a sociedade e passaram a exigir dos indivíduos novos conhecimentos, habilidades e qualificações profissionais para suprir esse novo mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e imprevisível. A introdução de disciplinas sobre empreendedorismo no âmbito acadêmico procura adequar o ensino universitário a esta nova realidade social.

O TEMA EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo “é o modo de pensar e agir de forma inovadora; identificando e criando oportunidades; inspirando, renovando liderando processo; tornando possível o impossível; entusiasmando pessoas, combatendo a rotina; assumindo riscos em favor do lucro” (SEBRAE, 2018)
Empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2016)
“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática” (DRUCKER, 1987)
As Universidades Empreendedoras possuem uma característica marcante, o incentivo a exploração comercial dos resultados da pesquisa realizada pelo seu corpo profissional e acadêmico (RENAULT, FONSECA, <i>et al.</i> , 2011).

O QUESTIONÁRIO

1. O que você entende sobre o tema empreendedorismo?
2. De que maneira você percebe o tema empreendedorismo para o indivíduo, para a universidade e para a sociedade?
3. Na sua visão, quais as principais barreiras que a universidade no Brasil enfrenta para ser empreendedora?
4. Por que existem essas barreiras e quais as formas de a universidade superar tais desafios, existem soluções?
5. De que forma a UFGD pode promover atividades que fomentem a intenção empreendedora dos acadêmicos dentro dos cursos de graduação?
6. Quais mecanismos de Ensino, Pesquisa e Extensão a UFGD pode utilizar para promover e ampliar a educação com viés empreendedor nos cursos de graduação?
7. Como criar mecanismos para promover a integração entre os cursos de graduação da universidade de maneira a estimular a atividade empreendedora universitária?
8. Algumas universidades brasileiras recebem resultados financeiros oriundos dos resultados de pesquisa, desta forma, quais metodologias podem ser utilizadas junto ao corpo docente e discente da UFGD de forma a incentivar a pesquisa acadêmica com viés empreendedor e/ou comercial?

APÊNDICE – D

SÍNTESE DO GRUPO FOCAL

A realização do GF foi gravada em áudio e as principais ideias e/ou opiniões dos participantes foram transcritas de forma sintética abaixo. O participante não foi identificado individual e nominalmente, apenas para fins da transcrição os participantes foram enumerados como Participante 1, Participante 2, Participante 3, Participante 4 e Participante 5.

Participante 1 - Empreendedorismo deve ser uma disciplina capaz de despertar nos alunos uma nova forma de emprego. Trazer novas formas de discussão sobre emprego e difundir o empreendedorismo dentro da universidade. Inicialmente oferecer a disciplina como eletiva em outros cursos para despertar nos alunos o empreendedorismo. Muitas vezes a universidade reprime o viés empreendedor do aluno. O empreendedorismo é despertar nas pessoas a ideias de criar novos negócios. Barreiras ao empreendedorismo dentro da UFGD. A matriz curricular não permite que haja a disciplina. A dificuldade nos cursos noturnos como ensinar empreendedorismo em sala, atrás de um computador, é difícil na prática. O campo empreendedor é amplo, contudo (nós) não fomos ensinados a pensar como empreendedores. A característica da universidade não empreendedora, a vaidade entre os docentes. A resistência a cursos de capacitação entre os docentes. Poucos docentes estão ligados a atividades de extensão, muitos preferem ficar na área da pesquisa. Existe a crença, entre a maioria dos docentes, de que publicações em revistas A1 são mais importantes que a extensão. A forma de avaliação do docente pela CAPES, privilegiando publicação de artigos ao invés de extensão, patentes e/ou invenções. A universidade deve procurar apoiar mais ações de extensão. O emprego tradicional é um produto cada vez mais escasso. Como motivar professores e acadêmicos a serem empreendedores? Estudar os indicadores de desempenho da UFGD, entendê-los e procurar melhorá-los. A universidade precisa devolver à sociedade os recursos nela investidos. A pesquisa deve ser voltada a criação de novos produtos, serviços, geração de patentes. A universidade é responsável por transformar a sociedade atual em uma melhor.

Participante 2 - Despertar não só nos acadêmicos, mas também nos professores a ideias inovadoras e de aprimoramento. Buscar que os alunos interajam mais com a sociedade e as empresas, vejam de forma diferenciada como empreender. Nova filosofia de universidade com viés empreendedor, procurar inserir o pesquisador no mercado através do FUTURE-SE, através de pesquisas técnicas dentro de empresas e trazer empreendedores para a universidade. Buscar o diálogo entre a universidade (pesquisadores/professores/alunos) e empresas. Falta ainda a adoção e aceitabilidade dos cursos de graduação em trabalhar integração/interdisciplinaridade entre si, entre a universidade e a sociedade. Barreiras ao empreendedorismo dentro da UFGD. O ambiente deveria ser mais favorável ao empreendedorismo, o professor deveria tentar atrelar o tema (empreendedorismo) com a sua forma de atuação. A pesquisa e extensão devem conversar, estar atreladas. Os alunos no caso noturno possuem emprego e muitas vezes já chegam estafados e os diurnos muitas vezes possuem excesso de afazeres. É necessário trabalhar a extensão e fazê-la ser reconhecida dentro da universidade, aproximar a extensão, a pesquisa, os docentes, os discentes. Como motivar professores e acadêmicos a serem empreendedores? Motivar professores e acadêmicos a buscar seus sonhos diante do novo cenário social. Valorizar a extensão tanto quanto a pesquisa, com isso motivar ainda mais o professor extensionista e em contrapartida o professor pesquisador também ficaria mais motivado a fazer sua pesquisa aplicada. Programas de estímulo ao empreendedorismo ainda não estão disseminados entre os acadêmicos, deve existir uma interlocução entre docentes e alunos no sentido de tirar a ideia do papel e torna-la realidade.

Participante 3 - Atualmente a UFGD possui somente o curso de Licenciatura e está em estudo a criação do curso de Bacharelado. Houve a ideia de solicitar a disciplina de empreendedorismo para o curso de Bacharelado (o qual ainda será criado na UFGD), contudo uma das grandes barreiras é o viés ideológico dentro da universidade (a disciplina é vista como de cunho eminentemente capitalista/comercial). Em contrapartida a participante 3 acredita que, principalmente para o Bacharel, a disciplina é importante pois se trata também de gestão, inovação e novos negócios que podem ser criados. A principal crítica é que, atualmente, o profissional Licenciado (Licenciatura) acaba por trabalhar somente como professor tanto no ensino público quanto privado e que muitos, devido a faltas de vagas de emprego como

professores, acabam por trabalhar no comércio. Destacou que muitos de seus ex-alunos de uma universidade de São Paulo atuam em diversas áreas para além da licenciatura como recreação infantil, aulas de reforço e etc.. Ressaltou que alguns de seus alunos trabalham durante o dia e também são pouco proativos. As Pró-reitorias, faculdades, cursos e incubadoras devem trabalhar mais integradas, deve haver troca de experiências e integração. Uma disciplina que desperte para o viés empreendedor pode trazer diversos benefícios tanto para os egressos quanto para a universidade. Fez duras críticas a metodologia de ensino, salientou que universidades que se destacam como empreendedoras possuem metodologias de ensino mais flexíveis. É necessário estimular o ambiente empreendedor favorecendo principalmente o professor com cursos de capacitação. Barreiras ao empreendedorismo dentro da UFGD. A extensão tem pouco espaço dentro da universidade, este setor é por natureza o espaço do empreendedorismo onde se leva o aluno para realizar ações na comunidade e ali perceber onde e como empreender. Existem ações muito similares com resultados parecidos, dentro da universidade, que podem ser otimizadas para gerarem melhores resultados. A parte de extensão deve ser mais valorizada de forma geral pois é um grande espaço para o empreendedorismo dentro da universidade. Como motivar professores e acadêmicos a serem empreendedores? Existe a necessidade de integração entre as áreas de pesquisa (professores que normalmente dedicam-se a pesquisa não são adeptos da extensão) e extensão. Procurar concatenar os efeitos da pesquisa com a extensão para elevar o impacto social da pesquisa com a atividade de extensão e desta forma elevar o nome da universidade (UFGD). Aproximar a graduação da extensão. A universidade está passando por um momento de ruptura, onde os recursos que estavam sendo destinados a ela, estavam sendo empregados, muitas vezes de maneira correta, contudo os indicadores de desempenho não revelam a correta aplicação destes recursos. A formação na licenciatura tem uma questão ideológica ainda muito arraigada (o professor só pode cuidar de determinada questão, se buscar outra remuneração é visto como capitalista – visto como pejorativo). O excesso de assistencialismo é prejudicial para o acadêmico, incentiva a manter-se como aluno.

Participante 4 - Empreendedorismo é a capacidade de detectar e visualizar oportunidades de assumir riscos. Citou um caso de sucesso de uma ex-aluna da agronomia que

criou uma empresa que (hoje conta com mais de quinze funcionários) acompanha o abate de bovinos. Essa empresa trabalha com retroalimentação do sistema, informando os produtores sobre especificidades do abate. Acredita que atualmente o ambiente acadêmico não favorece o empreendedorismo. Barreiras ao empreendedorismo dentro da UFGD. A falta de informação do docente também é uma barreira muito grande ao empreendedorismo, por exemplo, como uma disciplina, correlata ou não, pode ser ministrada com um eixo de empreendedorismo. Alguns professores são eminentemente pesquisadores e outros extensionistas. Acredita que para trazer o empreendedorismo até o professor e acadêmicos é mais fácil pela extensão do que pela pesquisa. Como motivar professores e acadêmicos a serem empreendedores? O professor pode ser motivado via treinamento, demonstrando novas ferramentas (com a finalidade de estimular o acadêmico a ser proativo, empreendedor) com as quais pode trabalhar o empreendedorismo em cada disciplina. A chave é o professor estar motivado. Os professores precisam abrir a mente para o empreendedorismo.

Participante 5 - Os acadêmicos veem o empreendedorismo como algo que faz parte do mercado, que existe uma distância muito grande entre as disciplinas do curso e tema empreendedorismo. Acredita que não existe a necessidade de cada curso possuir uma disciplina específica de empreendedorismo, mas que o tema pode ser abordado nas diversas disciplinas do curso. Empreendedorismo é a arte inovar, não necessariamente criar uma nova empresa, mas também modificar, aperfeiçoar ou melhorar algo que já existe também é algo empreendedor. Falta esse viés empreendedor por parte do professor para incentivar o acadêmico. Alguns professores procuram estimular o acadêmico através de um ambiente propício ao empreendedorismo. Barreiras ao empreendedorismo dentro da UFGD. Como motivar professores e acadêmicos a serem empreendedores? Muitos professores não estão motivados e não buscam motivar os acadêmicos. O acadêmico ainda é formado para ser empregado.